

A movie poster for 'Witching Moon' featuring two women in a romantic embrace. The woman on the left has long, wavy, light-colored hair and is wearing a dark, textured dress. The woman on the right has long, wavy, light-colored hair and is wearing a light blue, off-the-shoulder dress with lace detailing. They are standing in front of a large, bright full moon in a dark, cloudy sky. Several birds are flying in the sky, and there are some red roses in the foreground. The title 'Witching Moon' is written in a large, stylized, gothic font across the middle, and the name 'Poppy Woods' is written in a smaller, sans-serif font at the bottom.

THE STARS WERE NEVER ENOUGH

WITCHING MOON

POPPY WOODS

Avisos



A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA PELO GRUPO SALEM WITCHES (SW), DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO, SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZEM PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUAM LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E GRUPOS ABERTOS.

NUNCA FALEM SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES(AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIEM SEMPRE QUE PUDEM OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

Salem Witches

Traduções



Staff

TRADUÇÃO - SANCTA ASTRA

REVISÃO INICIAL - SANCTA ASTRA

REVISÃO FINAL - SUCCUBUS

FORMATAÇÃO - SANCTA ASTRA

Junho, 2020

SÍNOPSIS



Alandra Michaels é desde sempre uma bruxa medíocre. Ela não tem afinidade por um elemento, como sua irmã. Ela não pode falar com os mortos, como sua mãe. Até seu familiar – Beezelbub, a mariposa - é um inseto simples e não ameaçador. Alandra está bem com isso; ela sabe o que é e o que não é.

Ou assim ela pensou...

Quando um feitiço dá errado e uma mulher linda aparece em sua sala de estar, alegando ser a Lua, tudo muda para Alandra e suas habilidades mágicas serão postas à prova.

Ela pode reverter o feitiço e enviar Luna de volta ao seu reino?

Os celestiais nunca mais vieram para a Terra. Quando as bruxas descobriram que poderiam aproveitar sua energia para obter o poder supremo, os celestiais fecharam as portas para seus próprios reinos.

Quando uma bela jovem bruxa invoca acidentalmente Luna na Terra, o relógio começa a correr. Ela pode voltar para casa antes de ser sacrificada por seu poder?

Será que ela vai querer?

PROLOGO



Coloco meus joelhos no peito, minhas mãos em volta da xícara quente de café enquanto olho para a lua. Está completamente silencioso aqui fora. Beezelbub é um familiar meticoloso e nunca gostou de sentar comigo em noites como esta noite - pelo menos não quando faz frio lá fora.

Eu sempre amei o frio. Alguma coisa na atmosfera nesta época do ano faz algo para aliviar todos os machucados da minha alma.

E este ano, houve muitos deles.

Claro, o drama familiar normal encheu o ano de novos traumas, mas estou quase acostumada com essas mágoas a essa altura da minha vida. O que quebrou minha alma de maneiras novas e inventivas este ano foi Jess.

Uma coisa é terminar porque algo está quebrado no seu relacionamento. É um cenário completamente diferente quando tudo está bem e uma de vocês decide sair e se mudar pelo país. Embora a discussão pudesse ser feita se fôssemos *tão* felizes, Jess nunca teria saído.

Eu gemo, balançando a cabeça quando o luar cai sobre as minhas pernas. Deverá nevar amanhã, a temperatura cairá ainda mais com a tempestade do inverno. Adoro a neve, mas noites claras como esta noite fazem minha alma cantar.



O ar fresco mordendo minhas bochechas, uma boa caneca quente de café ou chocolate quente, calças felpudas e uma lua grande para ouvir todos os meus problemas. Sim. Minha época favorita do ano.

—Gostaria que ela não tivesse saído. Eu gostaria de ser o suficiente. — Sussurro ao vento. As pessoas dizem que a Lua pode ouvir seus problemas, e seu espírito irá acalmá-lo e aliviar qualquer problema que você possa ter.

Não sei se acredito nisso, mas acredito na paz que isso traz. Há algo a ser dito sobre qualquer coisa que faça seu coração parecer mais leve, eu acho.

—Ela não poderia me amar. — Admito em voz alta com um suspiro pesado. Algo no meu peito parece que está rachando em pedaços novamente quando essa percepção se instala. — Pelo menos, não como a amava. Eu nunca a teria deixado.

Mas eu também não fui com ela.

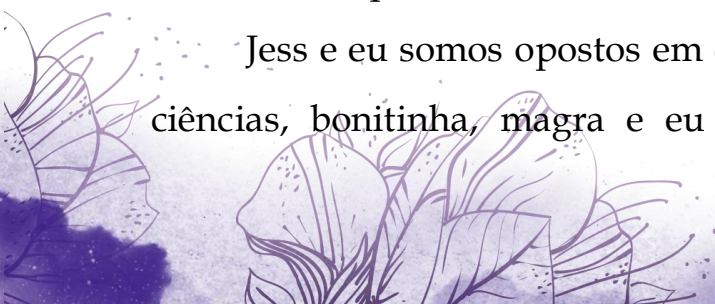
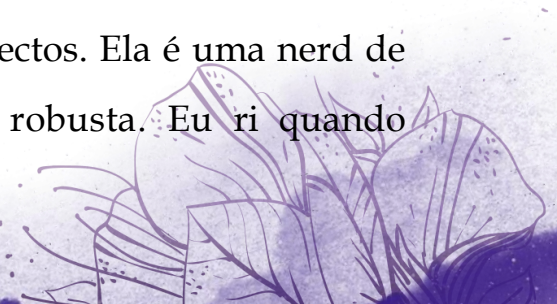
Esse pensamento rola de um lado para o outro em minha mente como uma bola de boliche, derrubando todos os pensamentos lógicos positivos que vieram antes. O peso se instala na boca do meu estômago como uma pedra. Estou familiarizada com esse sentimento.

Luto.

—Eu acho que você pode lamentar as pessoas, mesmo quando elas estão vivas. — Eu rio, limpando a umidade nos meus olhos. Eu estava de luto frequentemente nos dias de hoje.

Estávamos prestes a comprar nossa própria casa, morar juntas e realmente fazer as coisas acontecerem. No começo, minha família não aprovava Jess como humana, mas elas acabaram aceitando. Afinal, sou mais como ela do que como eles.

Jess e eu somos opostos em quase todos os aspectos. Ela é uma nerd de ciências, bonitinha, magra e eu sou uma música robusta. Eu ri quando





memórias dela pintando seus cabelos de rosa e azul apareceu em minha mente.

Ela fez isso para tentar provar que podia ser ‘foda’. Humana boba.

— Ela se foi e não vai voltar. — Concordo com a cabeça solenemente como se estivesse concordando comigo mesma. — É hora de deixá-la ir.

— Sim, é. — A voz suave de Laney murmura atrás de mim. Giro meu pescoço para dar uma olhada nela. Minha irmãzinha ajusta a jaqueta leve para cobrir seus ombros enquanto ela olha para mim.

— O que você está fazendo aqui, Vaga-lume? — Minha sobrancelha se levanta quando percebo que ela está com os pés descalços, mas eu sei que não devo comentar. A magia de fogo de Laney a mantém mais quente do que o resto de nós, mesmo quando ela não está usando ativamente.

— Eu tinha a sensação de que você poderia ter alguma companhia. — Ela se senta na cadeira vazia ao meu lado e puxa os joelhos até o peito, passando os braços em volta deles. — Isso, e Beezelbub continuou murmurando para mim do parapeito da janela.

— Ele não virá aqui no frio, a menos que seja absolutamente necessário.

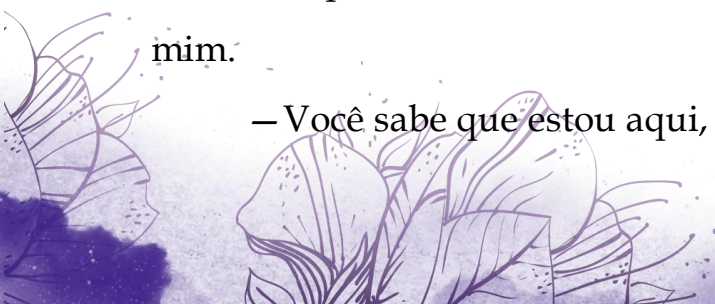
— Aparentemente, ele acha que sou uma boa substituta. — Resmunga Laney.

Eu bufo e balanço minha cabeça. — Estou bem. Eu só gosto de vir aqui e pensar, você sabe disso.

— Sim, mas você tem feito muito isso ultimamente, *Inseto*. — Sussurra Laney. — Você vai ficar bem?

— Acho que sim. — Dou de ombros, não é como se eu soubesse quanto tempo vai levar para eu superar o que aconteceu. Perder Jess, no meio de todos os nossos planos finalmente se tornando realidade, quebrou algo dentro de mim.

— Você sabe que estou aqui, certo?





— Eu sei. — Bocejo contra as costas da minha mão. — Eu só preciso de tempo, eu acho.

— *Inseto*, já faz três meses.

Eu pisco quando esse fato é empurrado em minha mente consciente pela primeira vez. Realmente fazia tanto tempo desde que Jess se mudou para a Califórnia? Essa verdade inconveniente torna minhas admissões esta noite ainda mais verdadeiras. É hora de deixar Jess ir. É hora de seguir em frente com a minha vida.

Estou em uma rotina desde que terminamos as coisas. Eu não tenho feito música como deveria. Essa é outra coisa com a qual tenho que voltar à pista. Este... buraco no meu coração devorou minha paixão. E isso não está bem.

— O que você está pensando? — Laney pergunta, apoiando o queixo na mão.

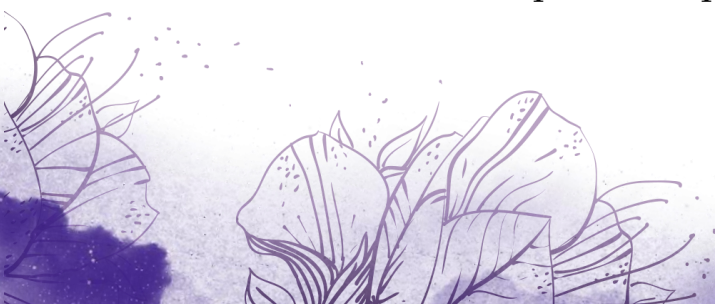
Abaixo minha xícara de café e me inclino para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Todas as coisas que preciso fazer para deixar isso passar.

— Para começar, você precisa parar de falar com ela.

— É mais fácil falar do que fazer. Nós estávamos apaixonadas-

— Eu sei que você a amava, *Inseto*. Mas ela foi embora. Ela sabia que você não podia ir com ela, ela sabe que a Califórnia não é um estado seguro para nossa espécie e ela aceitou o trabalho de qualquer maneira. Se isso não lhe diz onde você se enquadra na lista de prioridades dela, não sei o que será.

Eu pisco a umidade enquanto ela se reúne no canto dos meus olhos. Ela está certa. Eu disse basicamente a mesma coisa há cinco minutos, mas ainda dói ouvir isso de outra pessoa. Especialmente tão sem rodeios.





— Eu nem tentei ir com ela. Eu provavelmente poderia passar como humana, se quisesse. — Murmuro. Defender Jess é uma segunda natureza há tanto tempo que não posso evitar.

— Você está certa. Você não foi. Olho para minha irmã, minha boca se abrindo quando suas palavras me dão um tapa no rosto. Ela realmente acabou de me culpar por isso? Assim que a raiva começa a ferver no meu peito e eu bato meus lábios para retaliar, Laney levanta a mão, sinalizando para eu esperar.

— Se você a amasse tanto quanto pensa, teria tentado. Se ela te amasse tanto quanto disse, não a colocaria nessa posição. Às vezes, as coisas simplesmente não deveriam ser. — Sua voz é suave e triste e eu não consigo impedir suas palavras de afundarem profundamente no meu espírito.

Eu aceno, me afastando dela. Eu levanto meus pés no parapeito da varanda enquanto olho para o céu claro. A primeira das nuvens de neve pode ser vista à distância, caminhando em direção à pequena cidade pacata de Waitsfield, Vermont, mas por enquanto, tudo está em paz.

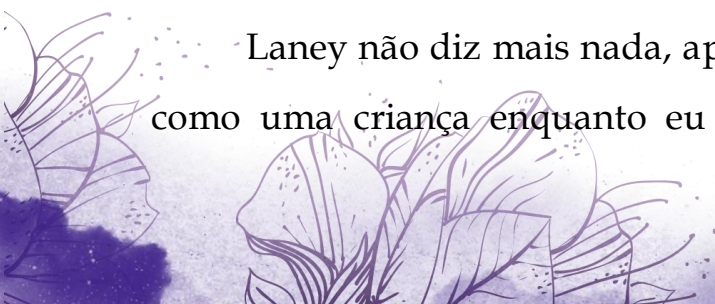
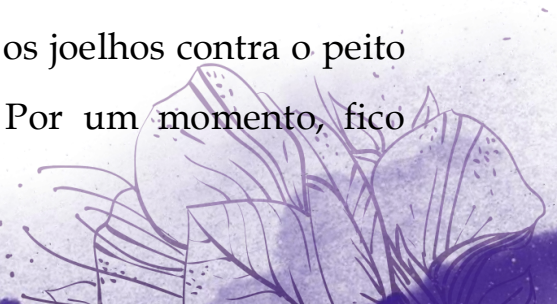
Tudo, exceto meu coração.

Ajude-me a passar por ela, imploro à Lua silenciosamente. Ajude-me a voltar para a pessoa que costumava ser.

Se havia algo que eu aprendia ao longo dos anos sobre relacionamentos - com pessoas ou familiares importantes - era que a toxicidade poderia transformá-lo em alguém que você não é. É difícil ver isso acontecendo no momento, mas um dia você olha para trás e não reconhece a pessoa com quem é comparado à pessoa que era quando começou.

Esta é uma daquelas noites.

Laney não diz mais nada, apenas senta-se com os joelhos contra o peito como uma criança enquanto eu olho para o céu. Por um momento, fico





imaginando se as respostas que preciso estão em algum lugar do universo
onde não consigo alcançar.



CAPÍTULO UM

ALANDRA



Aperto-me no meu lugar à mesa. O mais próximo da parede, esmagada para que eu não possa escapar, sempre foi o meu lugar na mesa de jantar da família Michaels. À minha esquerda, minha irmã senta-se, sorrindo para o nosso pai, falando sobre algo incrível que ela fez desde a última vez que os vimos.

Laney sempre foi a criança de ouro, o prodígio de cabelos negros com uma afinidade de fogo que rivaliza com os membros mais velhos da nossa comunidade. Eu, por outro lado, sempre fui completamente normal. Claro, eu posso praticar magia. Eu posso dizer as palavras certas, polvilhar as ervas certas, fazer as contas necessárias para fazer alguma mágica acontecer... mas não tenho afinidade natural. Meu pai é um dos telecinéticos mais fortes que já nasceram e minha mãe é uma médium famosa. Todo mundo espera que seus filhos sejam ótimos e, no entanto, aqui estamos.

— Alandra? — Mamãe assobia sobre a mesa. — Como foi sua semana, querida? — Ela olha para o lado por um segundo e um calafrio percorre minha espinha. É enervante, saber que os espíritos estão sempre ao seu redor. Me incomodou quando criança e ainda me incomoda. Quero dizer, honestamente,



o que impede um fantasma perverso de contar à minha mãe algo que ela não tem audiência? Estremeço quando pensamentos fantasmagóricos passam pela minha cabeça.

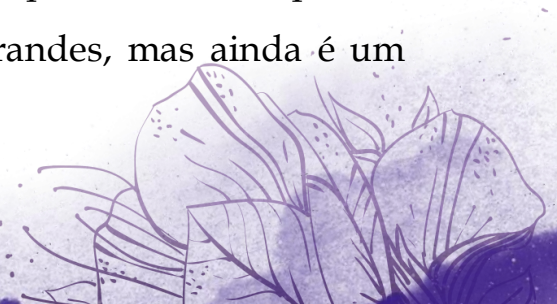
Minha mão desliza nervosamente pelo meu pescoço e esbarra em Beezelbub. Ele chora no meu ouvido antes de correr pela mesa de jantar. Essa mariposa pode ser meu familiar, mas ele não tem absolutamente nenhuma educação. — Estava tudo bem. Consegui arranjar um novo cliente.

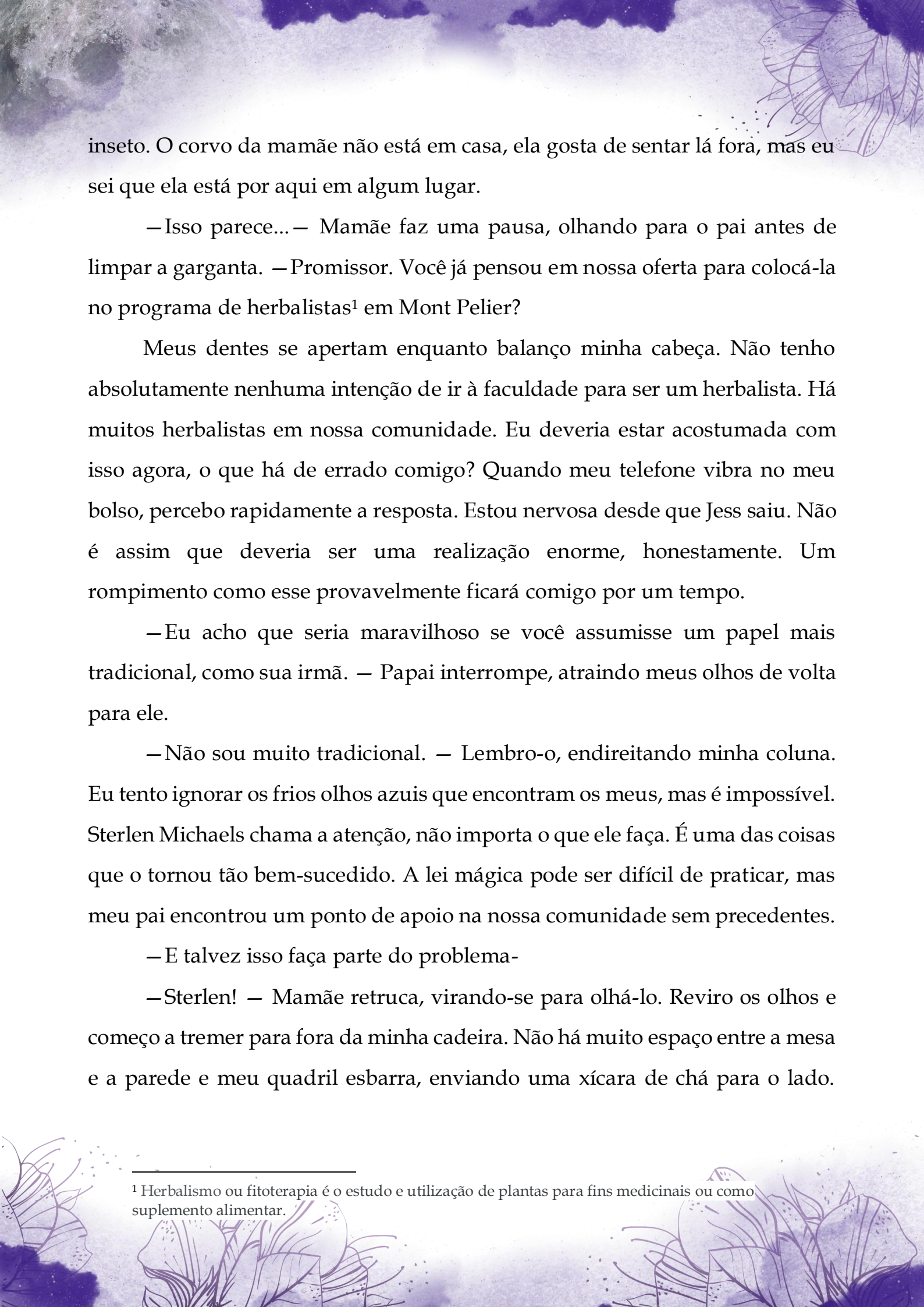
— Ah? Isso é emocionante! — Papai murmura, pousando o garfo. — Alguém que nós conhecemos?

— Uh. — Murmuro, olhando para Laney em busca de ajuda. Ela está com o nariz enterrado no celular - mandando uma mensagem para Marcus sem dúvida - e não faz nada para me salvar da inquisição. — Duvido, honestamente. Ele é um rapper bem novo, mas todo mundo parece esperar grandes coisas dele. Ele usa a música clássica como pano de fundo de seu estilo livre.

Papai pisca para mim do outro lado da mesa. Se não fosse pelo rosnado que ecoa embaixo de nós, eu nunca saberia que ele estava chateado. Ele sempre foi incrível ao compartimentar suas emoções e salvar as reações para um encontro posterior e mais estratégico. Diego, no entanto, não se importa com sutilezas sociais. O lobo embaixo da mesa solta um suspiro silencioso, terminando em outro grunhido e meu pai bate a língua, ordenando que o animal pare.

Famíliares estão ligados a suas bruxas e sua magia. Quanto mais poderoso o familiar, mais poderosa a bruxa, ou é o que dizem. Ou talvez quanto mais poderosa a bruxa, mais poderoso o familiar. Observo Beezelbub disparar pela cozinha. Ele é extremamente grande para uma mariposa e claramente mágico com seus traços exagerados e grandes, mas ainda é um





inseto. O corvo da mamãe não está em casa, ela gosta de sentar lá fora, mas eu sei que ela está por aqui em algum lugar.

— Isso parece... — Mamãe faz uma pausa, olhando para o pai antes de limpar a garganta. — Promissor. Você já pensou em nossa oferta para colocá-la no programa de herbalistas¹ em Mont Pelier?

Meus dentes se apertam enquanto balanço minha cabeça. Não tenho absolutamente nenhuma intenção de ir à faculdade para ser um herbalista. Há muitos herbalistas em nossa comunidade. Eu deveria estar acostumada com isso agora, o que há de errado comigo? Quando meu telefone vibra no meu bolso, percebo rapidamente a resposta. Estou nervosa desde que Jess saiu. Não é assim que deveria ser uma realização enorme, honestamente. Um rompimento como esse provavelmente ficará comigo por um tempo.

— Eu acho que seria maravilhoso se você assumisse um papel mais tradicional, como sua irmã. — Papai interrompe, atraindo meus olhos de volta para ele.

— Não sou muito tradicional. — Lembro-o, endireitando minha coluna. Eu tento ignorar os frios olhos azuis que encontram os meus, mas é impossível. Sterlen Michaels chama a atenção, não importa o que ele faça. É uma das coisas que o tornou tão bem-sucedido. A lei mágica pode ser difícil de praticar, mas meu pai encontrou um ponto de apoio na nossa comunidade sem precedentes.

— E talvez isso faça parte do problema-

— Sterlen! — Mamãe retruca, virando-se para olhá-lo. Reviro os olhos e começo a tremer para fora da minha cadeira. Não há muito espaço entre a mesa e a parede e meu quadril esbarra, enviando uma xícara de chá para o lado.

¹ Herbalismo ou fitoterapia é o estudo e utilização de plantas para fins medicinais ou como suplemento alimentar.



Todo mundo pula rapidamente, a mesa deslizando no meu quadril novamente por toda a comoção.

— Foda-se! — Eu rosno, empurrando-a para longe enquanto deslizo entre a parede e a armadilha da morte o mais rápido possível. Minhas mãos deslizam nos bolsos traseiros - um hábito nervoso - e dou de ombros me desculpando. Eu faria algo para ajudar, mas papai já tem uma toalha girando em torno da mesa, absorvendo a bagunça que eu fiz. Ele aperta as mãos na frente da boca, como se estivesse pensando profundamente enquanto a toalha se move sobre a superfície de sua própria vontade.

— Só me preocupo, é tudo. Queremos o melhor para você, Inseto. — Ele finalmente sussurra, encontrando meus olhos novamente. Os dele são muito mais suaves agora.

— Eu sei, pai. — Suspiro, olhando para longe. Eu odeio o olhar lamentável que ele recebe quando falamos sobre minha magia, ou a falta dela.

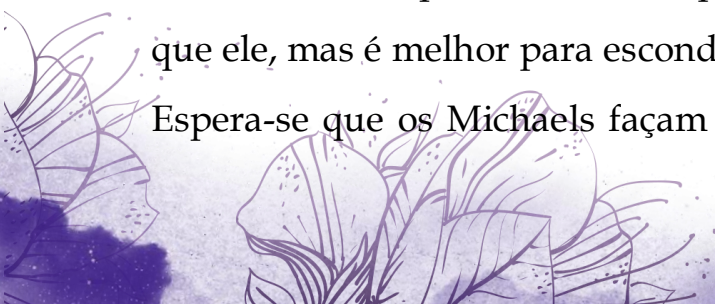
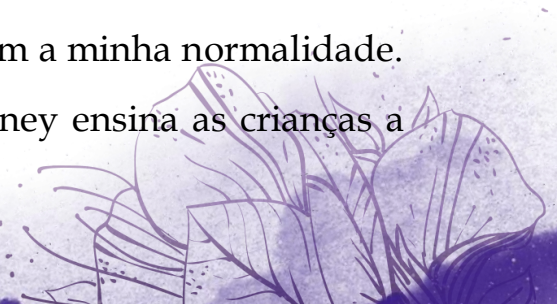
— As coisas são diferentes para você. Eu só quero que você tenha uma vida gratificante. — Eu sei que ele está falando sério. O olhar dolorido em seu rosto, a prova de sua sinceridade, não me faz sentir melhor com a pena dele.

A verdade é que estou perfeitamente feliz com a quantidade de magia que tenho. Eu poderia ser mais fabulosa com uma afinidade? Certo. Mas isso é quem eu sou. Não há nada que eu possa fazer para mudar isso, o que eu sei porque minha família tenta há anos e eu não sei de nada. É difícil para eles imaginarem ser mediana, mas para mim? É a vida cotidiana.

— Eu sei, pai.

— Eu só-

— Sterlen, pare. — Mamãe pede. Ela sempre se sentiu da mesma forma que ele, mas é melhor para esconder sua decepção com a minha normalidade. Espera-se que os Michaels façam grandes coisas. Laney ensina as crianças a





controlar sua afinidade e tutores afinam afinidades em particular. Ela é altamente respeitada em Waitsfield e em toda a comunidade bruxa.

Sou alguém que faz música. E nem mesmo seriamente. Às vezes me pergunto se entrei para uma ópera por que minha família ficaria mais feliz com minha carreira. Uma parte de mim sabe que eles sempre querem que eu faça melhor. Eu empurro meu cabelo atrás da orelha, tentando ignorar a briga tranquila entre meus pais.

Laney cutuca meu lado e eu me inclino contra o encosto da cadeira. — Vou sair, vejo você em casa.

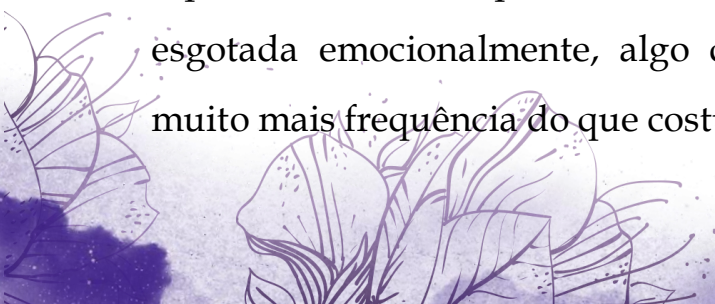
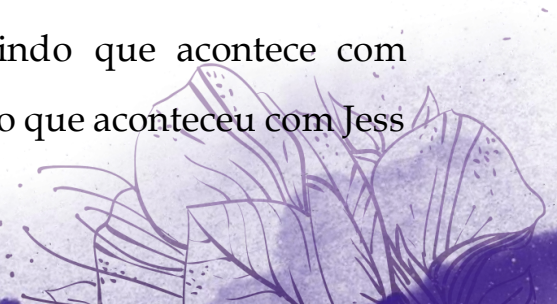
— Tchau, Inseto. — Ela sussurra com um sorriso triste. Pelo menos, pegamos carros separadas.

Balançando meus dedos em adeus, eu me viro em direção à porta enquanto tiro minhas chaves do cinto. A sensação suave de Beezelbub pousando na parte de trás do meu ombro me conforta. Ele envia toda a energia positiva que ele pode reunir e flui através das minhas costas e no meu ser. Ele não pode falar comigo, mas sinto sua simpatia no gesto caloroso.

— Pelo menos ela não é nula. — Mamãe sussurra alto para meu pai.

Minha mão está parada na maçaneta da porta e meus ombros caem sob o peso das expectativas da minha família. Se eles pudessem me aceitar como eu sou, as coisas seriam muito mais fáceis. Balanço a cabeça e abro a porta, ignorando os sons atrás de mim.

Sem dúvida, minha mãe ligaria e se desculparia mais tarde. Nula. Como ela pôde? A neve tritura debaixo das minhas botas enquanto eu me arrasto em direção ao meu carro. Eu pulo e me sento, dando partida no motor rapidamente. Não quero lidar com as desculpas deles esta noite. Estou esgotada emocionalmente, algo que estou descobrindo que acontece com muito mais frequência do que costumava. Entre tudo o que aconteceu com Jess





e sua grande mudança pelo país e meu drama familiar habitual, estou apenas cansada. Ossos profundamente cansados. O tipo que o sono não pode resolver.



A luz dos meus faróis reflete na pequena casa enquanto eu entro na entrada. É uma casa de tamanho modesto para Vermont. A maioria das casas em Waitsfield é maior que a nossa, mas Laney e eu gostamos. Era uma das poucas casas da nossa faixa de preço quando saímos da casa de nossos pais que ainda estava por perto.

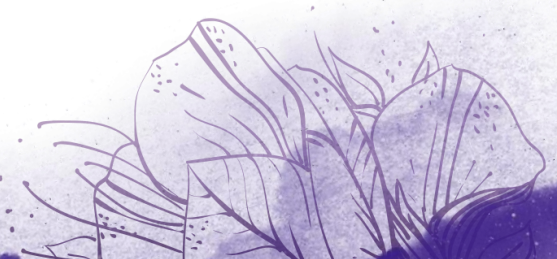
Por alguma razão, viver completamente do outro lado da cidade parecia assustador na época. Agora, gostaria de nos mudar para Timbuktu.

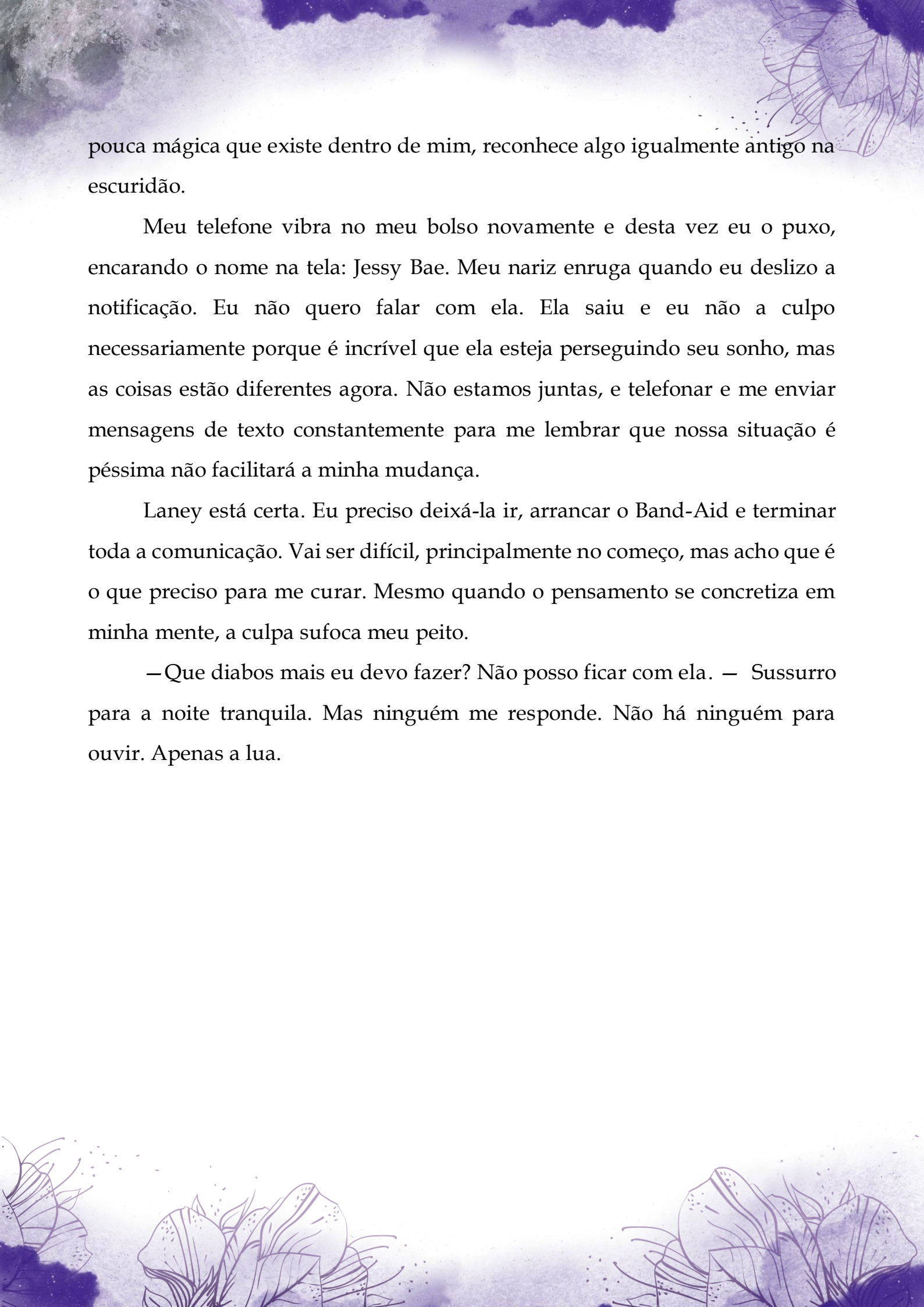
— Não acredito que ela me comparou a um valor nulo. — Sibilo ao vento enquanto saio do carro e bato a porta atrás de mim. Beezelbub esbarra na lateral da minha bochecha antes de decolar em direção a casa. Ele odeia a neve. Eu amo isso.

Abro a porta, largo as chaves na tigela sobre a mesinha que Laney insistiu que compremos e passo pela casa até a porta dos fundos. Abrindo, olho por cima do ombro em busca de Beezelbub, mas ele não está em lugar nenhum. — Obrigada, amigo. — Eu sussurro sarcasticamente enquanto saio para o pátio coberto.

Você realmente não pode superar as vistas em Vermont.

Respiro fundo, vendo os flocos de neve caírem ao meu redor enquanto olho a lua pesada ao longe. O Natal começará em breve. O sol se põe cada vez mais cedo. A noite sempre puxava algo no fundo dos meus ossos, como a





pouca mágica que existe dentro de mim, reconhece algo igualmente antigo na escuridão.

Meu telefone vibra no meu bolso novamente e desta vez eu o puxo, encarando o nome na tela: Jessy Bae. Meu nariz enrugando quando eu deslizo a notificação. Eu não quero falar com ela. Ela saiu e eu não a culpo necessariamente porque é incrível que ela esteja perseguindo seu sonho, mas as coisas estão diferentes agora. Não estamos juntas, e telefonar e me enviar mensagens de texto constantemente para me lembrar que nossa situação é péssima não facilitará a minha mudança.

Laney está certa. Eu preciso deixá-la ir, arrancar o Band-Aid e terminar toda a comunicação. Vai ser difícil, principalmente no começo, mas acho que é o que preciso para me curar. Mesmo quando o pensamento se concretiza em minha mente, a culpa sufoca meu peito.

—Que diabos mais eu devo fazer? Não posso ficar com ela. — Sussurro para a noite tranquila. Mas ninguém me responde. Não há ninguém para ouvir. Apenas a lua.

CAPÍTULO DOIS

ALANDRA



Eu ajusto os fones de ouvido para que se encaixem perfeitamente nos meus ouvidos e pressiono play. Essa faixa levou uma eternidade para compor, porque meu cliente tem um som específico em mente. Deve ser frustrante, indo e voltando, mas honestamente, eu amo a visão do cara.

Ele quer o que ele quer. Eu posso respeitar isso. Enquanto arrasto a gravação de seus vocais e a coloco no fundo clássico, fecho os olhos e me perco na música por um momento. Ele é novo. Ele é talentoso, mas não o suficiente para explodir por conta própria. Não, ele precisará promover o inferno para chegar a qualquer lugar do setor. Essas letras, no entanto.

Minha cabeça balança com o ritmo de suas palavras, mesmo quando elas trabalham contra a música que eu criei. É volátil. É desconfortável.

É perfeita.

Olho para a tela e anexo o arquivo em um e-mail, faço uma oração silenciosa à Deusa que ele a ame tanto quanto eu e espero. A espera é a pior parte de tudo, como costumava dizer minha avó. Eu sinto falta dela, às vezes. Ela nunca me questionou, minhas decisões ou minha magia.



— Existe uma força em você que não existiria se você fosse como sua irmã. — A voz dela soa na minha cabeça, tão clara quanto o dia. Gosto de pensar que momentos como esse são mais do que lembranças, que é a maneira dela de me alcançar do outro lado, mas sei que não sou uma médium.

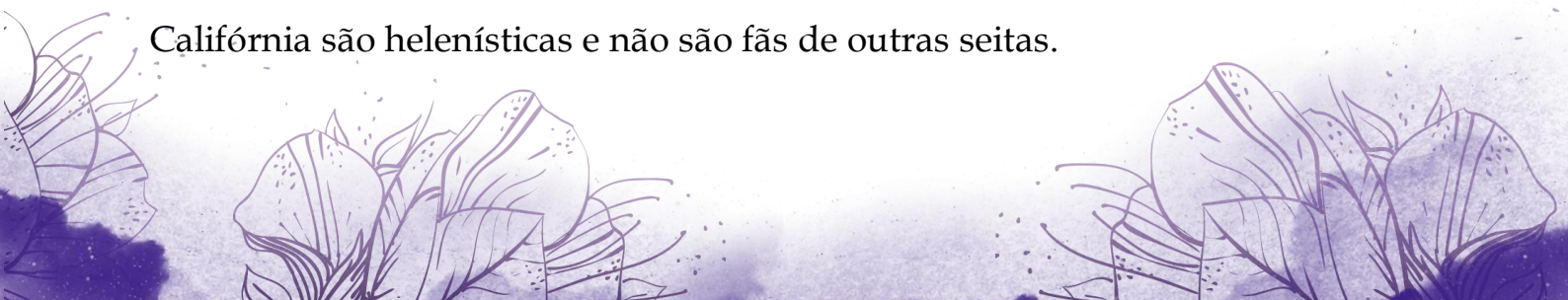
— Seria mais fácil se eu fosse. — Suspiro enquanto clico em minhas telas, procurando algo nas mídias sociais. Uma pequena notificação vermelha aparece no canto inferior direito da minha tela e eu recuo. É como ser cutucada repetidamente por algo afiado o suficiente para machucar, mas não afiado o suficiente para quebrar a pele.

Jess me enviou um e-mail. Passo o mouse sobre a notificação e leio a visualização da mensagem:

Landra, sinto sua falta. Sei o que dissemos, mas só preciso conversar com alguém que entenda. Pode me ligar de volta? Me manda uma mensagem? Ou email? Sinais de fumaça? Alguma coisa. Eu sinto que você me odeia agora. Nós éramos melhores amigas antes de estarmos juntas...

Meu dedo hesita no mouse. Estou um pouco tentada a ler o restante da mensagem dela, mesmo sabendo que não devo fazê-lo. Uma pausa limpa é a única maneira de lidar com algo assim. Jess e eu não terminamos por causa de algo errado em nosso relacionamento. É isso que torna isso tão difícil, penso comigo mesma pela milésima vez. Estávamos planejando morar juntas em alguns meses, mas então ela recebeu a oferta de emprego que mudou tudo.

Uma posição de pesquisa na Califórnia. Foi ótimo para ela, mas também significou o fim do nosso relacionamento. As únicas comunidades bruxas na Califórnia são helenísticas e não são fãs de outras seitas.





Sendo humana, Jess não conseguia entender por que eu não queria me mudar para lá. Ela não entendeu que ser uma praticante solo era difícil, especialmente para alguém como eu sem afinidade natural. Certamente, a maioria dos humanos é bastante tolerante - ou possui uma quantidade saudável de medo que os impede de se meter com a nossa espécie - mas quando você está sozinho sem magia reflexiva, as coisas podem ficar assustadoras. Rapidamente.

Minha cabeça se inclina para o lado. Sei que não ouvi nada na casa - os quartos são todos insonorizados com feitiços - mas algo me diz que há alguém aqui.

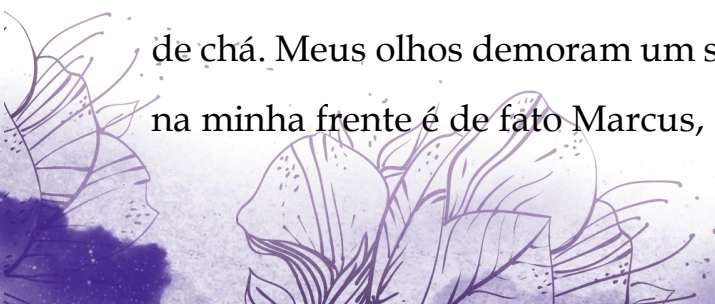
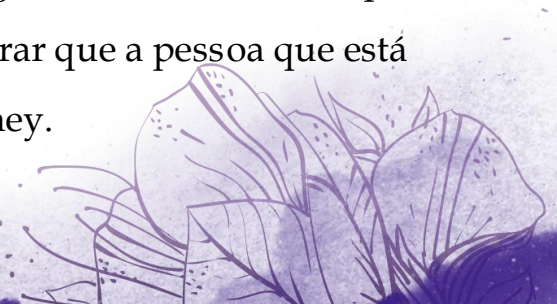
Enquanto rastejo em direção à porta, com mais cautela do que normalmente faria, pego meu celular na cômoda. — Laney? — Eu chamo assim que a porta se abre. Não há resposta. Olho para o meu telefone e me encolho. Eu não percebi o quão tarde tinha chegado. Com um suspiro, eu ando pelo corredor em direção à sala e cozinha.

Eu congelo na esquina, olhando para mim. Laney está esparramada no sofá, as pernas caídas ao acaso no final, com um sapato mal pendurado nos dedos dos pés. Minhas sobrancelhas se arqueiam enquanto eu ando em sua direção, pronta para deitar nela por beber tanto na segunda-feira.

— Shhh, ela está dormindo. — Alguém assobia em aviso vindo da cozinha.

Eu pulo, giro e levanto minhas mãos como se eu fosse algum tipo de carateca. Eu não sou, mas quem diabos está na minha casa não sabe disso. — Quem diabos-

— Sou só eu, acalme-se. — A voz ri, mexendo algumas ervas em um copo de chá. Meus olhos demoram um segundo para registrar que a pessoa que está na minha frente é de fato Marcus, o namorado de Laney.





Coloco a mão sobre o peito e balanço a cabeça, apenas olhando por um segundo. — Você é grande demais para se aproximar de pessoas assim. — Murmuro.

Os olhos de Marcus enrugam quando ele sorri, mexendo o chá com um giro de dedo acima da xícara. Ele é telecinético como meu pai. É irritante em um nível totalmente diferente. Eu estreito meus olhos nele, descartando a ameaça que originalmente registrei quando entrei na sala. Ele é realmente alto, noto, como se me sentisse melhor em pânico. Laney havia dito que ele tinha um metro e oitenta ou algo ridículo assim. Eu me aperto na pequena cozinha ao lado dele e abro a geladeira, procurando algo para beber. Eu não tinha percebido que estava com sede até o ver fazer chá.

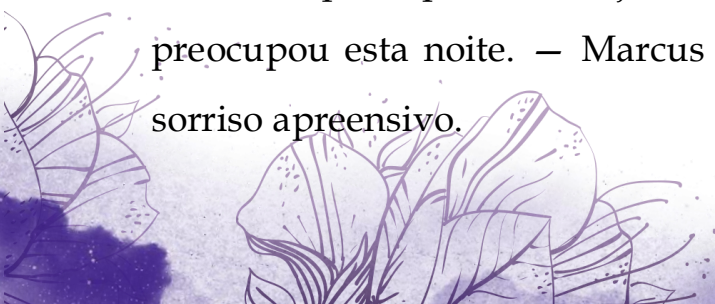
— Ela foi um pouco difícil hoje à noite. — Marcus se apoia no balcão. Seus olhos penetraram no lado da minha cabeça até eu me virar para encará-lo. Meus dedos torcem a tampa de uma água com gás e eu dou de ombros, encontrando seu olhar azul pálido. Marcus tem uma tendência de parecer intenso e isso me deixa desconfortável porque sinto que ele está vendo mais do que deveria. Seus cabelos escuros, nariz levemente torto e pele pálida não me lembram um vilão vampiro, mas a maneira como sua pele se apegua com tanta força às maçãs do rosto. Dá ao rosto a ilusão de ser cheio de ângulos e faz com que ele pareça mais uma arma do que um homem.

— Grande surpresa.

— Você não precisa julgá-la tanto, você sabe. — Ele suspira. — É difícil para ela.

— Claro que sim. — Eu bufo antes de tomar um gole da água gaseificada.

— Espero que isso a ajude a ficar um pouco sóbria. Ela realmente me preocupou esta noite. — Marcus acena em direção à xícara de chá com um sorriso apreensivo.





Abaixo a garrafa e envolvo minhas mãos em torno da xícara de chá que ele está segurando com um suspiro. Antes que eu possa puxar a xícara completamente de suas mãos, sua mão livre desce sobre a minha, passando os dedos nas costas da minha mão. Minha pele se arrepia sob seu toque.

— Você só precisa ser mais fácil. — Ele murmura e eu sinto que ele está se referindo a mais do que apenas Laney.

— Você não é exatamente do meu tipo. — Eu rio, esperando que ele esteja brincando. Eu nunca gostei dele, mas nunca consegui identificar o porquê, até agora. É mais do que inapropriado ele estar me tratando tão intimamente. Por um lado, ele sabe que eu sou lésbica. Por dois, sua namorada está desmaiada bêbada a menos de cinco metros de nós. E por três, a namorada é minha irmã!

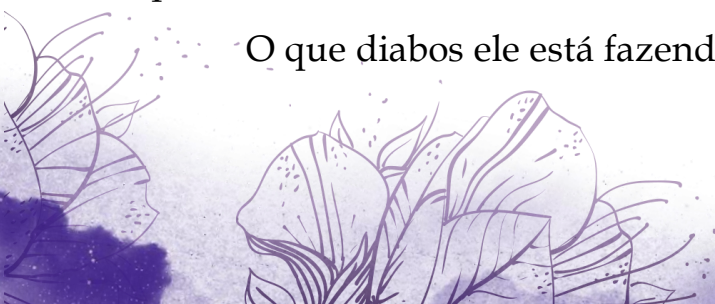
— Você não seria a primeira mulher a mudar de ideia para o certo. — Eu procuro seu rosto por qualquer sinal mostrando que ele está brincando, mas ele não está e é preciso cada grama de autocontrole que possuo para não bater na boca do ser arrogante. — Você só precisa dizer sim uma vez. — Ele sussurra, sua voz pingando com uma promessa que faz meu estômago revirar.

Consigo não bater nele, mas não consigo parar o tremor que faz minha cabeça tremer enquanto arranco a xícara da mão dele e recuo para a sala de estar. Meu nariz desliza de um lado para o outro sobre a xícara, tentando identificar o cheiro. Percebo que não sei o que ele colocou no chá enquanto me agacho ao lado do sofá.

— Laney, acorde. — Eu assobio, empurrando seu ombro suavemente. — Eu preciso que você beba isso. — E para controlar seu cara.

— Isso vai desintoxicá-la. — Marcus chama da cozinha pelo som das portas do armário se abrindo e fechando.

O que diabos ele está fazendo lá agora?





— Mm? — Laney murmura, dando um tapa na minha mão enquanto ela rola de lado. Rangendo os dentes, deslizo minha mão sob o pescoço dela para a parte de trás do crânio e a levanto, pouco a pouco, enquanto ela protesta. — Deixe-me dormir!

— Você precisa parar de fazer isso. — Balanço minha cabeça, empurrando o copo em direção à boca dela. Ela cheira a bebida. — Eu não posso acreditar que você a deixou ficar bêbada. — Eu estalo, esperando que Marcus possa me ouvir.

— Ela cresceu.

— Ela tem um problema.

— Não, porra, não! — Laney rosna, arrancando a xícara da minha mão tão rápido que um chá quente espirra no meu braço. Eu retrocedo, olhando-a incrédula. Ela está tão fodida que mal consegue segurar a maldita xícara nas mãos, mas é claro que ela não tem nenhum problema.

— Tanto faz! — Eu jogo minhas mãos no ar, admitindo a derrota e passo pelo corredor. Quando chego ao meu quarto, bato a porta para um efeito extra. Estou tentada a gritar na porta, mas não é como se eles me ouvissem.

Ninguém nunca me ouviu sobre o problema com a bebida de Laney. No começo, eu pensei que estava sendo uma boa irmã, ajudando-a a voltar para casa quando ela estava bêbada demais para fazer isso sozinha. Mas, com o passar dos anos, e as festas tardias do ensino médio se transformaram em compulsões de uma semana, percebi que estava realmente capacitando-a.

Pego o telefone do bolso de trás e ligo para o contato da minha mãe. É tão tentador ligar para ela, mas Marcus está certo. Laney é adulta e nada vai mudar até que ela esteja pronta para isso. Clico na tela e coloco o telefone na penteadeira.





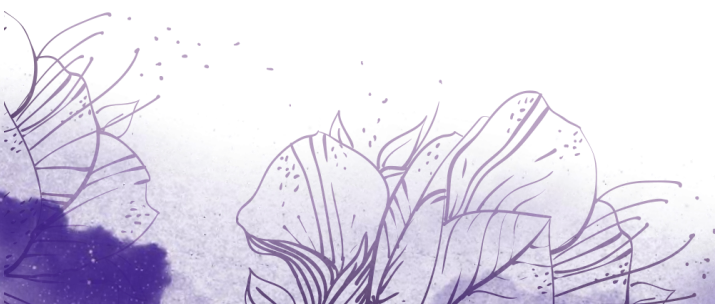
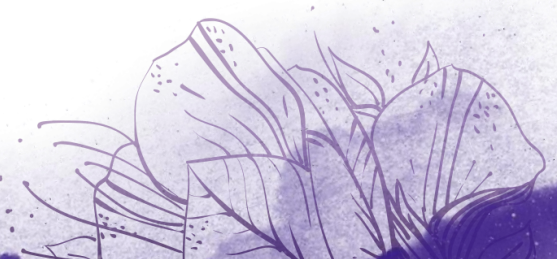
Está escuro no quarto, exceto pelo brilho da tela do computador e a luz da lua espirrando em minha cama. Balançando a cabeça enquanto outro tremor desagradável assola minha espinha, eu tento empurrar o encontro estranho com Marcus para fora da minha cabeça.

— Vou ter que contar a ela sobre isso amanhã. — Eu não lamento para ninguém. Beezelbub chia suavemente do outro lado do quarto e eu me pego procurando por ele. Quando uma sombra escurece a tela do computador, vou para a minha mesa, afundando na cadeira. — O que você acha, cara?

A mariposa de grandes dimensões apenas olha para mim, empoleirada precariamente no canto da minha tela. Uma nova notificação vermelha chama minha atenção e deslizo o mouse para ver de quem é.

Aliada! Isso é droga pra caralho! Valeu cara!

Reviro os olhos para o apelido, mas um sorriso ainda aparece no meu rosto. Pelo menos alguém está feliz comigo agora. Mesmo que seja apenas um cliente.



CAPÍTULO PRES

ALANDRA



Eu acordo com o som de rosnados. Com um gemido, eu me viro e fico cara a cara com Beezelbub. Os pelinhos grisalhos e difusos cobrem a maior parte do corpo, intercalados apenas pelo cinza mais escuro de algumas de suas marcações e desenhos em vermelho-sangue que ele é conhecido. O pelo em torno de sua boca se contrai quando ele me olha com olhos sem piscar e eu reviro os meus.

— Bom dia, B. — Ele esfrega os dois pés da frente juntos em um gesto que passei a considerar 'olá' ao longo dos anos.

Outro rosnado alto rasga a casa e esfrego minhas têmporas. Os quartos são à prova de som - nada menos que magicamente à prova de som - como diabos posso ouvir Juniper? Balanço meus pés ao lado da cama e Beezelbub bate suas asas, mas não faz nenhum movimento para se levantar.

— Preguiçoso.

Uma onda de diversão passa por mim e sei que não é minha. Não, tem que ser do Beezelbub porque eu estou chateada pra caralho.



Eu pulo pelo corredor, meus braços cruzados sobre o peito. Meus pés cobertos pelas meias deslizam até parar no chão de madeira liso quando entro na sala para ver Laney no meio da discussão com seu familiar.

— Zimbro! — Ela retruca, pegando algo que o leopardo da neve tem na boca. — Devolva!

Encostada na parede, decido assistir em vez de intervir. Quando ouvi Juniper, pensei que havia algo errado, mas assistir a uma Laney de ressaca perseguir um gato de 75 quilos é entretenimento gratuito e saudável.

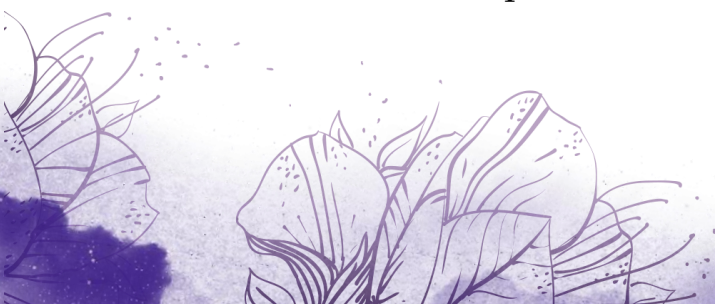
— Você poderia ajudar. — Laney nem se vira para mim quando ela diz. Reviro os olhos e caminho em direção ao grande leopardo com um sorriso.

— O que você tem para a tia Alandra? — Eu pergunto, apoiando as mãos nos joelhos. Minha voz de bebê mais irritante assume. — O que você conseguiu? Quer me dar? Me dê isso. — Estendo uma mão e espero, sorrindo para a linda gata enquanto ela salta para frente e para trás da minha irmã antes de correr em minha direção.

Meus dedos encontram a nuca dela enquanto eu a acaricio, segurando-a enquanto Laney corre para pescar o que quer que esteja em sua boca. — Isso que é um gatinho mau. — Eu sussurro para gato de grandes dimensões.

— Ela mastigou a porra do meu carregador até ficar em pedaços. — Laney rosna, olhando para seu familiar. — Ela tem feito muito isso ultimamente!

— Provavelmente porque você está sempre no seu telefone. — Dou de ombros. A verdade era que Juniper estava comendo carregadores desde que Laney começou a ver Marcus. O fato de ela ter que trancar Juniper em seu quarto quando Marcus chegava deveria ser um grande, gordo e intermitente sinal de alerta. Deixe para minha irmã ignorá-lo por um rosto bonito.





— Eu não entendo por que ela está tão brava. Eu já namorei antes. Eu me pergunto se é porque ela pode sentir o quão sério Marcus e eu chegamos. Talvez ela esteja com ciúmes.

Eu bufo, atraindo um olhar mortal de Laney e tento cobri-lo com uma tosse. Seu cabelo normalmente perfeito, preto, está em todas as direções esta manhã. É óbvio que ela não o tocou desde que acordou. Ter um corte de duende fará isso com você. Esses cortes levam o tipo de dedicação com a qual não posso me comprometer. Meus dedos vasculham minhas próprias ondas coloridas de platina.

Meu cabelo parece descolorido à primeira vista, especialmente ao lado da minha irmã, mas é tudo natural. Nosso pai tem cabelo loiro palha e nossa mãe tem cabelo escuro como o de Laney. Por alguma razão, meus genes decidiram causar estragos.

— Então, por que exatamente eu pude ouvir Juniper no meu quarto?

— Eu precisava da sua ajuda, então derrubei a barreira por um segundo.

— Laney encolhe os ombros, dando um tapinha na lateral de Juniper antes que ela volte à sua altura total, o que não é muito. Laney é minúscula. Ela sempre foi pequena e sempre será. Vi a garota devorar comida suficiente para dar uma dor de barriga a um adolescente e ela ainda não ganha um quilo desde o ensino médio.

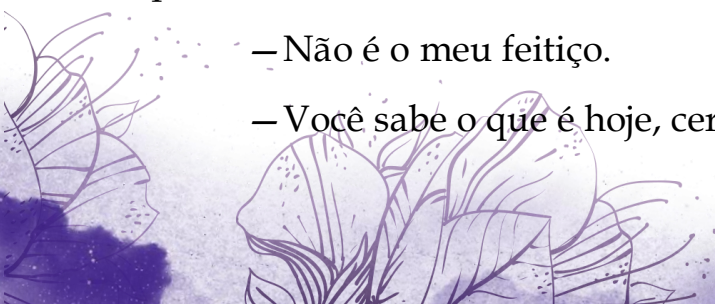
Perfeito.

— Bem, coloque de volta para que eu possa voltar a dormir. — Murmuro, virando-me para o corredor novamente.

— Silêncio. Ela sussurra. Um calafrio percorre minha espinha quando o poder na casa muda. — Você conhece as palavras, por que você não fez isso?

— Não é o meu feitiço.

— Você sabe o que é hoje, certo?





— Sim, Laney. Yule começa hoje à noite. — Reviro os olhos, puxando as pontas das mangas para baixo sobre os dedos. Está frio na sala esta manhã.

— Ok. Apenas certificando-me. — Ela respira fundo, olha para o cabo do carregador esfarrapado ainda preso na palma da mão e depois o joga no sofá com um olhar de nojo. — Eu preciso que você abençoe a casa hoje à noite. A família de Marcus está tendo uma pequena festa e ele quer que eu vá. — Ela afasta uma mecha de cabelo do rosto e a coloca atrás da orelha, olhando para mim com os olhos de 'por favor'.

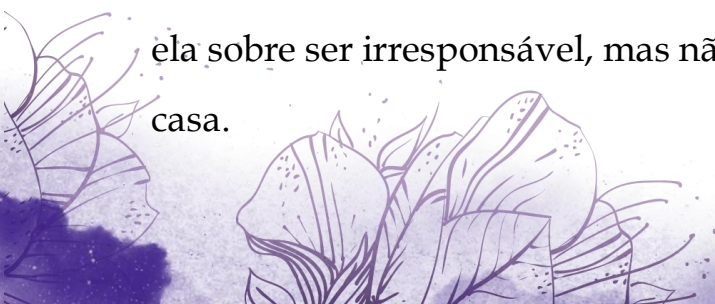
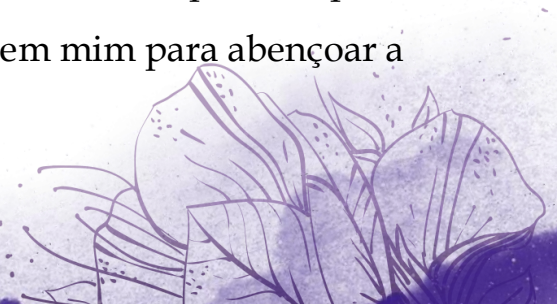
Meus próprios olhos se estreitam nela, estou pronta para falar com ela sobre o quão assustador Marcus é, quando me bate. Ela me pediu para abençoar a casa. Meu queixo fica frouxo e o que eu estava prestes a dizer morre na ponta da minha língua.

— Você quer que eu o quê?

Laney suspira dramaticamente e se move em direção à cozinha. Juniper se afasta, provavelmente procurando por Beezelbub para incomodar, e sigo Laney apreensivamente.

— O feitiço está na geladeira. — Ela aponta para o pedaço de papel preso por um pequeno ímã em forma de pentagrama. Aperto os olhos para as minúsculas letras cursivas e aceno com a cabeça, deslizando a mão no meu cabelo na base do meu pescoço. Ninguém nunca me pediu para fazer algo assim antes sozinha. Não sou nula, mas também não sou talentosa. Isso parece... ótimo. — É realmente importante invocar a proteção da Lua durante as longas noites, Inseto. Por favor, não esqueça. — Laney olha de mim para o feitiço na geladeira, a preocupação vincando sua sobancelha.

As olheiras sob seus olhos me preocupam. Quero dar uma palestra para ela sobre ser irresponsável, mas não posso. Ela confia em mim para abençoar a casa.





—O que você acha que vai nos pegar se não protegemos a casa durante o Yule? — Eu ri levemente. —O bicho papão?

—Inseto. — Ela lamenta. —Eu preciso ficar em casa e fazer isso? Vou apenas dizer a Marcus que não posso ir.

Jogo minhas mãos sobre as dela e balanço a cabeça. —Não. Não! Deixa comigo! Tudo bem. —Não digo a ela que seu namorado é um bosta que pensa que pode flertar com qualquer coisa que se mexa, incluindo a irmã. Não digo a ela que estou nervosa por ela confiar em mim. Não quero que nada estrague esse momento, mesmo que isso seja egoísta.

—Você tem certeza? — Ela aponta para um pedaço menor de papel preso ao fundo do feitiço. —Esta é uma lista de ervas que não temos em casa e precisamos no feitiço. Você provavelmente terá que ir à cidade para pegá-los.

—Não tem problema. — Minha boca se estica com um sorriso. Não apenas pelo fato de Laney estar me pedindo para fazer isso, mas também pelo fato de ela estar tão nervosa com isso. É uma benção simples. Quão difícil isso poderia ser? Mas estou muito empolgada para me ofender.

Laney esfrega as têmporas, as unhas perfeitamente cuidadas cavando a pele enquanto ela geme. —Ok, eu tenho que ir me arrumar. Você promete que consegue fazer isso?

—Siiim. — Eu falo. —*Shoo*.

Laney sai da cozinha e desaparece no corredor. Examinando a lista de ingredientes mais uma vez, faço uma anotação mental para chegar à cidade antes do pôr do sol. A herbalista - Greda - é uma velha bruxa tradicional e estará em casa se preparando para Yule assim que a lua nascer.





Mandar.

Pelo menos a fatura do projeto foi finalmente concluída. Depois de receber os fundos, posso liberar o arquivo completo para o artista. Estou muito orgulhosa do meu trabalho nessa faixa. Embora a ideia pertença exclusivamente ao artista, fazer parte do processo de criação é incrível. Sempre que abro um e-mail de um cliente satisfeito, um calor se espalha por mim. Um sentimento ainda mais doce corre por mim sempre que recebo um e-mail de alguém dizendo que eles foram recomendados por um cliente feliz.

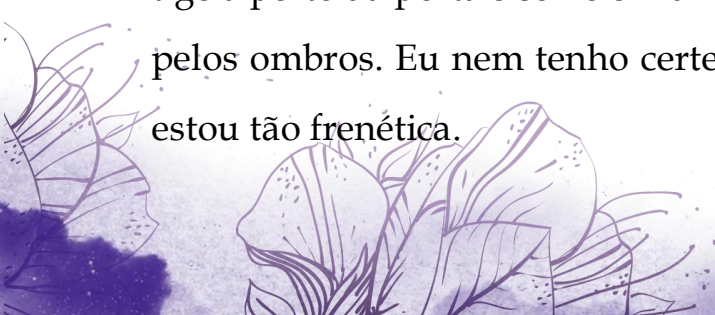
Acho que estou tão acostumada a estragar tudo, que apego-me a qualquer tipo de feedback positivo em que possa colocar meus dedos gananciosos.

Alguns de meus clientes nunca serão grandes nomes. Essa é apenas a natureza dos negócios. A música é ridiculamente difícil de invadir. Mas estou igualmente orgulhosa das bandas de cidades pequenas que compram meus clipes pré-fabricados para suas músicas.

— Existe uma maneira de ganhar dinheiro com qualquer coisa na internet. — Eu rio enquanto Beezelbub cai em cima da minha cabeça. — O que diabos você pensa que está fazendo? — Suas asas esfregam, um som suave, mas agravante, que reverbera através do meu ouvido.

— O quê? — Eu assobio, dando um tapa na minha cabeça.

Procurando o meu telefone, o terror me domina antes mesmo de puxar a tela para o meu rosto. Oh minha Deusa, é tão fodidamente tarde! Verifico a hora, apenas para reforçar o quanto estou fodida antes de me encolher, pulando da cadeira e saindo pela porta do quarto. Pego minhas chaves da tigela perto da porta e corro em direção ao carro, ainda puxando minha jaqueta pelos ombros. Eu nem tenho certeza de onde Beezelbub está neste momento, estou tão frenética.





Meus pés deslizam por uma parte particularmente gelada da entrada da garagem e eu xingo baixinho, jogando minhas mãos para recuperar o equilíbrio antes de cair de bunda.

—Laney confiou em você, sua idiota. — Eu gemo enquanto deslizo a chave na ignição. O sol atrás das árvores brilha na cor laranja escuro que aparece ao pôr do sol. Não tenho como chegar à loja a tempo, percebo, com o coração pesado. Pego meu telefone do bolso e trago o número da herbalista.

Talvez se eu puder pegá-la antes que ela vá embora, ela espere.

Ring!

Ring!

Ring!

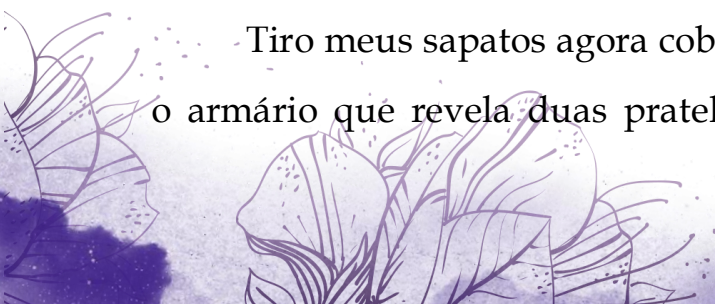
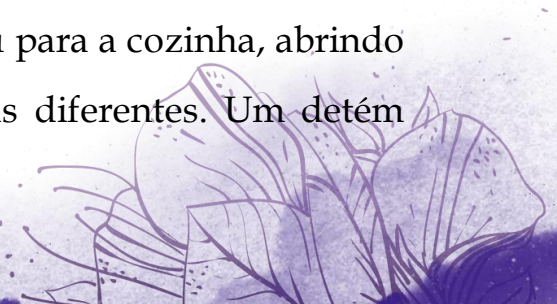
Ring!

Um som crepitante como um doce sendo desembulhado aparece do outro lado da linha antes que uma voz doce e idosa comece a falar. —Obrigado por ligar para Cardos & Espinhos. Estamos fechados ou com outro cliente! Deixe seu nome, número e uma breve descrição do que você está procurando, e alguém responderá o mais breve possível.

Termino a ligação antes que o sinal sonoro apareça no meu ouvido. Pelo amor de Deus! Meus dedos batem contra o volante enquanto olho para a casa e me pergunto o que fazer. Tem que haver algo que eu possa substituir pelos ingredientes que faltam; geralmente existe.

A chave trava na ignição antes que ela finalmente libere e eu abro a porta do carro, caminhando de volta pela garagem até a porta da frente. Minha mão torce a maçaneta e percebo na minha pressa de sair que não tranquei a porta. Estúpida.

Tiro meus sapatos agora cobertos de neve e vou para a cozinha, abrindo o armário que revela duas prateleiras de especiarias diferentes. Um detém





ervas e especiarias usadas para cozinhar, um detém ervas usadas para bruxarias. Há um cruzamento, especialmente com coisas como sálvia, mas na maioria das vezes, nós os mantemos separados em casa.

Fazendo um rápido inventário do que temos em mãos, eu volto para a geladeira e puxo a nota de Laney.

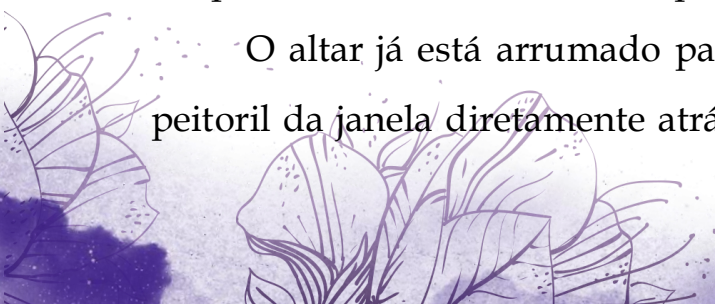
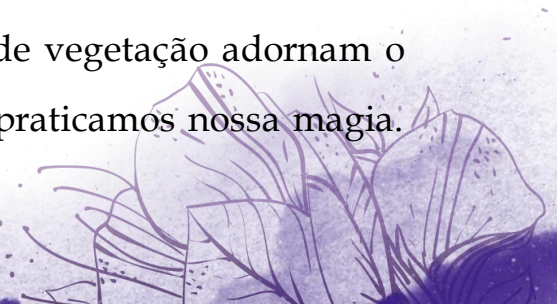
—Hmm. — Eu murmuro, batendo meu dedo no meu queixo. — Não temos cardamomo ou cedro. — Volto para o armário, procurando nas ervas disponíveis um substituto digno.

Meus olhos caem no grão-de-bico e no cálamo. Cálamo é comumente usado na magia da lua e tem seus usos para proteção também. Deveria fazer o truque. Uma faixa de cinza escuro e vermelho chama minha atenção e me viro a tempo de ver Beezelbub pousar no armário ao lado daquele que estou vasculhando. Eu juro que ele parece estar me julgando.

—O que é isso? — Puxando os dois recipientes da prateleira, olho para o feitiço e começo a juntar o resto dos ingredientes. Eu checo tudo e coloco em meus braços, fazendo o meu caminho para a sala de estar. Construímos um belo altar na casa quando a compramos. O canto que sobressaía da janela que dava para o jardim da frente era perfeito e rapidamente o redefinimos para nosso próprio uso.

Enquanto tento colocar tudo, a única vela branca necessária para o feitiço rola sobre o altar, esbarrando no suporte de vela metálico. Eu me encolho, sabendo que ouviria gritos por isso se alguém tivesse visto. Tudo no altar deve estar em equilíbrio. Qualquer caos pode arruinar o feitiço, mudar o resultado e até trazer algumas consequências terríveis. Infelizmente, tenho experiência em primeira mão com esse fato particularmente perturbador.

O altar já está arrumado para o Yule. Ramos de vegetação adornam o peitoril da janela diretamente atrás do espaço onde praticamos nossa magia.





Um tronco de Yule, vestido e pronto para o feriado, repousa contra a janela, esperando o solstício. Laney preparou tudo isso bem antes de precisarmos. Yule é sua época favorita do ano, e sempre comemoramos juntas, desde que saímos da casa de nossos pais.

É por isso que é tão estranho que ela esteja passando um tempo com Marcus e sua família hoje à noite. Eu suspiro, forçando os pensamentos da minha cabeça. Eu sei que preciso definir minha intenção.

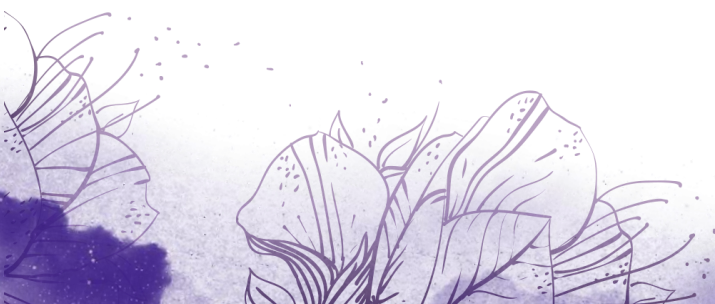
Eu examino a instalação com um aceno solene. — Parece bom, certo B?

Beezelbub bate as asas lentamente, onde se apegas à parede e eu reviro os olhos. Eu o adoro, não me interpretem mal. Mas que tipo de bruxa tem uma mariposa como um familiar? Um gato doméstico é comum. Um cachorro seria estranho, mas não inédito. Cobras acontecem às vezes. Os pássaros, especialmente os corvos, são muito comuns, até os lobos fazem mais sentido do que uma mariposa.

Depois que a vela está devidamente arrumada, eu misturo as ervas no caldeirão e acendo-a com um disco de carvão. Arrepios correm na parte de trás do meu pescoço e eu tremo, olhando ao redor da sala como se alguém estivesse assistindo.

— Você é uma grande ajuda. — Murmuro para Beezelbub, ignorando o aborrecimento que surge no fundo da minha mente. Ele definitivamente entende o sarcasmo. Eu caminho pela casa, apagando cada luz que ainda encontro. A única que resta é a pouca luz na sala de estar.

Afundando de joelhos em frente ao altar, acendo a vela branca. O cheiro do incenso é forte. Meu pobre nariz protesta, mas eu o atravesso enquanto recito o feitiço.





— À medida que nos aproximamos da noite mais longa do ano

Peço-lhe, Deusa, por sua luz,

Lance nossa casa em sua presença iluminada pela lua,

Concedendo-nos a sua essência brilhante.

Pois estaremos sob sua proteção lunar,

Mantendo fora aqueles com más intenções,

Abençoe-nos nas horas mais sombrias,

Com seus poderes sobrenaturais.

Convidamos você em nossas noites,

Para nos abençoar, nos guardar, até o retorno da luz.

Como eu quero, por mais que seja,

Obrigada, deusa, e abençoada seja.

O feitiço é minha única conexão real com a magia e a sensação nunca envelhece. Um arrepio sedutor percorre minha espinha enquanto repito as palavras pela segunda vez. Os níveis de poder na sala mudam quando a terceira repetição começa. Nunca conduzi a cerimônia, talvez seja assim que Laney e mamãe se sintam todos os anos.

—Obrigada, deusa, e abençoada seja. — Eu sussurro, pegando o apagador de velas do altar. Enquanto cubro a chama, a fumaça sobe ameaçadoramente do caldeirão, muito mais do que seria possível para uma coisa tão pequena. Eu aceno minhas mãos, tossindo quando a fumaça cinza-azulada enche a sala.





— Foda-se! — Cubro minha boca e nariz, correndo em direção à porta e a abro. O ar frio explode na sala, mas estou menos preocupada em pegar pneumonia do que em sufocar. Abano a fumaça com a porta, empurrando-a quase fechada e abrindo-a novamente rapidamente, tentando aspirar tudo da sala. São necessárias algumas tentativas para obter ar suficiente para remover a fumaça e não parece suficiente para tirá-la para fora da sala de estar. Eventualmente, Beezelbub se envolve. Eu posso ver suas asas causando cachos na fumaça enquanto ele corre pela sala e, finalmente, a fumaça começa a diminuir.

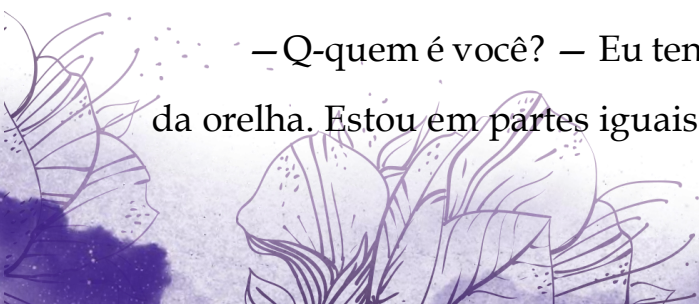
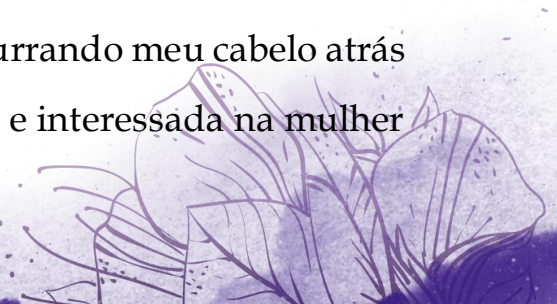
Tossindo contra a minha mão, continuo a jogar os últimos pedaços de fumaça da casa. Eu me viro em direção ao altar, tentando lembrar de onde parei no feitiço e meus olhos se arregalam quando eles pousam em uma figura desconhecida no meio do meu espaço pessoal.

— Quem diabos é você? — Eu grito, minha mão cobrindo meu coração como se pudesse pular do meu peito. E, na verdade, pode. Por uma infinidade de razões. Meu coração bate contra a palma da mão o mais forte possível, enquanto examino a estranha na minha sala de estar.

Ela é mais alta que eu e pálida. Seus longos cabelos brancos caem pelas costas em ondas soltas. Eu engulo, tentando pular o formato de seus seios no vestido branco que ela está usando. A mulher é a beleza personificada. Mas pondo tudo isso de lado -

Seus olhos encontram os meus e tudo cessa por um momento. Eu instantaneamente me arrependo de falar tão severamente com ela. Os olhos azuis pálidos - não nem azuis, nem tanto - olhando para mim estão cheios de confusão.

— Q-quem é você? — Eu tento novamente, empurrando meu cabelo atrás da orelha. Estou em partes iguais confusa, apavorada e interessada na mulher





estranha em pé na minha sala de estar. — Como você chegou aqui? — Eu não saio da porta, minha mão esquerda ainda segurando firmemente o metal frio no caso de eu precisar escapar.

— Eu sou Luna. — Ela murmura, girando em um círculo lento para olhar ao redor da sala. Seu rosto é pura perplexidade. Não tenho certeza do que ela está tão impressionada, nossa casa é modesta em seu melhor dia.

— Luna quem? — Eu pressiono. — Como diabos você chegou aqui?

— Os mortais com certeza são melhores do que eu me lembro. — Ela bufa, parando de repente com os braços cruzados sobre o peito. Sua sobrancelha arqueia quando seus olhos mais uma vez encontram os meus e causam uma onda de eletricidade nas minhas costas.

— Com licença? — Beezelbub pousa suavemente no ombro da estranha e ela se vira para encará-lo, passando um dedo pelo corpo felpudo.

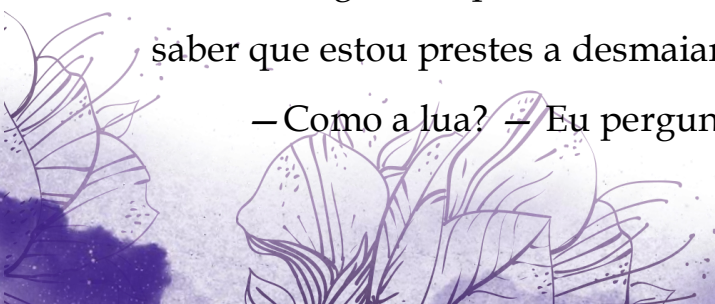
— Olá! — A voz dela soa lírica, como se ela estivesse conversando com um bebê. Beezelbub ri contente com ela e estreito os olhos. Traidor. Eu tenho que admitir, ouvir alguém ser gentil com Beezelbub pela primeira vez é bom. Todo mundo estava sempre tão assustado com ele, ou chocado com o fato de que ele era uma mariposa.

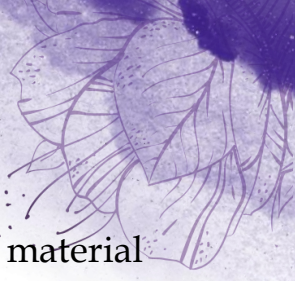
Eu balanço minha cabeça quando a realização bate em mim.

— Espere. — Eu bufo. — Luna como... como... — Não consigo terminar a frase. Em vez disso, meus dedos apontam para o teto, meus olhos passando da mulher pálida para os meus próprios dedos, como se isso me ajudasse a entender o que está acontecendo.

— Mhm. — Luna sorri docemente para mim e Beezelbub voa de seu ombro, chegando a pousar no meu. Pelo menos ele se importa o suficiente para saber que estou prestes a desmaiar.

— Como a lua? — Eu pergunto, apenas para esclarecimentos.



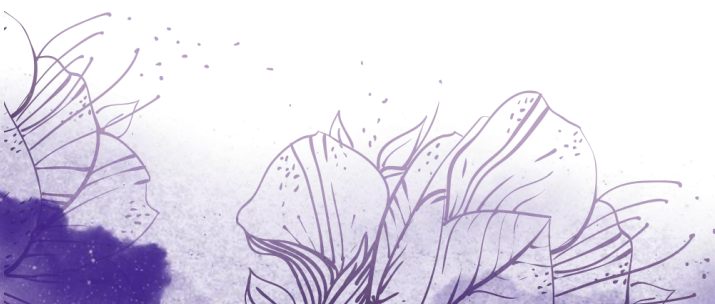
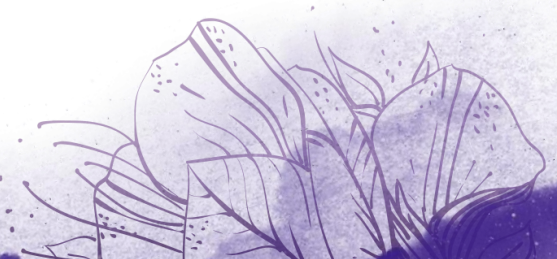


—A única e a mesma. — Luna ronrona, pegando o maldito material quase transparente que cobre seu corpo.

Balanço a cabeça, abanando o dedo como se isso fosse convencer a... a ... ela é um espírito? Uma deusa? Eu nem sei como chamar essa mulher. Uma risada histérica passa por meus lábios e Beezelbub esfrega seu rosto felpudo no meu pescoço.

—Convoquei a lua. — Murmuro para ninguém em particular entre risos.
—Oh, deusa.

Pelo menos ela é bonita.



CAPÍTULO QUATRO

LUNA



Lambendo meus lábios, eu cantarolei as músicas do Elysium flutuando no vento. De vez em quando, o som de uma oração, um pouco de um feitiço, o som de alegria ou dor chega aos meus ouvidos, fragmentos do reino mortal. A atenção deles alimenta esse plano, nutre toda a beleza ao meu redor.

Eu me inclino para passar o dedo sobre a flor da lua e paro quando uma sensação estranha de formigamento surge no meu corpo. Começa nos dedos dos pés e fico em pânico, acho que levantar os pés do chão vai impedi-lo. Mesmo enquanto eu pairava sobre a grama de lavanda, a sensação profunda dos ossos serpenteia ainda mais pelo meu corpo até atingir meu pescoço. Meu coração bate contra o meu peito.

—O que está acontecendo? — Eu grito, mas não há ninguém por perto para me ouvir. Não tenho consorte para me salvar do que está acontecendo, nenhum amante para me consolar, mesmo que eles não saibam o que está acontecendo, nenhum amigo para me apoiar, pois meu coração parece que pode explodir em chamas.

—Convidamos você em nossas noites,

Para nos abençoar, nos guardar, até o retorno da luz.



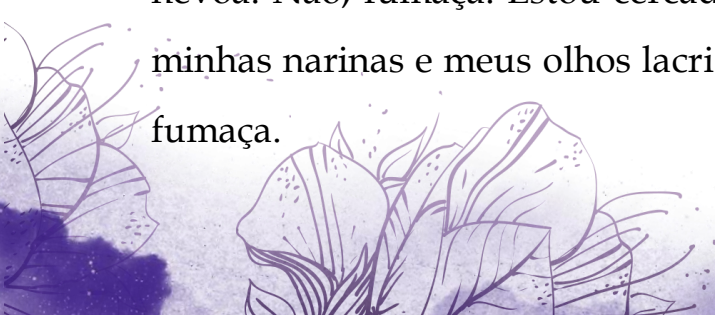
Uma voz doce e estridente canta as palavras. Ela diz outra coisa, mas sua voz entra e sai como se estivesse se afastando de mim. Tento virar a cabeça, perseguindo instintivamente o som, mas meu corpo não me obedece. Meus músculos ficam tensos, tremendo sob o esforço enquanto eu tento o meu melhor para me mover. Eu me contentaria com o menor movimento neste momento.

Enquanto luto contra a força invisível que me prende, minha visão nada. As flores da lua rodopiam e desaparecem diante de mim. Suas pétalas de prata flutuam longe do meu alcance. Até a grama de lavanda que elas estão aninhadas se transformam em borrões e eventualmente desaparecem. O mundo se torna um redemoinho inquebrável de cores. Meus dedos dançam através dos tons vívidos enquanto meu corpo é arrancado de minha casa e jogado através de um portal.

Eu posso pelo menos me mover agora.

Isso deveria ser reconfortante, mas não é. Eu sou a Lua, pelo amor da criação. Algo tão arbitrário quanto mover meus dedos pelo éter interdimensional não deve parecer uma vitória. Eu estava presente quando a Grande Deusa deu à luz ao éter. Aperto os olhos, indignada, enquanto assisto o espetáculo colorido se dissipar, enquanto meus pés se plantam firmemente no chão.

A primeira coisa a bombardear meus sentidos é o cheiro. Em nenhum lugar da Criação cheira mal, certamente. Eu aceno minhas mãos ao redor, tentando limpar o ar e rapidamente percebo que estou cercada por uma densa névoa. Não, fumaça. Estou cercada por uma densa fumaça azulada. Queima minhas narinas e meus olhos lacrimejam enquanto me concentro em limpar a fumaça.





Não tenho ideia de onde estou, mas aparentemente está pegando fogo. Fantástico. Inspirando profundamente o ar cheio de fumaça, levanto minha mão para convocar uma porta para o meu reino doméstico. Enquanto pressiono o ar para destravar o éter, minha mão é atingida por algum tipo de barreira invisível. Eu aperto minha mão, irritada com a pontada menor de dor, e concentro toda a minha atenção na tarefa em questão. Eu imagino a abertura do éter, criando uma porta para eu entrar. Ainda assim, nada além de um pequeno arco de eletricidade me cumprimenta onde o portal deveria estar se formando.

Girando um dedo em agitação, giro a fumaça para longe de mim. Algum tipo de criatura alada voa pela minha cabeça e eu me viro, tentando ficar de olho nela na fumaça que se dissipa. Se não posso chegar em casa, preciso ficar onde estiver o mais seguro e confortável possível. Só até eu descobrir por que minha magia não está funcionando corretamente. O som estridente de alguém tossindo traz meus olhos para a mulher parada perto da porta aberta.

Seus longos cabelos loiros platinados caem sobre os ombros enquanto ela tosse na mão. É óbvio no momento em que ela me nota. Suas bochechas pálidas e sardentas coram um tom mais profundo de rosa, enquanto a mão cobre o peito.

—Quem diabos é você? — Ela grita, seu peito subindo e descendo rapidamente enquanto seus olhos examinam a sala e depois se instalam em mim. Minha pele formiga sob sua atenção enquanto ela me olha.

Então, estamos na Terra. Isso significa que a mulher que me chamou deve ser uma bruxa. Eu levanto uma sobrancelha e vejo cada emoção passar sobre a garota assustada. Pânico. Confusão. Interesse. Apreensão.





— Quem-quem é você? — Ela coloca um pedaço de cabelo ondulado atrás da orelha e eu percebo que o cabelo dela não é muito platinado. É mais um ombré de vários tons de cinza, prata e loira. — Como você chegou aqui?

Por que ela está me fazendo essas perguntas? Ela é obviamente quem me chamou. Giro em um círculo lento, observando o altar, o pequeno caldeirão ainda cuspidando nuvens de fumaça azul no ar, o tronco de Yule encostado na janela. — Eu sou Luna. — Eu sussurro sem pensar enquanto estudo os móveis estranhos na sala. Os assentos parecem estar erguidos do chão e há um espelho preto na parede com uma pequena luz vermelha no canto.

Deve ser a nova maneira de as bruxas se comunicarem. Elas sempre amaram sua magia de espelhos.

— Luna quem? Como diabos você chegou aqui? — Seu tom é agudo, me fazendo parar. Eu a nivelo com um olhar severo, seus olhos azuis gelados encontrando os meus.

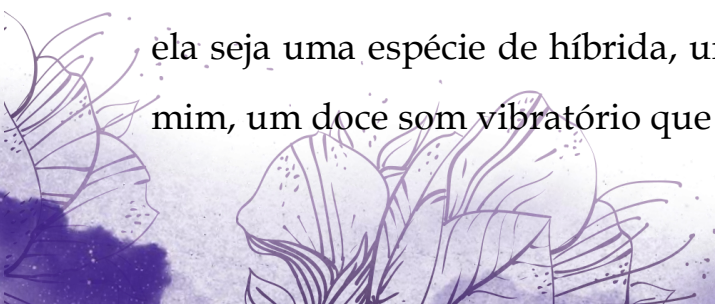
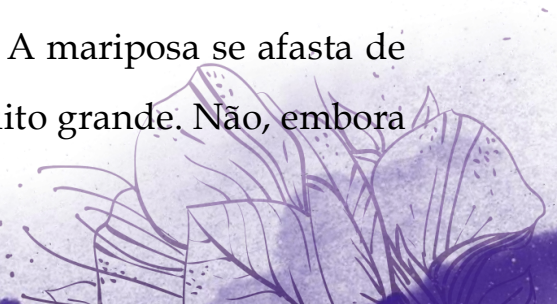
— Os mortais com certeza são melhores do que eu me lembro.

— Desculpe?

A criatura alada desce na minha frente e desta vez finalmente consigo ver o que é. As grandes e maravilhosas luzes de mariposa no topo do meu ombro e eu murmuro para ela.

— Olá! — Eu escovo um dedo em suas costas felpudas e suspiro enquanto uma onda de magia roda em minha pele. Ela é um familiar. A mariposa gigante me inunda com uma sensação de proteção e eu sorrio para ela. *Não tenho intenção de prejudicar sua bruxa. Ela não é poderosa o suficiente para me fazer mal.*

Não posso deixar de imaginar o que aconteceu para me trazer aqui, no entanto. Sua magia é fraca em comparação com as bruxas do passado. Talvez ela seja uma espécie de híbrida, uma bruxa humana. A mariposa se afasta de mim, um doce som vibratório que sai de sua boca muito grande. Não, embora





seja verdade que as bruxas foram responsáveis pela morte de Órion e forçaram os Celestiais deste reino, está claro para mim que essa bruxa não é uma ameaça.

— Espere. — Ela ri de seu lugar perto da porta. — Luna como... como... — Ela acena o dedo em um círculo ridículo, apontando para cima. Uma risada tenta passar pelos meus lábios, mas eu a engulo com um sorriso e aceno.

— Mhm. — O familiar decola do meu ombro e voa para a bruxa dele, aninhando-se contra o ombro dela. Esta é uma bruxa estranha, de fato. O choque dela parece genuíno e não posso deixar de me perguntar por que ela me chamou.

— Como a Lua?

— Única e a mesma. — Eu aliso minhas mãos pelo meu vestido, tentando ser paciente com a mulher volúvel. Ela me chamou aqui e parece não querer assumir a responsabilidade por isso. Ela está com medo de mim? Que tipo de bruxa teme a lua?

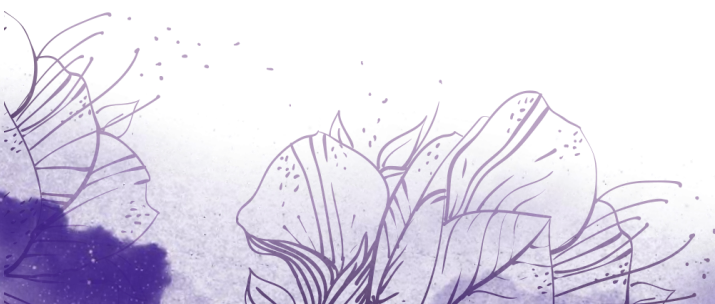
Antes que eu possa perguntar, uma rodada de risadas histéricas irrompe da garota. Ela balança o dedo ao redor, como se estivesse me advertindo, e eu dou um passo para trás.

— O que você acha-

— Eu convoquei a lua. — Ela ri. — Oh, deusa.

Já tive o suficiente da mulher excêntrica e tento novamente chamar uma porta para o meu reino. A magia em meus dedos reflete no ar, perdendo completamente o éter, e atira de volta na minha palma novamente. Dessa vez, queima mais e aperto a mão, olhando para a minha sequestradora.

— Você se atreve a me prender aqui? — Eu pergunto, segurando seu olhar.





— Eu nem trouxe você aqui. — Ela grita, seus olhos se arregalando. — Ou eu não pretendia. — Sua ansiedade é palpável, como um brilho brilhando em sua pele.

— Sim, você fez, sua voz era tão clara quanto a luz da lua. — Suspiro. — *Convidamos você em nossas noites, para nos abençoar, nos proteger, até o retorno da luz.* — Corro através das palavras, revirando os olhos com a frase final. Essas são as palavras que me mantêm aqui, tenho quase certeza disso. *Até o retorno da luz.* Engolindo um gemido, corro meus dedos pelos meus cabelos e espero ouvir sua resposta.

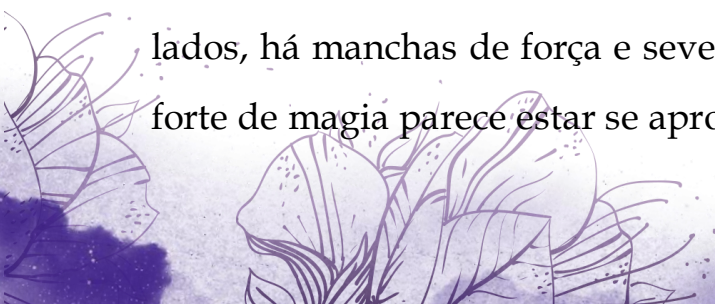
— Oh merda. — Ela grita, fechando a porta com firmeza e deslizando para o chão. — Isso é real. Ok, bem, hum... — Ela coça a cabeça logo atrás da orelha, obviamente em pânico.

Todas as reservas que eu tinha sobre se ela é ou não um perigo, são deixadas de lado enquanto eu a assisto ter um ataque de pânico no chão. A mariposa esfrega seu rosto peludo contra seu pescoço, ela balbucia algo que mal consigo ouvir a essa distância.

— Quem é você? Você não quis me chamar? — Meu nariz enruga quando estou mais uma vez confrontado com o fato de que não tenho controle nessa situação. Nunca gostei de perder o controle e provavelmente nunca o farei. Se eras não tivessem mudado isso, uma bruxa triste definitivamente não mudaria.

— Eu sou Alandra. — Ela soluça, pressionando a mão na testa. — Alandra Michaels. E não, eu não pretendia trazê-la aqui, obviamente.

Eu murmuro sem compromisso, fechando os olhos por um breve momento para sentir a magia ao nosso redor. Alandra, como ela se chama, é apenas um pontinho no mapa em minha mente. Ao nosso redor, por todos os lados, há manchas de força e severidade variadas. Um pulso particularmente forte de magia parece estar se aproximando, na verdade.





Fui convocada para um convênio. Cada nervo do meu corpo pega fogo sob a ansiedade que me traz. Eu senti toda a dor, cada pedaço de miséria que passou pelo seu ser quando Orion morreu, assim como todos os outros Celestiais. Sempre estivemos conectados em um nível profundo.

Ela pode não ser uma ameaça, mas o resto deles...

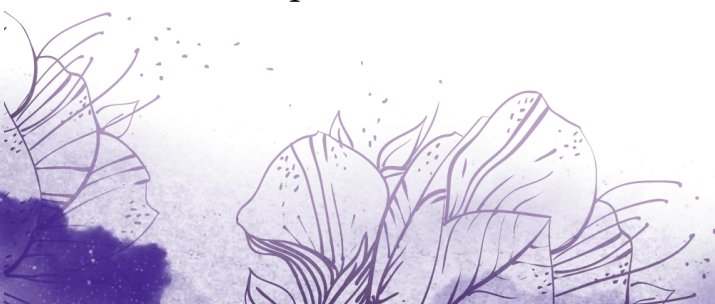
Abro a boca para dizer isso a ela quando um rugido estranho soa em algum lugar fora da casa.

—O que é isso? — Eu pergunto, enquanto a luz brilha através da janela, iluminando a sala. Protegendo os olhos com a mão, tento me concentrar no que está acontecendo do lado de fora da janela.

—Foda-se! — Alandra assobia, atravessando a sala e agarrando minha mão. Um pequeno suspiro passa pelos meus lábios quando seus dedos macios envolvem os meus e ela me puxa pelo corredor escuro. — Minha irmã está em casa. Ela não pode saber que você está aqui. Não até descobrirmos isso. Por favor? — Ela abre a porta de uma sala menor, e eu entro, encarando nossos dedos entrelaçados antes de levantar os olhos para o rosto dela novamente. É difícil ignorar o “por favor”.

Puxo meus dedos dos dela e aceno com a cabeça solenemente. Alandra me lança um sorriso de desculpas e rapidamente fecha a porta atrás dela. Eu fico lá por um momento, escovando suavemente as pontas dos dedos sobre os lugares onde nossa pele havia tocado.

Quanto tempo se passou desde que senti o toque de outro ser? Os Celestiais só se reúnem durante os alinhamentos, e quando foi a última vez que aconteceu? Balançando a cabeça, pressiono meu ouvido na porta, tentando ouvir o que está acontecendo lá fora.





—O que está? — Ouvindo com tanta força que quase esforço os ouvidos, o minúsculo pulso de magia na casa roça contra minha mente e percebo o que está acontecendo. Insonorizaram os quartos.

Bruxas inteligentes.

Com um movimento do dedo, abro o isolamento acústico e escuto a conversa no corredor.

—Oh uau, você deve ter feito um bom trabalho com o feitiço! — Exclama uma voz alegre.

—Sim? — Alandra parece nervosa, até constrangida. Minha mão está no buraco da minha garganta. Eu deveria me sentir culpada por me intrometer, mas para ser justa, eu meio que fui sequestrada. Mesmo que tenha sido um acidente.

—Sim garota. Assim que entrei na casa, pude sentir uma nova força. Bom trabalho, Inseto!

Balanço a cabeça, reviro os olhos e me jogo na cama macia no fundo da sala. Este quarto está configurado de forma estranha, na minha opinião. Não há fonte. E onde ela guarda a comida? Contemplando a farsa disso, ligo o isolamento acústico de volta, apenas para estar segura.

A bruxinha não quer que a irmã saiba que estou aqui. Respeitarei isso até não poder mais. Eu nunca tive uma irmã, mas meu relacionamento com os outros Celestiais sempre foi complicado, especialmente com o Sol. Ele é incorrigível. Tudo é uma competição com ele. Se eu tocá-lo, ele também deve tocá-lo e desfazer todo o meu belo trabalho. Eu imagino ter um irmão para ser algo assim.

A porta se abre e eu levanto minha cabeça, minha mão subindo reflexivamente.





—Sou eu. — Alandra assobia sobre o clique suave da porta se fechando. Outro clique soa na quietude da sala. Apoiando-me no cotovelo, cruzo as pernas e vejo Alandra hesitar na beira da sala. Ela está me encarando como se esperasse algo.

Eu levanto minha sobrancelha em desafio. Eu sei que ela não espera que eu durma no chão. Com um bufo, a jovem bruxa atravessa o quarto e pega um travesseiro do outro lado da cama, jogando-o no chão.

Sorrio para mim mesma quando deixei minha cabeça cair no travesseiro, olhando pela janela o céu noturno. Pequenas vitórias.



CAPÍTULO CINCO

ALANDRA



Aperto o travesseiro debaixo da cabeça, tentando acariciá-lo o suficiente para fingir que o chão é confortável. Beezelbub chia na parede atrás da minha cabeça e eu o afasto.

— Não seja sarcástico. — Murmuro.

— Desculpe-me? — Luna pergunta da cama.

Eu congelo, meu coração acelerando novamente. O som da voz da mulher é além de melódica. É como a música de fadas que eles advertem as crianças a não seguirem pela floresta, desarmando-os, alarmando-os e seduzindo de uma só vez. Engulo meus instintos e fecho os olhos antes de responder.

— Você não... senhora... Eu estava conversando com Beezelbub. — Quem chama a Lua de 'senhora'? Eu realmente não tenho ideia de como lidar com essa situação social. Não sou fã de interação social em primeiro lugar. Meu casaco favorito até está escrito: Um grande grupo de pessoas é chamado de não. Palavras para viver.

O bufar da cama não parece muito imortalmente gracioso para mim, mas quem sou eu para julgar?



— Luna está bem. Você nomeou seu familiar Belzebu? — A cama chia sob o peso dela e tenho certeza que se eu abrir meus olhos, vou vê-la me olhando da cama, mas não estou pronta para lidar com isso no momento.

— Não, não Belzebu. Beezelbub.

— Qual a diferença na criação?

Um olho se abre e eu me vejo olhando para Luna, exatamente como eu pensava. Seu cabelo loiro branco paira em seu rosto como uma cortina enquanto ela olha para mim. Eu gostaria de ter um nome para a cor dos olhos dela, mas azul ou prata simplesmente não parecem fazer justiça à tonalidade. Eles são como prata congelada. Metal invernal. Mordo o lábio quando percebo que o contato visual intenso provavelmente é desrespeitoso e desvio o olhar.

— Bem. — Eu suspiro, tentando limpar minha cabeça. É difícil pensar com ela me encarando assim. Sua pele de porcelana brilha na escuridão, apenas o suficiente para vê-la claramente. A porra da Lua, eu gemo internamente. O que você fez desta vez, Alandra? Ignorando o som da minha auto depreciação subconsciente, explico o nome de B. — Belzebu, como eu tenho certeza que você sabe, é o nome de um demônio muito específico e desagradável. Eu não nomearia meu familiar depois dele, no caso de falar o nome que muitas vezes poderia lhe dar uma posição em minha casa. Beezelbub, no entanto — Eu empunho seu nome com cuidado, concentrando-me na sutil diferença de pronúncia. — Combina com a personalidade de B sem deixar minha mãe desconfortável.

— Isso é ridículo. — Luna ri. — É o mesmo nome.

— Não é. — Eu gemo. — Vá para a cama.

— Você está me mandando, Bruxinha? — A voz dela não é grave, mas uma pontada de ansiedade ainda queima meu pobre cérebro. Que dia maldito.





Eu convoquei a lua. A lua está deitada na minha cama. E ela tem uma boca esperta. Posso ter uma atitude com ela? Ela vai me ferir?

— Sim. — Decido que é mais fácil tratá-la como qualquer outra mulher irritante na minha vida. — Vá dormir. Você roubou a cama, pode usá-la.

Enquanto eu tremo contra o meu travesseiro novamente, tentando me sentir confortável, a cama chia e geme. — Eu não sou uma ladra. — Luna muda de novo, enviando a cama para outro ataque de raiva.

Reviro os olhos, tentando abraçar o silêncio, mas o aborrecimento de Luna permeia em tudo no quarto.

— Como é ser um Celestial? Existe algo específico que eu deveria chamar você?

— Luna está bem. Ser celestial é como ser uma bruxa, eu acho. — Ela ri.
— Os humanos pensam que você se parece diferente do que eles, sim?

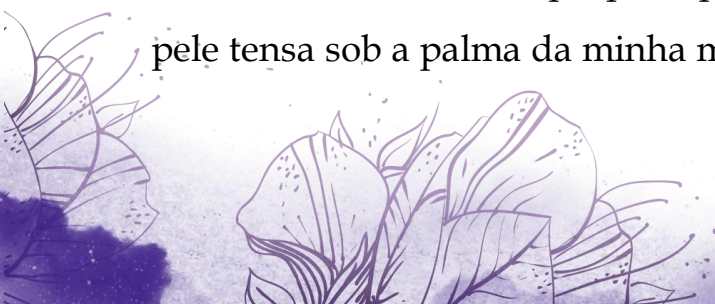
— Eu acho.

— Mas você não é tão diferente. O que é normal para você é apenas diferente do normal, só isso. É o mesmo para celestiais e bruxas.

Eu pisco olhando o teto, contemplando isso. Ela tem razão. Jess me perguntou em várias ocasiões como era ser uma bruxa e eu nunca tive uma resposta para ela. Por outro lado, pensei que fosse o fato de eu ser a pior bruxa do mundo.

— Eu sinto muito. Não sei se me desculpei antes, mas sinto muito. Não tive a intenção de trazê-la aqui e não sei por que você não pode chegar em casa. Nós vamos consertar, eu prometo.

— Eu não tenho dúvidas, Alandra. — Luna sussurra. Ouvi-la dizer que meu nome faz coisas impróprias para o meu interior. Meu estômago aperta, a pele tensa sob a palma da minha mão. Ela exala poder. Até eu consigo senti-lo





rolando em ondas e nunca fui hiper sensível à magia antes. Tudo o que ela diz - até os comentários atrevidos - parece pingar de poder.

Agora que o choque inicial está passando e o fato de que um ser celestial está deitado no meu quarto está afundando, estou diante de uma saudável dose de medo. Eu sei que ela provavelmente poderia me tirar da existência se quisesse.

— Seu desconforto está me perturbando, por favor, pare de se preocupar com o que quer que seja.

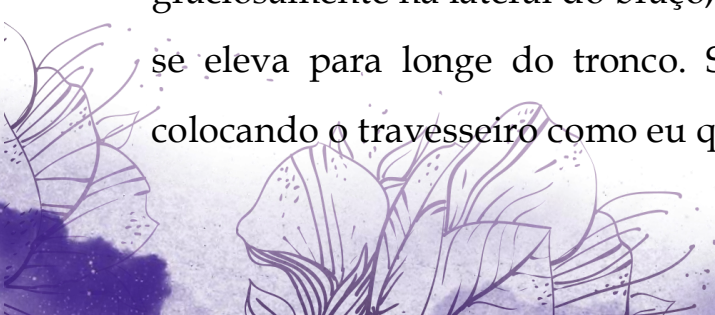
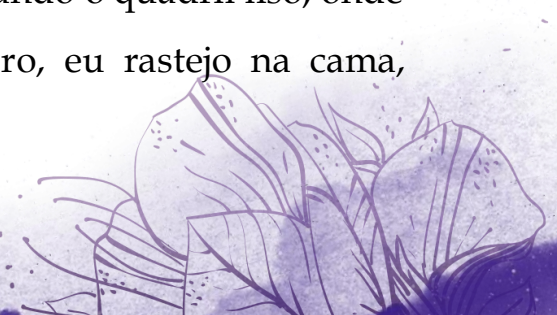
— Oh, certo, desculpe. — Ela é uma empatia, certo? Puxando o cobertor fino sob o queixo, tento me concentrar em algo que não seja o fato de que provavelmente irritei o ser mais poderoso que já conheci. — Como é o reino celestial?

— Bem, não há um reino celestial, há um para cada um de nós. Cada um de nós tem que gerenciar nossa parte da criação. Você parece muito desconfortável aí embaixo, apenas venha aqui, já.

Eu pisco, engolindo lentamente. — O que?

— Basta deitar na sua cama, prometo que não vou morder. — Isso é sarcasmo? Mesmo sendo ridículo, me encolho quando pensamentos de todas as pessoas sacrificadas aos Celestiais ao longo das eras passam pela minha mente. Talvez ela morda.

— Uh, ok. — Murmuro, pegando meu travesseiro. Quando me sento, percebo que Luna já está do outro lado da cama, deitada de lado. Tudo nela exala confiança, mas suponho que, se eu fosse celestial, também estaria confiante. Ela está absolutamente confortável, a cabeça descansando graciosamente na lateral do braço, a outra mão segurando o quadril liso, onde se eleva para longe do tronco. Soltando um suspiro, eu rastejo na cama, colocando o travesseiro como eu quero.





— Pronto, agora — Luna murmura. — Minha casa é linda, é isso que você queria saber, não é?

— Como é lá?

— É colorido, mas silencioso. O mundo é diferente do que você está acostumada, eu acho, a menos que a Terra tenha mudado inimaginavelmente nos últimos milhares de anos. — Ela se contorce na cama entre as frases, soltando um suspiro pesado. — A grama fica roxa ali, uma bela sombra clara de lavanda que complementa o céu noturno. As flores da lua crescem em todos os lugares, em tudo. Você pensaria nelas como uma erva daninha, mas elas são lindas demais para pensar em remover. A música do Elysium entra e sai do ouvido, as orações e feitiços dos mortais fazem o mesmo. É eternamente noite, mas não está escuro. Na verdade, não sei como explicar. — Ela parece extasiada, como se já estivesse com saudade de casa.

— Parece bonito.

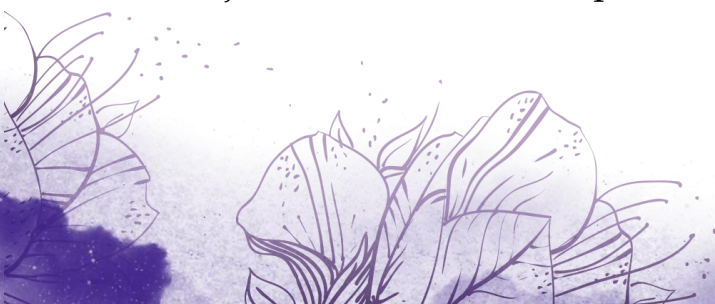
— Alandra, é verdade. Eu diria que mostraria a você, mas não trazemos mais mortais para os reinos celestiais.

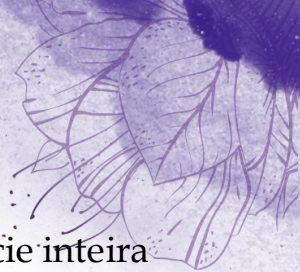
— Por que não? — Meu nariz se torce com o comentário dela. Os Celestiais são prejudicados?

— Há muito tempo, seu tipo traiu o meu. Nós ainda amamos vocês. Ainda estamos ligados irreparavelmente à magia da qual esse universo brotou, mas nunca fomos capazes de nos recuperar dessa traição. — O rosto dela fica um cenho passivo, os olhos fechados.

— O que nós fizemos?

— Eles não ensinam a você a história de sua própria espécie? — Ela boceja, cobrindo a boca enquanto sua voz sonolenta flutua entre nós.





— Bem, acho que me lembraria de uma história sobre uma espécie inteira irritando outra espécie inteira. Nossa história problemática com humanos não foi oculta-

— Você era uma boa aluna? — Luna pergunta, um sorriso divertido curvando seus lábios.

— Não.

— Acho que não.

Rolo para o meu outro lado, olhando para longe de Luna, e puxo o cobertor por cima do ombro. A casa não é fria, mas algo sobre saber que está frio lá fora me faz querer aconchegar-me em um casulo de cobertores e desaparecer até a primavera. Sempre.

O som de respirações suaves e uniformes interrompe o silêncio no quarto e eu sorrio para mim mesma. A lua dorme, que fofo. Aparentemente, muita coisa eu não sei sobre os Celestiais. Gostaria de saber se outras bruxas da minha idade percebem que são como pessoas reais, com corpos. Corpos lindos.

Enquanto minha mente tropeça nesse pensamento difuso, um braço esbelto serpenteia em volta da minha cintura e um novo calor pressiona minhas costas. Eu congelo, sem saber como reagir.

Luna solta um pequeno suspiro, a porra do som mais adorável que eu já ouvi e fecho meus olhos. Ela ainda está dormindo. A lua dorme e gosta de aconchegar-se. Um sorriso surge nos meus lábios enquanto eu persigo a escuridão atrás das minhas pálpebras.





Meus dedos roçam o topo da grama alta, ondulada e lavanda. Faz cócegas nas minhas coxas enquanto atravesso uma planície vazia. A cada poucos metros, uma flor de prata está orgulhosa, brilhando na atmosfera brilhante.

Não há luz no céu acima de mim. Sem sol. Sem lua. Milhões de estrelas brilham mais do que eu já havia notado antes e meu peito dispara quando as alcanço, imaginando se posso tocar uma. O que parece brilho chove do céu quando meus dedos roçam na noite negra e cintilante. Eu tiro a substância estranha do meu ombro e rio.

— Poeira estelar. — Uma voz familiar fala.

Minha cabeça gira enquanto procuro a fonte da voz, mas não encontro ninguém. Somos apenas eu e as estrelas. Dou outro passo pela grama, procurando algo. Eu quero encontrar... o que eu quero encontrar?

Uma voz estridente canta uma música antiga, entrando e saindo da existência como o sinal de um rádio antigo. Eu me pego correndo atrás da música, tentando encontrar a fonte, mas toda vez que acho que a encontrei, ela desaparece novamente.

— Onde você está? — Pergunto. Minha própria voz soa estranha, mais calma que o normal. Segurando minha mão na frente do meu rosto, estiquei meus dedos e ofeguei com o brilho fraco vindo deles. É quase como-

— Luar.

— Quem está aí? — Giro em círculo, procurando quem está falando comigo, mas não encontro ninguém. Uma leve risada ecoa à distância e eu corro em direção a ela, sorrindo. Parece um jogo. Como se eu fosse criança e minha companheira de brincadeiras está logo acima de mim.

Enquanto eu corro pela grama alta, pequenos vaga-lumes voam de seu esconderijo, piscando enquanto voam ao meu redor. A felicidade borbulha na minha garganta e eu decolo novamente, subindo a colina. A visão abaixo de mim tira o meu fôlego.





Onde eu esperava que a planície de lavanda se estendesse para sempre, um grande palácio feito de rocha branca quase transparente fica em um terreno plano no meio de um lago verde-azulado.

– Tão lindo. – murmuro, dando um passo em direção à casa da ilha.

Meus olhos piscam lentamente e eu rolo de costas. O braço de Luna passa pelo meu estômago com o rosto embaçado no meu ombro. Isso não pode ser confortável. Com um bocejo, estico os braços sobre a cabeça e ela rola para longe de mim, murmurando algo enquanto dorme.

Uma batida soa na porta e eu me ergo, meu coração disparado. Olho da porta para Luna e me encolho. Laney vai perder a cabeça se eu não levar essa mulher para casa hoje e descobrir sobre ela.

– Foda-me. – Eu rosno, jogando minhas pernas sobre a beira da cama. Quero pedir que Luna fique quieta, mas também não quero acordá-la. Corro para a porta e a abro, olhando para minha irmã com olhos turvos.

– O que foi? – Pergunto, inclinando-me para o espaço aberto da porta.

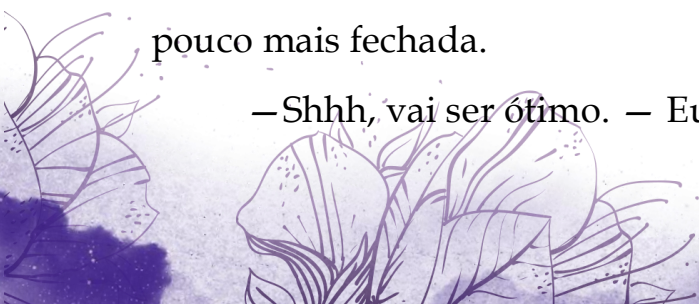
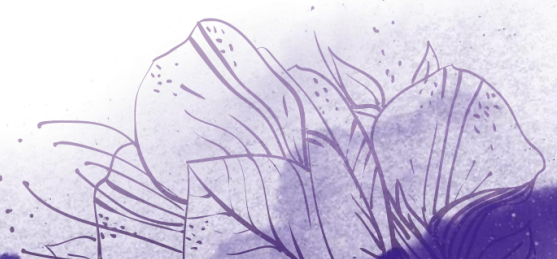
– O que você está fazendo? – Laney pergunta, franzindo o nariz enquanto olha para mim. Ela pressiona contra a porta e eu entro em pânico, mantendo-a firmemente no lugar.

– Eu estava dormindo até que alguém me acordasse. – Eu estalo.

– Eu só queria que você soubesse que estou indo embora. Eu tenho que ir trabalhar com as crianças na cidade hoje. Eu queria ver se você precisa de alguma coisa, mas se vai ser -

Um som suave sai do quarto atrás de mim e os olhos de Laney se iluminam. – Ooooh, você tem uma garota aí? Quem é? – Ela fica na ponta dos pés, tentando olhar ao meu redor e eu reviro os olhos, empurrando a porta um pouco mais fechada.

– Shhh, vai ser ótimo. – Eu sussurro.





— Te amo, Inseto!

— Eu também te amo, agora vááááá. — Eu fecho a porta rapidamente e pressiono minhas costas a ela, soltando um suspiro pesado.

— Ela se foi? — Uma voz suave chama da cama.

Meus olhos seguem Beezelbub voando pelo quarto. Ele cai na janela, os pés da frente levantando para bater na janela. Intelectualmente, sei que não faz barulho, mas, em minha mente, posso ouvir o toque sutil, toque, toque do outro lado do quarto. Eu reviro meus olhos. Ele adora sair para explorar, mas isso não está acontecendo no momento. Agora, eu só quero me esconder neste quarto até Laney estar a uma distância segura.

— Ela está saindo para o trabalho. — Meus dedos remexem no meu cabelo enquanto vejo a mulher deitada na minha cama. Sua pele pálida envolvida em meus lençóis brancos é atraente, porra, eu tenho que admitir. Eu sei que o vestido dela ainda está intacto embaixo dos lençóis, mas minha mente não parece se importar.

— E agora? — Ela pergunta, me tirando da minha fantasia momentânea.

— Ugh, foda-se. — Eu pressiono minha mão na minha testa e gemo. Eu tenho um milhão de coisas que preciso fazer. Eu não pedi isso. — Acho que precisamos descobrir como levá-la para casa.

— O que você precisa de mim?

Quero ser sincera com ela, explicar que sou realmente uma bruxa terrível e provavelmente não vou conseguir consertar isso, mas não quero admitir minha inadequação. Não quero que ela me veja da mesma maneira que todos os outros. Sem utilidade. Praticamente uma nula.

— Você pode me mostrar como você costuma ir de um reino para outro? Talvez algo no feitiço...





Luna acena com a mão, me cortando e depois achata a palma da mão como se estivesse empurrando contra uma parede. Suas sobrancelhas se abaixam e eu dou um passo em direção à cama, curiosa. O poder no quarto muda ao nosso redor. É óbvio que ela está usando magia, mas não vejo nenhum resultado físico. Depois de um momento, Luna puxa a mão para trás com um grito e começa a sacudi-la.

— Desde que cheguei aqui, é isso que acontece. — Ela resmunga. — O resto dos meus poderes parece intacto, mas não consigo acessar o éter.

— Hmm. — Dou outro passo em direção à cama, parando na beira e estendo minha mão. — Deixe-me ver.

Ela obriga, colocando a mão na minha, palma para cima. Minhas pontas dos dedos traçam as linhas em sua palma, roçando contra os efeitos crepitantes de sua magia.

— De alguma forma, meu poder foi limitado. — Luna puxa sua mão da minha lentamente, seus olhos se aproximando dos meus. — Eu acho que tem a ver com a maneira como você expressou seu feitiço.

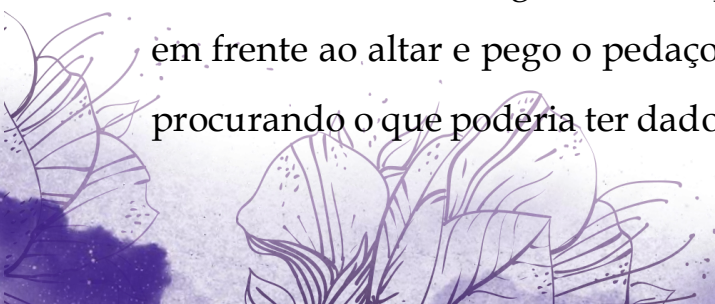
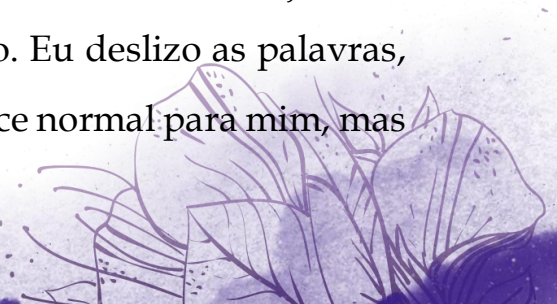
— O que? De jeito nenhum, eu li palavra por palavra.

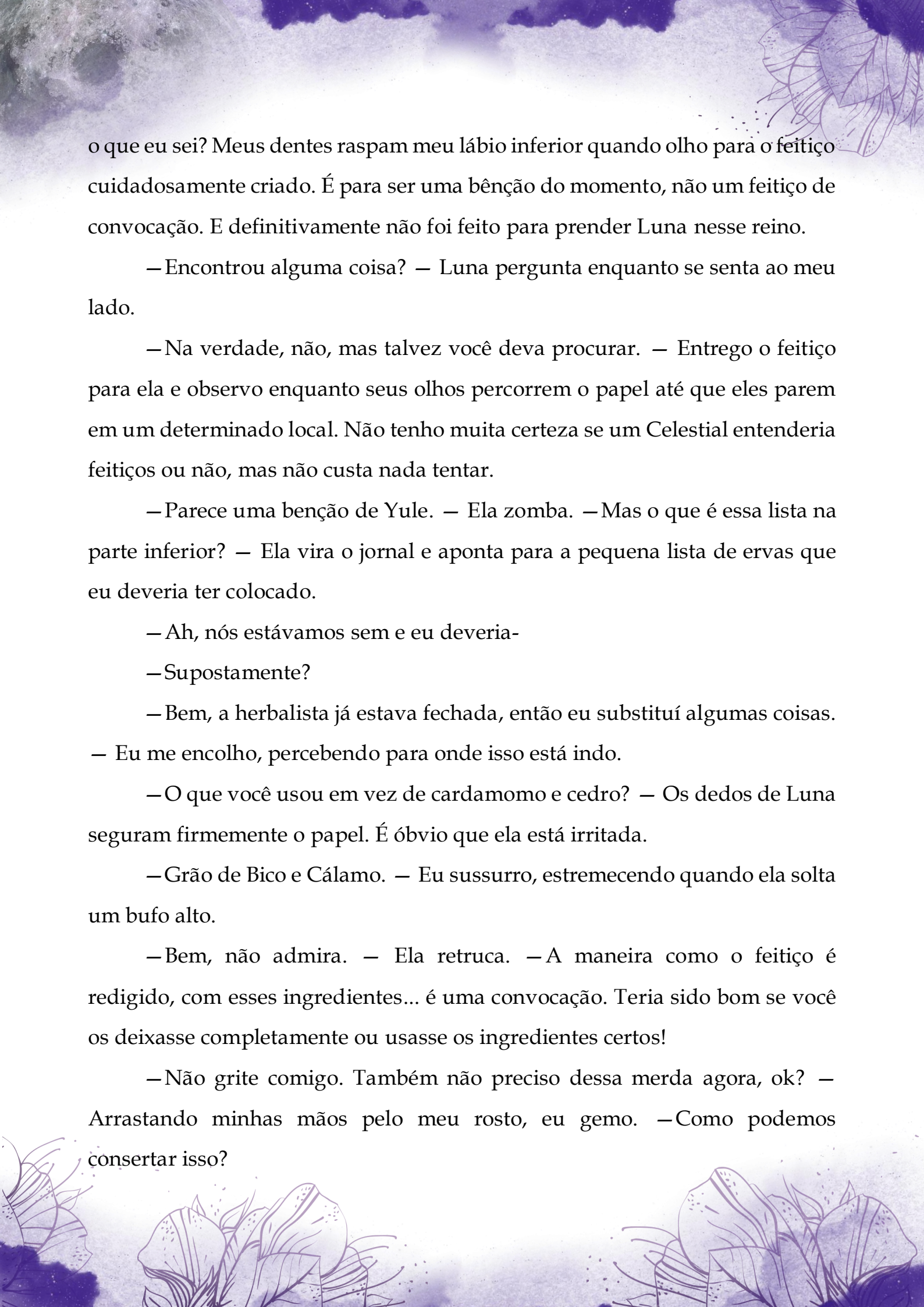
— Mostre-me.

Atravesso a sala até a porta e levanto um dedo, sinalizando para ela esperar, e abro a porta. Correndo para o corredor, deslizo para a sala e chamo Laney.

— Você está aqui? — Eu pergunto. Sem resposta. Fazendo o meu caminho para a janela, eu hesito em frente ao altar, onde tudo, desde a bênção, ainda permanece. Um rápido olhar pela janela revela que seu carro se foi.

— Venha. — Eu grito alto, esperando que Luna me ouça. Caio de joelhos em frente ao altar e pego o pedaço de papel para lê-lo. Eu deslizo as palavras, procurando o que poderia ter dado errado. Tudo parece normal para mim, mas





o que eu sei? Meus dentes raspam meu lábio inferior quando olho para o feitiço cuidadosamente criado. É para ser uma bênção do momento, não um feitiço de convocação. E definitivamente não foi feito para prender Luna nesse reino.

— Encontrou alguma coisa? — Luna pergunta enquanto se senta ao meu lado.

— Na verdade, não, mas talvez você deva procurar. — Entrego o feitiço para ela e observo enquanto seus olhos percorrem o papel até que eles parem em um determinado local. Não tenho muita certeza se um Celestial entenderia feitiços ou não, mas não custa nada tentar.

— Parece uma bênção de Yule. — Ela zomba. — Mas o que é essa lista na parte inferior? — Ela vira o jornal e aponta para a pequena lista de ervas que eu deveria ter colocado.

— Ah, nós estávamos sem e eu deveria-

— Supostamente?

— Bem, a herbalista já estava fechada, então eu substituí algumas coisas.

— Eu me encolho, percebendo para onde isso está indo.

— O que você usou em vez de cardamomo e cedro? — Os dedos de Luna seguram firmemente o papel. É óbvio que ela está irritada.

— Grão de Bico e Cálamo. — Eu sussurro, estremecendo quando ela solta um bufo alto.

— Bem, não admira. — Ela retruca. — A maneira como o feitiço é redigido, com esses ingredientes... é uma convocação. Teria sido bom se você os deixasse completamente ou usasse os ingredientes certos!

— Não grite comigo. Também não preciso dessa merda agora, ok? — Arrastando minhas mãos pelo meu rosto, eu gemo. — Como podemos consertar isso?



— Eu não sei. A maneira como o feitiço é redigido parece que você me chamou aqui até o solstício.

— Oh Deusa. — Eu sussurro, meu pulso tocando nos meus ouvidos. — Não posso esconder você de Laney por tanto tempo.

— É com isso que você está preocupada? — As narinas dela se alargam e as pontas dos cabelos parecem levantar por vontade própria, mas eu sei melhor. Ela está ganhando poder, provavelmente sem nem perceber. Eu já vi isso com Laney. O peito de Luna sobe e desce rapidamente com respirações furiosas. Suas bochechas ficam rosadas quando seus olhos brilham em uma prata perigosa, completamente desprovida do tom azul invernal que chamou minha atenção antes.

— Não! — Eu chio. — Eu sei que você está presa aqui e isso é uma inconveniência terrível e me desculpe. Eu apenas - eu não sei como consertar. Eu sinto muito. Estou tentando aqui, ok?

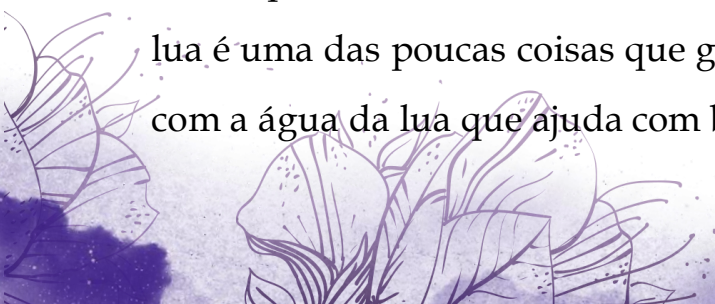
Luna respira fundo, fechando os olhos enquanto tenta se acalmar. O poder que flui através dela se dissipa e seu cabelo flutua em volta dos ombros, onde ele pertence. Soltando um suspiro inquieto, tento me lembrar de tudo que aprendi que poderia ajudar aqui.

— Um feitiço de banimento pode funcionar? — Faço isso como uma pergunta, porque sinceramente não tenho certeza.

— Se tivesse, você se arrependeria. Banir-me pode impedi-la de acessar a magia da lua pelo resto da sua vida. É algo que você está disposta a arriscar?

— Luna inclina a cabeça para o lado, obviamente intrigada com o pensamento.

— Quero dizer — Eu suspiro. — Eu fiz isso e não é justo com você. Eu só tenho que lidar com isso. — Um nó se forma no meu estômago. A magia da lua é uma das poucas coisas que gosto de lançar. Eu faço um chá maravilhoso com a água da lua que ajuda com bloqueios criativos.





— Interessante. — Ela ronrona. — Estou indo tomar banho. O quarto com o banheiro é o certo, não é?

Eu bufo, assentindo enquanto ela se levanta. — Certifique-se de testar a água com a mão primeiro, não quero que você se queime.

— Por que isso me queimaria? — Os olhos de Luna se arregalam como se fosse a coisa mais aterrorizante que ela já ouviu.

— A água é aquecida, se você aumentar muito, pode doer.

— Conveniência moderna. — Ela ri. — Que interessante.

Balanço a cabeça enquanto a vejo praticamente deslizar para fora da sala e pelo corredor. Isso deve ser interessante.



Luna olha para o sanduíche no prato enquanto eu mordo o meu. Presunto, queijo, maionese, mostarda e um pouquinho de molho picante... é o melhor sanduíche de todos os tempos, mas ela não parece muito impressionada.

— Há algo errado? — Coloco meu sanduíche e pego um guardanapo, limpando as migalhas de pão das minhas mãos. Ela não jantou ontem à noite, não pediu o café da manhã e agora parece que ela também não vai almoçar. Celestiais não comem?

Luna morde o lábio inferior, seus olhos nunca deixando o prato diante dela. A mão dela desliza sobre a garganta até a parte de trás do pescoço. — Bem. — Ela finalmente começa. — Isso não é exatamente o que eu estou acostumada.





— Os Celestiais não comem? — Pergunto em voz alta desta vez. Não é que eu saiba muito sobre o tipo dela. Talvez ela exista apenas ao luar. Talvez ela coma mágica ou algo assim, inferno, eu não sei.

— Não, nós comemos. É só... — Luna solta um suspiro dramático. — Eu como principalmente flores da lua. Eu nunca fiquei neste reino por tempo suficiente para comer sua comida antes. — Seus olhos se levantam para encontrar os meus e eu bufo.

— Bem, não temos flores da lua. Mas o que ouvi dizer que você é vegetariana e felizmente para você. — Murmuro enquanto deslizo o assento para fora da mesa da cozinha. — Minha ex-namorada era vegetariana. Deixe-me ver se não posso fazer algo que você gosta.

Luna faz uma careta e empurra o prato para longe. — Agradeça à grande deusa.

Reviro os olhos e viro em direção à geladeira, abrindo-a para ver o que temos de que um vegetariano pode gostar. Jess comia muita massa, mas se Luna preferia flores...

— Uma salada pode cair melhor. — Raciocino, pegando na geladeira um saco de alface e alguns ingredientes extras. Colocando tudo na pia, puxo uma faca do bloco de madeira e começo a picar um tomate.

— Isso parece realmente- — A cabeça de Luna se inclina para o lado, sua atenção exclusivamente na porta.

— O que há de errado?

— Eu acho que sua irmã está aqui. — Ela murmura, empurrando a cadeira para fora.

— Merda. — Eu sussurro, colocando a faca sobre o balcão. — Tudo bem. — Solto um longo suspiro e rapidamente jogo todos os ingredientes em uma





tigela para Luna. Felizmente, a salada seria mais fácil para ela comer. Mesmo que ela tenha que comê-la em reclusão.

Luna segura meu olhar por um momento, confusão estampada em seu rosto. — Você quer que eu volte para a sua sala de dormir?

— O que? É um quarto e não. — Eu gemo, entregando a ela a tigela de salada. — Eu não posso te esconder para sempre. Ela vai descobrir, infelizmente. Talvez ela possa ajudar.

— Ela é confiável? Sua irmã?'

— Sim, eu diria. O que você quer dizer com isso?

Luna olha cautelosamente para a porta e depois volta para a comida em suas mãos. Percebo que algo a está incomodando, mas não sei ao certo o que. Tão poderosa quanto ela é, por que ela teria medo de Laney? Não me entenda mal, minha irmã é uma total idiota e eu teria medo dela... mas também não sou um ser imortal com quantidades insanas de magia na ponta dos dedos.

— Esqueça. — Luna suspira, levando a tigela para a mesa. Eu alcanço a geladeira e pego uma garrafa de molho - francesa, a melhor absoluta - e a coloco na mesa ao lado dela.

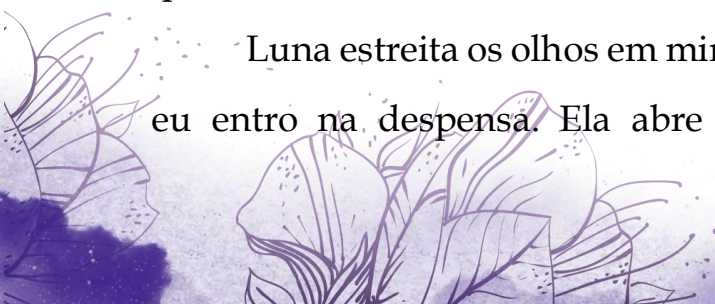
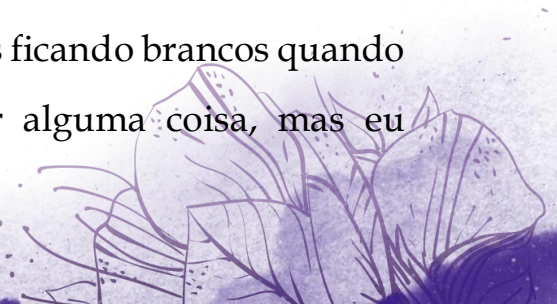
— Isso torna mais saboroso, pelo menos para mim.

A porta se abre e uma onda totalmente nova de pânico passa por mim. Meus olhos se arregalam quando meu pulso lateja nos tímpanos. — Mudança de planos. — Eu sussurro, lançando Luna em direção à despensa no fundo da sala de jantar.

— Eu pensei que você queria que eu-

— Shh, quieta, por favor. — Imploro enquanto abro a porta, esperando que ela entre.

Luna estreita os olhos em mim, os nós dos dedos ficando brancos quando eu entro na despensa. Ela abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu





rapidamente fecho a porta, virando a tempo de ver Laney sair de trás da porta da frente.

—Hey, Inseto. — Ela grita com uma voz alegre, mas seu rosto rapidamente se transforma em uma expressão de preocupação. —O que há de errado?

—Nada. — Afasto-me da porta, estreitando os olhos em Beezelbub enquanto ele voa sobre minha cabeça para pousar nela. Traidor.

—Mmmhm. — Ela reflete enquanto se dirige para a mesa da sala de jantar. Seus olhos caem no que parece ser uma garrafa aleatória de molho francês. —Por que você não colocou isso antes de terminar de comer?

—Preguiça, eu acho. — Eu rio nervosamente. Eu sou uma mentirosa melhor do que isso, normalmente. Mas não estou acostumada a mentir para Laney.

—Você está sendo estranha, o que há de errado? — Laney entra hesitante na cozinha e pega uma garrafa de água com gás na geladeira. —Aconteceu alguma coisa?

—Como o quê? — Eu pergunto inocentemente.

—Do jeito que você está agindo, estou tentada a perguntar se você incendiou a casa. Felizmente, posso ver que ainda está de pé. O que você fez?

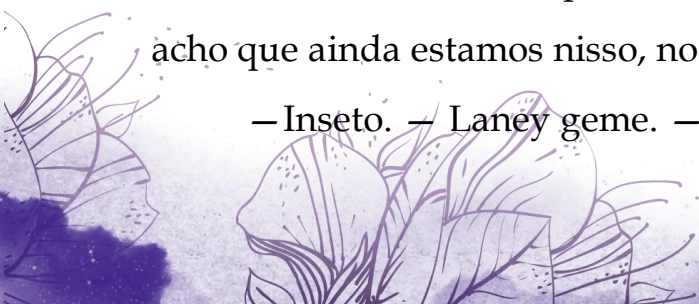
— Ela toma um gole da água, seus olhos nunca deixando os meus.

Eu dou de ombros com indiferença. Não tenho uma boa mentira pronta e é melhor deixá-la preencher os espaços em branco do que inventar algo muito estranho.

—Você e mamãe entraram nisso de novo?

—N-sim — Eu suspiro. —Ela estendeu a mão, eu não respondi. Então acho que ainda estamos nisso, no momento.

—Inseto. — Laney geme. —Ela é nossa mãe. Você tem que perdoá-la.





— Por que você sempre espera que eu os perdoe por serem horrível comigo? Eu entendo que eles são pais perfeitos para você, mas eles são ridículos pra mim. Eu nunca fiz nada, exceto tentar ser feliz com quem eu sou e eles me tratam como uma merda absoluta por isso, Laney. — Eu não tinha planejado me comprometer com essa história com tanta força, mas pelo amor de Deus, ela sempre os defende, não importa o que eles façam comigo. Estou cansada disso.

— Você está certa. — Laney coloca a água no balcão e se apoia na beirada.
— Eu sinto muito.

— Repita novamente?

— Não estou repetindo. — Ela ri. — Mas sim, entendi. O que ela disse foi fodido. Vou ficar de fora disso.

Minhas sobrancelhas levantam na minha testa em choque e Laney balança a cabeça.

— Por enquanto! — Ela acrescenta. — Se você e mamãe não fizeram as pazes antes de irmos para o Yule, estou colocando um tempo limite para você.

Uma crise silenciosa vem de algum lugar próximo e eu rapidamente me ocupo em colocar o molho na geladeira.

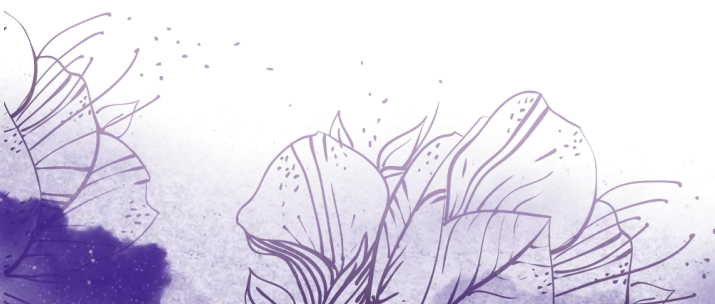
Laney cruza os braços, virando-se para descansar o quadril contra o balcão.

Sons.

— Alandra. — Ela repreende. — O que é que foi isso?

Crrrrrrrunch.

— O que foi o quê? — Eu pergunto, tentando o meu melhor para parecer confusa.





—O que está acontecendo? — Ela pergunta novamente, aumentando a frustração em seu tom. Beezelbub se afasta de seu poleiro na porta e Laney arqueia uma sobrancelha antes de dar um passo em direção à despensa.

—Espere! — Eu saio correndo, gemendo quando um sorriso divide seu rosto.

—O que há na despensa?

—Nada! Por que algo estaria lá?

—Inseto. — Ela estreita os olhos, tentando dar outro passo em direção ao esconderijo de Luna, mas eu rapidamente manobro na frente dela.

—É um guaxinim! — Deixo escapar.

—Um guaxinim? — Laney revira os olhos. —Por que você colocaria um guaxinim na despensa?

— Eu... deixei a porta dos fundos aberta e ele entrou, acho. Eu saí para encontrá-lo comendo minhas fichas na mesa, então joguei na despensa. Eu entrei em pânico.

—Você jogou um guaxinim - que já tinha comido um pouco da nossa comida - em um armário cheio de mais da nossa comida? — O rosto de Laney explode em outro sorriso enquanto eu aceno. —Coloquei um feitiço de proteção em casa para evitar pragas quando nos mudamos, lembra?

Merda.

Laney ri quando passa por mim e abre a porta da despensa. No meio da pequena sala, Luna senta-se de joelhos, um saco de batatas fritas em uma mão, uma lasca perto de sua boca na outra. Seus olhos se arregalam quando ela olha para Laney.

—Olá. — Ela murmura, levantando-se lentamente. A tigela de salada meio comida está no chão, abandonada pelo saco de batatas fritas.





—Oi!!!! — Laney fala antes de se virar para mim. —É ela? — Ela fala enquanto Luna passa por ela, batatas fritas e uma tigela de salada na mão, em direção à mesa da sala de jantar.

Dou de ombros, sem saber o que dizer ou fazer.

—Eeeeeep! — Ela grita, então corre até a mesa para se apresentar. — Eu sou Laney, irmã da Inseto. É um prazer conhecê-la! — Laney estende a mão e Luna olha de mim para ela, desconfiada, antes de finalmente tomá-la sozinha.

Laney puxa a mão para trás com um suspiro. —Putá merda. Aonde você a encontrou? Isso é uma mágica séria! —Ela aperta a mão e se senta à mesa, desembulhando lentamente o cachecol do pescoço.

—Eu... — Eu realmente não quero mentir para ela. Eu sei que ela vai descobrir.

— Acabamos de nos conhecer. — Luna interpõe. É a verdade, pelo menos.

— Bem, mamãe e papai vão adorar isso. — Diz Laney.

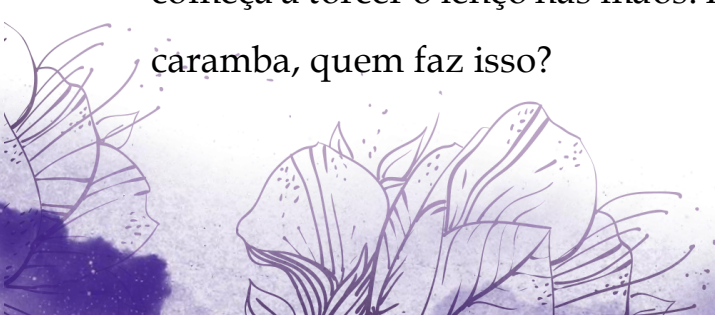
— Adorar o que? — Luna pergunta, suas sobrancelhas franzindo juntas.

Laney ri e eu gemo. Porra. Eu realmente não deveria ter deixado ela pensar que eu tinha esse tipo de companhia antes. Isso vai ficar super estranho, super rápido e não há nada que eu possa fazer sobre isso neste momento.

— Bem, você sabe, com Inseto sendo um pouco magicamente desafiada e tudo-

—Laney! — Minhas bochechas esquentam e chamuscam com rubor vermelho que está rastejando sobre elas.

—Só quero dizer que eles ficarão felizes, especialmente considerando que sua última namorada era humana. Isso é tudo. — Ela encolhe os ombros e começa a torcer o lenço nas mãos. Eu sei que ela não quis me envergonhar, mas caramba, quem faz isso?





—Namorada? — Luna coloca a mão em seu peito e ri e sinto o rubor rastejar pelas minhas bochechas. — Oh. Não estamos... bem, veja bem, acabamos de nos conhecer. — Luna pega a garrafa de molho francês da mesa, derrama mais sobre a salada e pega o garfo, como se estivesse descartando a conversa.

—Ohhhh. — Laney canta com um sorriso bobo. —Longe de eu julgar. Todos passamos por nossa fase de prostituição.

—O quê? — Luna pergunta e meu coração bate contra o meu peito enquanto seu cabelo começa a girar. Sua magia faz parecer que todo o ar está sendo sugado da sala enquanto ela corre em sua direção, alimentando-a, alimentando o poder que cresce dentro dela com cada palavra que ela fala. — Eu não sou uma prostituta. — Ela rosna.

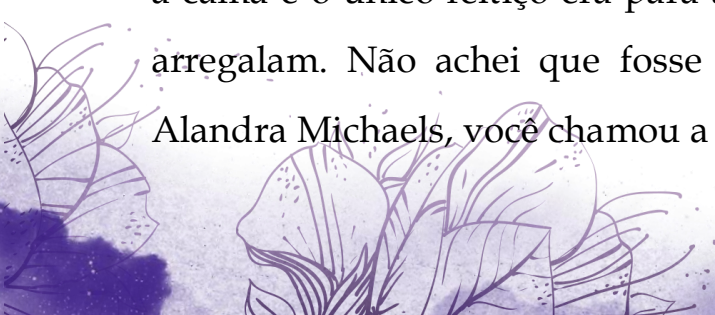
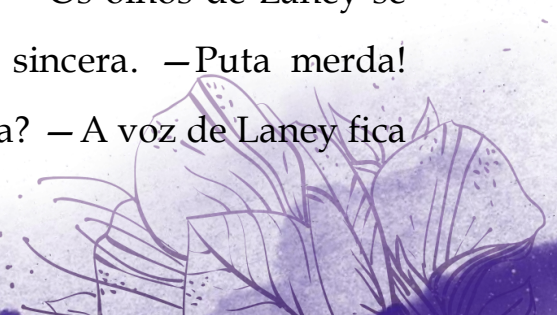
Os olhos de Laney se arregalam e ela se afasta da mesa. Ela nem levantou a mão defensivamente. Algo nela provavelmente reconhece que ela perderia a luta. Sua magia de fogo é brutal... mas o tipo de energia que Luna está lançando assustaria alguém. Qualquer um, exceto eu, aparentemente.

Coloquei a mão no ombro dela. —Ela não quis ofender.

—Eu realmente não. Inseto, quem é essa? — Laney cruza os braços e Luna volta para a salada, dando uma grande mordida nos verdes encharcados cobertos com muito molho francês.

—Bem. — Eu começo, dando um passo ao redor da lateral da mesa em direção a minha irmã. Ela vai perder a cabeça e eu sei disso. —Eu posso tê-la convocado acidentalmente ontem à noite.

—Convocado? O que você quer dizer? Eu chequei o altar antes de ir para a cama e o único feitiço era para a bênção da Lua... — Os olhos de Laney se arregalam. Não achei que fosse possível, para ser sincera. —Putá merda! Alandra Michaels, você chamou a Lua? Em nossa casa? — A voz de Laney fica





mais alta a cada palavra que ela fala e eu me vejo encolhendo e dando um passo para trás.

— Não foi de propósito. — Aponto rapidamente antes de dar outro passo atrás de Luna. O plano original deveria estar entre elas quando essa realização ocorresse. Mas agora, estou reconsiderando isso. Pelo menos se eu estiver por trás do grande espírito ruim da Lua - Celestial, tanto faz - Laney não tentará jogar magia em mim. Eu perdi alguns casacos bons para a merda dela no passado e isso parece uma daquelas ocasiões.



CAPÍTULO SEIS

ALANDRA



—OH MEUS DEUSES E DEUSAS! — Ela grita, apontando para mim. —
O que você fez?

Luna fica tensa e inclina a cabeça para o lado. Meu olhar desliza da minha irmã para a Celestial na nossa mesa de jantar e engulo em seco.

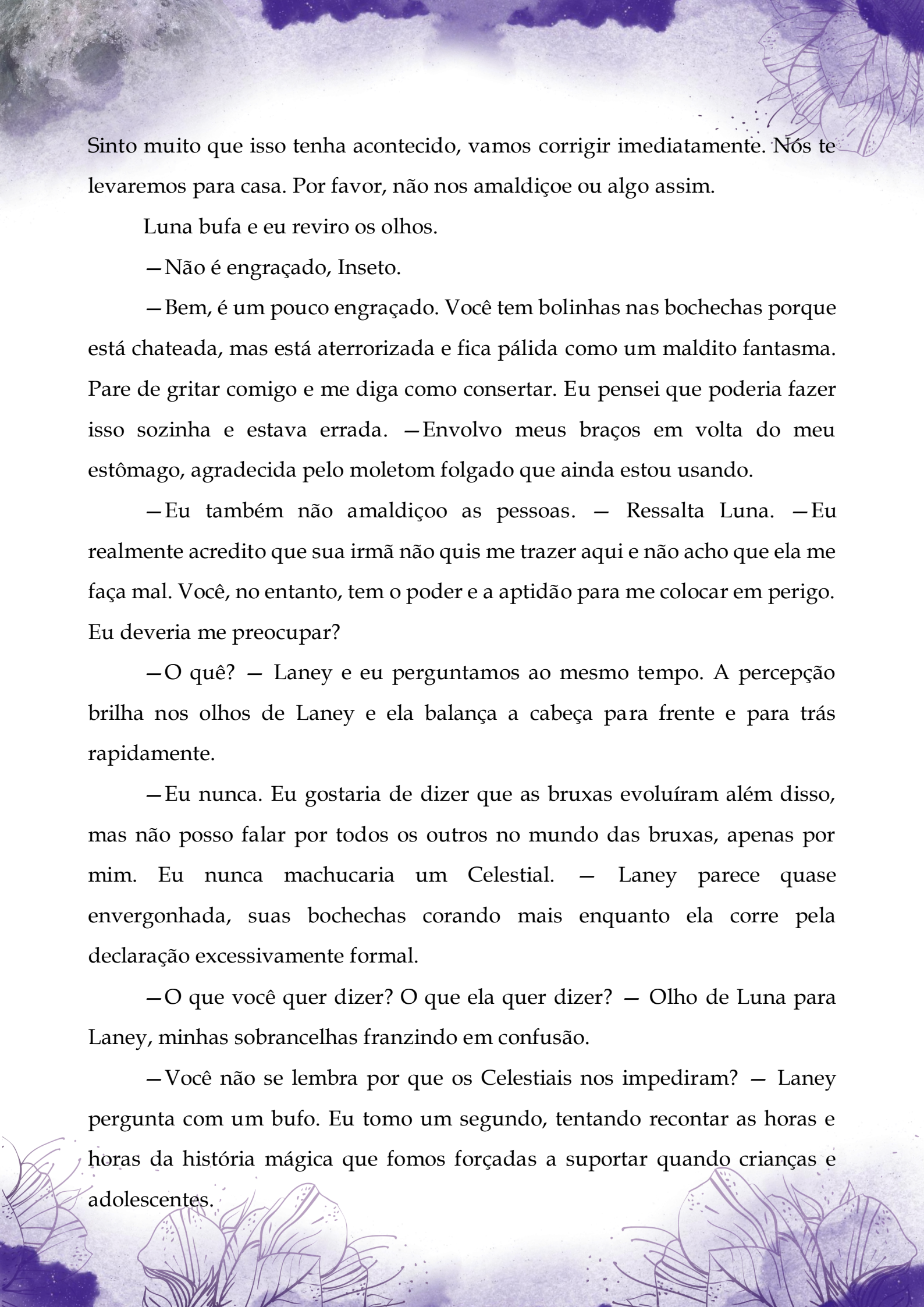
— Invoquei acidentalmente a lua. — Admito. — Mas antes que você grite, não acho que ela goste. Eu vou ser totalmente honesta, mana, talvez você deva relaxar um pouco antes de...

— Ela não é uma maldita chihuahua! Ela não vai fazer xixi porque um de nós levanta a voz. Você sabe o que ela é? Você sabe o que ela pode fazer?

— Você sabe? — Luna pergunta em um sussurro mortal.

— Laney-

— Desculpe. — O rosto de Laney empalidece, exceto duas manchas vermelhas brilhantes em ambas as bochechas. Ela sempre ficava vermelha quando estava brava. Isso está além da norma. — Como a mandamos para casa? — Ela concentra sua atenção em Luna, respirando profundamente. —



Sinto muito que isso tenha acontecido, vamos corrigir imediatamente. Nós te levaremos para casa. Por favor, não nos amaldiçoe ou algo assim.

Luna bufa e eu reviro os olhos.

— Não é engraçado, Inseto.

— Bem, é um pouco engraçado. Você tem bolinhas nas bochechas porque está chateada, mas está aterrorizada e fica pálida como um maldito fantasma. Pare de gritar comigo e me diga como consertar. Eu pensei que poderia fazer isso sozinha e estava errada. — Envolver meus braços em volta do meu estômago, agradecida pelo moletom folgado que ainda estou usando.

— Eu também não amaldiçoo as pessoas. — Ressalta Luna. — Eu realmente acredito que sua irmã não quis me trazer aqui e não acho que ela me faça mal. Você, no entanto, tem o poder e a aptidão para me colocar em perigo. Eu deveria me preocupar?

— O quê? — Laney e eu perguntamos ao mesmo tempo. A percepção brilha nos olhos de Laney e ela balança a cabeça para frente e para trás rapidamente.

— Eu nunca. Eu gostaria de dizer que as bruxas evoluíram além disso, mas não posso falar por todos os outros no mundo das bruxas, apenas por mim. Eu nunca machucaria um Celestial. — Laney parece quase envergonhada, suas bochechas corando mais enquanto ela corre pela declaração excessivamente formal.

— O que você quer dizer? O que ela quer dizer? — Olho de Luna para Laney, minhas sobrancelhas franzindo em confusão.

— Você não se lembra por que os Celestiais nos impediram? — Laney pergunta com um bufo. Eu tomo um segundo, tentando recontar as horas e horas da história mágica que fomos forçadas a suportar quando crianças e adolescentes.



— Não particularmente. — Eu admito.

Laney se inclina sobre a mesa, apoiando-se nos antebraços. — Durante a Idade de Ouro, houve um grupo de bruxas poderosas. Nossa espécie ainda estava super conectada aos Celestiais, covens inteiros estavam ligados a eles. Essas bruxas em particular não achavam que havia poder suficiente. Elas queriam mais. Toca alguns sinos?

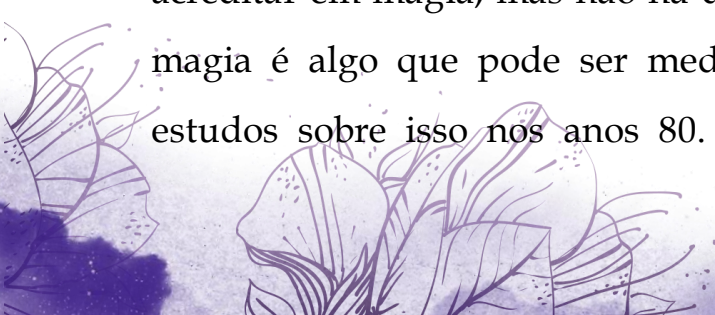
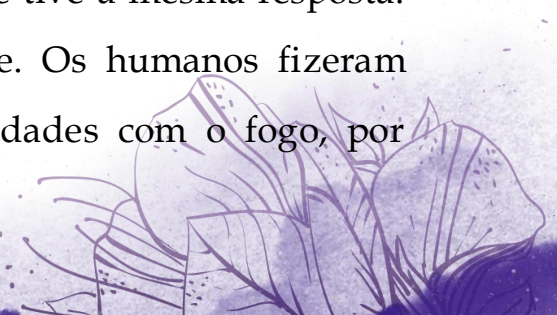
Eu aceno enquanto ela fala. Parece familiar.

— Elas pensaram que poderiam acessar a imortalidade dos Celestiais se os sacrificassem. Então eles atraíram um Celestial para um círculo e o sacrificaram. Pelo menos — Laney faz uma pausa, seus olhos passando rapidamente para Luna. — Foi isso que aprendemos na escola.

Sentando-me em um assento, encosto-me no encosto da cadeira e balanço a cabeça. Lembro-me da história, agora que Laney a mencionou. Eu nunca acreditei muito nos contos de fadas em que crescemos ouvindo. Tudo parecia muito conveniente, mas para ser justa, eu não coloquei muita importância na mitologia ou no conhecimento em geral até que Luna apareceu na minha sala de estar.

Sou uma pessoa muito tolerante e acho que as pessoas podem acreditar no que quiserem. Se você acha que um cara está sentado em uma nuvem, julgando cada escolha que você faz, siga em frente. Se você acha que existem deuses e deusas literais voando ao redor do mundo, intervindo na vida das pessoas, vá em frente. A Igreja do Monstro Espaguete Voador sempre foi minha favorita.

Laney sabe disso; ela me perguntou em mais de uma ocasião como posso acreditar em magia, mas não na divindade, e sempre tive a mesma resposta: magia é algo que pode ser medido cientificamente. Os humanos fizeram estudos sobre isso nos anos 80. Pessoas com afinidades com o fogo, por





exemplo, são capazes de fazer com que os átomos vibrem com maior frequência até criar fogo. É mágico, mas também é ciência. Quero dizer, acredito em um poder superior, vagamente. Mas não estou nem de longe tão dedicada a essa crença quanto a maioria do meu povo.

Agora? Tudo parece ser um jogo justo. Quero dizer, a Lua está sentada à minha mesa de jantar.

— Eles sacrificaram Orion por seu poder. — Luna finalmente sussurra. O rosto dela está dolorido. Gostaria de saber se ela era próxima deste Orion. — Eu senti isso, como todo Celestial. As coisas que eles fizeram a ele foram uma perversão da magia e da natureza. E sim, é por isso que os Celestiais se afastaram deste reino. — Luna limpa a garganta, empurrando a tigela de salada para longe dela. Aparentemente, a memória arruinou seu apetite.

— Nós nunca abandonamos completamente. Cada um de nós ainda recebe suas orações e empresta nossa magia a seus feitiços. Sempre que vocês usam um corpo celeste para o seu feitiço, um celeste o permite. Mas tivemos que nos manter seguros. — Os olhos de Luna se fecham, um sorriso triste tocando em seus lábios. — A morte não é natural para nossa espécie. Foi uma perda severa.

Meu coração se parte por ela. Não consigo imaginar como a perda deve afetar um ser imortal. Deusa, isso é cruel.

— Sinto muito. — Finalmente murmuro.

Laney assente enquanto deslizo minha mão pelo curto espaço de mesa suave para a mão de Luna. Colocando a palma da mão sobre seus dedos, eu os aperto. — Vamos levá-la para casa com segurança, eu juro.

— Eu juro também. — Laney acrescenta em um sussurro.

— Obrigada, meninas. — Luna responde com um sorriso triste.





— Eu posso tentar fazer isso agora, se você quiser? — Laney se afasta da mesa e corre rapidamente pela sala para o altar. Curvando-se para pegar o pedaço de papel com o feitiço anexado, ela começa a caminhar em nossa direção novamente. — Você sabe o que deu errado com o feitiço, Inseto?

Com uma careta, afasto minha mão da de Luna e escondo meu rosto em minhas mãos. — Eu usei as ervas erradas.

Um som estrangulado vem de Laney e eu jogo minhas mãos em sinal de rendição. Luna balança a cabeça, suas ondas caindo ao redor do rosto enquanto ela tenta esconder o sorriso. Felizmente, eu vi antes que ela pudesse afundar o queixo. Ela acha isso engraçado...

— Faça um café, acho que isso pode demorar um pouco. — Laney geme, balançando a cabeça.

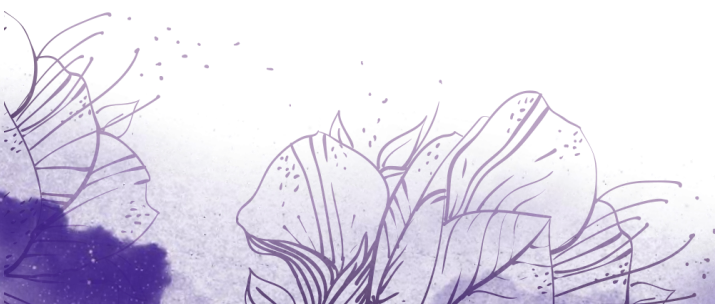
Dou de ombros, afastando-me da mesa e vou em direção à cafeteira. O fato de Laney estar pedindo café em vez de chá é revelador; vai ser difícil pra caralho consertar.

Mas as boas notícias, lembro-me quando abaixei a sacola de café, é que a Lua não me odeia e não amaldiçoará minha família no esquecimento. Isso é sempre uma vantagem.

— Luna, você bebe café? — Eu pergunto por cima do ombro.

— Eu nunca tive nada com esse nome. Tomei chá.

— Experimente um café. — Laney insiste. — É uma das melhores coisas para sair deste mundo, prometo. — Na verdade, não podia concordar mais. Laney não bebe mais de uma xícara por dia, porque, se ficar nervosa, sua magia de fogo pode ser perigosa. Ela perdeu o controle algumas vezes quando criança. O resto das vezes, ela estava apenas sendo uma idiota.





Atrás de mim, Laney e Luna discutem os meandros do feitiço que estão criando. Laney parece pensar que pode contornar o primeiro feitiço sem cortar nossos laços com a magia da lua.

— Eu nunca isolaria uma bruxa da Lua. — Luna sussurra com reverência.
— Sempre me senti honrada com a conexão que seu pessoal sente comigo. Não quero que você faça algo que comprometa a capacidade de sua família se conectar a mim.

Não consigo deixar de pensar em como é doce pra caralho quando movo o primeiro copo e começo a carregar creme e açúcar nele. Laney gosta do café quase branco; é ridículo. Eu gosto do meu, um castanho médio.

Meus dedos pairam perto do segundo copo quando ele começa a encher. Devo fazer Luna como a minha ou a de Laney? Provavelmente minha. Duvido que ela esteja acostumada a açúcar refinado.

Que pensamento esquisito. Ela é uma Celestial, duvido que ela tenha dificuldade em processar açúcar. Balanço a cabeça e decido carregar o café como o de Laney. No mínimo, terá um sabor doce e ela gostará.

Coloco as xícaras das meninas na frente delas. — Obrigada. — Luna murmura, envolvendo as mãos em torno da caneca quente.

— De nada. — Eu sorrio.

Laney me lança um olhar - um olhar acusador - e eu volto para o balcão, pronta para fazer minha própria xícara de café. Não sei ao certo qual é a aparência, mas há algumas opções para escolher. Convocando a lua? Mentindo? Os olhares quentes entre eu e Luna? Atrás de mim, um suspiro feliz cai dos lábios de Luna. Aparentemente, escolhi a proporção certa de creme para café.

Sento-me entre as duas, ao lado da mesa, e ouço o plano.





— Deveríamos ser capazes de usar o feitiço original que já foi preparado e usá-lo para enviar você para casa. — Laney aponta para o pedaço de papel que ela marcou por toda parte. Há palavras riscadas e ingredientes adicionados ao topo. — Talvez funcione, mas será interessante de qualquer maneira.

— Vamos tentar, bruxinha. — Luna ri. — Não pode doer. — Eu me irrita com o uso do apelido de Luna para Laney. Seus ardentes olhos prateados cortavam para os meus, um olhar de pergunta em seu rosto. Eu forço um sorriso e dou de ombros, mas o sorriso travesso no rosto de Luna me faz pensar que ela tem alguma ideia da emoção indisciplinada causando estragos no meu estômago agora.

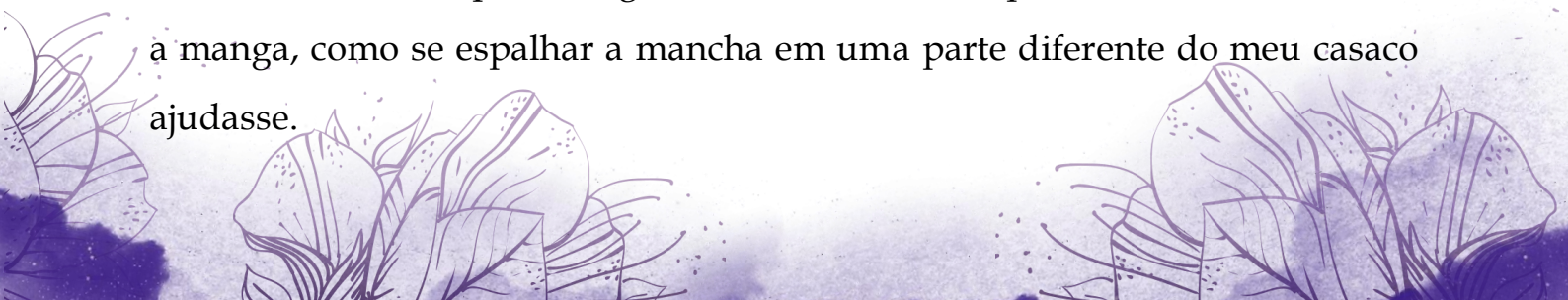
Por que estou com ciúmes? Eu mal conheço a mulher - er, Celestial. Ela pode chamar Laney como quiser. Por acaso odeio um pouco por absolutamente nenhuma boa razão.

Eu discordo que não pode doer, no entanto. A lembrança dela apertando sua mão quando ela tentou abrir uma porta para o reino Celestial no meu quarto surge em minha mente e eu tenho que morder minha língua fisicamente. A dor corre por mim e eu aceno com a cabeça, relutante.

— Ok. — Laney solta um suspiro pesado e reúne os ingredientes e feitiços que ela cuidadosamente desenhou e caminha até o altar na sala de estar. Eu a sigo, com a xícara de café na mão e vejo quando ela começa a limpar a área.

— Isso é delicioso. — Luna sussurra perto do meu ouvido. Eu pulo, derramando um pouco de café no meu casaco e gemo. Por que estou tão nervosa?

— Estou feliz que você goste. — Murmuro, limpando o meu casaco com a manga, como se espalhar a mancha em uma parte diferente do meu casaco ajudasse.





— Mm, eu gostei. — Luna se move mais para o meu lado e eu olho para ela, admirando o modo como suas bochechas parecem ter esquentado desde que ela esteve aqui. De repente, me pergunto se o reino celestial está frio. Não quero bombardeá-la com perguntas, especialmente quando Laney está trabalhando, então guardo para mim.

Seus olhos se levantam para encontrar os meus e outro rubor atravessa minhas bochechas.

— Por que você está envergonhada? — Ela pergunta. Ela ainda não quebrou o contato visual. Eu sei que provavelmente deveria, pois segurar o olhar de alguém por muito tempo pode deixá-lo desconfortável, mas estou tão interessada na cor de seus olhos que não consigo desviar o olhar. Toda vez que acho que o tenho fixado, eles parecem mudar de novo. Prata. Azul prateado. Quase branco. É intrigante.

— Envergonhada? — Eu sussurro. — Eu não estou. — Isso é mentira.

— Hmm. — Luna medita, pressionando a xícara de café nos lábios novamente. — Vou manter isso em mente. Por que ela te chama de inseto?

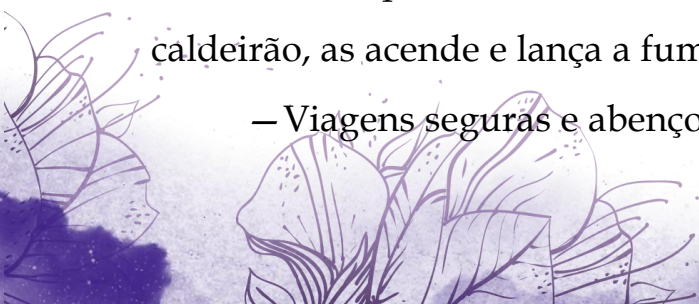
— É o meu apelido. — Reviro os olhos. — Quando Beezelbub apareceu como meu familiar, houve um alvoroço com o apelido.

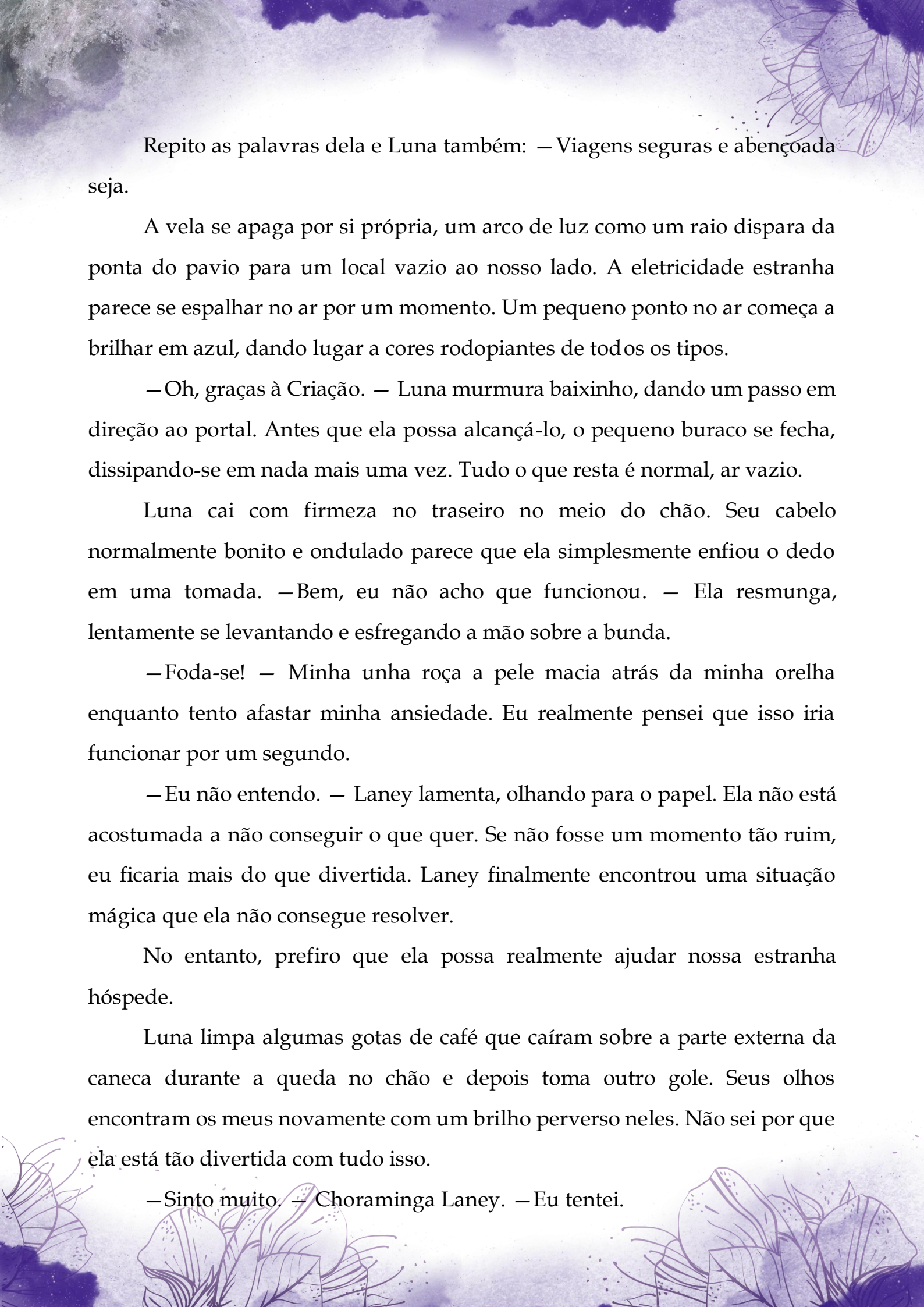
— Ohhh. — Luna ri. — Eu posso imaginar. Eu gosto bastante de mariposas, no entanto. Elas gostam bastante de mim.

— Eu notei. — Mesmo agora, Beezelbub se apegava à parede, quase paralelo a Luna. Ele gosta dela, o que é estranho, porque o Beezelbub não gosta de ninguém. Nunca. Exceto eu.

Laney acende a mesma vela que usei durante a bênção e começa a murmurar as palavras de seu feitiço. Ela derrama algumas ervas no pequeno caldeirão, as acende e lança a fumaça na direção de Luna.

— Viagens seguras e abençoada seja. — Ela sussurra pela última vez.





Repito as palavras dela e Luna também: — Viagens seguras e abençoada seja.

A vela se apaga por si própria, um arco de luz como um raio dispara da ponta do pavio para um local vazio ao nosso lado. A eletricidade estranha parece se espalhar no ar por um momento. Um pequeno ponto no ar começa a brilhar em azul, dando lugar a cores rodopiantes de todos os tipos.

— Oh, graças à Criação. — Luna murmura baixinho, dando um passo em direção ao portal. Antes que ela possa alcançá-lo, o pequeno buraco se fecha, dissipando-se em nada mais uma vez. Tudo o que resta é normal, ar vazio.

Luna cai com firmeza no traseiro no meio do chão. Seu cabelo normalmente bonito e ondulado parece que ela simplesmente enfiou o dedo em uma tomada. — Bem, eu não acho que funcionou. — Ela resmunga, lentamente se levantando e esfregando a mão sobre a bunda.

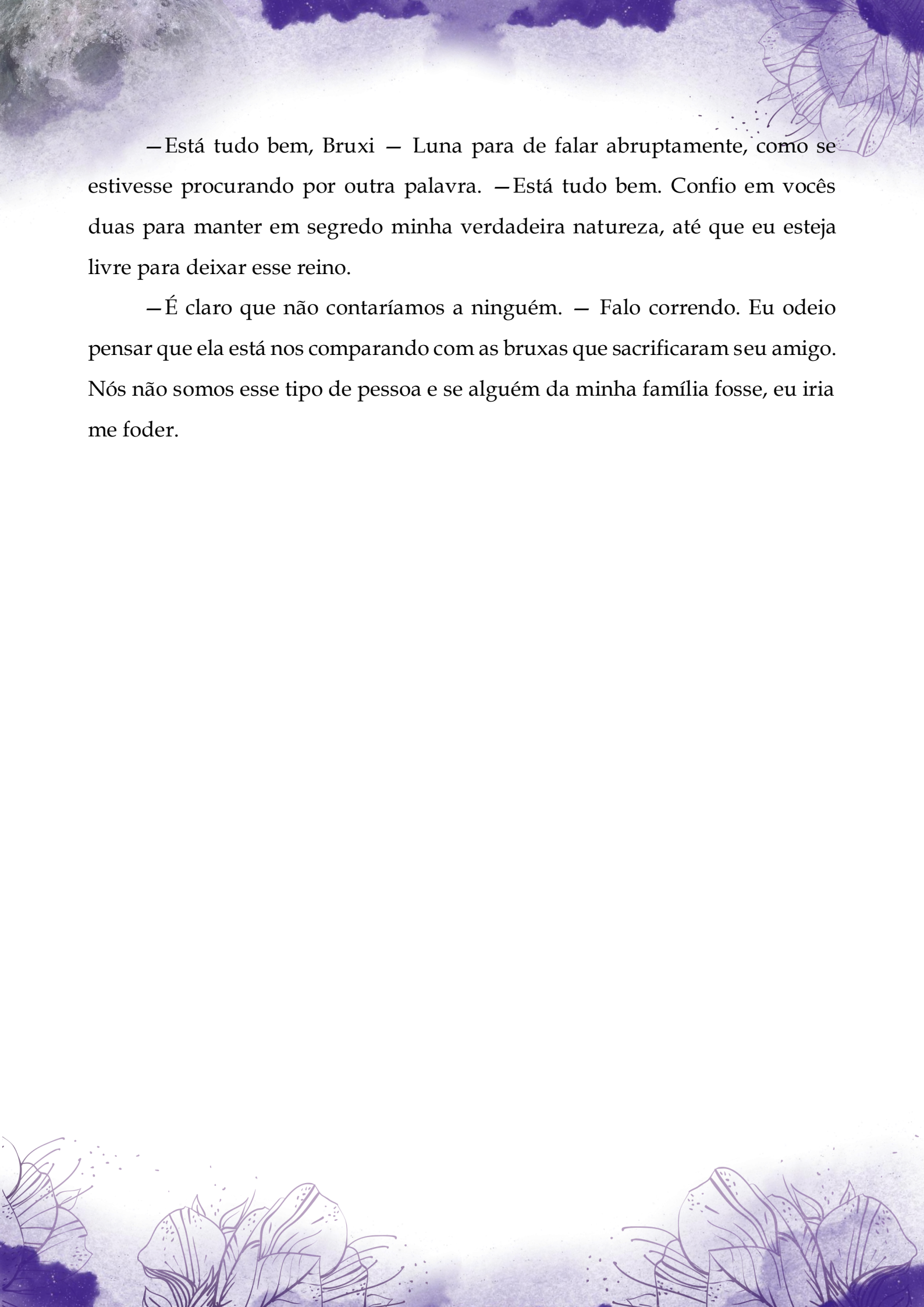
— Foda-se! — Minha unha roça a pele macia atrás da minha orelha enquanto tento afastar minha ansiedade. Eu realmente pensei que isso iria funcionar por um segundo.

— Eu não entendo. — Laney lamenta, olhando para o papel. Ela não está acostumada a não conseguir o que quer. Se não fosse um momento tão ruim, eu ficaria mais do que divertida. Laney finalmente encontrou uma situação mágica que ela não consegue resolver.

No entanto, prefiro que ela possa realmente ajudar nossa estranha hóspede.

Luna limpa algumas gotas de café que caíram sobre a parte externa da caneca durante a queda no chão e depois toma outro gole. Seus olhos encontram os meus novamente com um brilho perverso neles. Não sei por que ela está tão divertida com tudo isso.

— Sinto muito. — Choraminga Laney. — Eu tentei.



— Está tudo bem, Bruxi — Luna para de falar abruptamente, como se estivesse procurando por outra palavra. — Está tudo bem. Confio em vocês duas para manter em segredo minha verdadeira natureza, até que eu esteja livre para deixar esse reino.

— É claro que não contaríamos a ninguém. — Falo correndo. Eu odeio pensar que ela está nos comparando com as bruxas que sacrificaram seu amigo. Nós não somos esse tipo de pessoa e se alguém da minha família fosse, eu iria me foder.

CAPÍTULO SETE

DESCONHECIDO

Eu aceno minha mão sobre a água, observando as ondulações minúsculas subirem e descerem em um padrão indiscernível. A piscina de vigia não está nem perto de me dizer onde o Celestial está escondido, mas se eu disser isso...

— Você achou?

Eu mordo o interior da minha bochecha com o uso da palavra. Eles não são 'seus', são seres extremamente poderosos e, se não tomarmos cuidado, nosso coven poderá ser destruído em nossa busca pela imortalidade.

— Eu não tenho. — Eu admito, deixando cair a mágica que me conecta à água enquanto me afasto da piscina. Ao meu redor, por todos os lados, há um punhado de meus irmãos e irmãs. Túnicas vermelhas e máscaras negras tornam impossível distinguir uma da outra, o que é mais ou menos o ponto.

A Ordem prospera no anonimato.

O caos prospera no anonimato.

— Uma presença celestial entrou em nosso reino. — Uma voz alta e crescente ecoa em torno de nós. Eu sei de qual capuz a voz vem, mas tenho certeza de que sou uma das poucas que sabe. É um feitiço de projeção simples.

— Por que agora? — Uma voz feminina fala.

— Sabemos qual é?



Viro primeiro na direção geral da mulher, depois volto para o homem que falou em seguida. Não devemos saber ou dizer o nome um do outro durante as reuniões, mas também sei quem é esse idiota. Desde que me mudei para cá, esse coven em particular da Ordem me deixou maluca.

Um grunhido ecoa em algum lugar da sala, seguido pelo assobio de um gato bravo. Balanço a cabeça. — Não sei por que, mas devemos estar vigilantes. Não podemos permitir que essa oportunidade nos passe, não há três mil anos desde que o último Celestial pisou no nosso mundo.

— O que podemos fazer?

— Precisamos descobrir onde está o Celestial e qual está aqui, antes de fazer qualquer movimento. — Ofereço. Eu meio que espero que a voz alta e forte do nosso verdadeiro líder do coven me interrompa, mas ele não faz.

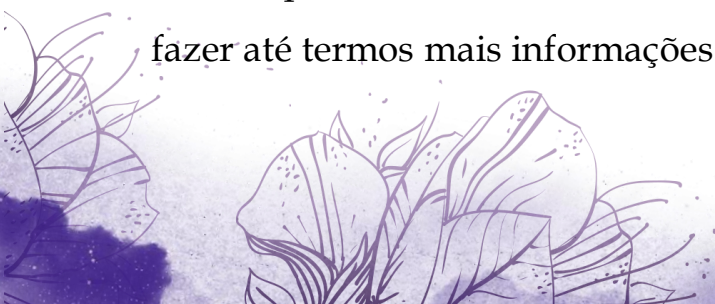
— O processo de eliminação é tudo em que podemos confiar por enquanto, até que o Celestial esteja localizado. — Nosso líder finalmente responde. — Seja abençoado.

— Bendito seja. — Falam algumas dúzias de vozes. Observo corpo após corpo se afastar da sala, seus capuzes vermelhos puxados para baixo sobre o rosto, mesmo estando escondidos por uma máscara.

Vários familiares rondam a beira da sala. Um leão grande, um lobo e uma píton evitam-se por pouco enquanto abraçam a parede, rastreando suas bruxas pela sala.

— Não podemos permitir que essa oportunidade passe despercebida. — Ele diz diretamente para mim.

— Eu sei disso. — Eu zombo. — Não é uma oportunidade única na vida, é uma oportunidade em trinta vidas. Entendi, não há mais nada que eu possa fazer até termos mais informações.





—Quando você se juntou ao nosso convênio, o antigo líder do convênio me prometera que você poderia agregar grande valor à minha equipe existente.

—E eu tenho, há anos. — Eu estalo, meus lábios apertados enquanto tento parar de falar. Irritar o líder do clã não me fará nenhum favor, mesmo que eu esteja certo.

—Não me falhe nisso. Encontre o Celestial. — Com isso, o homem encapuzado sai cautelosamente da sala, uma píton gigante deslizando ao seu redor.

—Maldito idiota. — Eu rosno por baixo da respiração antes de voltar para a piscina. Parece que vou me atrasar para buscá-la novamente. Ela vai ficar chateada, mas honestamente, não há nada que eu possa fazer.

—Locus. — Murmuro enquanto aceno minha mão sobre a piscina calma de água mais uma vez. As ondulações sobem e descem e caem em direção à borda metálica.

Quando encontrar o Celestial, não preciso mais lidar com nada disso.



CAPÍTULO OITO

ALANDRA



Eu pisco para Luna pela centésima vez desde que ela começou a falar esta manhã. — Você quer fazer o que? — Eu pergunto novamente. A mulher perdeu a cabeça e não há café suficiente no mundo para consertar o que há de errado com ela.

— Eu quero ver este campo de espera em que você diz que estamos.

— É uma cidade, não um campo real, e é Waitsfield, não Waiting Field².

— Belisco a ponta do nariz e cruzo as pernas sob a mesa. É muito cedo para discutir com outra adulta, especialmente uma que deveria ser tão velha quanto a própria Terra.

Esse pensamento me dá uma pausa enquanto olho através da minha caneca de café para Luna com olhos frescos. Essa mulher é tão velha quanto a Terra e olho para ela. Deusa, espero envelhecer tão bem. — Não.

— Eu não recebo ordens dos mortais. — Luna funga antes de dar uma mordida no pão. — Eu vou com ou sem você, mas pareceu educado convidá-la como minha anfitriã. — Ela joga o cabelo por cima do ombro com a mão livre e não posso deixar de pensar que ela é muito atrevida para uma velhinha.

² Tradução – Campo de Espera, por isso o modo como ela fala.



— Eu não estou te ordenando, pelo amor da Deusa. — eu gemo. — Você disse que literalmente sentiu seu amigo morrer por causa do que ele era. E você quer correr por uma cidade clandestina porque está curiosa.

— Você me trouxe aqui.

— Por acidente!

— Ainda estou aqui. Eu não estive neste reino há anos, Alandra. Vou sair depois do café da manhã.

Meus olhos se estreitam enquanto saboreio meu café. Eu não tive cafeína suficiente para lidar com esse nível de atitude de alguém que não seja Beezelbub. Olho ao redor da sala, uma momentânea sensação de pânico varrendo através de mim enquanto procuro minha amada mariposa monstro. Ele está sentado na beira do parapeito da janela, empoleirado sobre uma lata de água e fatias de frutas, aparentemente ignorando nossa discussão.

— Tanto faz.

— O que isso significa? — Ela pergunta com um sorriso.

— Isso significa que eu não posso impedi-la de fazer o que você quer fazer, mas isso é uma dor na minha bunda e eu me sinto responsável por você. Então tanto faz.

Luna joga os braços no ar de uma maneira vitoriosa que me irrita a minha alma real. Pego o que resta do meu pão e dou uma mordida, tentando me preparar mentalmente para o dia seguinte.

— O que acontece com a lua real enquanto você está presa aqui?

— Nada. O que você vê no céu é apenas uma representação física do corpo celeste real. — Luna acena a mão em seu próprio corpo real e levanta as sobrancelhas. — Enquanto eu estiver em partes, o ciclo lunar permanecerá inalterado.





— Você não quer dizer que ele permanecerá em fases? — Eu ri da minha própria piada, brincando quando as sobrancelhas de Luna se enrugam.

— O que?

— Oh, minhas estrelas! — Eu rio. — As fases da lua? Você sabe o que, não é importante. Esqueça. — Aparentemente, o humor da Terra não se traduz bem nos Celestiais.

Luna me olha desconfiada e volta a comer seu pãozinho. — Este creme de queijo é delicioso. — Ela observa.

— Espere até você experimentar o tipo com sabor.

— Tem uma com mais sabor? — A expressão de puro choque em seu rosto é tão saudável que não posso evitar o sorriso puxando meus lábios.

— Sim, coisas quentes, existem com mais sabor. Quando sairmos mais tarde, garantiremos que pegue alguns. Você vai amar.

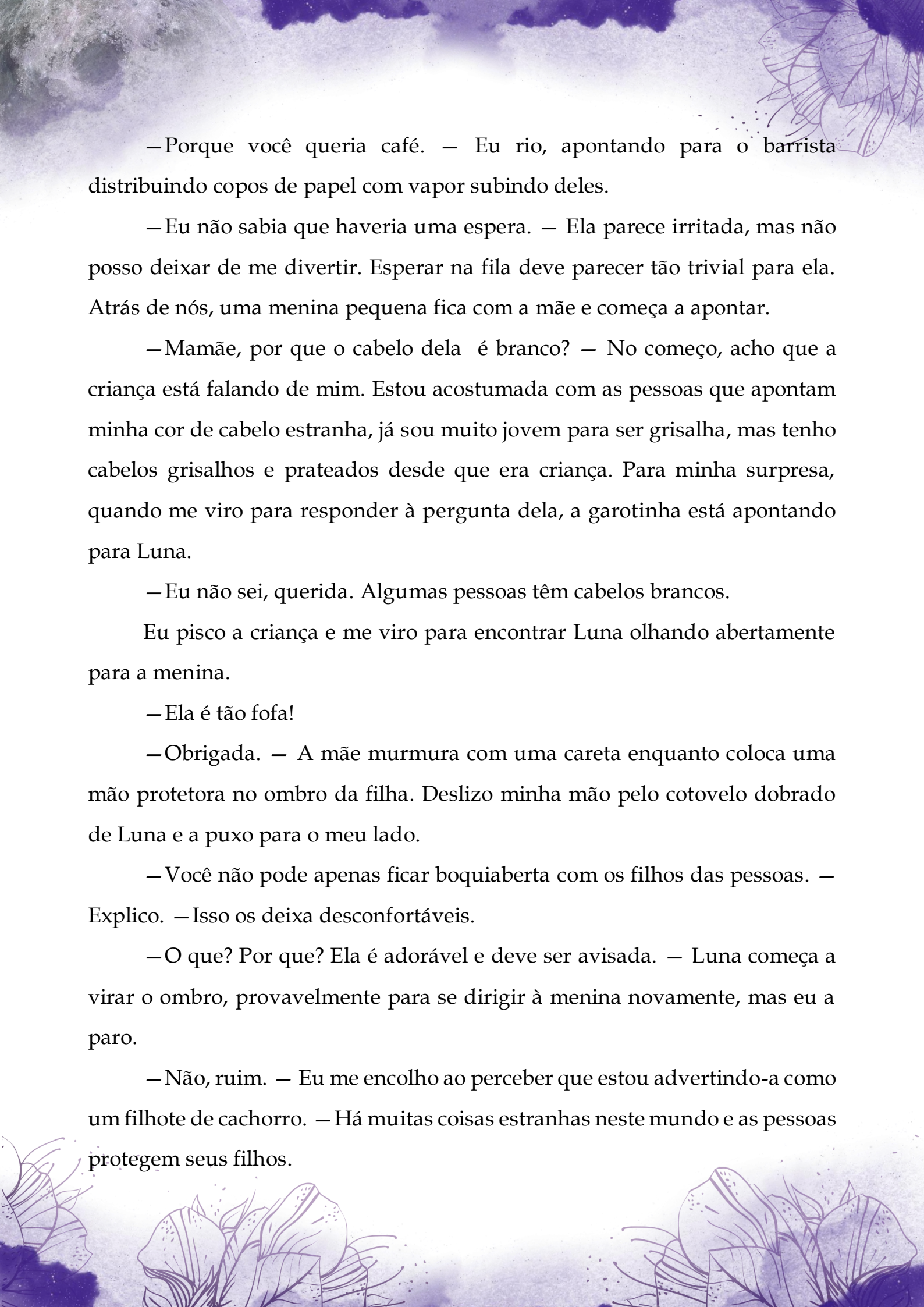
Luna olha para longe de mim, mas ainda posso ver o rosa em sua bochecha. Ela está corando?



Eu bocejo contra a palma da minha mão enquanto estamos na fila. Luna mexe-se inquieta ao meu lado, desenhando meu olhar. Ela recusou-se a usar calças quando oferecida, então, está usando um dos muitos vestidos de algodão que minha mãe comprou para mim que eu nunca usarei e um casaco que furtivamente pegamos emprestado do armário de Laney.

— Por que na criação estamos nessa fila incessante? — Luna murmura, esbarrando no meu lado.





—Porque você queria café. — Eu rio, apontando para o barista distribuindo copos de papel com vapor subindo deles.

—Eu não sabia que haveria uma espera. — Ela parece irritada, mas não posso deixar de me divertir. Esperar na fila deve parecer tão trivial para ela. Atrás de nós, uma menina pequena fica com a mãe e começa a apontar.

—Mamãe, por que o cabelo dela é branco? — No começo, acho que a criança está falando de mim. Estou acostumada com as pessoas que apontam minha cor de cabelo estranha, já sou muito jovem para ser grisalha, mas tenho cabelos grisalhos e prateados desde que era criança. Para minha surpresa, quando me viro para responder à pergunta dela, a garotinha está apontando para Luna.

—Eu não sei, querida. Algumas pessoas têm cabelos brancos.

Eu pisco a criança e me viro para encontrar Luna olhando abertamente para a menina.

—Ela é tão fofa!

—Obrigada. — A mãe murmura com uma careta enquanto coloca uma mão protetora no ombro da filha. Deslizo minha mão pelo cotovelo dobrado de Luna e a puxo para o meu lado.

—Você não pode apenas ficar boquiaberta com os filhos das pessoas. — Explico. — Isso os deixa desconfortáveis.

—O que? Por que? Ela é adorável e deve ser avisada. — Luna começa a virar o ombro, provavelmente para se dirigir à menina novamente, mas eu a paro.

—Não, ruim. — Eu me encolho ao perceber que estou advertindo-a como um filhote de cachorro. — Há muitas coisas estranhas neste mundo e as pessoas protegem seus filhos.



Luna fica quieta por um momento antes de deslizar a mão na minha. Aperto-a, reconhecendo a maneira como sua boca afunda nos cantos agora. Não posso deixar de sentir que acabei de roubar um pedacinho da alegria dela. Obviamente, há coisas neste mundo que ela perdeu enquanto estava no reino celestial. A fila avança e chegamos um passo mais perto do nosso objetivo de café gourmet delicioso.

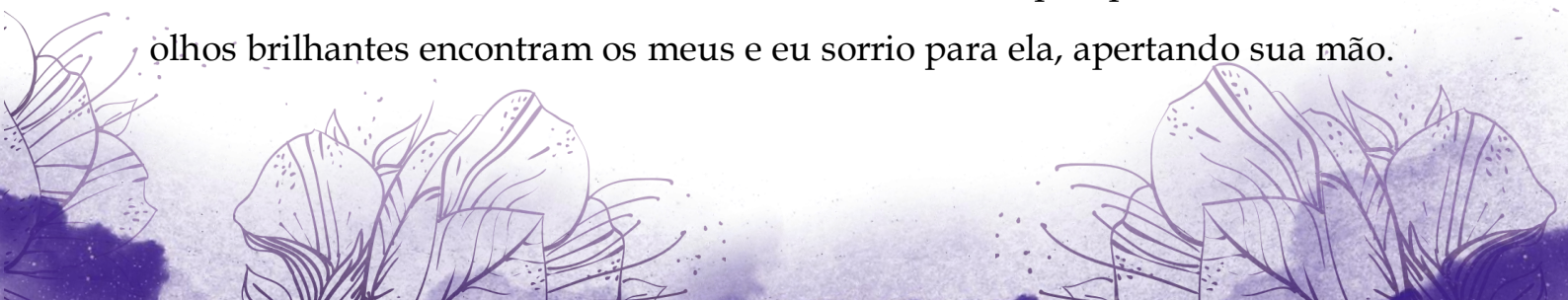
—Que tipo você vai querer? — Pergunto, apontando para os grandes menus acima da cabeça da caixa para distraí-la.

—Hmm. — Ela pondera, colocando a mão livre no buraco da garganta. Sua posição ainda repousa cautelosamente na minha, eu percebo, enquanto sinto um leve puxão no meu pulso.

Olhando para a minha mão, um calor se espalha no meu peito. Provavelmente é o jeito dela, ela está completamente fora do meu alcance. Inferno, nem sequer vivemos no mesmo plano de existência. Mas é a primeira vez que passo um dia inteiro sem pensar em Jess. Bem, até agora. Minha cabeça balança para frente e para trás quando deixei esse pensamento passar pelo meu cérebro como uma roda de carroça. Na verdade, não pensei em Jess desde que Luna apareceu.

Colocar acidentalmente em perigo os mais comuns chamados Celestiais na comunidade bruxa poderia distrair alguém. *Você provavelmente ainda não terminou, então pare de ficar obcecada.* Reviro os olhos para a voz na parte de trás da minha cabeça. Por mais críticos que meus pais sejam, ninguém é tão crítico comigo quanto eu. Eu posso ser uma verdadeira puta, às vezes.

—O mocaccino parece bom. — Luna finalmente responde. — Chocolate branco e chocolate ao leite e café misturados. Acho que quero isso. — Seus olhos brilhantes encontram os meus e eu sorrio para ela, apertando sua mão.





Seu olhar cai para os dedos unidos e ela rapidamente se afasta do meu abraço, um rubor rastejando em suas bochechas. — Desculpa. — Ela murmura.

Dou de ombros, soltando um suspiro pesado quando me viro para a fila que avança à nossa frente. Meu telefone vibra no meu bolso e eu o puxo, estremecendo com a sequência de emojis de Laney.

“Cara louca, cara louca, emoji de faca, ponto de interrogação, ponto de interrogação, ponto de exclamação.” Olho meu telefone, observando os três pontinhos dançarem em linha enquanto Laney digita sua próxima mensagem.

Laney: Onde diabos vocês estão?

— Ohhh, ela não está feliz por termos saído. — Deslizo o telefone de volta no bolso, decidindo ignorar as próximas vibrações. Eu não sinto vontade de receber uma palestra e Luna nem sequer conseguiu seu café com leite de pinguim ou o que quer que ela fosse receber.

— Ela sempre se insere nos seus assuntos particulares?

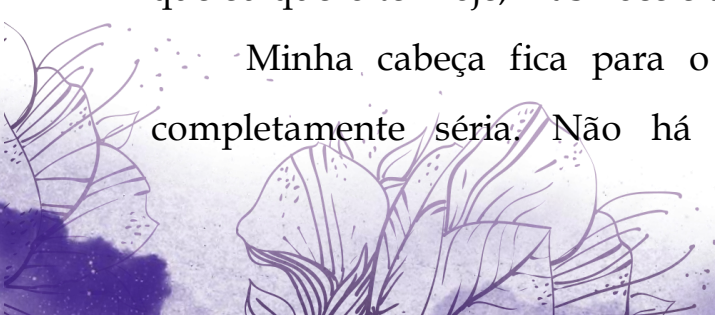
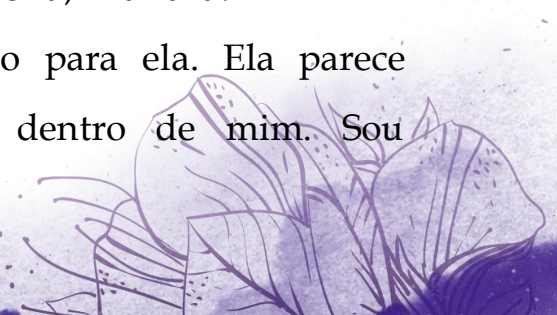
— Sim. — Eu respondo, sem hesitar. — Sempre. Laney é o que chamamos de prodígio, não tenho certeza se havia uma palavra diferente para ela na última vez em que você esteve perto de bruxas-

— Estou familiarizada com o conceito.

— Eu não sou.

— Não, você não é. — Luna concorda, sorrindo para mim com olhos gentis. — Mas há algo dentro de você que não está dentro de Laney. Ela tem muita magia à sua disposição, logo abaixo da pele, onde pode acessá-la sem tentar. Você tem um potencial de um tipo diferente. A capacidade de aprimorar sua habilidade é uma conversa completamente diferente, e não uma que eu quero ter hoje, mas você é talentosa à sua maneira, Alandra.

Minha cabeça fica para o lado quando olho para ela. Ela parece completamente séria. Não há poder escondido dentro de mim. Sou





completamente e totalmente comum, como todo mundo na minha vida vinha apontando nos últimos vinte e nove anos. Não há nada de especial em mim, exceto pelo fato de que eu não tenho absolutamente nenhum talento em uma família cheia de prodígios. Ainda assim, suas palavras soam tão próximas das que minha avó costumava me dizer que meu coração dói.

— Pare de duvidar das minhas palavras, Bruxinha. — Luna assobia enquanto dá um passo até o balcão. — Vou tomar um mocaccino, por favor. — Ela diz ao caixa com uma voz gentil.

Atrás de nós, uma risadinha minúscula soa seguida por um silencioso *Shhh*.

Olho por cima do ombro a tempo de pegar a garotinha que Luna estava tão apaixonada apontar para seus longos cabelos brancos.

— Mamãe, ela é tão bonita. — Ela murmura com reverência.

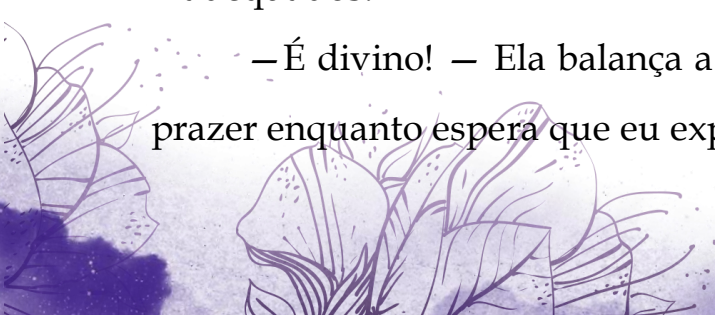
— Shh, querida. Não conversamos com estranhos. — Concordo com a cabeça educadamente e me viro para dizer ao caixa meu pedido, mas Luna está esperando com dois copos na mão. Minhas sobrancelhas atiram na minha testa enquanto eu pego um dos copos dela.

— Vamos ver o quão bom esse mocaccino é juntas. — Ela pressiona o copo nos lábios e toma um pequeno gole, seus olhos se fechando quando saímos do balcão. — Oh minha Deusa. — Ela geme.

Minha garganta aperta quando o som flutua entre nós como uma melodia suave tocada à noite quando ninguém está por perto. A voz dela me lembra o tipo de música que você faz amor. Sua voz me lembra de fazer amor.

— Que bom, hein? — Eu rio, tentando cobrir meus pensamentos inadequados.

— É divino! — Ela balança a cabeça rapidamente, os olhos brilhando de prazer enquanto espera que eu experimente o meu.





Faço uma careta para a xícara e tomo um gole lento, tomando cuidado para não queimar minha língua. — Oh minha deusa, você está certa. — Eu engasgo. Eu nunca provei nada parecido antes. Ela fez mágica no maldito café? — Esta é a coisa que você pediu?

— Mocaccino. — Ela me corrige. — É a melhor bebida absoluta que já tomei em qualquer reino.

— Eu tenho que lembrar o nome dele. — Eu concordo enquanto caminhamos em direção ao estacionamento. — Espera. Como você pagou por isso?

— Pagar? — Luna pergunta com uma careta.

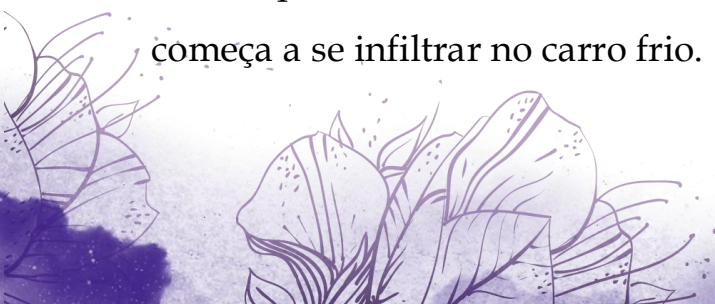
— Oh Deusa. — Murmuro, olhando de volta para a longa fila de clientes esperando por seus doces. Estou tentada a voltar e pagar por isso, mas faço negócios suficientes na loja e pagarei na próxima vez que aparecer.

O chão está escorregadio com gelo e pequenas montanhas de neve arada decoram o terreno de cada lado e canto. Caímos em um silêncio confortável enquanto caminhamos para o meu carro. Não é estranho, mas definitivamente cheio de coisas que eu quero dizer.

— O que fez você dizer tudo isso lá atrás? — Eu pergunto enquanto abro a porta do motorista, olhando para Luna por cima do carro.

— Porque é verdade, bruxinha. Você duvida de mim?

— Sim. — Eu admito com cuidado. — Mas apenas porque sei que não tenho uma afinidade secreta escondida em nenhum lugar dentro de mim. Confie em mim, minha família já teria arrancado isso de mim agora. — Eu entro no carro e rapidamente coloco em marcha quando Luna se acomoda. O calor sopra das aberturas de ventilação e meus olhos se fecham quando o calor começa a se infiltrar no carro frio.





— Você não deveria, e como eu disse, não é uma afinidade. — Luna enrola os pés debaixo de si mesma, ignorando completamente o cinto de segurança que deve ser afivelado. Eu mordo minha língua, longe de mim ser mãe de um imortal. Ela pode mesmo morrer de algo físico assim?

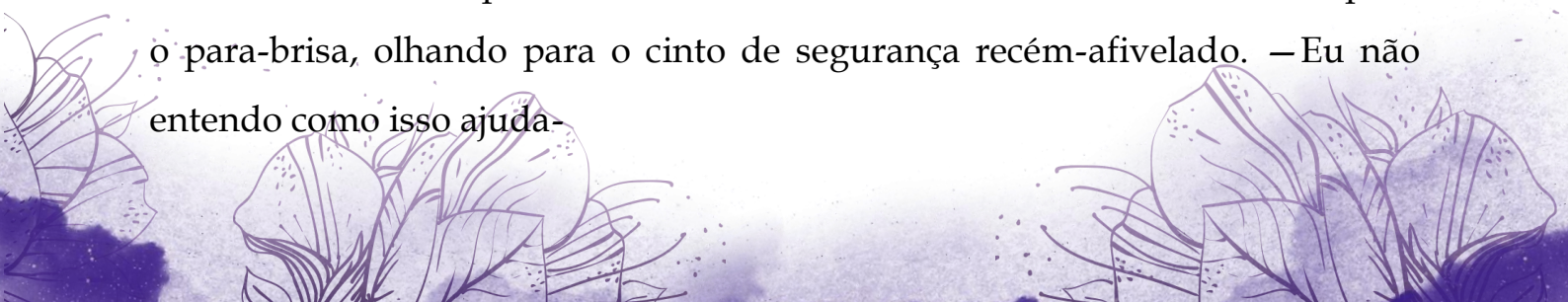
— Eu me sentiria mais segura se você estivesse com o cinto de segurança.
— Eu finalmente admito enquanto estaciono o carro. A pequena cidade de Waitsfield sempre foi um pouco mais movimentada do que o normal nesta época do ano. Durante Yule, até os humanos viajam para cidades como a nossa, para ter velas abençoadas e pequenas quantidades de feitiços para as férias.

Alguns deles realmente não acreditam na magia que recebem e, reconhecidamente, alguns acabam sendo enganados. Havia uma notícia feita há alguns anos atrás, que detalhava como era ilegal vender algo sob o pretexto de ser mágico / encantado, se não fosse. Mas nunca aconteceu nada disso. Quero dizer, como exatamente as agências de aplicação da lei humana devem aplicar leis sobre produtos mágicos? Como eles poderiam provar alguma coisa em seus tribunais?

— Essa coisa? — Ela puxa o cinto sobre o peito com um puxão forte, rosnando quando o mecanismo pega e ela não pode mais puxá-lo.

— Uh, sim, é esse. — Estendo a mão, puxando lentamente o cinto até que ele se estenda para um comprimento aceitável. — Mova-o mais devagar para não prender. Coloque na pequena fivela à sua esquerda. — Com os olhos voltados para a estrada, tento não rir de toda a contorção acontecendo pelo canto do olho. — Você entendeu?

— Eu acho que sim. — Um clique suave me diz que a fivela está segura e olho à minha direita para encontrar Luna virada em seu assento, de costas para o para-brisa, olhando para o cinto de segurança recém-afivelado. — Eu não entendo como isso ajuda-





— Oh minha Deusa. — Eu rio. — Volte para o seu lugar antes de me conseguir uma multa.

— O que na criação é uma multa? Para quê?

Mordo o lábio, tentando não rir. Ela é muito fofa. Como alguém poderia ser tão malditamente poderosa, mas tão sem noção ao mesmo tempo?

— Basta encostar as costas no assento e ficar quieta, por favor.

— Tudo bem. — Ela se vira e cruza os braços sobre o peito, olhando pela janela. Rindo baixinho para mim mesma, ligo o rádio.

— *E hoje no WTCHXM temos Madison em Connecticut.*

— *Olá River, obrigada. Eu só queria dizer que é loucura quantas cidades do coven ainda permitem o sacrifício de animais sob o pacto. É uma vergonha. Esta não é a idade das trevas! Existem outras maneiras de as bruxas abastecerem sua mágica*

— *Bem, o sacrifício existe há algum tempo, Madison.*

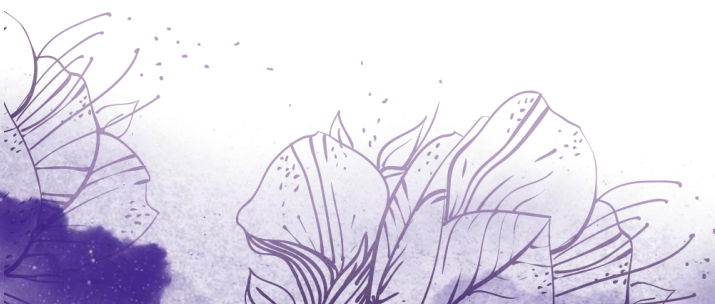
— *Assim como assassinato.*

— *Tudo bem então, por que não-*

Uma mão pálida se atrapalha no painel. Quando a estação muda e os alto-falantes tocam uma música com baixo rítmico, Luna volta a tocar a tela novamente, sua mão finalmente pousando no botão direito. Ela consegue abaixar o volume quase todo o caminho e eu olho para o rosto dela pelo canto do meu olho.

— O que há de errado?

— Eu não quero ouvi-los argumentar a necessidade de sacrifício. Não é necessário, se você está se perguntando. Normalmente não.





Quero perguntar o que ela quer dizer ou quando é necessário, mas é dolorosamente óbvio que ela não quer falar sobre isso, então mudo de assunto.

— Laney vai tentar mandá-la para casa novamente, aposto.

— É uma perda de tempo. — Luna suspira. — Estou aqui por enquanto. Eu decidi olhar para isso como uma... pausa. Posso também aproveitar o tempo que tenho neste reino. Quando chegar em casa, terei que fortalecer minhas proteções. O fato de uma bruxa ter sido capaz de me chamar aqui contra a minha vontade significa que elas devem estar ficando fracas.

— Hum. — Eu murmuro baixinho, tamborilando com os dedos no volante enquanto viramos para a minha rua. — Você já ficou sozinha?

— Bem... — Luna limpa a garganta, e o farfalhar de tecido ao meu lado me diz que ela está mexendo no vestido novamente. — Sim, suponho que sim.

Enquanto o carro avança pela entrada da garagem, eu me viro e olho para Luna completamente. Minha pergunta é além de inadequada, mas quando mais eu teria a chance de perguntar?

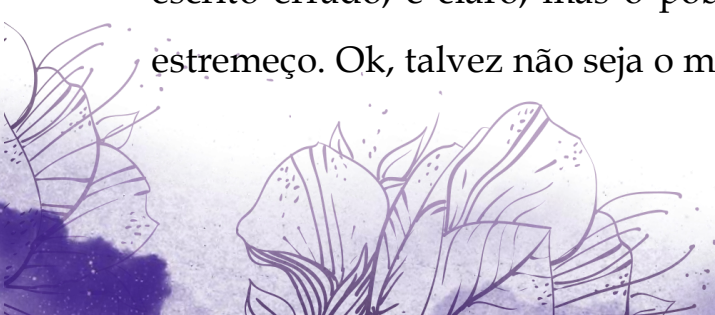
— Celestiais, você sabe- — Eu aceno minha mão vagamente antes de estacionar o carro. — Se unem?

— Como?

— Você sabe. Você, humm, faz bebês? — Minhas bochechas ficam quentes quando Luna me olha inexpressivamente do banco do passageiro. Ela pisca, então uma risada barulhenta enche o carro.

— Céus não. Eu não conseguiria imaginar!

— Bem, e daí? — Dou de ombros com indiferença e puxo as chaves da ignição, depois pego a xícara de café com meu nome espalhado por ela. Está escrito errado, é claro, mas o pobre barrista fez o seu melhor. Elandrea. Eu estremeço. Ok, talvez não seja o melhor.





— Você quer saber se temos amantes? — Luna alisa os cabelos contra a lateral do rosto e assente lentamente. — Sim. Às vezes, outros Celestiais, às vezes humanos ou bruxas, historicamente. Mas desde que fechamos nossos reinos. — Ela suspira. — Somos realmente nós e todos ficamos tão separados.

— Isso parece solitário. — Balanço a cabeça enquanto empurro a porta do carro e contemplo a corrida fria para a porta da frente. Sem dúvida, Laney está lá, esperando para emboscar a pobre Luna com algum plano meio cozido para levá-la de volta ao seu reino. Ela não está acostumada a sua mágica ser ineficaz. Inferno, ela não está acostumada a não conseguir o que quer.

— É um tipo de existência diferente. — Ela admite, acariciando uma mecha de cabelo repetidamente.

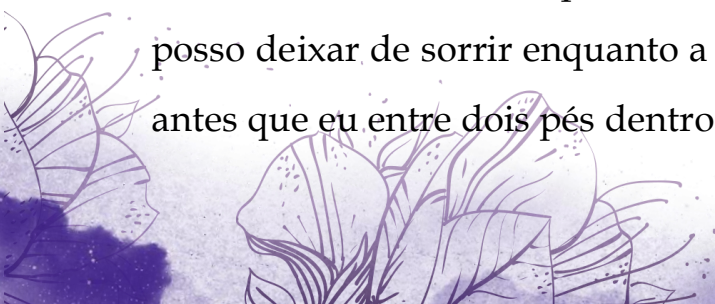
— É estranho imaginar os Celestiais esbarrando em feios. — Eu rio. — Então você está namorando o sol, certo? — Seus olhos se arregalam, como se eles pudessem sair da sua cabeça enquanto ela balançava a cabeça.

— Absolutamente não! Ele é incorrigível. Pessoalmente, vejo os outros Celestiais como uma espécie de família. Romantizá-los seria difícil para mim.

— Ah. — Eu murmuro, balançando a cabeça. — Isso faz sentido. — Meus lábios se abrem com outra pergunta, mas a porta da frente da casa se abre, interrompendo minha linha de pensamento.

Laney está parada na porta, acenando com a mão como se estivesse nos chamando para dentro. Eu gemo. Luna ri. Minha cabeça balança de um lado para o outro quando eu pego a xícara de café de Luna do porta-copos e fecho a porta. Um floco de neve desonesto pousa na ponta do meu nariz e eu o esfrego, tentando tirá-lo.

Luna me alcança rapidamente, sacudindo a coisinha antes de entrar. Não posso deixar de sorrir enquanto a sigo pela porta. Laney agarra meu cotovelo antes que eu entre dois pés dentro e paro, olhando para ela.





— E aí?

— Não se apegue a ela, Inseto. — Ela sussurra. Seus olhos parecem mais suaves que o normal, como se ela fosse emocional. Minhas sobrancelhas se abaixam e balanço a cabeça.

— Eu não sei o que você está—

— Isso é legal. — Ela interrompe, ficando na ponta dos pés para olhar em volta do meu ombro atrás de Luna. — Apenas não faça isso. Ela desaparecerá em breve e não quero te ver quebrada novamente como foi com Jess.

Eu engulo e aceno com a cabeça, depois me viro e vou para a sala onde Luna está sentada, pendurada no sofá como se ela pertencesse lá.

Talvez ela esteja certa. Talvez eu precise ter mais cuidado.

Luna pega a xícara de café da minha mão e sorri para mim, seus lábios se curvando em uma deliciosa exibição.

Sim. Cuidado, começando agora.



— Você já ouviu falar da mamãe? — Laney pergunta entre goles de chá. Seu cabelo curto está uma bagunça, deslocado dos dedos correndo por ele em frustração. Acontece que ela trouxe para casa vários livros antigos sobre Celestiais e magia celestial para tentar enviar Luna para casa. Nós lemos capítulo após capítulo, procuramos feitiço após feitiço e ainda não achamos nada que pudesse nos ajudar.

— Não tenho, por quê? — Fecho o livro mais próximo de mim e bocejo. Está ficando tarde, Luna já se desculpou para tomar um banho. Fico dizendo a





Laney que não há nada aqui que possa nos ajudar, mas ela parece determinada a 'vencer' esse feitiço.

— Ela me mandou uma mensagem. Algo sobre papai trabalhando horas extras e ela está preocupada com ele.

— Oh. — Eu murmuro. Isso não é bom. — Você não acha que ele está tendo outro caso-

— Nem diga. — Laney geme. — Eu realmente espero que não. Eu verifiquei a mídia social dele e tudo parece bom. — Beezelbub cai em seu ombro, provavelmente porque ela está ficando ansiosa - ele sempre foi sensível às emoções das pessoas - e Laney o afasta. — Eca, B, não! — Ela assobia, visivelmente estremeando.

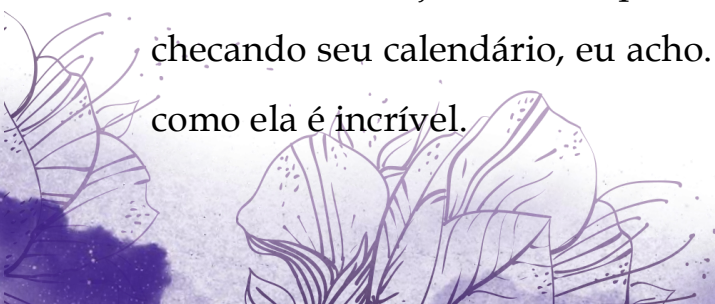
Beezelbub chia quando ele caminha preguiçosamente em minha direção. Ele pousa no meu ombro e eu corro um dedo pelo seu torso peludo. Pobre B, ele estava apenas tentando ajudar.

Papai ama mamãe, isso eu sei, mas ele é conhecido por ter um olhar errante. E esse seu olhar errante é conhecido por causar problemas em algumas ocasiões. A última vez, ainda estávamos no ensino médio. Laney e eu chegamos em casa da escola e encontramos mamãe chorando com uma xícara de chá, balançando a cabeça como se estivesse discordando de alguém falando com ela.

O fato de viver com uma médium é mentir para eles é quase impossível. Se eles são bons no que fazem, os espíritos vão te criticar antes que alguém possa. É cansativo. Papai deveria saber melhor agora.

— Espero que esteja tudo bem. Deveríamos checá-la.

— Bem, o jantar é daqui a dois dias? — Laney olha para o telefone, checando seu calendário, eu acho. — Sim. Vamos nos lembrar de lembrá-la de como ela é incrível.





— E quanto de idiota ele é.

— Sim, isso também.

Balanço a cabeça e me levanto, bocejando contra a minha mão. — Boa noite, Vaga-lume.

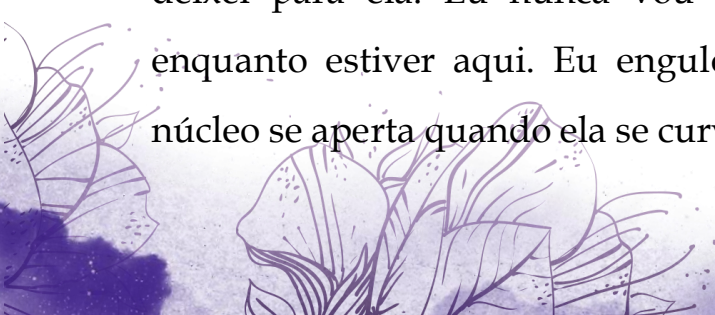
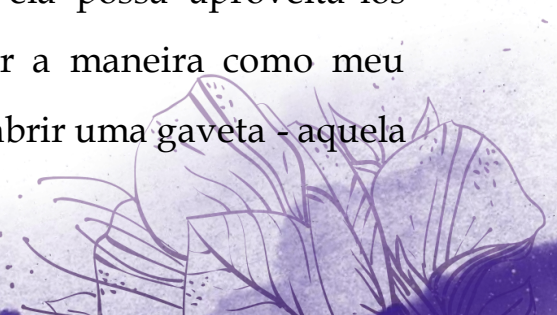
— Boa noite, Inseto.

Enquanto caminho em direção ao corredor, tropeço em algo grande e macio. O chiado mais estranho possível sai da minha boca enquanto eu vou voando em direção ao chão. Felizmente, o que eu tropecei é o Juniper. Eu aterro em uma pilha macia de manchas peludas no momento em que, e me levanto, fazendo o meu caminho para o meu quarto antes que eu possa causar mais cenas. Tem sido um longo dia. Entre mostrar Luna Waitsfield e ser forçada a pesquisar mágica com Laney, estou exausta.

Eu me jogo de bruços na minha cama com um grunhido satisfeito e apenas fico lá. Existindo. Hoje finalmente acabou. O som da água correndo no banheiro me leva a um estado relaxado, não muito adormecido, quase meditativo. Rolando para o meu lado, meus olhos se fecham quando o quarto escuro me envolve. Aqui é aconchegante, mais quente do que deveria ser, mas não estou reclamando.

Não sei quanto tempo fico ali, absorvendo a escuridão silenciosa, antes que a porta do banheiro se abra e a luz filtre meu oásis de paz. A luz desaparece e eu abro meus olhos e vejo uma visão que provavelmente não deveria, mas não consigo desviar meus olhos.

Luna está de costas para mim, longos cabelos molhados correndo por sua espinha enquanto ela vasculha a pilha de vestidos na minha cômoda que eu deixei para ela. Eu nunca vou usá-los, para que ela possa aproveitá-los enquanto estiver aqui. Eu engulo, tentando ignorar a maneira como meu núcleo se aperta quando ela se curva na cintura para abrir uma gaveta - aquela





em que mantenho minhas meias. A curva suave de seus quadris dá lugar a uma bunda bonita e redonda, do tipo que você tem que gastar meses em agachamentos para conseguir. Eu me pergunto se os Celestiais precisam se exercitar.

Quando termina de colocar as meias, ela fica de pé novamente e começa a puxar um vestido por cima da cabeça. Ela se vira, o vestido ainda não passou do rosto e eu quase gemo.

Eu pensei que seus seios eram lindos com a desculpa transparente de um vestido que ela apareceu aqui usando. Eu não tinha ideia do que estava falando. Mamilos rosados e com pedrinhas ficam atentos aos seios macios e cremosos. O vestido cai em seu corpo e meus olhos dispararam para o rosto dela.

Merda.

— Você está acordada. — Ela observa, caminhando em direção à cama.

— Mhm. — Minhas bochechas queimam de vergonha. Ela tem que saber que eu estava olhando para ela. Deslizo meu braço sob o travesseiro e deito a cabeça para trás, concentrando-me em algo que não seja a necessidade escorregadia que se constrói entre minhas coxas.

— O reino mortal mudou muito desde a última vez que visitei. — Luna se senta na cama ao meu lado e joga os cabelos no travesseiro acima da cabeça, o queixo inclinado levemente na minha direção...

— Eu imagino que sim. As civilizações aumentaram e caíram desde a última vez que você esteve aqui. Algumas vezes. Deve ser estranho para você.

— Isto é. Lembro-me de vir à Terra frequentemente, para os rituais da Lua. A magia da fertilidade era uma das minhas favoritas para testemunhar, mas agora só consigo ouvir as músicas e feitiços à distância.

— Isso é realmente triste. — Eu sussurro, mordendo o lábio.





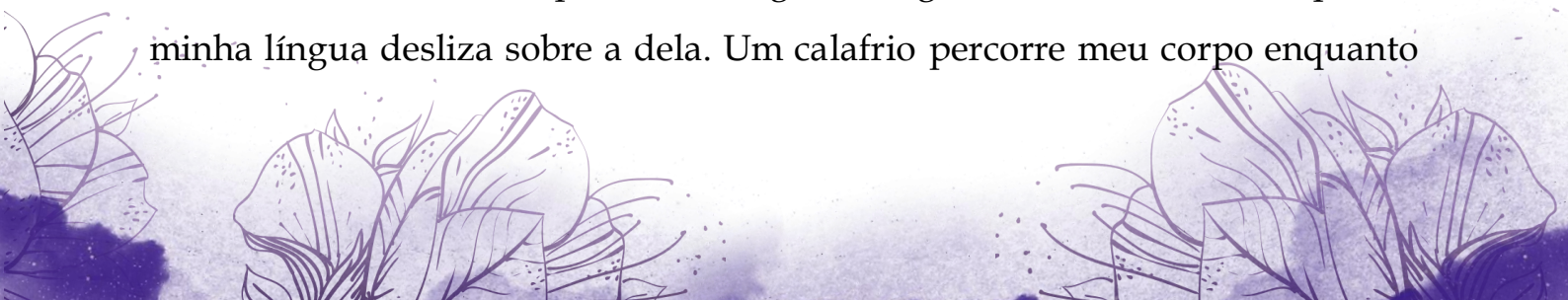
—É. — Ela vira o rosto para mim agora. Seus olhos encontram os meus e minha respiração trava por um momento. Sua pele tem o hábito de brilhar no escuro, mas também a lua. Faz sentido. Seus olhos me lembram o céu noturno, agora. Foi-se o tom prateado claro ao qual eu me acostumei rapidamente, substituído por um não muito azul, mas definitivamente também não é preto.

Luna estende a mão, hesitante, e segura minha bochecha antes de afastar uma mecha do meu cabelo loiro prateado. — Esse cabelo me lembra de casa. — Ela ronrona. — É como olhar para um espelho distorcido. — Ela solta o cabelo e desliza a mão suavemente pela minha bochecha, atrás da minha orelha. Suas unhas contra meu couro cabeludo enviam arrepios no meu pescoço e na minha pele. Meus olhos se arregalam quando ela se inclina para mais perto, uma mecha de cabelo meio seca caindo ao lado de seu rosto. Ela para, a menos de um centímetro da minha boca, seus lábios se abrem e procura algo nos meus olhos.

—Sim. — Eu sussurro, deslizando minha mão em torno de sua garganta até a nuca. É uma péssima ideia. Tem que ser a pior ideia que já tive, mas não me importo. Agora, com ela na minha cama, sua pele brilhando suavemente na escuridão, seus lábios rosados se abriram para mim... Não posso dizer não.

Ela pressiona seus lábios nos meus gentilmente, arrancando-os com os seus. Nossas bocas se movem juntas como água, provocando, testando. Quando minha língua desliza por seu lábio inferior, ela estremece em meus braços e um choque de pura luxúria dispara através de mim. A perna de Luna desliza sobre o meu quadril e minha mão cai na coxa dela, segurando-a contra mim enquanto minha língua desliza entre a costura de seus lábios.

—Nós deveríamos parar. — Ela geme ofegante na minha boca enquanto minha língua desliza sobre a dela. Um calafrio percorre meu corpo enquanto





seus quadris moem uma, duas, três vezes contra minha coxa. Lentamente, Luna se afasta do beijo, um pouco sem fôlego.

— Boa noite, Alandra Michaels. — Ela sussurra, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Boa noite, Luna. — Murmuro, afastando os cabelos do rosto. Ela sorri para mim antes de rolar e puxar minha mão em volta da cintura. Eu beijo a parte de trás do ombro dela, tentando manter a respiração, enquanto a ouço adormecer.

Não se apegue. A voz de Laney toca nos meus ouvidos e reviro os olhos para o céu. Algo em mim sabe que isso vai ser brutal. Mas alguma outra coisa em mim sabe que sou impotente para impedir isso.



CAPÍTULO NOVE

LUNA



Tudo fica borrado ao meu redor por um momento e eu tremo quando a presença da consciência de outra pessoa toma conta de mim. Alandra está aqui nesta paisagem dos sonhos em algum lugar.

Arrastando meus dedos pela costura entre minha consciência e a de Alandra, pressiono até que um leve brilho se espalhe pelo ar ao meu redor. À medida que suas paredes mentais caem, a paisagem dos sonhos de Alandra fica mais clara. Eu posso senti-la em algum lugar próximo, mas em perigo.

Fecho meus olhos, estendendo a mão para ela com minha mente, e quando os abro novamente, Alandra está diante de mim. Contra o pano de fundo de uma sala vazia e cinza, Alandra balança a cabeça enquanto outra mulher fala.

—Estou aceitando o emprego na Califórnia. — Sussurra essa mulher misteriosa. Eu estreito meus olhos nela, meus braços cruzando no meu peito enquanto tento descobrir com quem minha Bruxinha está sonhando. Ela é uma coisa bonita - mais baixa que eu, mais baixa que Alandra. Seu cabelo está pintado de rosa e azul pastel. Embora ela não seja minha preferência pessoal, sua estrutura fina se adapta aos ângulos do rosto.



— Por que você faria isso comigo? — A voz de Alandra é apenas um gemido. Seus ombros se agitam com emoções reprimidas. É fácil ver que ela está fazendo o possível para não chorar, para ser razoável.

— Porque eu não te amo. — A garota se vira, dando-a de volta a Alandra. Qualquer controle que minha Bruxinha tivesse sobre suas emoções se rompe como um cordão esticado demais. Seus ombros tremem com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Nenhum de nós te ama. — Uma voz masculina interrompe. Meus olhos examinam o homem quando ele entra em cena. Ele tem cabelos claros e olhos azuis brilhantes. A semelhança entre os dois é estranha. Este tem que ser o pai dela.

— Você não passa de um fardo.

— Você nunca foi boa o suficiente. — As vozes sem corpo ecoam nas paredes. A voz de Laney se destaca acima do resto. O que faria Alandra se torturar dessa maneira? Ela realmente acredita em toda essa bobagem?

Depois de decidir que já vi o suficiente dessa tortura auto infligida, aceno com a mão e a cena muda. Alandra olha em volta para o novo ambiente. Não há mais paredes incolores. Chega de amantes zangados ou membros da família emocionalmente abusivos. Agora, ela está cercada por um campo pacífico de flores da lua.

— Isso é melhor. — Murmuro.

Sua cabeça se inclina para o lado como se ela estivesse perseguindo o som da minha voz e eu sorrio para mim mesma, gritando um pouco mais alto dessa vez. — Seu valor não é determinado por quem a rodeia.

— Eu nunca fui o suficiente para eles. — Ela suspira, ajoelhando-se no meio da grama alta de lavanda em meio às flores prateadas.





Andando em direção a ela, estendo minha mão. As pontas dos dedos roçam os meus e então estou nos braços dela. Eu não fiz isso. Alandra realmente quer isso? Seus lábios batem nos meus com uma necessidade apressada, puxando meus quadris contra os dela. Eu pisco, hesitando por apenas um segundo antes de retornar o beijo com tanta necessidade. Faz tanto tempo...

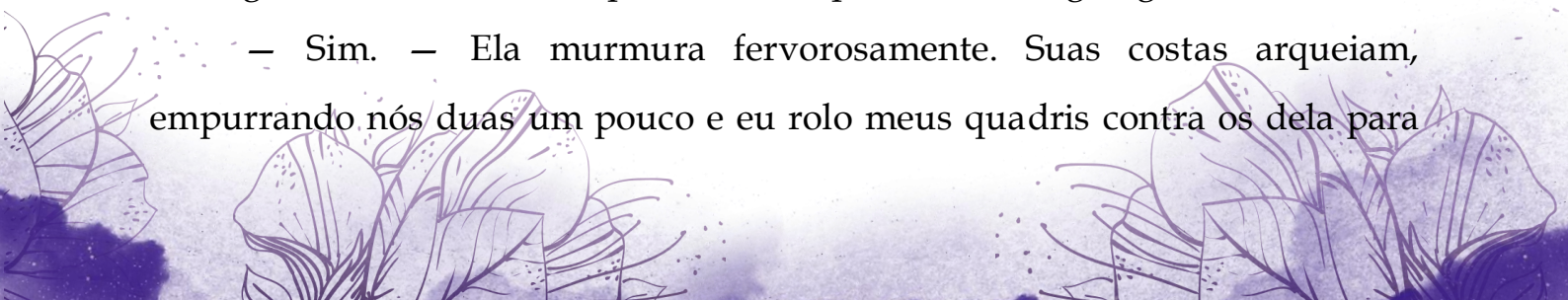
Meus dedos se amontoam na parte de trás da blusa dela, enquanto as cores se desvanecem ao nosso redor. Eu me perco no calor da boca dela até que não haja nada neste universo que criamos além de nós duas. Minhas costas atingem algo macio quando Alandra se move em cima de mim, montando meus quadris. Ela se abaixa, passando os lábios nos meus.

Meu peito sobe quando eu caço seus lábios, suas mãos deslizando sobre meu corpo. Sua ansiedade ainda ocupa espaço na paisagem dos sonhos, fazendo com que as cores abstratas que sua mente chamou rodopiam ao nosso redor como uma tempestade furiosa.

Com o movimento de uma mão, a cena muda e Alandra está de costas. Seus olhos se arregalam quando eu rastejo sob seu corpo. Meus dedos correm através do tecido de suas calças e elas se dissolvem sob o meu toque. Empurrando a blusa lentamente sobre o estômago e sobre os seios, eu seguro o olhar dela quando esse pedaço restritivo de tecido desaparece também. Ela está nua debaixo de mim, sua pele tremendo sob o meu toque. Eu abaixo minha cabeça até o peito dela, sussurrando contra a carne enquanto minha língua sai para provocar seu mamilo. — Deixe-me cuidar de você.

Minha boca se fecha ao redor do nó rosa e sua mão voa nos meus cabelos, me segurando contra ela enquanto eu chupo e minha língua gira.

— Sim. — Ela murmura fervorosamente. Suas costas arqueiam, empurrando nós duas um pouco e eu rolo meus quadris contra os dela para





nos aterrar. Minha mão serpenteia entre nós, massageando seu quadril e coxa enquanto beijo em seu peito até sua clavícula. Meus dentes traçam suavemente sobre a pele antes de eu subir, beijando ao longo de seu pescoço até sua orelha.

— Diga-me, Bruxinha, o quanto você me quer. — Eu gemo contra seu ouvido, minha língua traçando a pele sensível lá enquanto falo com ela. — Me diga o que você precisa.

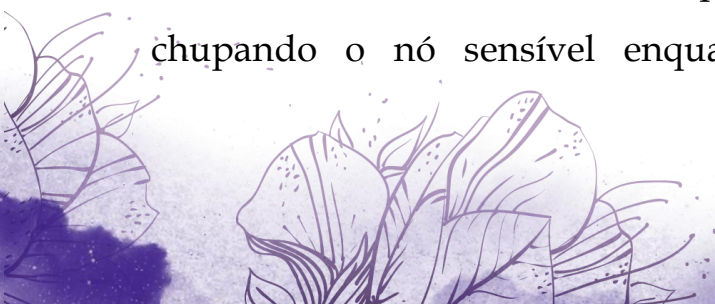
Alandra solta um gemido estrangulado, seus dedos cavando na minha parte inferior das costas, me puxando para mais perto. A paisagem dos sonhos dela faz nossos movimentos parecerem fluidos, até para mim. Minha coxa esfrega contra sua costura e ela estremece, revirando os quadris, perseguindo o delicioso atrito que ambas desejamos.

— Eu quero você. — Ela sussurra. A luz ao nosso redor muda, mas eu me recuso a desviar o olhar dela enquanto desço seu corpo. Minha língua traça uma linha giratória do topo de seu peito até sua barriga até encontrar o topo de sua vagina. Passando as unhas pelos lados dela, suspiro contra a parte externa de suas dobras. Minha língua desliza através e segue até o clitóris.

— Isso-isso. — Ela murmura enquanto seus dedos passam pelo meu cabelo. A pressão no meu couro cabeludo me pressiona, minha língua girando em torno de seu clitóris. Seus quadris dobram contra a minha boca e eu sorrio para mim mesma.

— Tão carente. — Eu ronrono, deslizando minha mão pela coxa dela. A ponta do meu dedo circunda sua abertura, testando como ela está molhada antes de eu deslizar para dentro. Quando eu puxo meu dedo para trás, deslizo outro com ele, curvando-os contra o ponto precioso escondido dentro dela.

— Porra! Luna! — Sua voz quebra quando eu me agarro ao seu clitóris, chupando o nó sensível enquanto meus dedos entram e saem dela,





repetidamente. Minha língua bate contra seu clitóris, minha mão livre segurando seus quadris no meu rosto enquanto ela arqueia as costas.

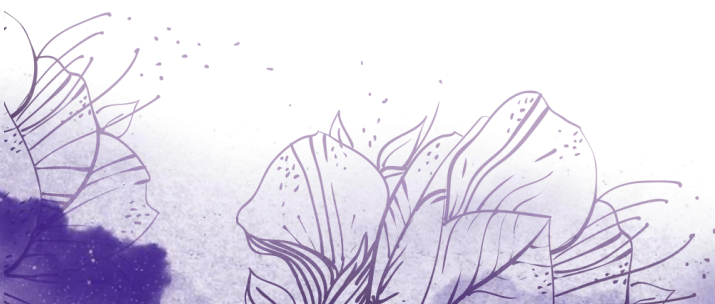
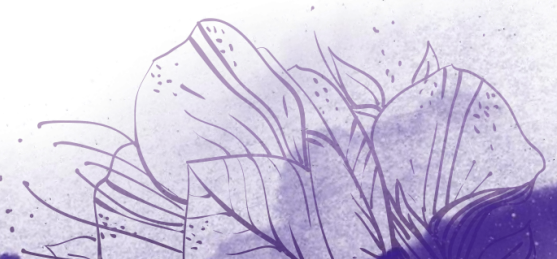
— Por favor. — Ela choraminga. Minha língua diminui e eu levanto, olhando para o rosto dela enquanto meus dedos massageiam seu ponto G, a palma da minha mão batendo contra seu clitóris a cada movimento.

— Por favor, o que?

— Por favor! Por favor, deixe-me gozar, deusa, por favor. — Ela geme, seus olhos fixos nos meus. Um arrepio curva minha espinha e eu me abaixo, pressionando minha boca na dela, adicionando um terceiro dedo. A pressão deve ser demais, porque ela treme debaixo de mim, seus olhos se fechando quando sua boceta espasma contra a minha mão.

— É isso aí. — Murmuro, persuadindo toda última onda de prazer que posso do corpo dela antes que a paisagem dos sonhos desapareça.

— Deusa, o que eu não daria para que isso fosse real. — Ela sussurra quando o véu fino quebra e a luz começa a brilhar nos meus olhos acordados.



CAPÍTULO DEZ

ALANDRA



Olhando para mim mesma no espelho do banheiro, deixei minhas mãos se encherem de água fria e rapidamente espirrar nas minhas bochechas. Eu acordei em um frenesi. Esse sonho foi... intenso, para dizer o mínimo, porra.

— Você está quase terminando? — Luna pergunta do quarto. Eu corro rapidamente para a porta e me certifico de que a pequena fechadura não esteja aberta para que ela não entre. Não posso encará-la agora. Parte de mim sabe que é apenas um produto de compartilhar uma cama com alguém pela primeira vez em algum tempo, mas outra parte - e muito maior - de mim está mortificada por ter tido um sonho tão úmido com Luna.

Que porra há de errado com você? Eu me pergunto acusadoramente enquanto olho para o espelho. Minhas bochechas ainda estão rosadas. Inferno, ainda posso sentir sua boca em mim se fechar os olhos. Balanço a cabeça e me preparo na pia. Eu absolutamente não vou ficar obcecada com isso. É apenas uma questão de proximidade, tenho certeza. E o fato de ela ser basicamente uma deusa tem que representar um fator. Tenho certeza que ela é atraente para todos. Não estou sozinha na minha pequena perversão, certo?



Com um grunhido, forço uma escova no cabelo despenteado e me concentro em pensamentos calmos e socialmente adequados. Se eu jogar com calma, tudo ficará bem. Esse é o mantra que repito para mim mesma quando abro a porta do banheiro e fico cara a cara com a sedutora.

— Você está bem? — Ela pergunta, sua boca balançando para o lado quando ela encontra meus olhos.

— Sim, eu estou bem. O banheiro está livre. — Murmuro enquanto passo por ela.

Luna vira um pouquinho para me ver passar por ela e o pequeno movimento faz meu braço roçar no dela. Minhas bochechas ficam vermelhas. Não consigo vê-las, mas com certeza sinto o calor que elas estão jogando, é como uma maldita queimadura de sol.

— Oh! Desculpe! — Eu forço um sorriso educado no meu rosto enquanto Luna me apoia com a mão no meu braço. Ela me olha desconfiada por um momento, mas depois me libera e vai para o banheiro, fechando a porta atrás dela. Dou os poucos passos necessários para alcançar a cama e colocá-la na face, gemendo no edredom macio.

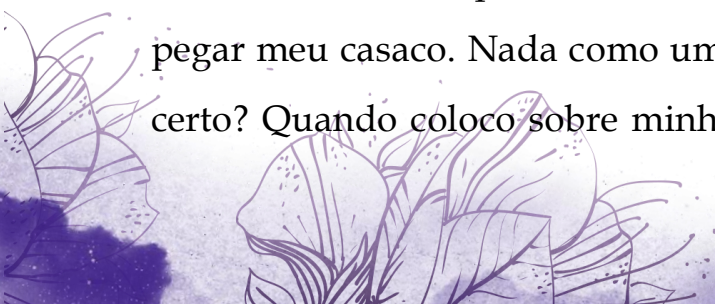
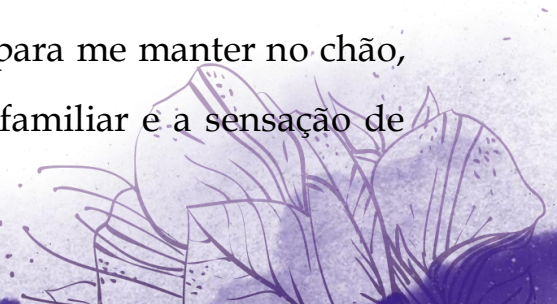
— Por quê?

— O que foi isso? — Luna chama com uma voz abafada do banheiro.

— Nada! — Meu coração dispara contra a caixa torácica enquanto tento pensar em uma mentira. — Só vou pegar um pouco de comida. — Eu balanço minha cabeça lentamente quando percebo o quão idiota eu pareço. Isto é ridículo.

Não é como se eu fosse virgem, o que há de errado comigo?

Eu me recomponho o suficiente para pelo menos levantar da cama e pegar meu casaco. Nada como um item de conforto para me manter no chão, certo? Quando coloco sobre minha cabeça, o cheiro familiar e a sensação de





segurança tomam conta de mim e faço meu caminho em direção à porta com mais confiança.

Isso vai ficar bem.

Mas tudo o que consigo imaginar é o meme com o cachorro em um café em chamas.



Entro na sala, me sentindo muito menos constrangida do que há alguns minutos atrás. Beezelbub pousa no meu ombro e eu corro um dedo pelas asas dele distraidamente enquanto ele chora para mim.

— Bom dia para você também. — Murmuro para ele entre um bocejo.

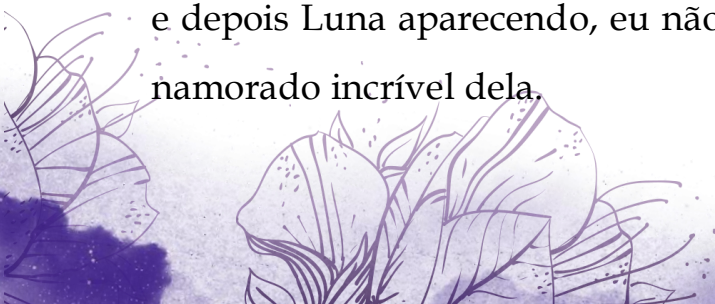
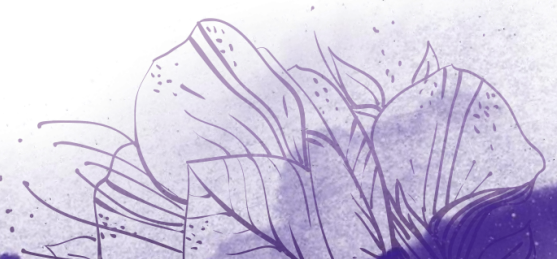
— Você está bem? — Laney pergunta da mesa da cozinha, as mãos firmemente envolvidas em torno de uma caneca de chá. Meus olhos passam dela para as decorações extras na cozinha. Há mais vermelho aqui do que ontem, mais vegetação também.

— Você decorou mais?

— Sim, Marcus deve vir mais tarde. Ele se sente mal por não termos trazido você para a festa de Yule. — Laney sorri para mim por cima da caneca antes de tomar outro gole e eu estremeço ao pensar em ter que lidar com o namorado estranho.

— Laney, sobre Marcus-

— Ele é incrível, certo? — Ela parece tão feliz e meu coração afunda com culpa. É como uma pedra no estômago, desconfortável e pesada. Com a benção e depois Luna aparecendo, eu não consegui dizer a ela o quão assustador é o namorado incrível dela.





—Ele é... alguma coisa. —Eu falo. Talvez eu estivesse imaginando a aspereza com Marcus. Mesmo quando o pensamento passa pela minha cabeça, eu sei no meu coração, isso não é verdade. Esse cara é uma cobra. Enquanto eu ando na ponta dos pés por Juniper e caminho para a cozinha em busca de algum tipo de comida, o som de uma porta se abrindo pega meu ouvido. Meu coração dispara novamente e eu gemo, amaldiçoando mentalmente meu constrangimento.

Por que você está assim?

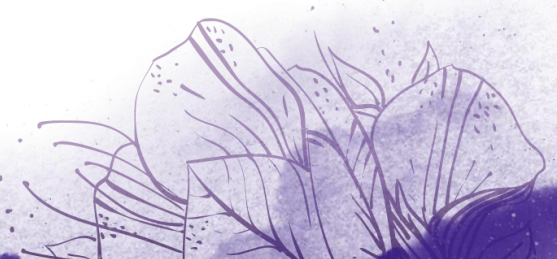
Tinha sido tão estranho quando eu conheci Jess? É certo que eu não namoro muito. Jess foi a primeira namorada de verdade que tive. Eu tentei namorar caras antes disso, principalmente porque as únicas garotas lésbicas em Waitsfield são mega-góticas. Não que haja algo errado com isso, eu simplesmente nunca achei o batom preto tão atraente. Estremeço um pouco quando abro a geladeira, minhas reflexões silenciosas me mantendo pelo menos um pouco ocupada quando Luna entra na cozinha. Até eu consigo sentir o poder irradiando dela quando ela entra. Ela ocupa muito espaço para alguém tão pequena.

—Oh, eu amo Yule. — Luna murmura da sala de estar.

—Estou feliz que você aprove as decorações. — Laney ri. — Ainda está meio bizarro.

—Só um pouco. — Murmuro, me virando com alguns cubos de queijo na mão. Enquanto eu os como, Luna vem se sentar à mesa com Laney, que já está servindo um pouco de chá para ela.

—Bem, não vai durar para sempre. — Luna responde, olhando para mim com um sorriso triste. Não, não vai durar para sempre, e talvez seja por isso que estou enlouquecendo.





A presença de Luna em minha casa deveria ter sido muito mais perturbadora do que tem aparentado. Em vez disso, ela veio aqui e assimilou-se em nossa casa nos últimos dias, como se sempre estivesse lá. De certa forma, suponho que ela tenha. Eu sempre fui atraída pela lua mágica acima de qualquer outra coisa. Eu também sempre fui uma pessoa que ficava sentada sob a lua e fazendo beicinho e choramingando sobre todos os meus problemas. De repente, me pergunto se ela ouve essas conversas no reino celestial e uma nova pontada de ansiedade atravessa meu peito.

— Isso é verdade. — Laney murmura, seu olhar vagando lentamente em minha direção. Eu posso sentir a implicação de seu olhar chato no meu próprio ser. Conheço minha irmã há tempo suficiente para saber quando ela está me julgando. Laney sabe que ela estava certa e eu não suporto o olhar lamentável em seus olhos.

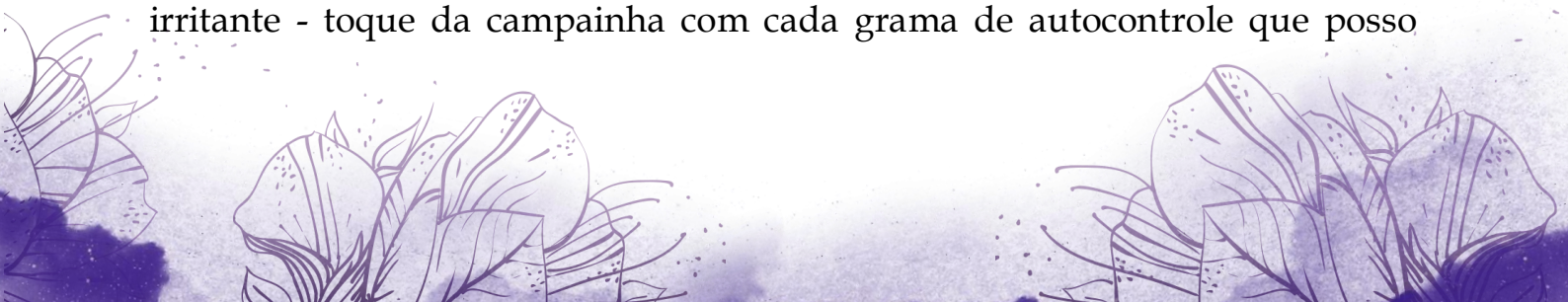
— Quem está vindo? — Luna pergunta, me puxando de volta à realidade.

— O namorado dela. — Reviro os olhos e coloco outro cubo de queijo na boca, enquanto as meninas se dissolvem em uma conversa estranhamente normal sobre namorados, Yule, e como as várias decorações da casa ajudam a equilibrar o fluxo de energia no ano.

Balanço a cabeça e me viro para pegar um saquinho de chá. Talvez ainda haja água na chaleira.



Eu ando até a porta com um gemido, ignorando o segundo - e muito mais irritante - toque da campainha com cada grama de autocontrole que posso





reunir. Quando abro a porta, percebo que nosso hóspede não tem intenção de esperar que eu o convide. Ele já está passando por mim.

— Bem-vindo. — Eu rosno baixinho.

— Abençoado Yule! — Marcus me joga uma piscadela por cima do ombro antes de passar a cumprimentar todos os outros da casa. — Meu amor! — Ele murmura para Laney e um calafrio percorre minha espinha. Esse cara é mais lento que um caracol.

— Marcus. — Laney ri, agarrando as mãos dele quando elas a rodeiam em um abraço embaraçosamente íntimo. — Temos uma convidada.

Ele limpa a garganta e olha da cozinha para a sala onde Luna fica assistindo TV. — Oh, meu. — Ele ri. — Eu sou tão rude, me perdoe. Eu sou Marcus, é um prazer conhecê-la.

— Luna. — Eu forneço enquanto caminho em direção a eles.

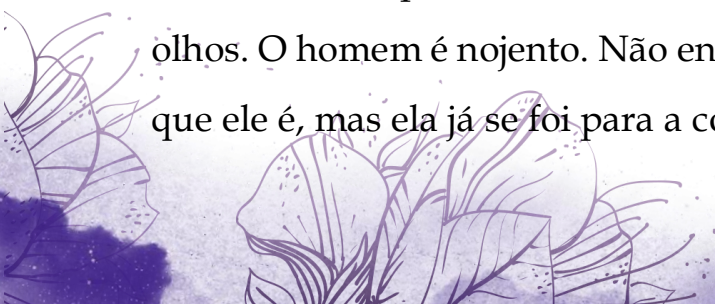
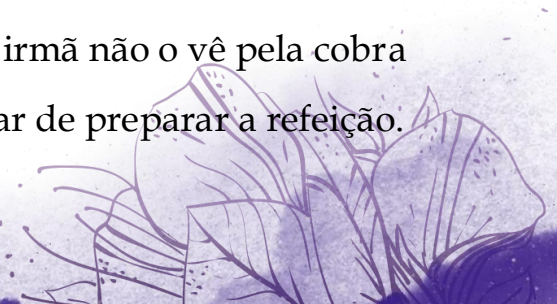
— Nossa... — Laney me olha freneticamente, os olhos arregalados enquanto tenta pensar em uma mentira. Minha cabeça balança para o lado, mas estou muito atrasada, ela já está tentando forçar a mentira. — Prima.

— Sua prima? Não achei que você tivesse. — O tom dele não é acusador, apenas interessado. Minhas mãos se apertam ao meu lado enquanto vejo seus olhos flutuarem sobre o corpo de Luna. Ele ainda tem um braço em volta da cintura da minha irmã e está olhando para outra mulher!

— Acontece que sim! — Eu cerro os dentes, tentando parar de falar. Não há como dizer o que sairá da minha boca se eu começar.

— Estou muito satisfeita em conhecê-lo, Marcus. — Luna fala do sofá. — E um Yule muito abençoado para você.

Ele sorri para mim como se tivesse ganho alguma coisa e eu reviro os olhos. O homem é nojento. Não entendo como minha irmã não o vê pela cobra que ele é, mas ela já se foi para a cozinha para terminar de preparar a refeição.





Marcus se encosta na parede, montando na linha invisível que separa a cozinha da sala de estar. Balanço a cabeça e o ignoro enquanto Laney mexe algo no fogão. Eu nem tenho certeza do que ela fez.

Luna se senta na parte de trás do sofá, com os pés nas almofadas em que deveria estar, assistindo TV com entusiasmo infantil. — Este filme é espetacular!

— Esse é um comercial da Old Spice. — Eu bufo. Balançando a cabeça, caminho para a sala de estar. O olhar de Marcus queima um buraco na parte de trás da minha cabeça - ou bunda - enquanto atravesso a sala. Estou ainda mais irritada com ele do que pensei que estaria, porque além de ser um inseto ao meu redor, ele parece gostar de Luna também.

— Deixe a garota apreciar seu comercial. — Sua voz profunda goteja com toda a doçura do mel e meu estômago revira. Ignorá-lo é difícil, mas eu consigo, mesmo quando ele começa a sussurrar para Laney.

— Quem ela é realmente?

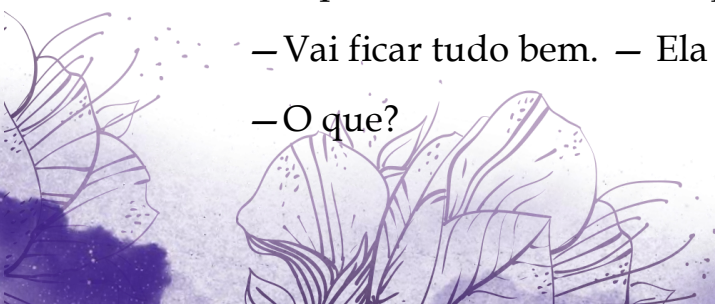
— Ela é nossa prima. — Laney parece desconfortável, mas eu me recuso a olhar para trás. Só vai provar para ele que estamos mentindo. Deusa, como eu gostaria que ela não tivesse tentado mentir. Ela nunca foi boa nisso.

— Você é uma péssima mentirosa, amor. — Ele murmura no mesmo tom que ele usou um momento atrás ao falar comigo. A raiva ferve profundamente no meu estômago, mas eu me concentro em Luna.

Sua cabeça vira para o lado, seus olhos encontram os meus enquanto eu me inclino contra as costas do sofá. Sem dizer uma palavra, Luna levanta a mão e a coloca nas minhas costas, esfregando-a em pequenos círculos. O calor em seu toque envia borboletas disparando através do meu estômago.

— Vai ficar tudo bem. — Ela sussurra suavemente.

— O que?





— Eu não sei, mas sei que o espírito dele incomoda o seu. — A voz dela é menos que um sussurro. É uma lufada de ar que mal consigo ouvir flutuando entre nós.

Minha cabeça balança quando as palavras dela afundam. — Sim. — Meu ombro bate contra o dela enquanto eu me inclino para mais perto, tentando manter nossa conversa privada. — Como você sabe que vai ficar tudo bem?

— Eu não acho que ele é tão ruim quanto parece. Seu coração parece puro, mesmo que sua mente ofusque seu julgamento.

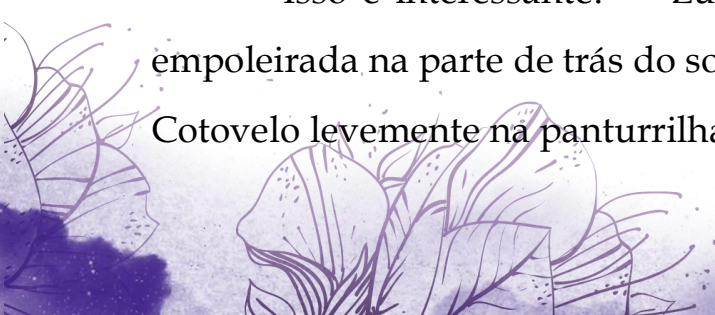
Olho por cima do ombro para o operador suave que atualmente envolve os braços em volta da minha irmã e balanço a cabeça. Eu gostaria de poder ver o que ela vê, mas tudo que vejo é escuridão.

— Pare de duvidar de mim. — Luna ri, empurrando meu ombro.

Meus dedos escorregam das costas do sofá e eu tropeço, um sorriso dividindo meu rosto. Ela está certa, é claro. Quem sou eu para discutir com a Lua? Pulo por cima do encosto do sofá, caindo nas almofadas bem gastas quando o reality show volta. É uma nova reviravolta em um clássico antigo, Sabrina, a bruxa adolescente, exceto que nesta versão, Sabrina é realmente uma bruxa. A garota em questão foi adotada por humanos e, aos 13 anos, quando seus poderes se manifestaram, todos os tipos de perguntas surgiram.

O show segue sua vida cotidiana e sua busca por seus pais. Às vezes me pergunto o que poderia levar uma bruxa a deixar sua filha para adoção. Somos uma comunidade muito positiva para o sexo, na maior parte. Temos um entendimento da sexualidade que os humanos levam décadas para alcançar, se algum dia chegarem a ela.

— Isso é interessante. — Luna murmura atrás de mim. Ela ainda está empoleirada na parte de trás do sofá, as pernas balançando à minha esquerda. Cotovelo levemente na panturrilha, eu rio.





—Shh e assista.

Não sei quanto tempo ficamos assim antes de o temporizador do forno tocar. Eu pulo do sofá por instinto e acidentalmente assusto Luna, fazendo-a cair de sua posição estranha. Felizmente, ela consegue cair no meu peito quando eu me viro e jogo meus braços em volta dela. Seu queixo bate no meu ombro, seguido por um barulho alto de dentes.

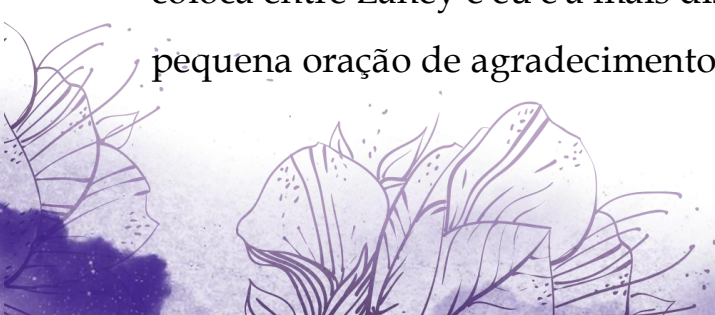
Ficamos assim por um segundo, seu rosto enterrado no meu ombro e meus braços se aconchegando em suas costas antes de finalmente nos afastarmos. As bochechas de Luna ardem sob minha atenção e eu sorrio. Pelo menos não sou mais a única pessoa autoconsciente da casa. No entanto, não tenho ideia do por que ela ficaria envergonhada. Afinal, foi tecnicamente minha culpa.

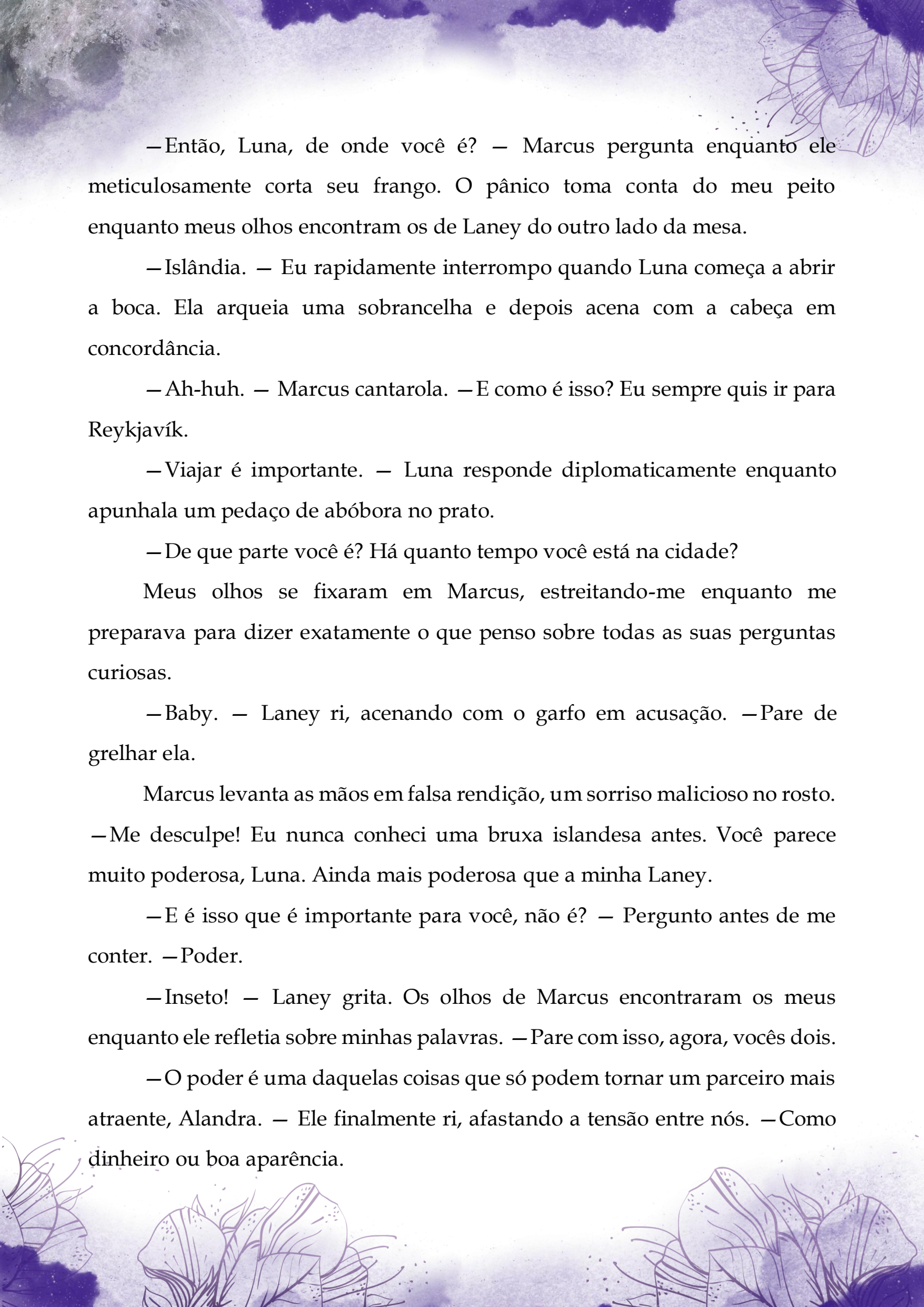
—Desculpe. — Saio correndo, percebendo que ainda não havia me desculpado.

—Está tudo bem. — Luna passa a mão pelo lado do meu rosto antes de se virar em direção à cozinha. Enquanto meu olhar a segue, vejo Marcus olhando com um sorriso.

—Primas, hein? — Ele encolhe os ombros e vai até o balcão para pegar um prato. Ele dá um tapa na bunda de Laney com o prato e meus olhos ameaçam rolar na minha cabeça que eles poderiam ver a matéria cerebral.

Luna ri baixinho, seus ombros trêmulos a única coisa que deixa escapar sua diversão. Oh, ótimo, agora ela acha que ele é engraçado. Respirando fundo, acalmando-me, sento-me à mesa. Luna paira sem jeito perto da borda da mesa antes de finalmente se sentar à minha esquerda. No assento circular, ela a coloca entre Laney e eu e a mais distante de Marcus. Eu rapidamente digo uma pequena oração de agradecimento por essa pequena vitória.





—Então, Luna, de onde você é? — Marcus pergunta enquanto ele meticulosamente corta seu frango. O pânico toma conta do meu peito enquanto meus olhos encontram os de Laney do outro lado da mesa.

—Islândia. — Eu rapidamente interrompo quando Luna começa a abrir a boca. Ela arqueia uma sobrancelha e depois acena com a cabeça em concordância.

—Ah-huh. — Marcus cantarola. —E como é isso? Eu sempre quis ir para Reykjavík.

—Viajar é importante. — Luna responde diplomaticamente enquanto apunhala um pedaço de abóbora no prato.

—De que parte você é? Há quanto tempo você está na cidade?

Meus olhos se fixaram em Marcus, estreitando-me enquanto me preparava para dizer exatamente o que penso sobre todas as suas perguntas curiosas.

—Baby. — Laney ri, acenando com o garfo em acusação. —Pare de grelhar ela.

Marcus levanta as mãos em falsa rendição, um sorriso malicioso no rosto.

—Me desculpe! Eu nunca conheci uma bruxa islandesa antes. Você parece muito poderosa, Luna. Ainda mais poderosa que a minha Laney.

—E é isso que é importante para você, não é? — Pergunto antes de me conter. —Poder.

—Inseto! — Laney grita. Os olhos de Marcus encontraram os meus enquanto ele refletia sobre minhas palavras. —Pare com isso, agora, vocês dois.

—O poder é uma daquelas coisas que só podem tornar um parceiro mais atraente, Alandra. — Ele finalmente ri, afastando a tensão entre nós. —Como dinheiro ou boa aparência.



— Como é verdade. — Luna responde secamente. — O que você tem para oferecer? Primo? — Ela olha para mim por um momento, como se confirmasse que essa é a matéria de capa adequada. Os braços de Luna cruzam o peito, a cabeça encostada na cadeira em desafio, enquanto ela chama o idiota.

Laney ri.

Marcus solta um suspiro chocado.

Acho que ela nunca foi tão bonita quanto agora. A confiança combinada com aquele visual fofo de 'Essa é a palavra certa, certo?' Faz algo estranho para o meu interior.

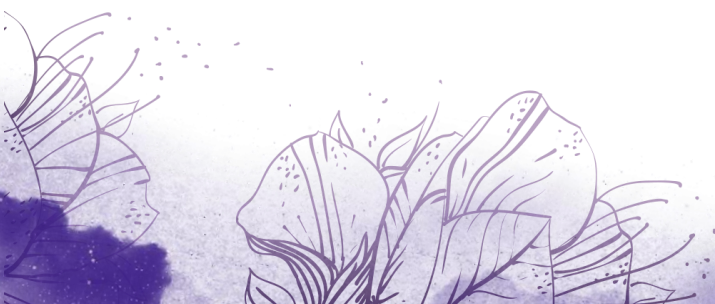
Marcus se recupera rapidamente e começa a girar o dedo em um círculo lento. Logo, o saleiro e o pimenteiro começam a girar um no outro pelo ar, como se estivessem dançando. Meus olhos rastreiam os objetos voadores do outro lado da sala até que eles finalmente retornem ao seu lugar no meio da mesa.

— Que estranho. — Luna parece menos do que impressionada e não posso deixar de rir. Laney morde o lábio contra sua própria risada, mesmo quando o rosto de Marcus se inflama.

— Bem, e você então? Talvez você não seja tão poderosa quanto se parece.

Luna sorri, segurando o olhar de Marcus. De repente, todos os armários da cozinha se abrem. A porta do micro-ondas se abre e a porta do forno bate no chão. O som da porta da sala se abre ecoando pela casa também. Vários baques ressoam ao nosso redor. Eu conheço esse som, é o som de uma maçaneta batendo na parede.

O rápido arranhar das janelas se elevando obriga-me a encolher e fechar os olhos momentaneamente. Eu sempre fui sensível ao som.





As luzes piscam quando o canal de TV muda várias vezes e o aparelho de som antigo que eu não consigo me convencer a me livrar começa a tocar música estridente.

— Tudo bem, entendemos. — Marcus grunhe.

Luna aperta as mãos na frente do rosto e sorri para o imbecil. Um sentimento avassalador de orgulho e diversão toma conta de mim enquanto vejo Marcus ficar cada vez mais desconfortável.

— Bem, isso com certeza mostrou a ela. — Eu rio para ele, fugindo da mesa. Essa quantidade de fodas requer vinho. Muito vinho. Pego a garrafa vermelha do balcão e puxo quatro taças da prateleira acima da pia.

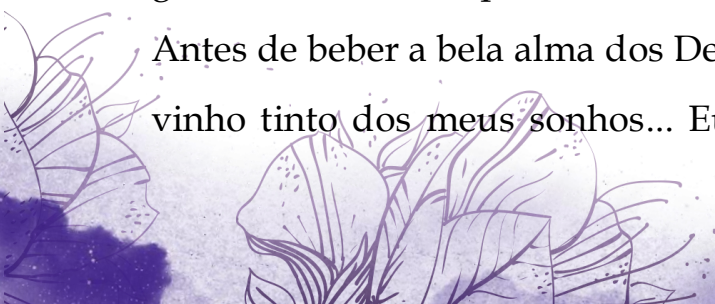
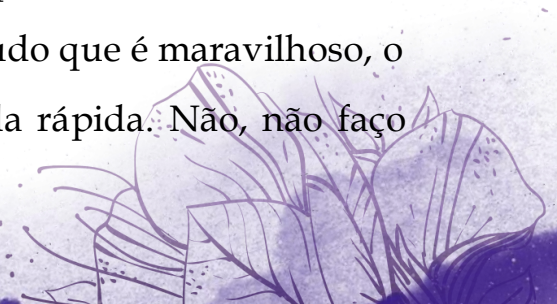
Laney se esforça ao máximo para deixar Marcus com um humor melhor, prometendo fazer 'aquilo que ele gosta'. Estremecendo enquanto tento desesperadamente tirar essas imagens mentais da minha mente, volto para a mesa. Estou sempre sendo a garçonete nessas coisas, por algum motivo. Paro em Luna primeiro e encho o copo até que ele começa a tocar a borda. Observar a ponta dos dedos circular pela borda do copo é hipnótica e acho difícil desviar o olhar até que ela para de se mover.

Meus olhos levantam para os dela e ela sorri para mim. Porra, inferno. Coloquei minha taça na frente da minha cadeira e despejei até ficar um pouco cheio demais, mas como eu disse, essa porcaria exige vinho.

Em seguida, vou para Laney, cuja taça só encho pela metade. Ela tem o hábito de exagerar, afinal.

— Sério? — Ela pergunta com um rolar de olhos.

Eu apenas dou de ombros e passo por Marcus, colocando a taça e a garrafa no chão enquanto caminho para o meu próprio assento novamente. Antes de beber a bela alma dos Deuses, o néctar de tudo que é maravilhoso, o vinho tinto dos meus sonhos... Eu dou uma fungada rápida. Não, não faço





ideia do porquê de cheirar o vinho. Eu vi isso em um filme quando eu era criança e faço isso desde então. Isso me faz sentir chique, como vestir um tutu e asas de fada no seu aniversário.

Não que eu tenha feito isso. Recentemente.

— Então, o que vocês, meninas, planejaram para o resto do Yule? Algo especial para o solstício? — Marcus derrama o vinho até que sua taça esteja meio cheia e faça o mesmo que eu. Quando ele cheira seu vinho, ele parece um idiota absoluto e de repente me pergunto se é assim que eu pareço.

Bem, porra.

— Jantamos com meus pais, mas o solstício provavelmente será bem frio por aqui.

— Besteira. Venha à minha casa. Estamos tendo uma grande festa para comemorar. — Marcus ronrona. — Vocês duas são bem-vindas também, é claro.

— Eu acho que estou bem. — Murmuro antes de tomar um longo gole de vinho.

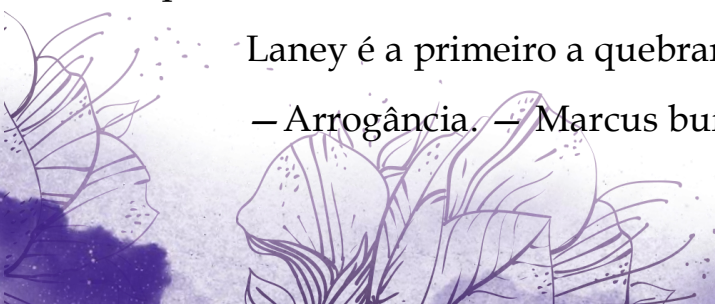
Luna apenas ri e toma um gole de vinho antes de se levantar. — Tenho certeza de que será uma festa adorável. No entanto, não socializo com bruxas que acreditam ser mais do que são.

Todos nós olhamos abertamente para ela por um momento em choque. Laney parece que não consegue decidir entre gritar ou rir. As bochechas de Marcus ficam vermelhas e eu quase cuspo meu vinho.

Com isso, Luna desliza os dedos pelos cabelos longos e sai da sala. Eu poderia jurar que seus quadris balançam um pouco mais do que o necessário, quando ela sai.

Laney é a primeiro a quebrar o silêncio à mesa. — Que porra foi essa?

— Arrogância. — Marcus bufa.





Encontro os olhos de Laney, tentando controlar minha risada. — Eu não acho que Luna aprove o seu namorado.

— Felizmente, não preciso da aprovação dela. — Ele retruca. — Ou a sua.

— Ah? Eu poderia causar mais problemas do que você deseja...

— Isso é o suficiente. — Lamenta Laney. — Vocês estão arruinando hoje à noite. — ela sussurra, pegando o prato. Ela caminha até a cozinha, os ombros parecendo um pouco mais flácidos que o normal.

— Pare de ser tão confrontadora, Alandra. — Marcus suspira. — Você não vê o que faz com ela?

— O que eu faço com ela? — Eu pergunto, minha voz quase um sussurro. Eu estreito meus olhos no pedaço de merda diante de mim e coloco minha taça em cima da mesa, com muito cuidado. — Você é corajoso, eu vou lhe dar isso. Eu me pergunto como minha pobre irmã se sentirá quando descobrir que você passou por mim.

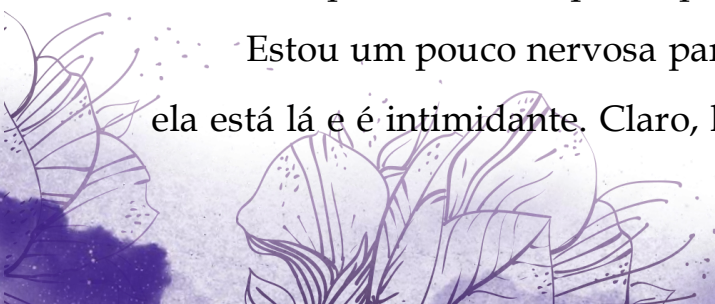
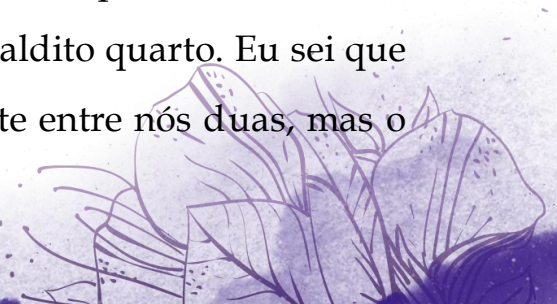
— Eu não.

— Mentiroso.

— Alandra, eu-

Cortando minha mão no ar para silenciá-lo, pego minha taça de vinho e me levanto. Eu não tenho que lidar com essa merda. Pegando uma peça do livro de Luna, eu me afasto da situação e vou para o meu quarto. Marcus é um mentiroso, mas ele está certo, não posso provar nada disso. E foi exatamente por isso que decidi deixar tudo isso passar. Algo sobre o comportamento dele hoje à noite me deixou nervosa. Tornava difícil lembrar por que escolhi me comportar no calor do momento. Suspiro e balanço a cabeça, pairando do lado de fora da porta do meu quarto por um momento mais do que o necessário.

Estou um pouco nervosa para entrar no meu maldito quarto. Eu sei que ela está lá e é intimidante. Claro, houve um leve flerte entre nós duas, mas o





sonho tinha mudado as coisas em minha mente, de alguma forma. Isso mudou minha percepção dela de outra, para muito, muito real. E agora não consigo esquecer exatamente como ela é real.



CAPÍTULO ONZE

ALANDRA



Luna pula na minha frente em direção a uma bruxa idosa do lado da rua. Não me lembro do nome da mulher, mas ela é conhecida por vender bugigangas inúteis para turistas. Algumas das coisas dela são boas, se você souber o que está procurando. Esse é o problema, no entanto, os turistas nunca sabem o que estão procurando.

— Oh, vassouras de tranças! — Luna parece absolutamente tonta e não consigo discernir o porquê quando me aproximo das duas. Suas mãos envolvem firmemente uma vassoura barata de palha que cheira a canela e eu reviro os olhos.

A única coisa para a qual elas servem é colocar na porta dos fundos da casa. Elas consomem energia financeira, supostamente. Nossa mãe usava uma que crescia religiosamente, mas nunca ficamos ricas, então não acredito muito.

— Sim senhora. — A mulher tosse. Eu estreito meus olhos nela, sem saber se ela está tentando obter simpatia de uma suposta vítima ou se ela está realmente doente. A mulher cobre a boca e os ombros tremem pelo feitiço da tosse. Não, isso é legítimo. Ela está doente.



— Por que você não viu uma curandeira? — Luna pergunta, colocando a vassoura contra a pequena mesa de bugigangas.

— Não tenho dinheiro nem nada que valha a pena negociar agora. — Ela admite. Seus cabelos grisalhos caem em seu rosto e eu fico impressionada. Não acredito que a estava julgando há alguns segundos atrás. Essa mulher obviamente teve uma vida difícil.

Luna clica a língua nos dentes e afasta a mariposa que voa ao redor de sua cabeça. — Agora não, Beezelbub.

Faço um barulho com minha boca para chamar a atenção de Beezelbub. Ele paira sobre o meu ombro, mas se recusa a sentar enquanto nós dois assistimos Luna cobrir as bochechas da mulher mais velha.

— O que você está—

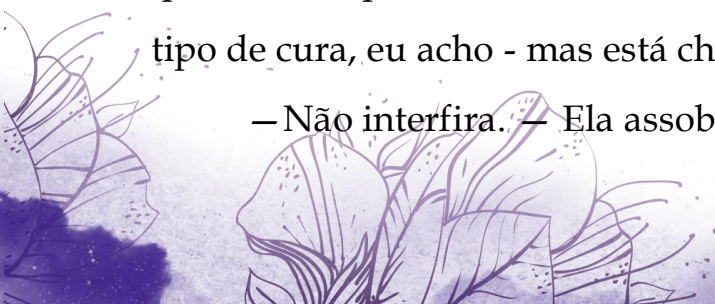
— Shh. — Luna implora. — Isso só vai levar um momento.

Os olhos da velha encontram os meus, cheios de medo e antecipação. Eu sorrio desculpando-me. Não há muito mais que eu possa fazer, pois também não sei o que está acontecendo. Eu confio em Luna, no entanto.

Poder bate contra mim e um arrepio percorre minha espinha. Tudo o que Luna está fazendo exige uma quantidade decente de energia. As sobrancelhas dela se contraem e a boca se move, mas nenhum som sai. Beezelbub balança no meu ombro, rastejando sob meus cabelos. Eu posso simpatizar com ele, o poder que irradia de Luna é ridículo.

Algumas pessoas andando param para olhar. Eu não conheço a maioria deles, provavelmente os humanos vêm buscar suas relíquias bruxas da moda. Arrisco um passo em direção a Luna; Eu sei que tenho que fazê-la parar antes que ela se exponha. Não tenho muita certeza do que ela está fazendo - algum tipo de cura, eu acho - mas está chamando muita atenção.

— Não interfira. — Ela assobia sem desviar o olhar da velha.





Minha boca se enrugou em uma careta e eu parei no meu caminho. Sei que é melhor não irritar um Celestial, se nada mais. A mulher balançou em seu assento barato. A cor parece estar enchendo-a, a vida irradiando de seu corpo outrora frágil.

— Luna, você conseguiu. — Eu sussurro.

— Quase. — Ela responde antes de retornar ao seu canto silencioso.

— O que está acontecendo? — Alguém pergunta e eu me viro para enviá-los a caminho e rapidamente percebo que estou cara a cara com Jess.

Minha boca se abre quando meu coração dá um pequeno salto mortal. Não tenho orgulho da emoção que corre por mim quando a vejo. O gorro dela - o que eu comprei para ela no ano passado - está torto como sempre e o nariz está rosado pelo frio.

— O que você está fazendo aqui?

— Visitando. — Ela começa. — Eu ia te ver, mas você não atendia minhas ligações, então eu apenas-

— Ah. — Eu torço o nariz e olho para Luna, que está passando as mãos pelas laterais da jaqueta que eu insisti que ela usasse se estivéssemos indo para a cidade.

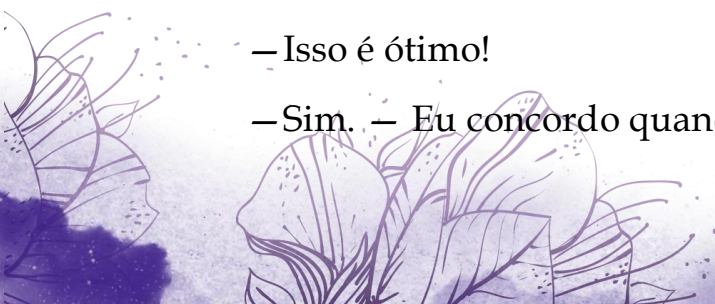
— Sim. Eu... como estão as coisas? — Os grandes olhos castanhos de Jess me penetraram e eu tenho que me lembrar de não me contorcer.

Eu tenho que me lembrar de que não estou fazendo nada errado, ignorando as ligações dela. Nosso relacionamento terminou, não preciso mais me disponibilizar para ela, mas é difícil lembrar que quando ela está na minha frente, parecendo constrangida.

— Bom. O trabalho tem sido ocupado, eu acho.

— Isso é ótimo!

— Sim. — Eu concordo quando a velha pula de pé, com a mão no peito.





— Oh minha deusa, obrigada. Obrigada, Anjo, obrigada. — Ela joga os braços em volta de Luna e depois sai pela calçada, abandonando completamente sua pequena exibição de mercadorias vendáveis.

— Quem é sua amiga? — Jess pergunta, estreitando os olhos em Luna.

— Luna.

— Bem, eu posso ver por que você não retornou minhas ligações. — Ela funga, virando-se para sair.

— Foda-se, cara. Você me deixou aqui. Você aceitou um trabalho incrível e estou super feliz por você, mas não se atreva a vir aqui e me acusar de qualquer coisa como se você tivesse o direito. — Minhas bochechas e peito aquecem com a raiva que se espalha por mim. Ela tem coragem de tentar me chamar por algo que estou bem dentro do meu direito de fazer. Algo que nem estou fazendo.

— Uau, eu apenas-

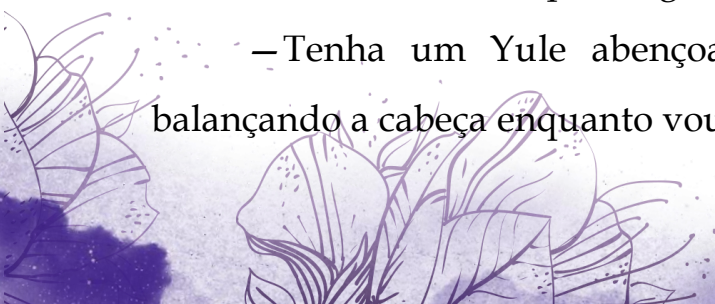
— Não. — Eu estalo, levantando minha mão. — Eu não quero ouvir isso. Você saiu. Você não ficará com ciúmes só porque me vê com uma mulher bonita. Você não pode me culpar por seguir em frente com a minha vida e deixá-la no passado.

— Você me disse para aceitar o trabalho! — Ela grita, jogando as mãos no ar. — O que diabos você quer de mim?

— Eu disse para você aceitar o trabalho porque era certo para você. — Eu sussurro. — Nunca seria certo para mim. Isso não significa que você não deve fazê-lo. Estou feliz por você. Também tenho orgulho, mas isso não muda o fato de que não podemos estar juntas agora e que precisamos seguir em frente.

— Isso é mais fácil para alguns do que para outros, eu acho. — Jess rosna.

— Tenha um Yule abençoado, Jess. — Viro e ando pela calçada, balançando a cabeça enquanto vou.





— É um Feliz Natal para os seres humanos! — Jess grita atrás de mim e eu realmente ri enquanto continuo me afastando. Ela realmente acha que eu não sei a diferença?

O som de passos e o suave zumbido de magia me seguem enquanto eu vou em direção a herbalista.

Eu murmuro baixinho, nem tenho certeza se é o português que sai. Está frio. A calçada está escorregadia. Minha ex está na cidade e de alguma forma eu sou “o cara mau”. Eu tenho que manter a identidade de Luna em segredo até que ela possa ir para casa em seu reino e eu não estou mentalmente, emocionalmente ou magicamente preparada para qualquer uma dessas merdas de hoje.



CAPÍTULO DOZE

LUNA



Meus olhos se arregalam quando vejo Alandra apontar o dedo para a garota antes de ir embora.

— É um Feliz Natal para os humanos! — Ela grita, batendo os pés. Seus cabelos azul e rosa me estreitam os olhos. Essa é a garota da paisagem dos sonhos de Alandra.

A cruel.

Enquanto me movo para seguir a Pequena Bruxa, os humanos passam na minha frente, estreitando os olhos. Minha sobrancelha arqueia e olho em volta para as pessoas que passam por nós na calçada. Alguns se interessaram enquanto eu estava curando a velha, mas parecia que o fascínio deles parou assim que a mágica parou.

Como é típico.

— Posso ajudá-la? — Pergunto quando ela não fala.

— Sim. Quem diabos é você?

Minhas sobrancelhas atiram na minha linha do cabelo e é preciso muita paciência que eu cultivei ao longo das eras para não arremessar essa mortal no trânsito por falar comigo dessa maneira.



— Eu sou Luna. E você é?

— Jess. — Ela morde o lábio inferior, lágrimas brotando em seus olhos castanhos claros. — Como você conhece Landra?

— Alandra? Nós... acabamos de nos conhecer. — Meus olhos se afastam dessa Jess e descem a calçada onde Alandra está rapidamente saindo da minha vista.

— Eu... eu sinto falta dela. — Ela sussurra baixinho. — Sinto muito por ser rude. — Sua sinceridade me choca e me viro para encarar a mulher magra com um aceno de cabeça.

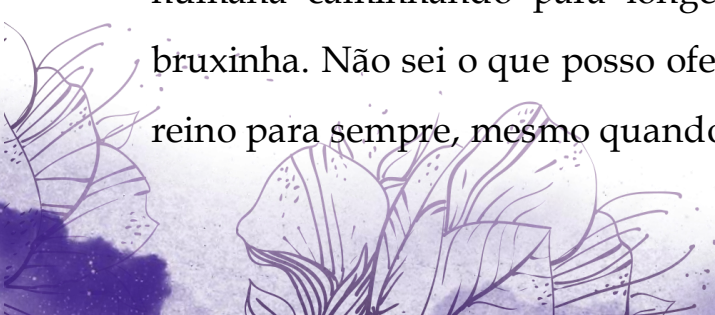
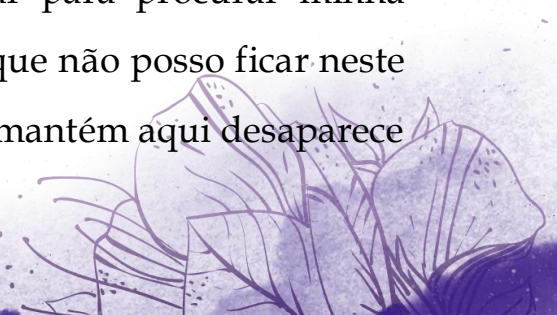
— Compreendo. Os relacionamentos são confusos e difíceis. Eu não tenho muita experiência com eles, mas... — Balanço minha cabeça. Estou falando demais. Eu não quero me entregar a esta mortal. Uma citação que chegou a mim em meu próprio reino agora passa pela minha mente e eu sorrio tristemente para a garota. — Às vezes, as coisas simplesmente não deveriam ser.

— Espero que vocês duas sejam felizes. — Ela enxuga os olhos e se afasta de mim, andando pela rua com a cabeça baixa.

Quero corrigi-la, dizer a ela que eu e a Bruxinha não estamos em um relacionamento. Quero esclarecer os fatos e ser sincera com a humana, mas algo no meu peito não me deixa.

Não, algo no meu peito está me pedindo, mesmo agora, que se vire e siga Alandra para se certificar de que está segura. Para abraçá-la e segurá-la com tanta força que todos os seus pedaços quebrados se encaixam novamente.

E é exatamente isso que eu vou fazer. Lancei um último olhar para a humana caminhando para longe antes de me virar para procurar minha bruxinha. Não sei o que posso oferecer a ela. Eu sei que não posso ficar neste reino para sempre, mesmo quando a magia que me mantém aqui desaparece





com o solstício, e eu tenho uma escolha novamente. Eu vou ter que voltar para o meu próprio reino.

Meus olhos flutuam sobre as cabeças das pessoas na minha frente, procurando a bruxa de cabelos platinados que estou procurando. Acho que a vejo desaparecer na esquina quando uma mão cai no meu pulso.

Olho primeiro para a mão que ousa me tocar, então meus olhos se erguem para o rosto preso a um membro tão estúpido.

— Você vem comigo. — Ele rosna, me empurrando para um espaço estreito entre dois edifícios.

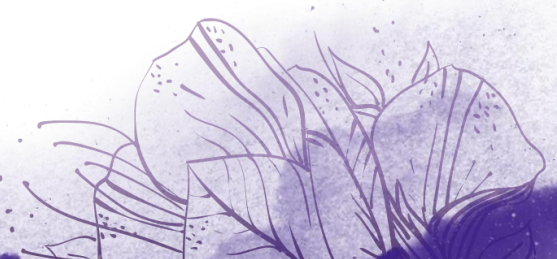
Meus olhos se arregalam, mas meu coração não bate de medo. Não, bate com raiva. Eu pego meu braço livre do alcance do mortal, meu poder se acumulando ao meu redor.

— Vou sair e você não vai me seguir. — Viro à esquerda, para sair do pequeno beco e me vejo cercada por sombras, incapaz de enxergar através dele. A única coisa visível é eu e meu possível atacante.

— Você não quer fazer isso. — Imploro a ele, minha mão levantando enquanto meus olhos se estreitam em sua mão. Ele segura um saco de cor escura com um cordão na abertura. Mesmo daqui, eu posso sentir a magia flutuando daqui. Está encantado.

— Estamos procurando por você, Celestial. — O mortal sacode a bolsa pelo quadril e dá um passo em minha direção, um sorriso sinistro tocando em seu rosto. — Para minha sorte, por acaso vi você curar a velha na calçada. E o que você estava fazendo com essa linda nula, afinal? — Ele dá outro passo. — Ela é uma coisa bonita, mas ela tem todo o poder de um peixe dourado.

Minha boca fica seca com a menção de Alandra. Ele sabe o que eu sou e me viu com minha bruxinha.





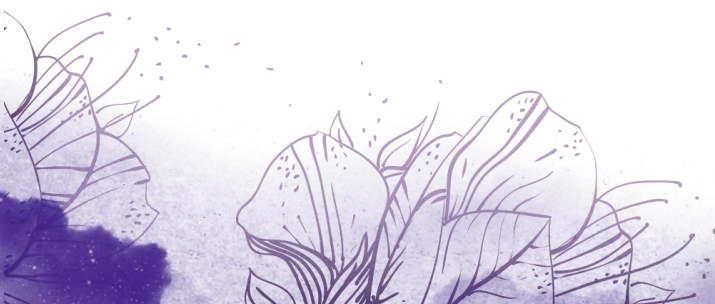
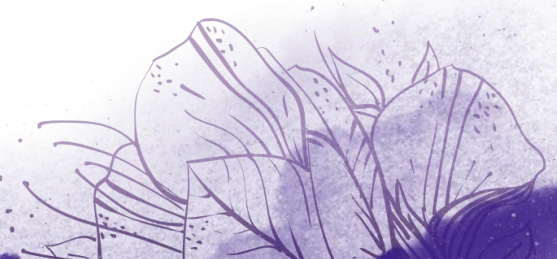
Respiro fundo e enrolo os dedos em direção à palma da minha mão, puxando a água dentro do corpo do mortal. Ele para de andar, seus olhos se arregalam quando a água sai dos poros por todo o corpo. Aperto minha mão, desejando que não tivesse que ser assim.

—Sinto muito. — Eu sussurro, antes de apertar minha mão em um punho. O homem cai de joelhos, mas eles nunca encontram o chão. Ele explode em uma poça de água e desaparece. Meu nariz enruga quando o cheiro me atinge. As sombras que nos separam no beco estreito caem quando sua magia se dissipa de volta ao éter de onde veio.

Estremecendo, passo por cima da pilha de pele e ossos no meio de uma poça de água ensanguentada. Eu preciso encontrar Alandra. Olho para a calçada movimentada para ver se os mortais tiveram alguma ideia do que aconteceu.

Assim como eu pensava, eles não pareciam ter ideia. O lançador de sombras nos cobriu de magia, mantendo o mundo exterior completamente separado durante nosso pequeno encontro.

Passo as mãos na frente do meu vestido enquanto começo a caminhar na direção que Alandra tinha ido. Eu preciso encontrá-la e checá-la. E talvez contar a ela sobre o bruxo morto que tentou me sequestrar.



CAPÍTULO TRÊS

ALANDRA



Olhando em volta, percebo que andei muito mais longe do que pretendia. A rua principal diminui para esse fim, mudando de pequenas lojas e restaurantes para consultórios médicos e agentes de seguros. Soltei um suspiro frustrado e me virei, quase colidindo com Luna.

— Desculpe. — Ela sussurra, colocando uma mão firme no meu ombro.

— Está tudo bem. — Eu vou me mover, mas o aperto dela me mantém firme no lugar, forçando-me a encontrar seus olhos.

— Não, não está. — Ela murmura. Ela não se mexe. Ela não diz mais nada. Ela apenas fica lá, olhando para mim como se ela realmente me visse e algo sobre isso me separasse por dentro.

— Estou tão foddidamente cansada de ser o cara mau o tempo todo. — Eu choramingo, meus olhos cheios de lágrimas inesperadas.

Luna envolve seus braços em volta de mim e me puxa para perto dela. A mão dela na parte de trás da minha cabeça guia minha bochecha até o ombro dela. — Eu sei.



— Não, é o tempo todo. Tudo. Todos. Eu não sou boa o suficiente. Minha família mal me tolera. Jess saiu, mas está brava comigo. Eu estraguei sua vida temporariamente também...

Seus lábios pressionando contra o lado da minha cabeça me cortam. Luna balança a cabeça, me apertando com mais força. — Foi inconveniente, sim. Mas, na verdade, eu estava sozinha lá. A companhia foi boa. Você não é o cara mau.

Fungando contra seu peito como uma espécie de criança emocionalmente perturbada, fico ali e absorvo essas palavras. Pelo menos uma pessoa no mundo não me considera um fardo. É verdade que essa pessoa não é deste mundo... mas semântica.

— Obrigada. — Eu sussurro.

Suas mãos esfregam minhas costas através do meu casaco e um suspiro feliz passa pelos meus lábios. Ficamos assim porque não sei quanto tempo, apenas embrulhei no momento até perceber o sol começando a se pôr.

— Merda!

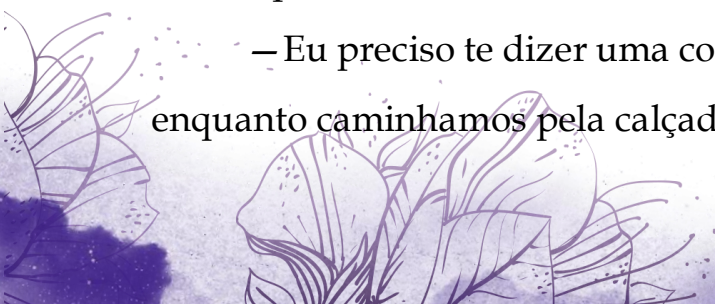
— O que há de errado?

— A herbalista é tradicional. Ela vai fechar antes que o sol se ponha. — Eu gemo, relutantemente me afastando do abraço antes de começar a andar em direção à loja de fitoterápicos. — Se eu não colocar os ingredientes na lista, minha mãe vai me esfolar.

— Bem, isso seria lamentável. — Luna ri enquanto se apressa para alcançar meu lado. Ela passa os dedos pelos meus com uma precisão que me faz questionar a chamada solidão que ela afirma experimentar em seu reino.

Mas, em vez de perguntar, eu apenas aperto seus dedos nos meus e ando mais rápido. Esta noite vai ser interessante.

— Eu preciso te dizer uma coisa. — Luna acrescenta com uma voz mansa enquanto caminhamos pela calçada.





—O quê?

—Quando você saiu, um homem me puxou para o beco e tentou me atacar. — Sua voz é baixa e eu olho para o rosto dela, meus pés plantando firmemente na calçada enquanto ela se move um pouco à frente.

—E?

—Ele sabia o que eu sou. E ele me ameaçou. Ele te ameaçou. — Os lábios de Luna tremem um pouquinho e eu jogo meus braços em volta do pescoço dela, apertando-a com força.

—Por que você não me contou isso imediatamente ?! — Minha voz soa frenética, até para mim. Ela apenas encolhe os ombros nos meus braços.

—Você estava chateada. Eu queria ter certeza de que você estava bem primeiro. Alandra. — Sua voz diminui com um suspiro pesado enquanto ela pressiona o nariz no meu cabelo. — Ele sabia o que eu sou. Existem bruxas das trevas em sua Waitsfield.

Eu pisco. Ela está certa.

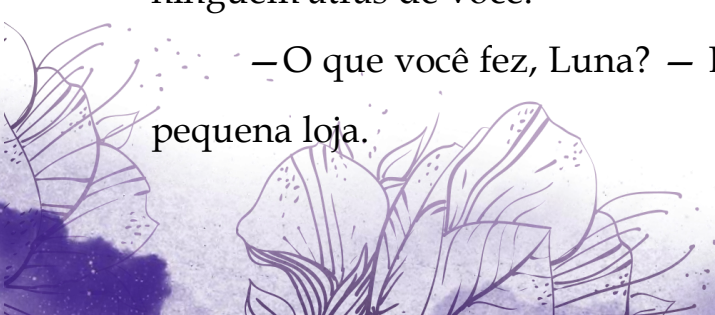
—Alguém veio atrás de você. — Repito as palavras novamente, a implicação realmente se instalando. — Luna, sinto muito. Não sei o que posso...

Luna pressiona as pontas dos dedos nos meus lábios, silenciando-me antes de puxar minha mão para continuar nossa caminhada até a loja. — Não é sua culpa, bruxinha. Eu lidei com isso.

—Como assim você lidou com isso? — Eu estreito meus olhos para ela, me perguntando - não pela primeira vez - precisamente do que essa mulher é capaz.

—Ele ameaçou nós duas. Eu posso me proteger, mas não posso deixar ninguém atrás de você.

—O que você fez, Luna? — Eu pergunto enquanto nos aproximamos da pequena loja.





— Ele não será mais um problema para ninguém. — Ela sussurra, os olhos caindo no chão como se tivesse vergonha. Respiro fundo e aceno com a cabeça, tentando ouvir o que eu já sei. Luna pode ser perigosa.

— Ei, olhe para mim. — Eu finalmente sussurro quando damos o primeiro passo para as escadas que levam à loja. — Você fez o que tinha que fazer.

Luna sorri para mim e assente, seus cabelos brancos fluindo ao redor do rosto com o gesto. Aperto minha mão e abro a porta da loja. Antes de entrar, lancei um olhar preocupado atrás de nós, convencida de que uma bruxa das trevas surgiria a qualquer momento.

Seria uma noite interessante, de fato.



CAPÍTULO QUATORZE

DESCONHECIDO

Eu cutuco a pilha de ossos cobertos de sopa com a ponta do meu sapato e quase engasgo. O cheiro é atroz. Esta não é minha primeira vez lidando com restos mortais, mas é de longe o pior.

—O que aconteceu com ele? — Minha parceira pergunta, cobrindo a boca. Estávamos juntos quando entrei para esta seita da Ordem. Concordar em trabalhar com ela foi a coisa mais estúpida que eu já fiz. A mulher é uma beleza e sou casado.

Eu engulo, afastando as memórias dos erros do passado. Nós só trabalhamos juntos agora. Ela sabe disso e, a julgar pelo suor na testa, em meados de dezembro, ela tem outras preocupações no momento.

—Liquefeito? Ele ligou e disse que achava ter encontrado o Celestial. Eu disse a ele para não ir atrás sozinho.

—Essa onda mais cedo? Todo mundo em Waitsfield sentiu.

—Sim, é essa. Ele disse que tinha certeza de que sabia quem o causou e desligou. Idiota do caralho. Ele ainda poderia estar vivo se o ego dele não atrapalhasse. — Balanço a cabeça e me viro para sair do beco.

Atrás de mim, a luz brilhante pisca repetidamente até que ela chegue ao meu lado mais uma vez. Envolvendo o braço em volta das minhas costas. — Tudo se foi. — Ela murmura.



— Pare com isso, estamos em público. — Eu assobio. — E você sabe que sou casado.

— Você é casado o tempo todo que te conheço. — Ela ri. — Nunca te parei antes.

Dou de ombros e agarro o ritmo enquanto tiro meu celular do bolso do paletó. Alguém precisa informar ao líder do coven o que aconteceu.

Como eu tive tanta sorte?



CAPÍTULO QUINZE

ALANDRA



Puxo minhas pernas por baixo da minha bunda e me aconchego mais fundo no sofá. O fogo rugindo na sala me lembra quando éramos crianças. Eu costumava deitar aqui e assistir Laney desenhar no chão durante as tempestades de neve que sempre parecem causar estragos em Waitsfield durante o Yule.

—É como o Yule que nossos ancestrais experimentaram — Dizia minha mãe. —Eles ficavam presos lá dentro durante as longas e frias noites e passavam o tempo contando histórias com suas famílias e comendo alimentos secos que prepararam para o inverno. — Estou feliz por não termos que depender de carnes secas e vegetais enlatados mais.

Isso colocaria um obstáculo sério nas minhas festividades de fim de ano.

—O que você está fazendo? — Laney pergunta de trás do sofá. Eu quase pulo, jogando uma mão sobre o peito para firmar a batida rápida que cresce lá.

—Eu estava pensando em nossa infância. — Admito. —Era mais fácil naquela época.

—Era. — Ela suspira. —Cadê a Luna?



— Ela foi lá fora. Acho que ela sente saudades de casa, mesmo que não admita.

Laney assente lentamente, a mão mexendo sem piedade com os cabelos na nuca. — Como você está indo? Eu ouvi o que aconteceu na cidade mais cedo.

— Luna te contou?

— Sim.

— Eu estou bem. — Eu minto. Eu definitivamente não estou bem. De fato, esse humor nostálgico é provavelmente tudo por causa do drama anterior. Mas tudo bem. Agora não é hora de pensar nisso. Agora é hora de lidar com minha família insana e rezar para que terminemos este jantar sem grandes explosões.

Se papai está tendo outro caso, isso provavelmente não acontecerá. Mas vamos ver.

— Esta pronta?

— Sim. — Bocejo, esticando os braços sobre a cabeça. O fogo é aconchegante e me faz querer deitar no sofá a noite toda, mas isso não vai acontecer. Eu pulo de pé, com a intenção de me acordar um pouco mais, quando a porta dos fundos se abre e uma rajada de ar frio me dá um tapa na cara.

— Merda! — Eu estalo, esfregando as mãos nos meus braços nus. Eu rapidamente puxo meu moletom do sofá e enfio a cabeça nele. O som de uma porta se fechando toca pela sala, mas eu já sei quem é.

Mesmo que eu não soubesse que ela estava do lado de fora, saberia quem é apenas pelo poder rolando pela sala enquanto ela se move. Luna é uma força da natureza.

E não tenho ideia do que vou dizer aos meus pais.

Ah. Merda.





— Você está pronta? — Pergunto a ela, tentando mascarar meu próprio nervosismo.

Luna desliza a mão na minha e assente. — Vai ser divertido, tenho certeza.

Os olhos de Laney caem para os dedos ligados entre nós e depois se levantam para encontrar os meus. — Vejo que você está trabalhando em sua matéria de capa.

— Bem. — Eu rio. — Primas não trabalhariam exatamente com elas.

— Verdade. — Laney solta um sopro de ar, abre a boca como se ela quisesse dizer alguma coisa, então bagunça o cabelo com a mão e vai embora.

— Eu não acho que ela aprova. — Luna murmura enquanto caminhamos para a cozinha atrás de Laney.

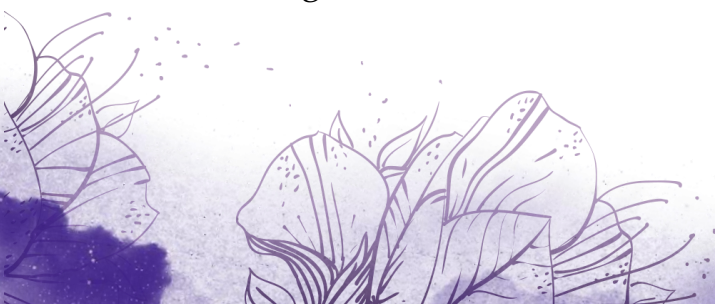
— Ela não é fã de nenhuma decisão ruim, a não ser dela mesma. — Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas, mas não acredito que realmente as disse em voz alta.

— Uau. — Laney bufa, girando para me confrontar. — Você está se transformando em uma vadia de verdade ultimamente.

— Eu não estou, eu apenas-

— O que está acontecendo aqui? — Papai pergunta da mesa, pousando o jornal. Quem realmente ainda lê jornais? Tudo é digital. Estou surpresa que eles ainda os entreguem. Ele é uma daquelas pessoas que se revoltariam se parassem. Ele adora discutir sobre como a tecnologia, a maior inovação do homem, matou a inovação em geral. É tudo muito sofisticado e meio chato, se eu for honesta.

Eu gosto de conveniência moderna.





—Nada. — Laney retruca, estreitando os olhos em mim em uma demonstração final de sua infelicidade. Será divertido lidar com isso mais tarde. Não.

—Mmhm. — Ele resmunga. Um grunhido ecoa nas proximidades e eu instantaneamente procuro Diego. Aquele lobo está sempre disparando meus alarmes. Laney afirma que é porque eu tenho um familiar passivo. A julgar pelo barulho zangado de Beezelbub na parede, não acho que ele seja muito passivo, mas talvez seja apenas eu.

—Tanto faz. — Laney marcha o resto do caminho até a mesa e se senta em seu assento. Ela é louca, mas o que eu disse não foi tão ruim e é verdade. Ela tomou algumas decisões bem fodidas em sua vida. Não menos importante, sendo seu gosto pelos parceiros.

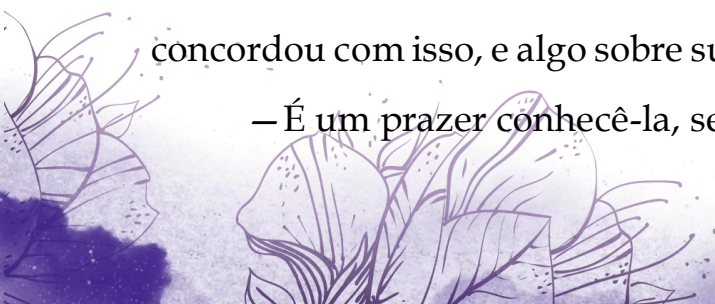
Mamãe desliza do fogão para a cozinha, ou pelo menos parece que ela desliza. O vestido preto ondulado aumenta o efeito. —Sentem-se, meninas, está tudo pronto.

Aperto a mão de Luna na minha antes de fazer o meu caminho para o meu assento apertado. Ela ocupa o assento vazio ao lado de Laney, que ainda está olhando furiosamente na minha direção.

Mamãe coloca mais algumas panelas no centro da mesa e depois se senta. Com um sorriso, ela se vira para Luna. —E quem é essa? Vocês desapareceram no momento em que entraram! Eu nem recebi uma introdução.

—Oh, me desculpe, mãe. — Tusso, sentando-me ereta no meu lugar. Faço um gesto em direção a Luna, tentando não corar. —Esta é Luna, minha namorada. — Essa foi a mentira que concordamos. A mentira sobre primas obviamente não funcionaria com meus pais, então tivemos essa ideia. Luna concordou com isso, e algo sobre sua falta de choque sobre o plano era irritante.

—É um prazer conhecê-la, senhora Michaels.





— Uma nova namorada, hum? Bem, pelo menos essa aqui é uma bruxa.

— Papai coloca uma porção de caçarola de feijão verde em seu prato e rapidamente começa a mexer nas fatias de presunto. — É um prazer conhecê-la, Luna.

— Por favor, me chame de Audrey. — Mamãe murmura antes de inclinar a cabeça para o lado. Eu sei que ela está sendo assediada por algum espírito carente, mas ainda parece rude.

— E eu sou Sterlen. — Papai acrescenta com um aceno áspero.

Tento não me concentrar no comentário da bruxa e, em vez disso, começo a carregar meu próprio prato com legumes e presunto. Luna não gosta de carne, mas pelo menos ela tem os lados para escolher.

— Onde vocês se conheceram? — Mamãe pergunta, finalmente voltando à conversa no momento em que Luna coloca uma porção extra de abóbora no prato.

— De que outra forma? Inseto fodeu nossas compras para a benção-

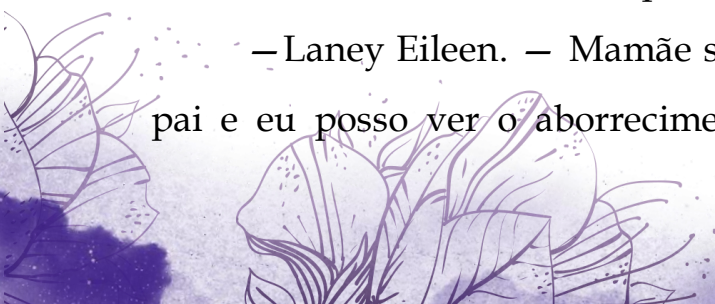
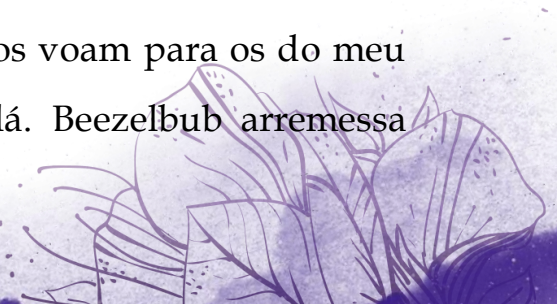
— Laney! — Papai se encaixa. — Não vou tolerar grosseria na frente dos convidados.

— Ou, de qualquer forma. — A mãe acrescenta com um olhar. — Essa linguagem é desnecessária, mocinha.

É difícil não ressaltar que nenhuma de nós é tão jovem, mas eu consigo guardar isso para mim. Luna parece ainda mais pálida do que o normal, se isso for possível. Eu sei que ela provavelmente está desconfortável. A tensão nesta casa sempre foi insuportável, pelo menos para mim.

— Bem, pelo menos vocês dois estão finalmente do mesmo lado. — Laney murmura antes de comer um pouco de presunto.

— Laney Eileen. — Mamãe sussurra. Meus olhos voam para os do meu pai e eu posso ver o aborrecimento se formando lá. Beezelbub arremessa





debaixo da mesa, desafiando Diego a sentar na minha coxa. Ele sabe que eles não gostam de vê-lo à mesa, isso tende a enojar as pessoas, mas eu aprecio a proximidade no momento.

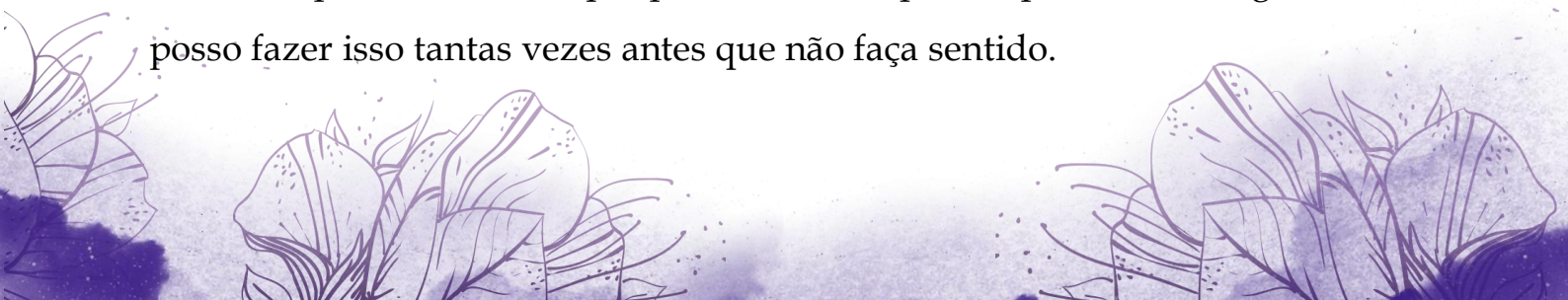
— Ela está certa, no entanto. — Suspiro. — Esqueci algumas coisas e depois a loja foi fechada. Fiquei on-line procurando por outra herbalista e encontrei uma. — Olho para longe deles, em direção a Luna, e a encontro sorrindo para mim. Se eu não soubesse melhor, diria que ela mesma acreditava na mentira.

— Não poderia ter funcionado mais perfeitamente. — Luna ronrona.

Papai estreita os olhos, olhando entre nós duas. Eu posso dizer que ele tem mais alguma coisa a acrescentar, mas por enquanto ele mesmo está mantendo. Eu me pergunto por um momento se ele está tentado a comentar o poder de Luna. Se a força dela é óbvia para mim, deve dar um tapa no resto da minha família.

O jantar desaparece em um silêncio confortável enquanto todos comem, interrompido apenas pela pergunta ocasional sobre como o trabalho está indo. Laney parece ter se acalmado um pouco. Eu gostaria de poder fazê-la ver as coisas da minha perspectiva, mas ela terá que aprender por conta própria. Ser irmã mais velha às vezes é difícil. Quero consertar tudo para ela, mas, ao mesmo tempo, sei que não posso. Eu não sou a guardiã dela.

Eu sempre odiei aqueles cartazes estúpidos. Eu não sou a guardiã da minha irmã. Eu não sou responsável por suas decisões de merda ou seu bem-estar. Quero que ela esteja segura, faça grandes coisas e aproveite ao máximo todas as oportunidades que tem à sua disposição, mas ela deve ser a única a dar esses passos. Tudo o que posso fazer é apontar para eles e sugerir, e só posso fazer isso tantas vezes antes que não faça sentido.





— Esses feijões verdes são deliciosos. — Luna murmura de seu assento, limpando o canto da boca. — Honestamente, eles são divinos.

— Bem, obrigada, Luna.

Luna sorri calorosamente para minha mãe, mas ela já está envolvida em uma conversa sussurrada com um espírito. Eu gostaria que ela pudesse desligar a energia e estar completamente presente pela primeira vez. Talvez eu deva estar agradecida por menos um par de olhos curiosos pela mentira.

— E sua família, Luna? Quem são eles? — Papai se recosta na cadeira, com o prato vazio e entrelaça os dedos no estômago.

Era isso que eu esperava evitar. Estas questões. Por que eu pensei que seria uma boa ideia trazê-la aqui?

— Eu sou uma bruxa solitária. — Luna mente sem esforço. — Minha família está distante em comparação com esse grupo que você tem aqui.

— Ah, isso deve ser difícil. — Papai se inclina para a frente, obviamente interessado e eu tento não me encolher.

— Você é muito poderosa para uma bruxa solitária. A maioria das bruxas tira mais poder de seu clã, você já pensou em se juntar a um?

— Porque eu faria isso? Eu tenho tudo que preciso.

— Você poderia contribuir para algo maior que você-

— Papai! Ela está feliz com si própria, deixe-a. — Eu empurro meu prato, estreitando meus olhos nele.

— Não é como se você entendesse o que eu quero dizer, Alandra. Você já sentiu a onda de poder quando praticava com outras bruxas? Eu sei que é diferente para você. — As últimas palavras são destinadas a suavizar o golpe, mas o efeito é o mesmo. Ele está me colocando no meu lugar e quer que eu saiba. Sou praticamente nula e não devo comentar sobre a prática de outras





bruxas. Meus dedos se enrolam na minha palma e eu olho para longe dele, tentando afastar o leve.

— Está tudo bem, Alandra. Sabemos que você tem seu próprio valor. — Mamãe murmura antes de tomar um gole de chá.

— Honestamente, eu gostaria que você tomasse aulas para ser um herbalista. Dessa forma, você pode pelo menos explorar seu potencial com o verde.

— Eu não sou verde. — Meus lábios se apertam enquanto falo as palavras pela milionésima vez na minha vida.

— Você poderia ser, se você se aplicasse. — Observa papai. — Não há nada errado em ser verde. Você estaria mais sintonizada com a sua magia, talvez algo acenda em você que possa ser útil. — Ele torce o nariz e acrescenta: — Magicamente, é claro.

Laney mexe em seu assento e eu coloco minha visão nela enquanto tento abafar o discurso de sempre. Ela encolhe os ombros se desculpando.

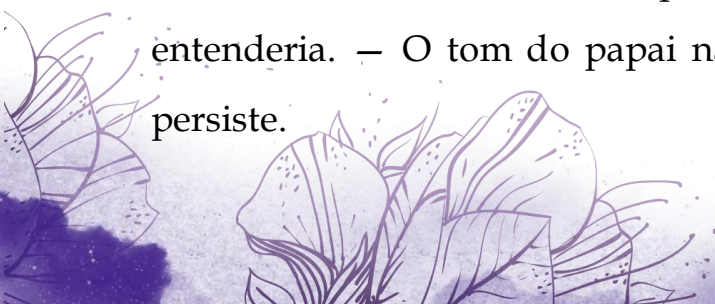
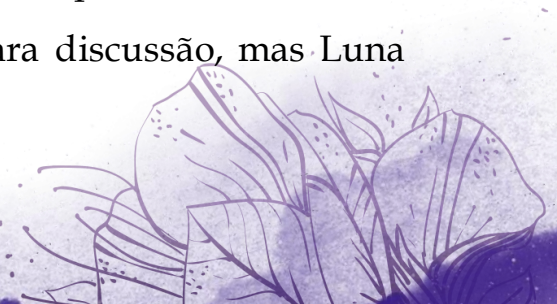
— Inseto está feliz fazendo sua música.

— E estamos felizes por você, baby, realmente. — Mamãe acrescenta em um tom muito doce. — Só nos preocupamos que você não esteja atingindo todo o seu potencial.

Beezelbub rasteja até minha coxa até descansar no meu estômago, as asas abertas como uma espécie de broche antigo e ornamentado. Seu silêncio quieto acalma meus nervos um pouco. Pelo menos ele entende.

— Por que a profissão dela importa tanto? Eu não entendo. — Luna toma um gole de seu chá, olhando curiosamente entre todos na mesa.

— Bem, se você não é próxima de sua família, provavelmente não entenderia. — O tom do papai não deixa espaço para discussão, mas Luna persiste.





— Uma boa família não quer que você seja feliz?

— Queremos grandes coisas para nossas filhas, isso não é crime. — Ele retruca.

— Alandra sempre foi um pouco diferente, Luna. Você pode não entender, honestamente, uma vez que possui muita magia dentro de você. Sua energia está enchendo a casa desde que você chegou. Alandra tem tão pouco, em comparação. Nós apenas queremos que ela tenha uma vida realizada. É difícil ser uma bruxa sem afinidade. — Mamãe sorri fracamente para mim. Ela quer dizer bem e eu sei que sim, mas suas palavras ainda ardem.

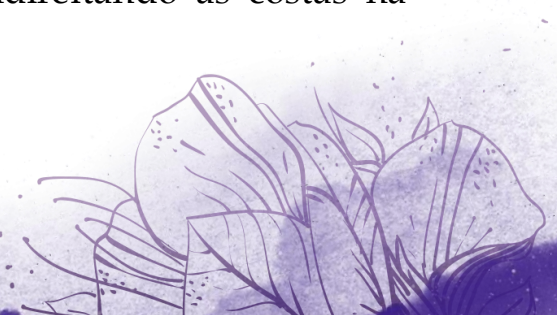
— Talvez compará-la seja o problema. Ela tem mais valor do que eu acho que você atribui a ela. — Acrescenta Luna, inclinando a cabeça para o lado como se estivesse confusa.

— Está tudo bem, Luna-

— Não. Por que todos te tratam como se você fosse menos? — Ela se vira para o meu pai e o envolve completamente. — Ela pode questionar a prática de outras bruxas quantas vezes quiser. Ela é uma bruxa, mesmo que não tenha um poder ativo como você.

— Acho que sei como lidar com minha própria filha. — O rosto do pai fica vermelho. Ele nunca conseguiu lidar com o questionamento de sua autoridade. Um rosnado ressoa embaixo da mesa e eu engulo em seco. Eu sempre odiei aquele lobo. Ele tentou comer Beezelbub mais vezes do que eu posso contar e até foi atrás de Juniper uma vez. Felizmente, Juney é grande o suficiente para se defender e garantiu que nunca mais tentaria foder com ela.

— Então trate-a como um ser adequado, e não como uma extensão de sua necessidade egoísta de poder. — Luna assobia, endireitando as costas na cadeira.





Assim que papai abre a boca para falar de novo, parece que todo o ar da sala é sugado, liberado para o espaço em algum lugar. Minha pele se arrepia e Beezelbub sobe pelo meu corpo até que ele possa descansar contra o meu pescoço, encarando o drama da cerveja. Um gemido estridente debaixo da mesa perfura meus ouvidos.

— Eu acho que você deveria se acalmar, querida. — Mamãe sussurra, seus olhos circulando pela sala para coisas que o resto de nós não pode ver.

— Acho que deveríamos sair. — Pressiono minha cadeira contra a parede e deslizo para fora do meu lugar com uma severidade que eu não sabia que tinha em mim. — Abençoado Yule para todo mundo. — Murmuro, passando por meu pai.

— Alandra, espere. — Ele suspira. — Você não precisa ir. — Ele aponta para Luna e balança a cabeça. — E você tem algum nervo me ameaçando em minha própria casa. Não me atreveria a usar magia contra um hóspede, mas você não é mais bem-vinda aqui. — A cabeça dele se inclina para trás com uma fungada presunçosa.

— Abençoado Yule. — Eu resmunguei novamente, me afastando da mesa. Um movimento da mamãe chama minha atenção. Seus olhos estão arregalados, cheios de lágrimas. Eu acho que ninguém nunca falou como eles me tratam. É uma mistura estranha de gratificação e perturbação.

Luna acena com a cabeça lentamente, nunca quebrando o contato visual com meu pai, antes de empurrar a cadeira para trás e começar a me seguir. Viro as costas para o jantar, indo em direção à porta, mas um pouco de conversa me faz parar perto da saída.

— Você deve ter mais cuidado, Luna. — Mamãe diz entre lágrimas. — Há muito poder aqui. Mesmo que não pareça.





Os cabelos na parte de trás do meu pescoço formigam, mas eu tento abalar a sensação estranha de que minha mãe já sabe quem - e o que - Luna é. Isso é um problema para outro dia. Além disso, ela partirá em breve.

Obrigada bendito Yule.

Saindo para o vento frio e forte, eu corro em direção ao meu carro. Está muito frio e estou com o pior humor do mundo. Eu não quero lidar com nada disso. Eu só quero chegar em casa, me enroscar no cobertor e trabalhar um pouco de música. Ultimamente tenho me distraído - por razões óbvias - e preciso colocar meu trabalho em ordem. Felizmente, meus clientes entendem que sou difícil de alcançar durante as férias e não me enviam nada urgente nessa época do ano.

Quando entro no carro, Luna abre a porta do passageiro e senta-se. Ela a fecha suavemente e depois cruza as mãos no colo. — Peço desculpas.

— Pelo quê? — Eu pergunto enquanto acelero o carro. Geralmente deixo aquecer antes de começar a dirigir, mas foda-se. Foda-se isso com um cacto. Eu só quero ir o mais longe possível daqui agora.

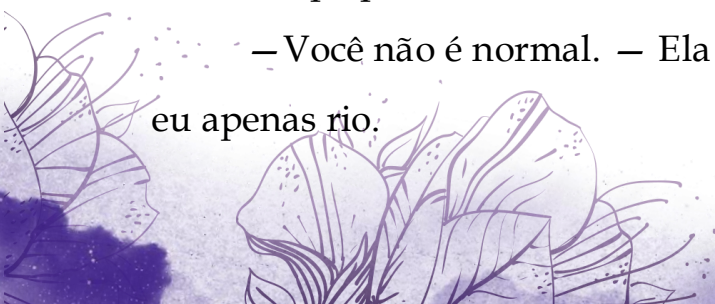
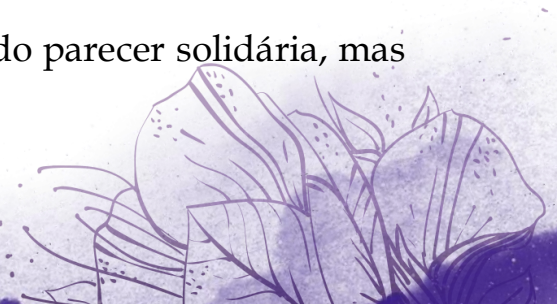
— Tenho certeza de que piorei as coisas. — Ela sussurra. Eu olho para ela antes de sair para a rua e perceber o jeito que sua cabeça cai, olhando para seu colo.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Obrigada.

— Obrigada?

— Sim, obrigada. Ninguém nunca se levantou para mim. É tão difícil ser a única Michaels sem afinidade. Inferno, sou a única pessoa em Waitsfield sem afinidade. É como se todos aqui fossem extraordinários e então você me tivesse, a pequena Alandra normal.

— Você não é normal. — Ela me corrige, tentando parecer solidária, mas eu apenas rio.





— Você está me chamando de estranha?

— Esquisita?

— Anormal. — Eu bufo e cubro minha boca enquanto entro no trânsito.

Não sei por que existem tantas pessoas no momento. Todos não deveriam estar em casa com suas famílias, festejando?

Luna estraga o rosto enquanto considera isso. — As bruxas não são consideradas anormais em geral? Este reino foi feito para humanos.

Eu a lanço um olhar confuso antes de responder. — Como assim, foi feito para humanos?

— Bem, as bruxas não se originaram aqui... certamente você sabia...

— O quê ?! — Minha cabeça se move em direção a ela e minha boca se abre. Eu teria lembrado disso da minha educação, certamente.

— Cuidado com a estrada! — Ela grita e minha cabeça se vira para a frente bem a tempo de deslizar para parar no sinal vermelho.

— Nós não somos daqui? De onde viemos então?

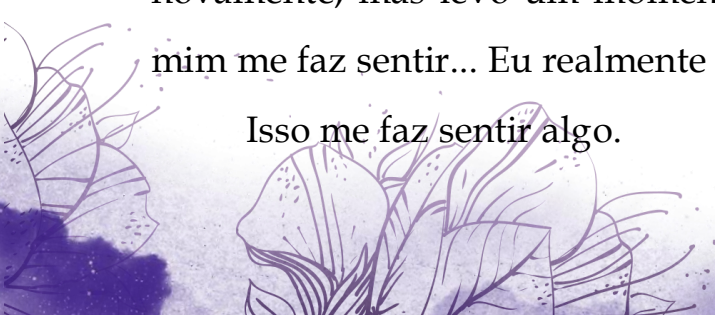
— Hum, acho que estamos saindo do assunto aqui.

— Luna-

— Eu só queria dizer que você não é anormal para uma bruxa, é tudo. Pare de pensar que você é. — Ela estende a mão e afasta alguns cabelos do meu rosto antes de colocá-los atrás da minha orelha. — Você é espetacular, Alandra.

Meu coração dispara no meu peito enquanto ela traça meu pescoço como um fogo gelado. Em todos os lugares em que seus dedos encontram a pele, pequenas explosões disparam ao longo dos meus nervos. É perturbador. Meu pescoço estremece e a luz fica verde, sinalizando para eu começar a dirigir novamente, mas levo um momento para reagir. O jeito que Luna olha para mim me faz sentir... Eu realmente não sei a palavra para isso.

Isso me faz sentir algo.



CAPÍTULO DEZESEIS

ALANDRA



Andamos até a porta em silêncio. Meu telefone vibra no meu bolso, mas eu o ignoro. Não pode ser nada bom e não quero ouvir mais negatividade agora. Com um suspiro, tiro-o e coloco-o virado sobre a mesinha perto da porta, depois coloco minhas chaves na tigela ao lado.

—O que você normalmente faz para relaxar? — Luna pergunta, fechando a porta.

—Certifique-se de trancá-la. — Eu a lembro. Ela assente e torce a fechadura até que um som satisfatório toque. Eu aceno e me dirijo para a sala, pegando o cobertor de malha enorme que fiz no outono passado. É lindo, mas também é super confortável e, no momento, não quero que seja uma decoração na sala de estar. Eu quero me aconchegar nisso.

—Ei, não me ignore, bruxinha. — A voz de Luna corta a escuridão e um arrepio percorre minha espinha. Eu não acendi as luzes quando chegamos. Algo em mim quer fugir dela, ignorar o poder em sua voz, me trancar no meu quarto e apenas chorar até me separar em uma nova pessoa.

Mas eu não posso fazer isso.



— Eu costumo ligar algumas músicas e vibrar até não me lembrar mais porque estava chateada. — Admito em voz baixa enquanto puxo o cobertor em volta dos meus ombros.

Luna está lá, o leve brilho de sua pele mal iluminando o espaço entre nós. O rosto dela é passivo e eu odeio não ter ideia do que ela está pensando. Ela se levantou por mim, mas e se ela percebesse o quanto eu sou inútil?

Bem, certamente ela sabe. Eu estraguei um feitiço simples para trazê-la aqui. Com esse pensamento sóbrio, eu me viro para o meu quarto e tiro os sapatos na direção geral da cozinha.

— Você quer que eu fique aqui fora? — Ela pergunta calmamente.

— Não.

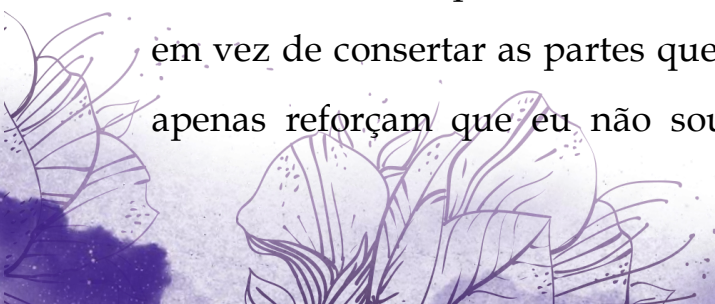
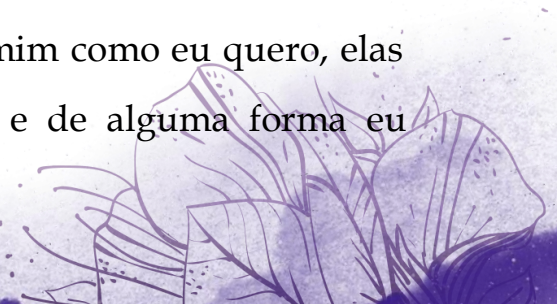
Eu deveria dizer que sim. Eu sei que devo dizer que sim. Nada de bom virá dela me vendo desmoronar, mas não quero ficar sozinha agora. Não quero me sentir isolada, como senti toda a minha vida. Também não me incomodo em acender a luz do corredor, apenas passo pela memória até finalmente chegar à minha porta. Entro e me enrolo cuidadosamente na cama.

As pontas dos meus dedos mal conseguem alcançar o alto-falante Bluetooth. Ele deve se conectar ao meu telefone, mesmo que eu o tenha deixado na outra sala. Respiro fundo, pressiono play, depois puxo meu braço para trás da manta e fecho os olhos.

A cama afunda com o peso de outra pessoa, mas eu a ignoro.

— Quero que se sinta melhor, Alandra. Eu quis dizer tudo o que disse no carro.

— Eu sei que você quis. Só não sei se você conhece melhor. — Respondo suavemente. Suas palavras foram repetidas várias vezes na minha cabeça, mas em vez de consertar as partes quebradas dentro de mim como eu quero, elas apenas reforçam que eu não sou boa o suficiente e de alguma forma eu





consegui enganar essa maravilhosa deusa que de alguma forma acredita que sou melhor do que sou.

Há uma palavra para isso. Não me lembro agora, mas lembro de ler um artigo sobre isso online. Algum tipo de síndrome em que você sente que, de alguma forma, abre caminho para algo bom que você tem. Eu sou foddidamente irracional. E eu sei disso, mas simplesmente não consigo parar.

— Você me questionaria? — Luna treme debaixo do cobertor comigo, passando um braço em volta da minha cintura por trás. — Seu povo não acha que os Celestiais são algum tipo de Deus?

— Você não é?

— Não exatamente.

— Eu provavelmente sou a última a perguntar. Não sei se você reparou.

— Eu rio. — Mas eu sou praticamente a pior bruxa de todos os tempos.

Seus dedos traçam pequenos padrões nas minhas costelas enquanto ela cantarola na parte de trás do meu ombro. — Mesmo?

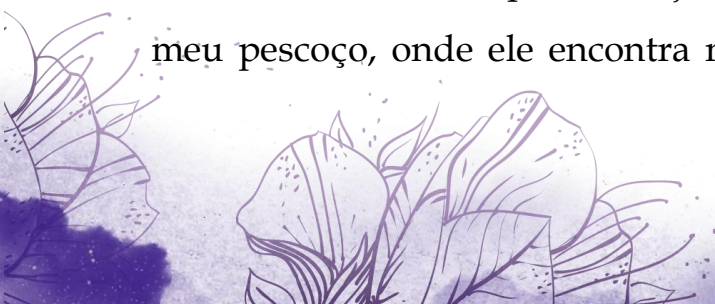
— Sim. Não tem afinidade? Ok. — Eu tiro um dedo para cada fato depreciativo quando eles vêm à mente. — Convocou acidentalmente a lua? Ok. Família te odeia? Ok.

— Eles não te odeiam.

— Eles também não me amam. — Eu sussurro.

Luna desliza os dedos da outra mão no meu cabelo e começa a massagear meu couro cabeludo. Quero protestar, quero dizer a ela: 'Não, não mereço me sentir bem'. Mas sou egoísta e suas unhas contra meu couro cabeludo parecem meu próprio pedaço pessoal do céu.

— Eu não acho que isso seja verdade. — Ela murmura contra a curva do meu pescoço, onde ele encontra meu ombro. Arrepios correm pelas minhas





costas e eu bato de volta contra seu corpo macio. — Acho que eles não sabem como te amar corretamente.

Meu coração bate forte no peito enquanto a intimidade deste momento toma conta de mim. Deitada no escuro, envolta em seus braços, seu calor penetrando no meu corpo enquanto eu me escondo sob meu cobertor favorito. É um daqueles momentos que parecem acontecer apenas nos filmes. Pelo menos para mim.

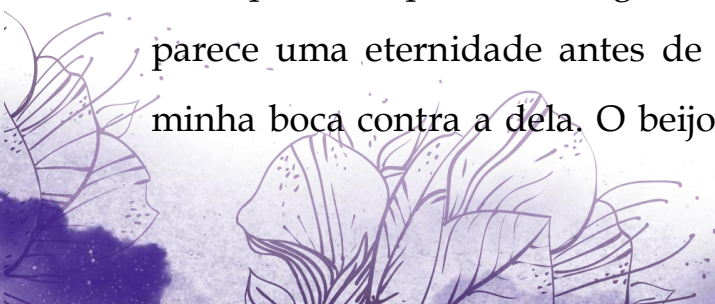
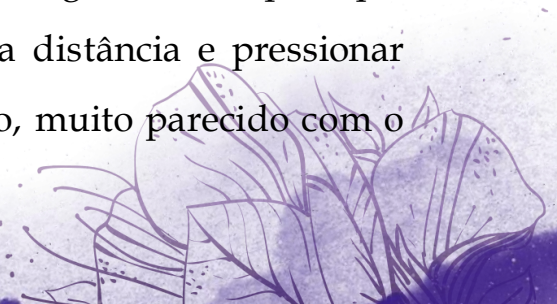
— Como eles poderiam me amar corretamente? — Estou com medo de ouvir a resposta, honestamente. Não tenho muita certeza do que ela quer dizer e já estou tão perto de quebrar agora, se ela disser algo cruel, eu posso desmoronar. Mas talvez ela queira dizer todas as coisas legais que ela diz. Talvez ela seja realmente diferente. Talvez ela possa conceder todos os desejos que fiz para lua ao longo dos anos.

Luna se apoia no cotovelo e me rola em sua direção, forçando-me a olhar para o rosto dela. A luz suave de sua pele mal toca a minha, é um brilho tão fraco. Ela desliza a mão pela minha bochecha e sorri.

— Permitindo que você seja o melhor que puder. Não existe uma maneira correta de existir, Alandra. Eles podem te amar corretamente, amando sua vida.

Não sei se é o sorriso triste que puxa seus lábios quando ela fala as palavras, ou a maneira como sua luz interior faz meu coração palpitar, ou a sensação de seus dedos sedosos acariciando minha bochecha, mas me arrisco.

Inclino-me devagar e deslizo minha mão nos cabelos na base da cabeça dela. Minha respiração acelera quando seus olhos se fecham, como se antecipando o que vem a seguir. Meus lábios pairam longe dos dela pelo que parece uma eternidade antes de finalmente fechar a distância e pressionar minha boca contra a dela. O beijo é suave no começo, muito parecido com o





primeiro que compartilhamos. Bebendo lentamente seus lábios, posso sentir todo o peso em meus ombros deslizarem para longe. A cada respiração, a sensação pesada no meu estômago se dissipa e se transforma em algo diferente quando ela inclina a cabeça para o lado, aprofundando o nosso beijo.

A língua de Luna toca na minha em um movimento fluido que envia um calafrio através de mim. Meu centro se enche de calor líquido quando a mão dela desliza do meu rosto para baixo do meu braço até meu quadril e, finalmente, para minha bunda. Quando ela me puxa contra ela, seus dedos cavam na minha bunda como se ela fosse minha, choramingo contra seus lábios.

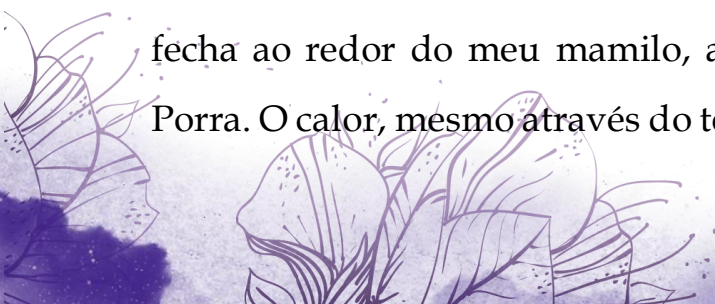
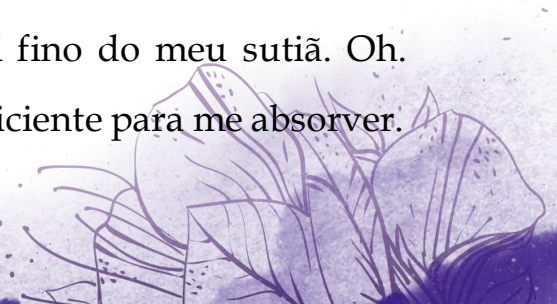
— Deixe-me te amar, Bruxinha, pelo menos enquanto eu puder. — Luna respira contra a minha boca, as palavras apenas um sussurro.

Um pedacinho do meu coração parte com essas palavras. Isso não pode durar. Esse sentimento, essa conclusão que sinto quando sua boca está pressionada contra a minha, sua perna se curvando em volta do meu quadril, suas mãos percorrendo minhas costas enquanto respiramos o mesmo ar... não pode durar.

Solto um suspiro de ar, fortalecendo meu coração contra a dor que sei que virá eventualmente e aceno.

Luna nos rola sem hesitar, puxando meus lábios suavemente enquanto empurra minha blusa para cima. Ela se recosta o tempo suficiente para soltá-la sobre a minha cabeça e eu olho para ela com os olhos arregalados, de repente curiosa como essa mulher é experiente.

— Pare de se preocupar, amor. — Ela sussurra com um sorriso, como se estivesse lendo minha mente. Abro a boca para protestar, mas a boca dela se fecha ao redor do meu mamilo, através do material fino do meu sutiã. Oh. Porra. O calor, mesmo através do tecido, é quase o suficiente para me absorver.





Meus dedos torceram por seus cabelos cintilantes até eu perceber que há muitas roupas entre nós. Sento-me e Luna tropeça para trás um pouco, rindo enquanto eu rapidamente tiro meu sutiã por cima da cabeça. Inclino-me para a frente, meus dedos amontoados no vestido emprestado de Laney enquanto meus lábios batem nos dela.

Eu preciso disso.

Eu preciso dela.

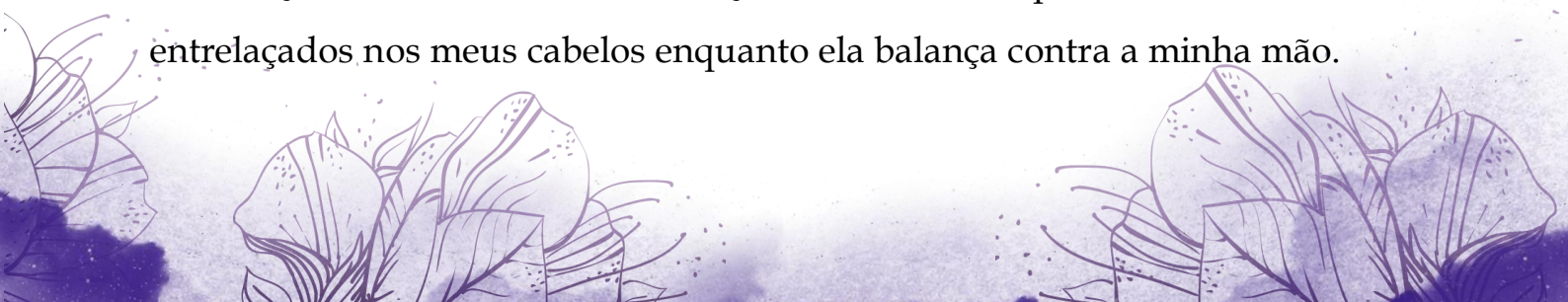
Sua língua roça no meu lábio inferior e um gemido arranha a parte de trás da minha garganta enquanto ela pressiona seu corpo contra o meu. Eu puxo o vestido, tentando desembaraçar dela. Luna se inclina para trás e puxa-o sobre a cabeça em um movimento fácil. Eu não posso deixar de olhar.

— Deusa do caralho. Você é linda. — Murmuro enquanto tomo as belas curvas na minha frente. Claro que ela não estava usando sutiã... ou calcinha, noto, enquanto meus olhos viajam pelo inchaço de seus seios até os cachos cintilantes entre suas coxas. Minha boca fica molhada e eu me inclino para a frente novamente, minhas mãos agarrando sua cintura enquanto minha boca traça sua clavícula e seu peito.

Seus mamilos são perfeitos, implorando por atenção. Quando minha língua sai para provocar um, meus dedos se fecham ao redor de outro, rolando-o entre meu indicador e meu polegar até que ela se contorça contra mim.

— Alandra. — Ela choraminga. — Deixe-me-

— Shhh. — Eu sussurro contra seu peito, deslizando minha mão livre pelo estômago liso para dobras molhadas esperando por mim. Deslizo suavemente um dedo sobre sua entrada, arrastando o molhado até seu clitóris e começo a circundá-lo. A cabeça de Luna cai para trás, seus dedos entrelaçados nos meus cabelos enquanto ela balança contra a minha mão.





Eu me inclino para trás o suficiente para assistir seu rosto, torcendo minha mão para que meu polegar role sobre seu clitóris enquanto eu lentamente trabalho um dedo em seu núcleo. Seus lábios se separam em um gemido ofegante, seus dentes roçando seu lábio inferior enquanto seus olhos se abrem apenas o suficiente para encontrar os meus. Eu a empurro para trás, gentilmente, e deslizo outro dedo dentro dela quando sua cabeça bate no colchão.

— Oh Grande Deusa. — Ela sussurra no escuro. A necessidade em sua voz combinada com seus quadris rolando para encontrar minha mão é tão perfeita. Inclinando-me, escovo meus lábios sobre os dela, curvando meus dedos contra a carne macia e pulsante dentro dela.

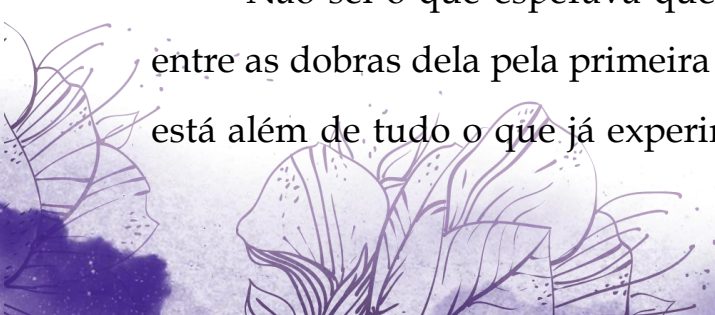
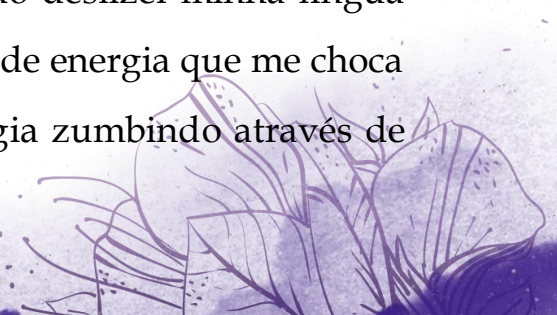
Inclino-me, arrastando minha língua do pescoço para o peito. Eu circulo seu mamilo uma vez, mas mal respiro pelo botão antes de descer, traçando um caminho em seu estômago enquanto trabalho meus dedos dentro e fora de sua boceta molhada.

Minha boca paira contra seu quadril por um momento antes de eu o morder gentilmente, puxando um suspiro de Luna. Seus quadris dobram contra a minha mão e eu bato meus dedos dentro com uma intensidade punitiva.

— Alandra. — Ela geme, apertando as mãos no lençol.

Sorrindo contra sua pele, eu beijo meu caminho através do topo de sua vagina, provocando-a com o que nós duas sabemos que está por vir. O tempo todo, meus dedos empurram mais fundo, acariciando novos lugares dentro dela.

Não sei o que esperava que acontecesse quando deslizei minha língua entre as dobras dela pela primeira vez, mas o choque de energia que me choca está além de tudo o que já experimentei. É pura magia zumbindo através de





mim enquanto eu torço minha língua em torno de seu clitóris em pequenos círculos requintados.

— Porra, você tem um gosto incrível. — Eu ronro contra sua carne molhada, tremendo como outro golpe de qualquer magia que esteja fluindo através do meu sistema.

Os dedos de Luna tentam freneticamente pegar meu couro cabeludo. Seu núcleo treme em volta dos meus dedos e eu chupo seu clitóris inchado na minha boca, girando minha língua contra ele enquanto empurro meus dedos mais profundamente dentro dela. Mais rápido.

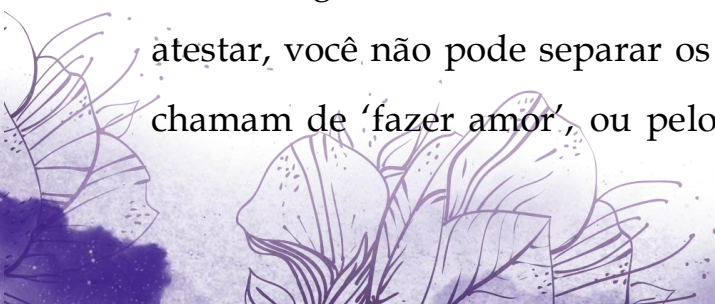
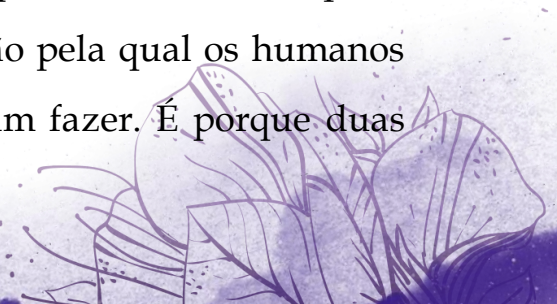
— Alandra! — Ela grita e eu não posso deixar de pensar que som bonitinho de um ratinho é quando seu corpo estremece contra mim. Eu colo no seu clitóris, acariciando quando meus dedos desaceleram dentro dela, puxando as últimas ondas de seu orgasmo comigo antes de me inclinar, limpando as costas da minha mão na minha boca. O peito de Luna sobe e desce quando ela se recupera, seus dedos puxando meus ombros.

Deslizo ao lado dela e deslizo minha mão em seus cabelos antes de escovar meus lábios sobre os dela. — O que foi isso? — Eu pergunto, inclinando minha testa contra a dela.

— O que? Descreva. — Ela murmura, deslizando a mão pelo meu ombro para envolver meu pescoço.

— Como mágica, pulsando em mim quando eu provei você. Foi bizarro — Eu rio. — No bom sentido.

Luna esconde o rosto no meu pescoço, rindo baixinho. — Eu sou celestial, amor. — Ela sussurra contra a carne macia logo abaixo da minha orelha. — Sexo e magia têm um relacionamento mais antigo do que a Grande Deusa pode atestar, você não pode separar os dois. Há uma razão pela qual os humanos chamam de 'fazer amor', ou pelo menos costumavam fazer. É porque duas





peessoas criam algo quando se juntam, quer queiram ou não. Isso é mágico. — A língua dela desliza pela minha pele e todo o calor que vem se acumulando em meu núcleo ameaça explodir.

— Isso-isso faz sentido. — Eu sussurro enquanto outro arrepio toma conta do meu corpo. Os lábios de Luna fazem cócegas na minha pele enquanto ela sorri. Não vejo, mas sinto.

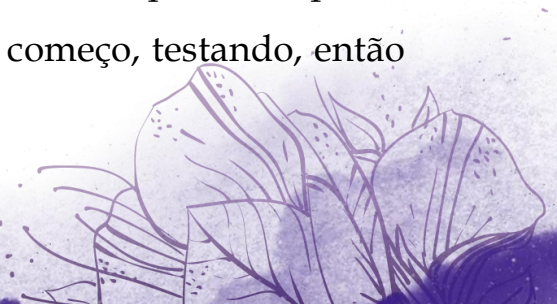
— Estou feliz que você aprove a verdade. — Ela beija seu caminho através do meu pescoço até a cavidade da minha garganta e morde suavemente, apenas o suficiente para enviar uma onda de excitação por mim. — Eu nunca entendi como alguém poderia tentar separar sexo, magia e divindade. É tudo a mesma coisa. Este mundo nasceu dele e só continua a sobreviver por causa do prazer de uma mulher. — Sua voz é hipnótica. Meus olhos reviram quando ela apalpa meus seios, beijando seu caminho através do meu peito.

De repente, lembro como a lua está ligada à magia da fertilidade e isso faz sentido. Mas devo dizer que esta é a melhor palestra da qual já participei.

A respiração de Luna faz cócegas na minha coxa e uma pontada aguda de ansiedade sobe por mim. Eu aparei hoje de manhã? Como diabos posso esperar que ela se apaixone por mim depois de saber o quão incrível ela parece? Eu não sou uma celestial. Sou uma bruxa. Praticamente humana. Ela tem gosto da porra do luar e eu... bem, sexo. Eu torço o nariz. Eu já provei antes, e não é desagradável, mas definitivamente não é nada como-

Luna desliza a língua entre os meus lábios, a ponta dançando no meu clitóris e todo pensamento sai da minha mente. Minha ansiedade desliza pelos meus dedos e cai quando os dela deslizam dentro de mim.

— Shhh. — Ela sussurra contra a minha boceta. — Sem pensar. Apenas sinta. — Seu dedo mergulha dentro de mim, raso no começo, testando, então





ela afunda profundamente em meu núcleo e minhas mãos voam para seus cabelos.

—Oh Deusa. — Eu choramingo quando ela se afasta e adiciona um segundo dedo. Ela ri contra a minha boceta antes de passar os dedos para o meu clitóris, lenta, deliberadamente, repetidamente. É torturante. A diferença de ritmo incendeia meus nervos.

Seus dedos mergulham dentro e fora da minha boceta, uma e outra vez, construindo uma pressão profunda no meu núcleo.

Sua língua lambe lentamente da minha entrada ao meu clitóris.

Eu perguntaria a ela como ela consegue acompanhar os dois passos de forma tão consistente, mas eu me sinto burra. Eu não consigo falar. Meu cérebro está fodidamente quebrado, preso em algum laço que meus neurônios consideram prazeroso. Essa é a única explicação.

Meus quadris estão arqueados fora da cama por vontade própria, moendo contra a boca de Luna, perseguindo o atrito que eu preciso. Com uma mão firme, ela empurra minha bunda de volta para a cama, rosnando suavemente contra mim. —Não.

Algo sobre isso faz coisas terríveis - ou surpreendentes - para o meu interior. Ela retoma sua tortura. Meu orgasmo está fora de alcance, do outro lado de sua língua terrível, incrível e fodida.

Luna gira a ponta da língua em volta do meu clitóris em um círculo e enfia a mão livre na minha coxa. A mudança de ritmo e uma leve pitada de dor me levam ao limite. Meus dedos se enroscam em seus cabelos quando minhas costas se arqueiam e minhas pernas começam a tremer.

—Sim, foda-se. — Eu choramingo quando a primeira onda de prazer percorre através de mim.





Luna geme contra o meu clitóris e enrola os dedos no meu ponto G e as estrelas explodem atrás das minhas pálpebras. Minha mão cai do cabelo dela quando ela se senta, ainda trabalhando os dedos lentamente dentro e fora da minha boceta, puxando cada tremor secundário que ela pode.

— Você se sente melhor, amor?

Eu bufo e estendo minha mão para ela. Ela se arrasta ao meu lado e se acomoda de costas. Deitando minha cabeça em seu peito, minha perna em seu quadril, solto um suspiro pesado.

— Melhor é uma palavra pequena.

Ela ri e beija minha testa suavemente, sorrindo contra a pele. — Boa noite, bruxinha.

Eu pisco, me perguntando se ela realmente espera que eu durma logo após esse orgasmo debilitante, mas de repente eu percebo que ela está certa. Meus olhos estão pesados e até seu brilho suave no escuro parece mais nebuloso do que o normal.

Deusa, estou leve.



CAPÍTULO DEZESETE

LUNA



Algo me puxa da paisagem dos sonhos e minha boca se aperta instantaneamente no que tenho certeza de que é um beicinho pouco atraente. A lua não faz beicinho, mas Alandra estava tendo um sonho incrível - muito melhor do que o primeiro que eu testemunhei em sua mente - e algo me tirou disso.

Beezelbub paira alguns centímetros acima do meu rosto e minha sobrancelha se levanta em questão. —O que é isso?

Olho para a direita e encontro Alandra ainda dormindo, os cabelos despenteados espalhados no travesseiro acima da cabeça. Ela é muito mais do que se credita. Bonita, independente, com força de vontade. Precisa haver mais mulheres como ela no mundo.

Beezelbub ri, atraindo meu olhar sonolento de volta para ele e para longe da bela adormecida ao meu lado. Reviro os olhos e aceno com a mão para ele. —Pare com isso, seu pervertido. — Eu assobio.

Tremo.



Um pingo de ansiedade e medo - não o meu - lava através de mim e eu me ergo, olhando ao redor da sala. Nada parece estar errado. O que na criação ele está tão chateado?

—O quê? — Pergunto novamente, como se ele pudesse me responder.

Eu fecho meus olhos, sentindo a magia ao nosso redor, só para ver se Laney chegou em casa com segurança. Sua luz pulsante está próxima, em seu quarto. Há outro pulso também. O namorado dela, talvez?

Não é até mais três pulsos iluminarem a escuridão da minha mente que começo a ficar nervosa. Era disso que Beezelbub tentava me alertar. Há pessoas na casa.

Pessoas que não pertencem aqui.

O pânico dispara através de mim. Eu me viro para Alandra, sacudindo-a até que ela comece a murmurar. — Acorde, bruxinha. — Eu saio correndo. — Algo está muito errado.

—O que? O que é? — Ela pergunta, esfregando os olhos.

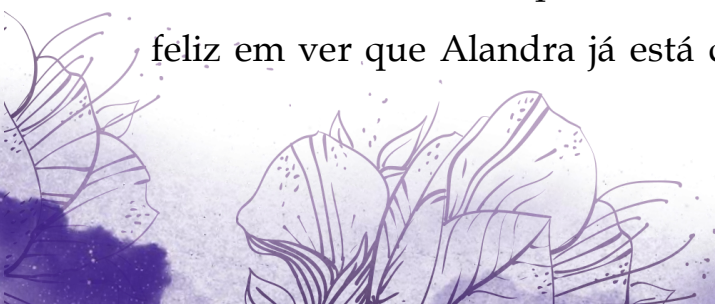
— Existe alguma razão para haver mais quatro pessoas em casa à noite?

— Pergunto, torcendo contra a esperança de estar errada.

—O que? Não? Quem está-

Tudo o que Alandra ia dizer é cortado pela porta se abrindo. Com o movimento de um pulso, eu a fecho novamente, pulando de pé. Eu estou nua, reconhecidamente não é a melhor posição para lutar contra adversários, conhecidos ou desconhecidos, mas algo sobre lutar nua com estranhos parece ainda mais difícil no momento.

Alguém forte está do outro lado da porta, empurrando a barreira que a mantém fechada. Eu rapidamente jogo meu vestido por cima da cabeça e fico feliz em ver que Alandra já está de suéter. Não é o suficiente para mantê-la





aquecida sem calças, mas não há tempo. Aponto para a janela e pressiono meus dedos nos lábios.

A janela se levanta quando Alandra corre em direção a ela, pegando um par de sapatos ao lado da mesa do computador enquanto caminha. Assim que chego ao outro lado da cama, sinto a barreira quebrar. Essas bruxas são fortes.

São necessários todos os quatro, mas eles conseguem ultrapassar a barreira. Quando a porta se abre dessa vez, a fumaça enche a sala imediatamente.

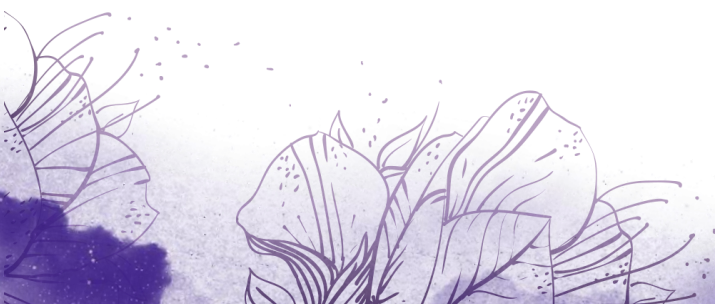
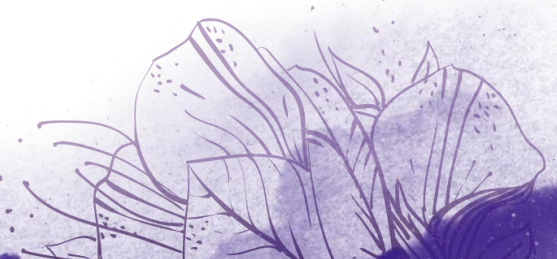
—B! — Alandra grita, a preocupação em sua voz cortando através de mim como uma faca.

Eu jogo minhas mãos para o alto, tossindo quando a fumaça enche meus pulmões. A tosse de Alandra também atravessa o denso nevoeiro. Assim como a mágica deixa minhas mãos para limpar a fumaça, uma onda de tontura me atinge.

O que na criação...

—Corra, Alandra. — Eu suspiro, cobrindo minha boca e nariz, mas é tarde demais. Eu já inalei a valeriana. Caindo de joelhos, a última coisa que me passa pela cabeça antes que a escuridão encha minha cabeça é Alandra.

Valeriana pode ser letal para os mortais. Eu vou acabar com eles.



CAPÍTULO DEZOITO

ALANDRA



Meus olhos piscam lentamente, minha cabeça latejando. A luz fraca que entra pela janela me cega e eu rapidamente fecho meus olhos novamente com um gemido.

— Inseto? — Uma voz familiar diz sufocada.

— Unghhh. — Eu choramingo, cobrindo os olhos com a mão enquanto tento me sentar.

— Mais devagar, você ainda está dopada. — Laney coloca a mão no meu ombro, me firmando enquanto milhões de alfinetes e agulhas invisíveis picam minha pele por todo o meu corpo. Não é tão doloroso quanto irritante. Faço um inventário do meu corpo e descubro que estou bem, além dos meus membros, sinto-me pesada e estou tendo dificuldade em manter meus olhos abertos.

— Dopada? Dopada com o quê? — Eu engasgo com a tosse.

— Gás valeriano. — Laney empurra meu cabelo para trás do meu rosto, sua mão fria roça na minha testa enquanto ela me examina. — Eu estava com medo que você não acordasse. O que aconteceu?



— Eu- — Eu balancei minha cabeça, um enorme erro, e o pouco do meu redor eu posso ver nadar para longe de mim. Náusea rola pelo meu estômago. Meus olhos se abrem, lutando para ver através das lágrimas que a luz causa. Eu preciso ir ao banheiro.

Eu pisco as lágrimas, segurando meu estômago, tento - e não consigo - me levantar. Os olhos de Laney se arregalam e ela desliza para trás enquanto eu perco o estômago no chão do quarto.

Enquanto eu sou pega no ciclo de vômito nojento, lampejos do que aconteceu começam a bater na minha mente, um de cada vez, até que eu lembro.

Luna.

Laney me entrega um pano molhado e eu limpo o rosto e me afasto da bagunça no chão. — Eles têm Luna.

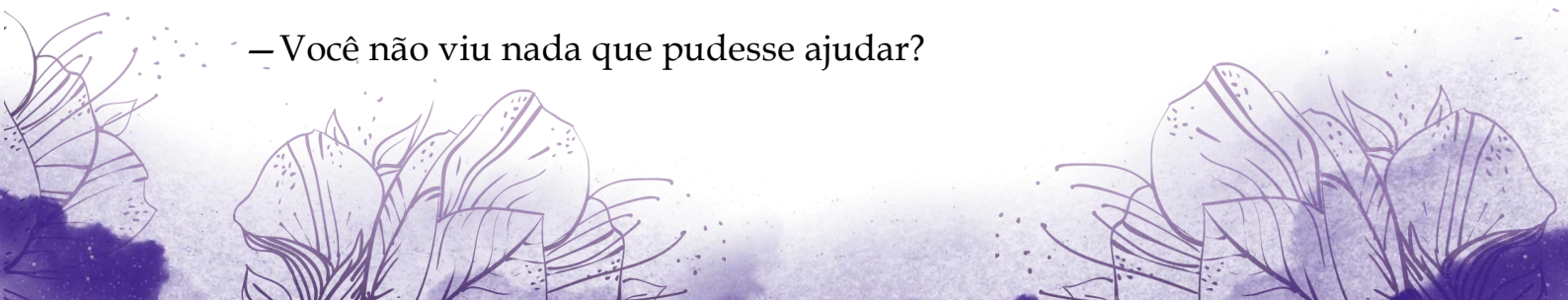
— Quem? Quem veio atrás dela?

— Eu não sei. Eles sabiam que estávamos aqui. Como eles... — Eu gemo novamente quando outra onda de náusea me ameaça.

Laney faz uma careta para mim com desconfiança antes de oferecer um copo de água que eu não havia notado que ela estava segurando. Enquanto tomo um gole do líquido frio, Laney mira na pilha de vômito com sua magia de fogo. Eu ficaria preocupada com o piso, mas Laney é um prodígio. Ela tem um excelente controle de seu elemento. Antes de terminar minha bebida, não há mais nada no chão, exceto, bem, o chão.

— Bom truque. — Murmuro, colocando o copo no chão. Estendo a mão e Laney a pega, me colocando de pé. — Os bruxos vieram, eu não sei quem. Eles a levaram.

— Você não viu nada que pudesse ajudar?





— Não, eu acordei com ela me dizendo que havia pessoas na casa... — Eu estreito meus olhos em Laney, uma onda de pânico correndo pela minha espinha. — Por que você não está vomitando?

— Eles não entraram no meu quarto. Acabou quando acordei. Juniper nem sequer rosnou.

Mordo o lábio, pensando sobre isso. Os olhos de Laney se estreitam, claramente chegando à mesma conclusão que eu. — Para quem Juniper não rosnaria? — Eu pergunto, a raiva se instalando no meu estômago, forçando a última náusea a desaparecer.

— Essa é uma lista pequena. — Laney admite calmamente, passando a mão pelo cabelo curto.

Com um grunhido, puxo algumas calças sobre as pernas e ajusto o suéter para que se encaixe corretamente novamente. Eu caminho pela porta do quarto, batendo contra a parede enquanto vou. Aquele filho da puta.

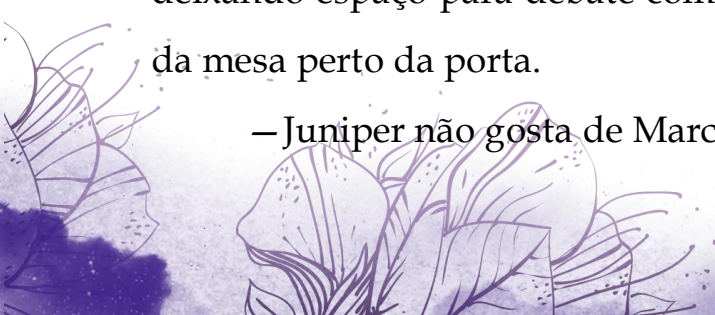
— Inseto, espera! Onde você vai?

Eu volto para Laney, a raiva fervendo sob a minha pele. — Quem sabemos que estava muito interessado em Luna, abertamente preocupado com o poder, e quem é novo em Waitsfield? — Assinalo todos os detalhes condenáveis que consigo pensar sobre Marcus.

— O que? Quem? — A boca de Laney se fecha quando ela finalmente pega a acusação e cruza os braços. — Você acha que Marcus sequestrou Luna?

— Quem mais poderia ser? As únicas pessoas em que Juniper não rosna são a família e seu namorado. — Reviro os olhos. — A menos que você tenha sequestrado Luna? Não? Então provavelmente foi Marcus. — Eu me viro, não deixando espaço para debate com minha irmã, e tiro minhas chaves e celular da mesa perto da porta.

— Juniper não gosta de Marcus-





—E ainda assim você o traz! Você não acha que deveria ter sido algum tipo de bandeira vermelha enorme que seu familiar, a manifestação física de sua magia, não gosta do seu namorado? — Meus dedos se enrolam nas palmas das mãos, minhas unhas cravam na pele com força. Eu acho que ela pode sangrar. —E ela pode não gostar dele, mas ela se acostumou com a presença dele. Eu não a ouvi rosar para ele quando o encontrou aleatoriamente.

—Eu tenho que trancá-la no quarto para que ela não mastigue os sapatos dele!

—Mas ela faz isso alegremente, para irritá-lo e fazer você ver que decisão estúpida você está tomando. — Eu acuso. —Ela não rosna para ele.

—Você vem comigo ou não? — Eu pergunto por cima do ombro, a porta já se abrindo quando eu a puxo.

—Sim. — Ela chia. Laney sai correndo pela porta atrás de mim, puxando um casaco por cima dos ombros.

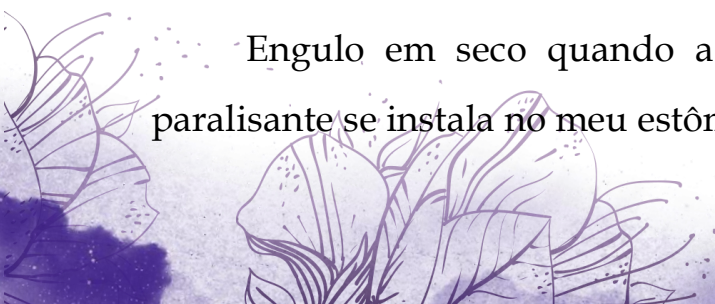
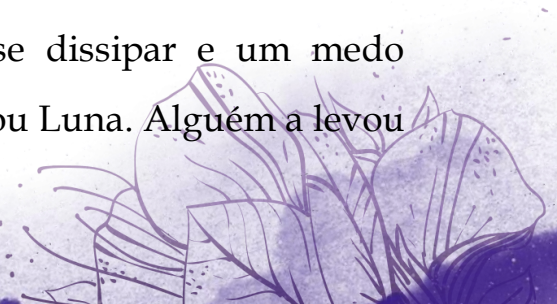
Uma mão quente cai no meu ombro quando chego ao carro e me viro para encará-la. Se eu posso sentir o calor através da minha jaqueta, a magia dela está muito perto da superfície para ela estar me tocando e ela sabe disso.

—Ele não faria isso. Eu sei que você não gosta dele, mas ele não faria isso. Por favor, não vá acusá-lo. Não podemos simplesmente... pedir sua ajuda e ver como ele reage?

Inclinando minha cabeça para o lado, considerando suas palavras, lentamente começo a acenar. —Bem. Vai dar certo, mas no momento em que ele disser algo obscuro...

Laney levanta a mão entre nós e assente. —Se ele fizer isso, eu vou assalá-lo vivo.

Engulo em seco quando a raiva começa a se dissipar e um medo paralisante se instala no meu estômago. Alguém pegou Luna. Alguém a levou





e eles farão coisas terríveis com ela se não a encontrarmos em breve. Abro a porta do carro e encontro os olhos de Laney uma última vez antes de entrar.

— Eu não posso perdê-la. Não é assim.

— Eu sei. — Ela sussurra, esfregando a parte superior do meu braço.

Concordo com a cabeça, virando-me para o carro e fecho a porta atrás de mim enquanto me acomodo no banco do motorista. Luna não merece nada disso. Imagens dela curando a velha bruxa da cidade passam pela minha cabeça e minha cabeça cai no volante. Ela é uma boa pessoa. Ela se importa com pessoas, até mortais como eu, que não merecem sua atenção. Ela vê o bem em mim. Não posso deixar que nada aconteça com ela.

Eu não deixarei nada acontecer com ela. Esse pensamento ecoa em minha mente repetidamente até que seja uma trilha sonora para minha determinação. Vou encontrá-la e acabar com qualquer besteira que esses bruxos tenham planejado para ela.



Meu telefone toca no meu bolso quando nos aproximamos da entrada enorme da casa de Marcus. As câmeras de segurança se agarram ao teto da varanda e estreito os olhos em uma delas, enquanto ela se mexe para ter uma visão melhor de nós.

Em momentos, Marcus abre a porta com um enorme sorriso estampado no rosto. — Baby! — Ele joga os braços em torno de Laney e ela o abraça sem jeito antes de sair de seu abraço.

— Podemos entrar?





—Claro. — Ele responde, olhando nervosamente entre nós duas. Sua sobrancelha arqueia quando passo por ele e entrei em casa, imediatamente olhando ao redor do grande espaço. Não faria sentido que Luna fosse mantida em um lugar tão facilmente acessível, mas não posso deixar de olhar de qualquer maneira.

—O que houve? — Marcus pergunta, indo em direção à cozinha. Nós seguimos atrás dele, Laney mexendo com as mãos enquanto Marcus se vira e oferece uma cerveja.

—Você viu Luna? — Ela pergunta.

—Não, por que eu veria? — Sua indiferença faz meu estômago revirar. Eu quero mordê-lo. Não tenho ideia de onde vem esse desejo feroz, mas, minha Deusa, quero afundar meus dentes nele até que ele grite como a putinha que sei que ele é.

—Alguém a levou. — Eu estalo. — Você sabe onde ela está?

—Como assim alguém a levou? — Ele coloca a cerveja no bar da ilha e pula de pé, obviamente chocado.

Tropeço para trás, surpresa com a exibição. Eu não esperava essa reação.

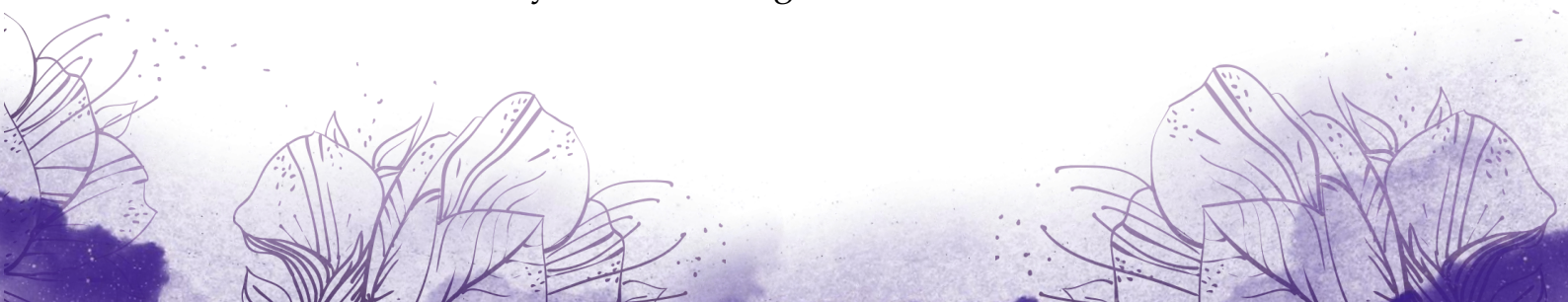
—Ela está bem? Você sabe quem a levou?

—Não foi você. — Eu sussurro, pânico afundando profundamente em meus ossos. Alguma parte de mim esperava que fosse Marcus. Ele é o mal que eu conheço. Ele seria fácil de lidar. Luna seria mais fácil de encontrar.

Mas agora...

Eu coloco a mão no meu peito enquanto meu coração bate fora de controle.

—Inseto? — Laney sussurra, chegando ao meu lado.





— Por que alguém a sequestraria? Quem diabos é ela? — Marcus estreita os olhos em mim e eu tento respirar através do ataque de pânico que ameaça assumir.

— Não finja que você não sabe quem ela é. — Eu acuso, mal segurando a ideia de que Marcus está envolvido. — Eu sei que você sabe alguma coisa.

— Eu sei que ela não é quem você diz que é. Mas sinceramente não tenho ideia de quem ela é. Ela é poderosa. — Ele encolhe os ombros, sentando-se no banquinho. — Mas acho que se ela se foi...

— Se ela foi o quê? — Laney se encaixa.

— Baby, eu só quis dizer-

— Você realmente está atrás do poder, não é? — A voz de Laney é gelada, um estranho contraste com o calor que sinto irradiando de seu corpo onde ela fica ao meu lado.

— Ela é celestial. — Eu falo. — Pare de brincar, Marcus. Onde ela está?

Os olhos de Marcus se arregalam e, naquele instante, eu sei que ele realmente não sabia de nada. Ele pisca e toma um gole de cerveja, balançando a cabeça. — Puta merda. A lua? Isso faz sentido, agora que você disse isso. Droga.

— Por quê?

Marcus olha para o lado e encolhe os ombros. — Houve algumas conversas sobre uma presença celestial na Terra.

— Oh minha deusa, você sabe alguma coisa! — Laney ruge. Ou é Juniper quem ruge? Eu dou de ombros para a confusão. Minha mente está nublada pelo ataque de pânico iminente e preciso me concentrar.

O cheiro de fumaça me traz de volta ao momento e eu me inclino para a frente, batendo no ombro de Marcus.





—Sério, querida? — Ele rosna, olhando para nós duas. —Ciúme não combina com você.

—O que você sabe? Ou vou deixar que ela te atrapalhe.

—Quando eu conversava com meus pais sobre a sua visitante, eles não estavam tão interessados na nova e poderosa bruxa como costumavam estar. Eles estavam ocupados fofocando sobre um Celestial que aparentemente estava na Terra. O primeiro em milhares de anos. Aparentemente, algumas bruxas das trevas estão procurando por ela.

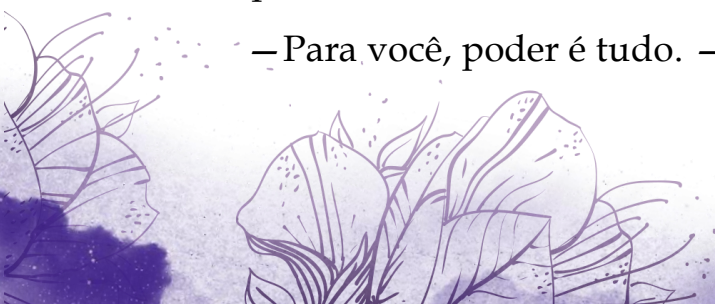
—Por que você estava contando a seus pais sobre Luna? — Não sei bem por que Laney continua fazendo essas perguntas. Ele quase admitiu a verdade para ela. Eu sei que ela quer acreditar no melhor dele, mas neste momento, se ela não pode vê-lo como ele é, então ela é cega.

—Eles querem que eu faça a melhor combinação possível. — Ele encolhe os ombros. — Você sabe disso.

—E eu não sou boa o suficiente? — A voz de Laney é pura chama. A julgar pela temperatura crescente ao nosso redor, esse fogo corre o risco de escapar dela a qualquer segundo. Eu confio nela, ela tem um excelente controle de seu elemento. Mas tudo o que isso significa é que o fogo irá exatamente para onde ela quer quando finalmente ceder, e eu não gostaria de ser Marcus quando isso acontecer.

—Você é tudo o que eu poderia esperar, Laney. — Ele dá um passo em sua direção, mas rapidamente para quando pequenas chamas aparecem no chão à sua frente. —Eu não poderia contar aos meus pais sobre alguém tão poderoso quanto Luna, no entanto. Querida, você tem que entender. Para eles... poder é tudo.

—Para você, poder é tudo. — Ela grita.





— Com quem seus pais estavam conversando sobre um Celestial? —

Pergunto entre as explosões. Parte de mim está em êxtase por Laney finalmente estar largando esse idiota, mas não posso me concentrar nisso agora.

— Uh. — Marcus gagueja, esfregando a mão na parte de trás da cabeça.

— Eu realmente não posso... — As chamas no piso caro aumentam e ele engole.

— Eu não sei. Eu sei que existem bruxas das trevas morando em Waitsfield, mas é tudo o que posso dizer.

As chamas se apagam e Laney agarra minha mão me puxando para trás. Uma grande sombra cai sobre o rosto de Marcus e eu me movo para ter uma melhor visão do Beezelbub pousando em seu rosto, com as asas totalmente abertas.

— Porra! Tire isso de mim! — Ele grita, golpeando meu pobre familiar.

Beezelbub chia para longe, agarrando-se ao nariz do idiota por mais um segundo antes de voar em minha direção e para Laney.

— Mas não sabemos quem eles são. — Lembro Laney quando ela abriu a porta.

— Tenho alguns feitiços que podemos tentar. Preciso sair, Inseto, antes de queimar essa porra de casa no chão.

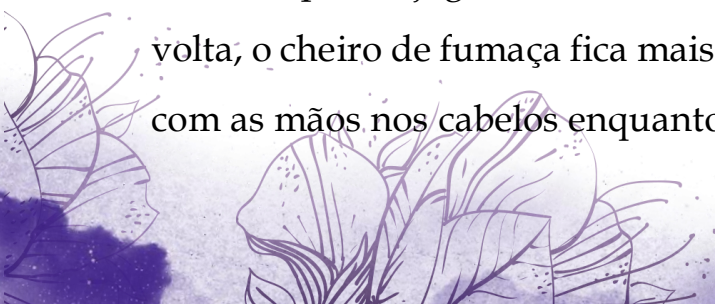
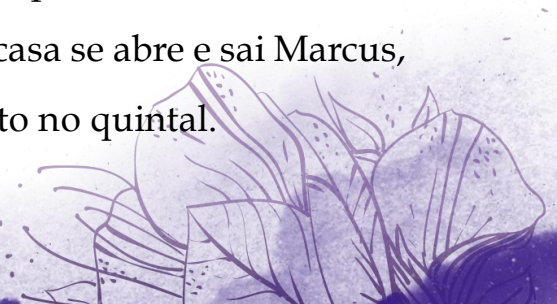
— Sim, isso provavelmente não é o melhor-

— Ok então. — Seu tom não deixa espaço para discussão. Eu a sigo até o carro e abro a porta do motorista. Quando olho para minha irmã por cima do carro, o cheiro de fumaça me atinge e eu entro em pânico.

— Laney. — Murmuro.

— Espera.

Enquanto jogo as chaves da minha mão esquerda para a mão direita e de volta, o cheiro de fumaça fica mais denso. A porta da casa se abre e sai Marcus, com as mãos nos cabelos enquanto olha para um ponto no quintal.





— Porra, mesmo ?

Laney bufa e pula no banco do passageiro. Fico na ponta dos pés, tentando ver longe o suficiente para entender o motivo de toda essa confusão. No quintal, vários trechos de grama foram queimados com as palavras: Marcus Welling é uma trapaça.

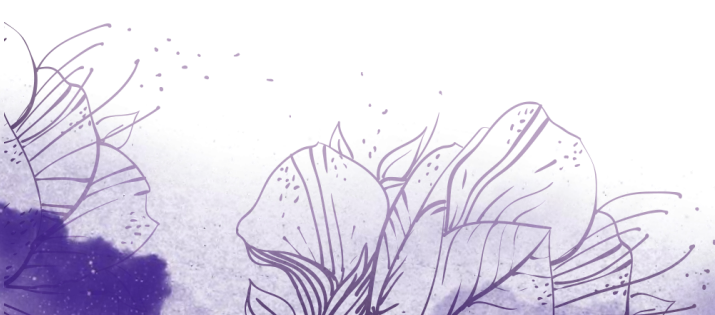
Com uma risada, balanço a cabeça e entro no carro, ligando-o rapidamente. Quando saio da garagem, olho para Laney. — Não conseguia pensar em algo mais inventivo?

— Cale a boca, Inseto. — Ela vira a cara para a propriedade quando saímos e eu desligo o aquecedor. O calor vindo da minha irmã irritada é mais do que suficiente para nos manter aquecidas no caminho de casa.

— Quais são esses feitiços que você quer tentar? — Eu pergunto, mudando de assunto.

— Você sabia que ele era um idiota o tempo todo. — Ela suspira, balançando a cabeça na minha visão periférica. — Um feitiço de observação. Se não conseguirmos que isso funcione, a mãe poderá. Ela sempre foi ótima nisso.

Meus dedos batem no volante enquanto considero isso. Vencer é bastante fácil. Eu realmente quero encontrar Luna. É como um peso no peito que não consigo engolir ou me livrar, e sei que a única coisa que vai dar certo é ver que ela está bem.



CAPÍTULO DEZENOVE

LUNA



Meu estômago aperta quando acordo com o som de estranhos falando. Meus olhos se abrem, mas a escuridão permanece. Pano escova meu nariz enquanto meu rosto se move e percebo que estou com os olhos vendados. O aborrecimento surge dentro de mim. Eu tento puxar minha mão para frente, mas está presa nas minhas costas.

— O que vamos fazer com ela quando ela acordar? — Uma voz sem corpo pergunta de algum lugar próximo.

Sim, você deve estar muito preocupado com o que acontecerá quando ela acordar, mortais. Focando, convoco a magia dentro de mim para desatar meus pulsos, mas nada acontece.

O pânico bate em mim quando percebo que não consigo acessar minha magia.

— Nós apenas temos que mantê-la sedada até o solstício. É aí que o poder dela estará em sua força máxima.

— Nós seremos deuses. — A primeira voz responde com reverência.

Um rosnado frustrado escapa da minha garganta enquanto tento repetidamente acessar minha magia. Nada. Eles devem ter me drogado.



Imagens de Alandra caindo no chão no quarto cheio de fumaça atravessam minhas pálpebras e garras de desespero rasgam meu peito.

Eu preciso saber que ela está bem. Eu preciso saber que ela não foi prejudicada pelo gás.

— Alguém está acordado. — Uma voz profunda fala perto do meu ouvido.

Afasto-me do som e viro a cabeça, recusando-me a participar de qualquer jogo que este bruxo esteja jogando.

— Ah, não seja assim. Não há necessidade de ser rude. Isso é simplesmente negócio, honestamente. — Ele ronrona. Um dedo calejado roça minha bochecha e um arrepio revoltado sobe pela minha espinha.

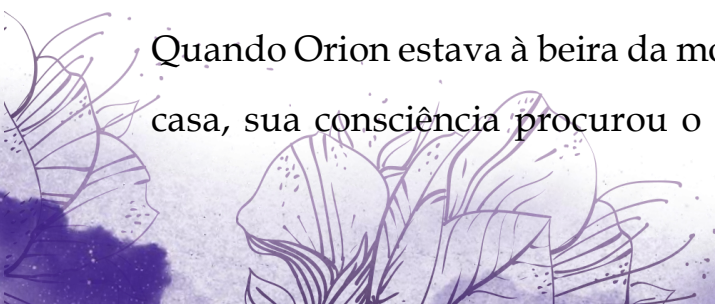
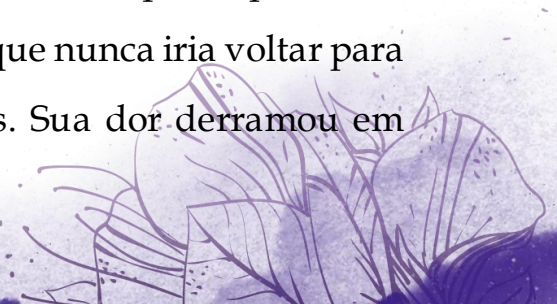
— Não seja tão ousado a ponto de me tocar, bruxo. — Eu assobio cegamente para qualquer idiota diante de mim.

— Então ela fala.

Apertando meus lábios, relaxo na cadeira desconfortável a que estou presa. Dar-lhes uma reação apenas os estimulará. Talvez eu não conheça muito sobre esse novo mundo que os mortais construíram para si mesmos ou sobre a tecnologia com que o preencheram, mas uma coisa permaneceu a mesma: a crueldade dos mortais é incomparável.

Eles acham que os deuses são cruéis, mas, na verdade, nunca encontrei algo tão cruel quanto um ser mortal. O desespero deles se apegava a eles como um fedor do qual não conseguem se livrar, por mais que tentem. Todos eles lutam contra a morte que é inevitavelmente deles. É patético e sempre os leva a atos indescritíveis.

Como Orion. Um sentimento muito familiar de medo passa por mim. Quando Orion estava à beira da morte, quando sabia que nunca iria voltar para casa, sua consciência procurou o resto dos Celestiais. Sua dor derramou em





cada um de nós, enchendo-nos com o horror do que estava acontecendo com ele. Eu posso vê-lo agora tão claramente quanto pude ver antes.

Parecia que a luz das estrelas saía da minha própria boca enquanto eu canalizava sua morte. Meus olhos choraram lágrimas, mas a sensação ardente de energia fluindo deles não parava.

Balanço a cabeça, descartando a memória. Se esse é o meu destino, não há nada que eu possa fazer. Mas não vou desistir tão facilmente. Eu vou lutar até o fim.

— Agradecemos por seu sacrifício, Espírito da Lua.

Ah, então eles sabem quem eu sou.

— Não concordo em ser seu sacrifício nem celebro nenhum contrato com seu convênio. Desejo ser libertada, deixe-me ir, continuar minha existência por vontade própria, conforme ordenado pela Grande Deusa após minha criação. Eu refuto qualquer tentativa de aproveitar meu poder, eu repreendo qualquer tentativa no meu corpo. Eu não sou sua, bruxo. — As palavras são venenosas na minha boca e eu não consigo parar de falar até que elas saiam.

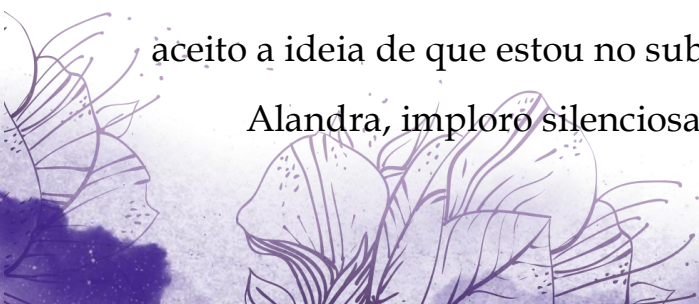
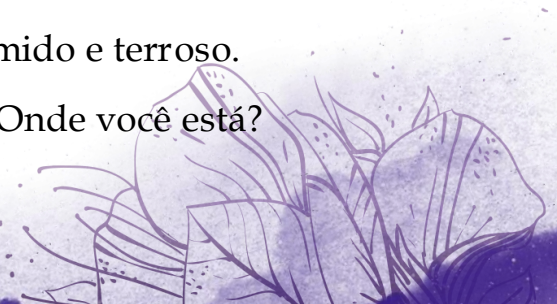
A risada suave no escuro envia gelo pelas minhas veias.

— Nós não precisamos da sua permissão, Celestial. Mas suas objeções estão anotadas.

Passos ecoam por toda a sala ao meu redor enquanto o bruxo se afasta. Derrotada, eu me concentro em toda a magia ao meu redor. Pelo menos ainda posso senti-las.

Pelo menos vinte chamadas tremeluzem com intensidades variadas ao meu redor. Alguns parecem estar em cima de mim, o que me diz que devo estar no subterrâneo. Minhas narinas se abrem quando sinto o cheiro ao meu redor e aceito a ideia de que estou no subsolo. Tudo cheira úmido e terroso.

Alandra, imploro silenciosamente ao universo. Onde você está?





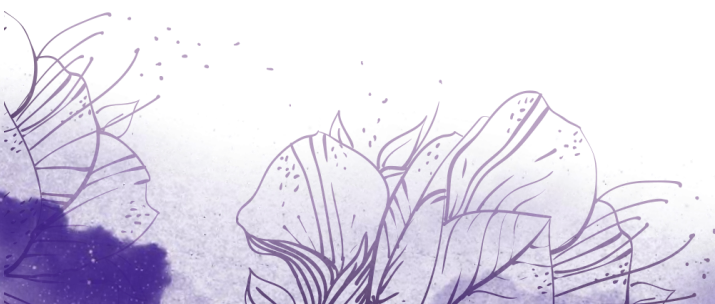
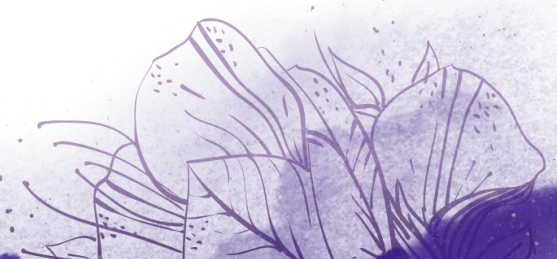
Mas, claro, não há resposta. Meu amor não tem o tipo de mágica necessária para ouvir meu apelo. A magia que ela tem está trancada tão longe dentro dela, que ela não vê seu verdadeiro valor.

O verdadeiro poder dela.

Eu deveria ter explicado a ela quando tive a chance. Se eu tivesse, talvez não estivesse na situação que estou agora. Eu dou um suspiro. O feitiço que me prende neste reino termina no solstício. Se eu conseguir até lá ter meus poderes devolvidos, posso fugir antes que qualquer dano permanente seja causado.

Por favor, Grande Mãe, me ajude nesta provação. Eu nunca pedi nada. Eu nunca te invoquei nem atrapelei seu sono eterno. Eu nunca ousaria em circunstâncias normais. Me ajude, suas criações planejam acabar comigo.

Concentro toda a minha força mental em enviar a oração para o universo, esperando que a Grande Deusa ouça meu apelo e tenha misericórdia. Uma dor rápida e ardente assalta meu pescoço e meu aperto no mundo se esvai novamente.



CAPÍTULO VINTE

ALANDRA



Nós olhamos para a tigela de água, observando as ondulações girando e virando as direções enquanto elas tentam localizar Luna. Estamos nisso há mais de uma hora. Laney chegou ao ponto de derramar a tigela e começar completamente do zero.

Até agora, chegamos a lugar nenhum, apesar dos nossos melhores esforços. Beezelbub pousa na borda da tigela, rindo na água e balanço a cabeça. Em algum lugar próximo, Juniper rosna, espelhando os grunhidos de frustração vindos da minha irmã.

— Eu não entendo! — Laney rosna enquanto empurra a tigela para longe. A água bate na beirada e Beezelbub levanta a perna da frente, evitando o fiasco molhado, mas por pouco.

— Eles têm que estar bloqueando a localização dela de alguma forma. — Suspiro. — Você saberia fazer algo assim?

— Bloquear minha localização? — Laney torce o nariz para cima. — Sim. Eu já fiz isso antes. Mas do jeito que eu estou procurando por ela, não deve importar. Eles devem ter camadas de proteção por onde quer que estejam ou.

Ou-



Balanço a cabeça, engolindo em seco. — Não, não 'ou'.

— Inseto, precisamos nos preparar para o fato de que ela já pode ter ido embora. — Laney coloca a mão no meu ombro e eu dou de ombros para longe dela, respirando fundo.

— Eu saberia se ela estivesse morta.

— Como?

— Eu - eu não consigo explicar. — Engasgo, segurando uma mão no meu coração. — Eu a sinto dentro de mim, às vezes. É como se um pedaço dela estivesse comigo.

— Oh merda. — Sussurra Laney, seus olhos se arregalando. — Você se ligou a ela?

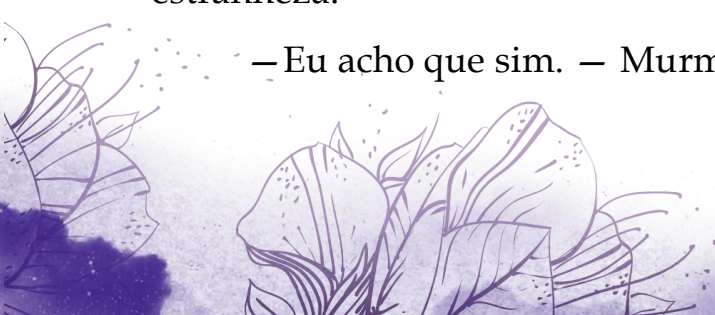
— O que? Não! Claro que não. — Murmuro, limpando as lágrimas que se acumulam nos meus olhos. — Há apenas algo... Não sei como explicar.

— Parece que você está comprometida. Mas você não pode fazer isso acidentalmente. — Laney admite, mordendo o lábio inferior. — Você a ama, não é?

Eu pisco para ela, meu batimento cardíaco diminuindo junto com tudo ao meu redor. Eu a amo? As pernas macias e as asas de seda de Beezelbub deslizam contra o meu pescoço enquanto ele rasteja sob meus cabelos para esconder ou mostrar seu apoio - quem sabe o que, honestamente - e eu aceno. Eu amo.

Eu sei que não deveria. Eu sei que não há como isso acabar bem para mim. Mas algo dentro de mim ama Luna por todas as coisas estranhas e maravilhosas que ela é. Sua estranheza graciosa complementa minha estranheza.

— Eu acho que sim. — Murmuro baixinho.





—Inseto. — Laney suspira, passando a mão no cabelo. —Eu disse para você não se apegar a ela!

— Bem, não era exatamente parte do meu plano, Laney. — Rosno. Juniper fica entre nós e mostra os dentes. Sua língua grande se curva sobre as bordas afiadas e eu juro que seus olhos se estreitam. Ela nunca gostou quando alguém levanta a voz para Laney.

—Sim, tenho certeza. — Ela suspira, beliscando a ponta do nariz. —Ok. Isso é um problema para um dia diferente. No momento, precisamos encontrar sua namorada e impedir que ela seja sacrificada. Nada demais.

—Quero dizer, sempre há uma chance de ela não estar sendo sacrificada?

— Minha voz soa esperançosa, até para mim, e Laney apenas ignora antes de folhear um livro para um novo feitiço.

—Sim, eu sei. — Suspiro. Meu telefone vibra no meu bolso, uma vibração longa e contínua, o que significa que alguém está ligando. Minhas sobrancelhas se contraem quando eu a puxo e pressiono a tecla de resposta verde.

—Mãe? — Eu pergunto, confusa.

—Querida, a que horas vocês estão vindo?

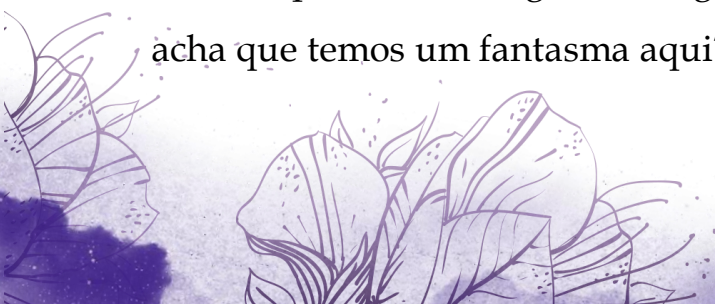
Eu olho para Laney, uma pergunta no meu rosto. —Eu não acho que estávamos planejando ir aí? Mãe, o que é isso?

—Claro que não, você está lá tentando consertar tudo sozinha, porque não confia em sua própria mãe. Deusa. Apenas venha aqui, agora, por favor.

— Ela termina a ligação fungando e minha mão cai, olhando para a tela.

—O que diabos foi isso?

—Eu não faço ideia. Eu acho que ela sabe? — Os cabelos na parte de trás do meu pescoço formigam e eu golpeio com a sensação assustadora. —Você acha que temos um fantasma aqui?





—Não. — Laney balança a cabeça, mas a maneira como seus olhos se arregalam quando ela olha ao redor da sala me faz pensar se ela acredita em sua própria mentira.



Mamãe leva seu tempo derramando o chá. Meu pé balança embaixo da mesa nervosamente, enquanto ela inclina a cabeça em direção a mais um convidado invisível e fala baixinho.

—É bizarro. — Suspiro.

—Você pensaria que depois de crescer com ela, estaria acostumada. — Laney ri. Seus olhos percorrem a sala, enquanto ela me lança um sorriso despreocupado. Isso também a enerva, ela só não quer magoar os sentimentos da mãe.

—Meninas. — Mamãe interrompe, colocando uma xícara de chá na frente de cada uma de nós. — Digam-me o que está acontecendo, por favor. Eu estou tentando tanto não interferir, mas as coisas que estou ouvindo... — Ela balança a cabeça e senta-se do outro lado da mesa, cruzando as mãos sobre a mesa enquanto espera que uma de nós explique.

Laney e eu trocamos olhares preocupados, mas finalmente dou de ombros. Luna já foi sequestrada. Qual é o mal em contar à mamãe? Além disso, acho que ela já sabe um pouco disso. Malditos fantasmas.

—Alguém pegou Luna. — Explico com cuidado. —Ela foi sequestrada de nossa casa e estamos tentando encontrá-la.

—Por que alguém faria isso? — Mamãe pergunta, com muita calma.





Eu estreito meus olhos nela e cruzo os braços sobre o peito. — Sinto que você já sabe, não é?

— Que você convocou, dormiu e perdeu a Lua? — Mamãe revira os olhos para o céu enquanto ela mexe sua própria xícara de chá. — Sim, eu fui informada.

— Por que você não disse nada? Quando você soube? — Minha mão bate na mesa, pontuando minhas palavras com um som oco.

— Foi-me dito durante o jantar. — Mamãe admite calmamente, encontrando meus olhos. — Você realmente chamou Luna do reino dela? Como? — Ela parecia impressionada, mas triste.

— Eu estraguei a bênção, de alguma forma. Mãe, você sabe onde ela está? — Minha mão acena vagamente para o resto da sala, para os espíritos que eu sei que devem estar lá, mesmo que eu não possa vê-los. — Eles a viram? — Eu realmente deveria estar mais preocupada com o fato de minha mãe guardar essa informação para si mesma em vez de me confrontar. O que mais ela sabe? O que mais ela manteve para si mesma ao longo dos anos?

É desconcertante.

— Onde está o papai? — Laney pergunta de repente, olhando em volta. — Ele tira o dia Yule todos os anos. Como agente de seguros, ele pode trabalhar em casa quando necessário. Mas o carro dele também não estava aqui quando estacionamos...

— Eu não tenho certeza. — Mamãe sussurra, uma carranca puxando os lábios para baixo. Sua cabeça se inclina para o lado e seus olhos se estreitam antes que ela puxe o celular. Antes que qualquer um de nós possa falar, o telefone está no alto-falante, tocando enquanto ela liga para o pai.

— Audrey?





—Sterlen, onde você está, hun? As meninas estão aqui. — Mamãe encontra meus olhos do outro lado da mesa e arqueia uma sobrancelha.

—Estou... — o som de vozes abafadas ecoa no fundo. —Estou ajudando alguns amigos com os preparativos do solstício. O que está acontecendo? As garotas estão bem?

—Elas parecem bem. — Mamãe responde lentamente.

—Não estão doentes?

—Por que elas estariam doentes, Sterlen? — Mamãe pergunta, sua voz falhando como um chicote.

Balanço a cabeça, meu coração acelerando.

—Eu só estava preocupado com isso. As meninas nunca aparecem, achei que algo devia estar errado.

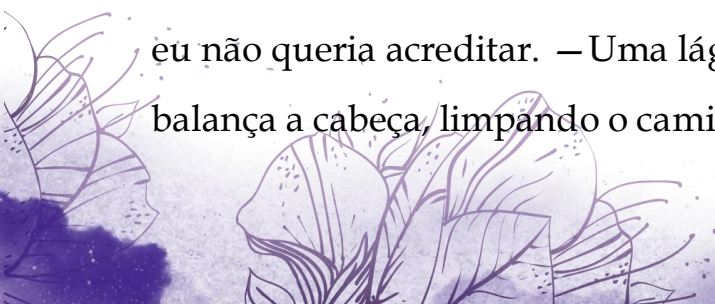
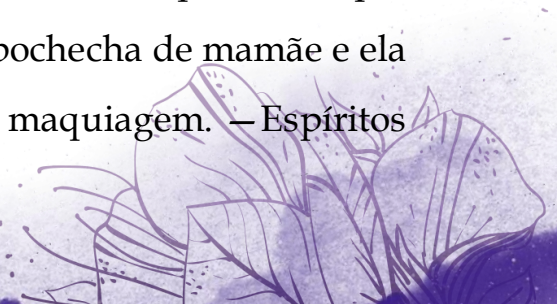
—Sterlen, querido, quem você está ajudando no solstício? — Os olhos da mãe se estreitam ainda mais, um rubor vermelho brilhante subindo pelo pescoço até as bochechas.

—Os padres, por que, #amor? — Papai sussurra algo para alguém no fundo que eu não consigo entender. —Olha, eu tenho que ir, Audrey. Diga às garotas que as amo, vejo vocês mais tarde esta noite.

A ligação termina e eu olho nervosamente de mamãe, que está furiosa, para Laney, cuja boca está aberta. Não tenho certeza do que acusar o pai neste momento. Ele está brincando com mamãe de novo? Ou isso é tão ruim quanto parece? Ele até perguntou se eu estava doente...

—Mãe, o que está acontecendo? — Eu pergunto, inclinando-me para a frente, meus cotovelos apoiando-se pesadamente sobre a mesa.

—Eu - eu não sei. Eles estão me contando coisas há um tempo, coisas que eu não queria acreditar. — Uma lágrima escorre pela bochecha de mamãe e ela balança a cabeça, limpando o caminho salgado de sua maquiagem. — Espíritos





não são infalíveis, você sabe. Eles são apenas o que resta das pessoas. E algumas pessoas são más, e outras são boas... Eu esperava que essa fosse apenas a versão deles das fofocas ociosas.

— Você esperava qual era a versão deles das fofocas ociosas? — Laney pergunta, refletindo minha própria linguagem corporal. Estamos literalmente na beira de nossos assentos, tentando chegar ao fundo disso quando a mãe desvia o olhar, para algo que não podemos ver.

— Seu pai vem de uma linha de bruxas das trevas. — Ela finalmente sussurra.

— O quê ?! — Eu grito, de pé tão rápido que minha cadeira bate de volta na parede atrás de mim.

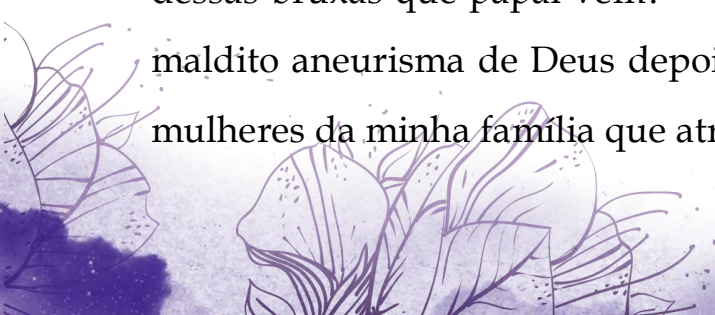
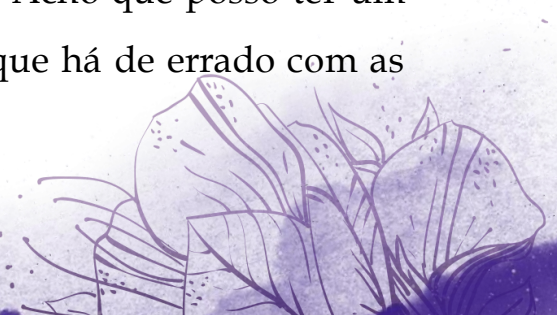
— Alandra, sente-se.

— Puta merda. — Sussurra Laney, cobrindo a boca com a mão. — Há quanto tempo você sabe?

— Um espírito me disse quando o conheci durante a faculdade. Eu perguntei a ele sobre isso e ele me disse a verdade. Ele veio de uma família que praticava no lado sombrio, magia do sangue, voodoo do sul, você sabe o tipo.

— Ela suspira, balançando a cabeça. — Mas ele nunca quis ter nada a ver com tudo isso. Eu não poderia culpá-lo por sua família. Você não pode escolher quem o traz a este mundo, meninas. Então, passamos por isso. Nós nos apaixonamos. — Ela sorri tristemente para nós duas. — Começamos uma família.

— Mãe. — Eu sussurro, minha voz tremendo de raiva. — Apenas bruxas das trevas teriam levado Luna. Você sabe o que eles fizeram com Orion. São dessas bruxas que papai vem? — Minha cabeça dói. Acho que posso ter um maldito aneurisma de Deus depois de tudo isso. O que há de errado com as mulheres da minha família que atraem esses idiotas?





Meu pai é um idiota? Ele definitivamente traiu minha mãe antes, então 'idiota' provavelmente é adequado. Mas ele é mau? Eu gemo internamente enquanto minha mente tenta resolver os detalhes.

Ele levou Luna?

— Sim. A família de seu pai faz parte da Ordem há gerações. É por isso que vocês nunca os conheceram. Não queria que vocês fossem influenciadas pelo tipo errado de magia.

— Oh minha Deusa. — Eu sussurro, balançando a cabeça. — Ele levou Luna. Ou ele disse a alguém que a levou. Mãe, onde ele está?

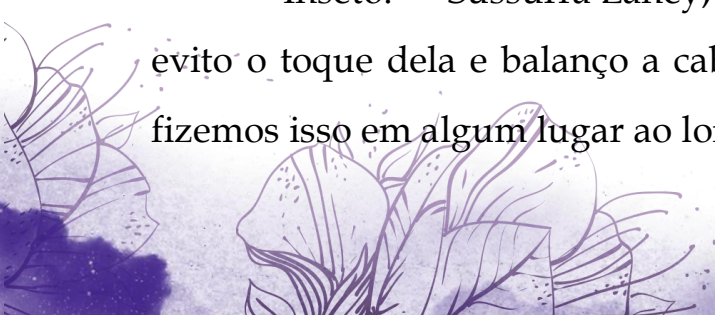
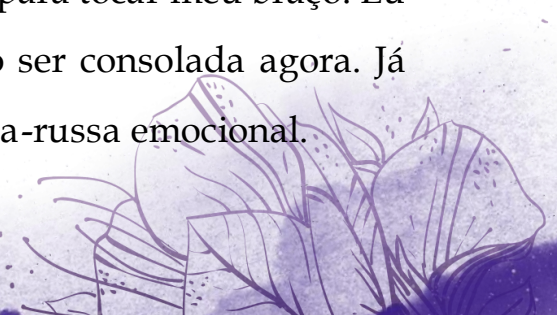
— Quem são os padres? — Laney pergunta, esfregando as têmporas. Pelo menos eu não sou a única com dor de cabeça por tudo isso.

— Os padres foram banidos de Waitsfield quando eu era criança. Eles moram perto do parque estadual. Eles foram banidos por praticar magia negra. Isso aconteceu durante o Iluminismo, quando bruxas de todo o mundo estavam se revelando aos humanos, e o Coven de Waitsfield não queria estar ligado ao deles... — Mamãe faz uma careta, lançando um olhar rebelde para o telefone. — Não sei exatamente onde eles moram, mas posso encontrar seu pai. Se você acha-

— Faça. Agora. — Meus dentes se apertam enquanto eu empurro as palavras. É preciso tudo em mim para não gritar. Meu pai fez uma cena assim na frente de Luna e ele está ligado a essas pessoas horríveis?

Ele pode realmente ter levado ela? Meu pai pode ter me drogado, me colocado em perigo e tirado uma mulher da minha cama no meio da noite? Em que tipo de drama shakespeariano eu estou vivendo?

— Inseto. — Sussurra Laney, estendendo a mão para tocar meu braço. Eu evito o toque dela e balanço a cabeça. Eu não quero ser consolada agora. Já fizemos isso em algum lugar ao longo desta montanha-russa emocional.





Não quero fingir que tudo vai ficar bem. Eu não quero chavões. Eu quero ficar com raiva. Quero que essa raiva penetre em meus ossos e me alimente. Não tenho tanta magia em que confiar como minha irmã ou minha mãe. Não tenho espiões mortos que podem me dizer o que meus inimigos estão fazendo do outro lado da cidade. Eu só tenho essa raiva.

E ninguém vai tirar isso de mim agora.

— Ele está onde ele disse que está. — Mamãe finalmente diz, com os olhos abertos. — Em algum lugar no Monte. Mansfield State Park, eu acho. Meninas, eu não quero acreditar que seu pai poderia ter feito isso... — Ela respira fundo e, em seguida, encontra cada um de nossos olhos antes de continuar. — Mas as coisas que os espíritos estão me dizendo... Eu acho que talvez ele não seja o homem que eu pensava que era. Sinto muito, queridas. — Uma única lágrima desliza por sua bochecha e Laney se inclina sobre a mesa, consolando-a.

As palavras murmuradas entre elas provavelmente são doces. Provavelmente é comovente. Mas não estou interessada. Beezelbub chia com raiva perto da minha orelha. — Sim, eu também, garoto. — Murmuro, acariciando minha bochecha contra seu rosto confuso. Ele está tão chateado quanto eu.

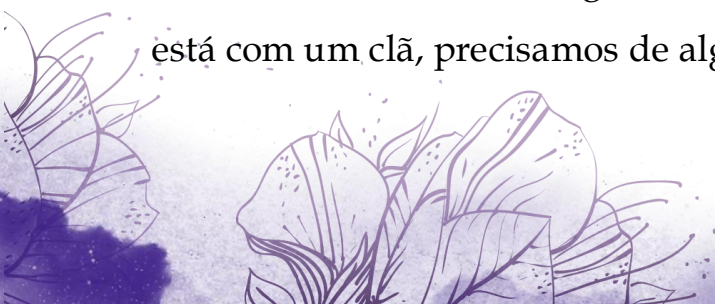
— Alandra. — Mamãe diz e minha cabeça se move em sua direção.

— Sim?

— Você pode me perdoar?

— Você não a levou, mãe. — Suspiro. — Eu não estou brava com você. Eu só a quero de volta. E papai espero que estejamos erradas e que ele não esteja envolvido nisso. Por isso, não poderei perdoar.

Mamãe assente, fungando enquanto afasta a cadeira da mesa. — Se ele está com um clã, precisamos de algumas coisas para nos proteger. Vamos.





Laney e eu seguimos mamãe para fora da cozinha e pelo corredor em direção à sala do altar. Meus pais são mais tradicionais que eu e minha irmã. Onde praticamos na sala, ao lado da janela, eles praticam em uma sala exclusivamente dedicada à magia.

Quando entramos na sala, mamãe sussurra: — *Ad lucium*. — Várias velas tremeluzem quando a magia da casa rola pela minha pele como uma brisa quente. Olho ao redor da sala e uma nostalgia cruel invade meu coração. Este lugar guarda muitas lembranças e muitas emoções contraditórias.

Um velho pentagrama que foi pintado e repintado ainda é exibido no chão, chama minha atenção e um arrepio balança meu corpo. Eu já estava naquele maldito círculo mais vezes do que eu poderia contar enquanto meus pais tentavam convocar minha 'magia perdida'. Os feitiços que eles tentaram às vezes eram horrendos, limitando o abuso infantil pelos padrões de hoje.

A fronteira pode estar pressionando. Provavelmente foi abuso infantil pelos padrões de hoje, mas pintar meus pais sob essa luz é difícil de engolir. Mesmo agora.

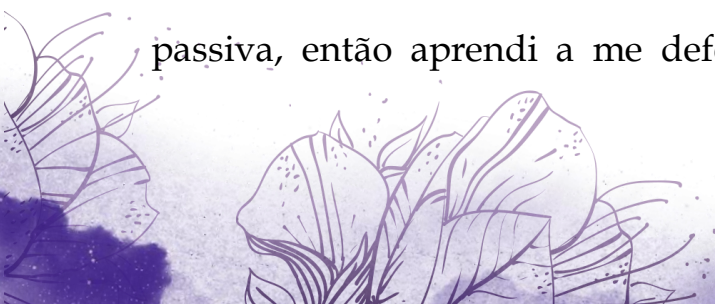
— Alandra. — Mamãe grita por cima do ombro e eu passo cuidadosamente em torno das bordas pintadas do círculo até encontrá-la por um velho baú. — Leve estes.

— O que são? — Examino a primeira sacolinha e farejo, desconfiada.

— Sacos hexagonais defensivos. Eu os usei no passado-

— Mãe, quando você precisaria usar algo assim? — Laney pergunta, cruzando os braços mais uma vez.

— As coisas nem sempre eram tão pacíficas em Waitsfield, meninas. — Mamãe bufa, balançando a cabeça. — Pegue elas, Alandra. Minha afinidade é passiva, então aprendi a me defender há muito tempo. Jogue isso e diga





estupefaciunt e você vai atordoar quem acertar. Não é perfeito, mas é útil para bruxas como nós.

Meus olhos piscam repetidamente. Olho da minha mãe para a pequena bolsa de feitiços na minha mão e começo a enfiá-las nos bolsos. Não acredito que ela nunca tenha mencionado algo assim antes. Eu poderia pensar em muitas ocasiões em que esse tipo de magia seria útil.

— Como nós. — Eu rio, quando a última parte de sua frase finalmente ressoa dentro de mim. — Eu não sou nada como você.

Mamãe abre a boca para falar, mas eu apenas pego mais algumas sacolas e viro para sair. A voz abafada de Laney soa atrás de mim enquanto eu caminho pelo corredor. Eu poderia passar a vida inteira nunca mais estando naquele lugar novamente. E eu planejo isso.



CAPÍTULO VINTE E UM

ALANDRA



Viro à direita na estrada estreita que leva ao Monte *Mansfield State Park*, olhando de lado minha mãe, onde ela se encosta na janela. Toda a raiva no meu estômago não se compara ao que ela está sentindo.

Meu pai é um idiota. Ele a traiu antes, apesar de estar preso, mas esse é um novo nível de mágoa para toda a nossa família. Como ele pôde esconder algo assim de nós? Minha vida inteira foi gasta pensando que eu não sou boa o suficiente e ele é um bruxo das trevas? Como isso é justo?

— Você vai ficar com ele? — Eu pergunto baixinho, fazendo questão de manter meus olhos para a frente, focados na estrada.

— Eu não sei. — Ela suspira. — Eu nunca pensei que teria que tomar uma decisão como essa. Nenhuma de vocês está vinculada ainda, então não entende como é. Um pedaço da magia do seu pai vive dentro de mim e um pedaço meu está dentro dele.

— Mas ele te traiu, como é possível se você-

— Laney, pare. — Mamãe funga. — As pessoas podem cometer erros, mesmo quando estão conectadas. É apenas raro e ainda mais um golpe quando isso acontece. — A voz da mãe puxa uma tristeza dentro de mim. Não estou



ligada a Luna, mas poderia estar. Eu concordaria com isso em um piscar de olhos. Eu nunca senti isso tão rápido assim por ninguém.

— Sinto muito, mãe. — O GPS apita, atualizando a hora estimada de chegada enquanto seguimos em direção a Mansfield. — E se ela já estiver morta? — Pergunto com uma voz baixa e derrotada.

— Você disse que sentiria se ela estivesse. Seu pai é um homem inteligente, apesar do que mais ele possa ser. Ele saberá que o poder dela estará no máximo no auge do solstício. Ele vai esperar até lá. — Mamãe esfrega a mão no meu braço e eu sorrio fracamente, recusando-me a olhar na direção dela.

Meus olhos se voltam para Laney no espelho retrovisor e o olhar de pânico em seu rosto me faz gemer.

— O que é isso?

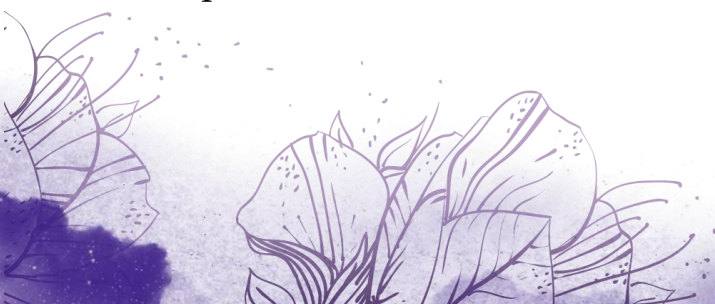
— Luna está presa aqui até o solstício. — Seu rosto fica branco quando ela sussurra as palavras. — Pode estar perto.

— Não acredito que papai faria isso. — Engasgo, incapaz de envolver minha mente em torno de meu pai ser essa figura maligna e encoberta. — Ela é uma mulher. Ele machucaria uma mulher?

— Não tenho mais certeza de quem ele é, Alandra...

— Para eles, ela não é uma pessoa. Ela é um ingrediente para um feitiço, um cordeiro sacrificial que precisa ser abatido. — Acrescenta Laney, sem ajuda. — Se eles a conhecessem, se a valorizassem como pessoa, não seriam capazes de continuar com o feitiço. Compartimentalização. Infelizmente, é uma coisa.

— Você ainda ficaria com ele se ele a matasse? — Pergunto a mamãe em voz baixa. Laney fica em silêncio. Você pode cortar a tensão com uma faca enquanto minha mãe se contorce em seu assento.





— Você pode não estar ligada a alguém... — Ela finalmente sussurra. —

Não sei se posso deixá-lo depois de ficar presa por tanto tempo. Mas algo tem que ser feito. Algo tem que mudar.

Balanço a cabeça, sem saber o que isso significa. Parece uma resposta política para mim, mas, novamente, Audrey Michaels é melhor naquelas do que em qualquer pessoa. Ela lidera a maioria das instituições de caridade e fundações em Waitsfield e organiza as coisas em nível nacional quando solicitadas pelo conselho.

Mas ainda é uma não resposta. Meus dentes cavam na lateral da minha bochecha enquanto eu pressiono o acelerador. Cada segundo conta agora. Não sei quais seriam as consequências para o nosso mundo se algo acontecesse com ela. Tudo o que sei é que isso é culpa da minha família, preciso parar com isso e as consequências para mim seriam irreparáveis.

No banco de trás, Laney abre o cinto e se inclina sobre o console central para girar o botão do rádio. São necessárias algumas tentativas e alguns talk-shows até que ela encontre o que está procurando, mas eventualmente uma música de rock suave enche o carro e ela se recosta mais uma vez.

— Sinto muito, meninas. — Mamãe sussurra.

— Nós sabemos, mãe. — Laney solta um suspiro pesado antes de ouvir o clique revelador do cinto de segurança sendo apertado novamente.

— Eu só preciso recuperá-la.

— Oh, querida. — Mamãe murmura suavemente, passando a mão sobre o meu cabelo. — Eu sei. Nós a pegaremos.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

ALANDRA



Os pneus lutam quando eu estaciono em um estacionamento coberto de neve. Parece que nunca foi salgado ou limpo. Meus olhos passam pelos dois carros na esquina do estacionamento e pousam no carro de dois lugares que papai comprou alguns anos atrás.

O colar de pentagrama pendurado no espelho retrovisor brilha no sol poente e meu estômago se revira. Ele realmente está aqui. E ela? Estou dividida entre esperar que ela esteja aqui para que eu possa recuperá-la e rezar para que meu pai não esteja envolvido em tudo isso. A negação só vai tão longe, mas acho que ninguém quer admitir que seus pais são monstros.

Eu estaciono o carro e olho para a borda da floresta. O sol está se pondo. O solstício é amanhã. Meus dedos batem ritmicamente contra o volante enquanto mamãe e Laney abrem os cintos de segurança.

— Isto é... problemático. — Ressalta mamãe.

— Por quê?

Laney respira fundo e se inclina contra o console central para explicar.



—Se há um grupo de bruxos das trevas naquela floresta, provavelmente está em sintonia com eles. Isso significa que a Terra aqui não vai nos ajudar e nossa magia pode ser enfraquecida. Pior cenário? A floresta realmente se voltar contra nós.

— Isso é algo que pode acontecer?

—É raro. — Mamãe murmura, procurando alguma coisa na bolsa.

Respiro fundo e lembro das palavras que mamãe falou em casa. Se alguém pular para mim, vou jogar a bolsinha primeiro e fazer perguntas depois. Parece justo neste momento, honestamente.

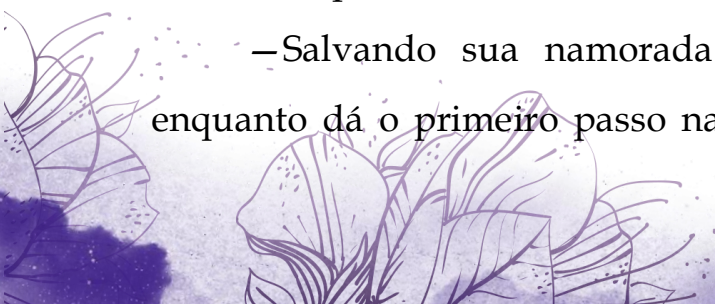
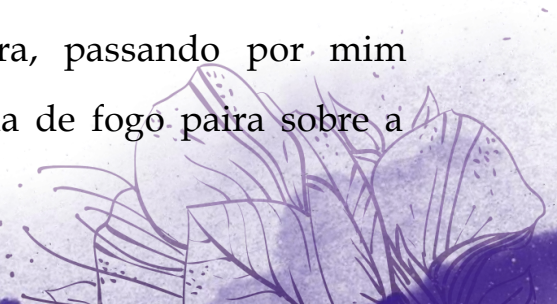
O último pedaço de luz do sol se esvai refletindo nos carros estacionados e respiro fundo. O ar é tão fresco aqui em cima, nada além do perfume inebriante de pinheiros e abetos e o estalo amargo da neve. A floresta parece tão pouco convidativa quanto um lugar poderia ser. Sombras dançam dentro da linha das árvores e um arrepio percorre minha espinha. *Tem alguém aí?*

—Vamos. — Laney rosna, marchando pelo estacionamento em direção às árvores. —Quanto mais esperamos, mais escuro fica, mais próximo o solstício está. Só temos até amanhã, Inseto. Vamos.

Eu endireito minha espinha, puxando uma das bolsinhas do meu bolso - só por precaução - e sigo minha irmã em direção à floresta de aparência assustadora. Um chiado suave chama minha atenção no segundo antes que Beezelbub voe em volta da minha cabeça e entre na parte com capuz do meu casaco. Ele se apega ao material, a parte macia e felpuda de seu corpo esfregando minha bochecha a cada passo que dou. A neve tritura sob minhas botas quando nos aproximamos da beira da floresta.

—O que estamos fazendo? — Eu murmuro baixinho.

—Salvando sua namorada. — Laney suspira, passando por mim enquanto dá o primeiro passo na floresta. Uma bola de fogo paira sobre a





palma da mão esquerda, iluminando a área ao nosso redor enquanto se arrasta pelo mato e pelas árvores altas.

—Quero ouvir mais sobre isso. — Mamãe acrescenta, escolhendo cuidadosamente o caminho em torno de um tronco caído. —Quando isso acabar.

Eu me encolho, tentando imaginar essa conversa. Eu nem sei o que Luna pensa ou quer. Ela vive em um plano diferente de existência. Eu terminei com Jess porque ela se mudou pelo país. Se eu não conseguia lidar com esse tipo de relacionamento de longa distância, como eu poderia namorar a porra da Lua?

E o que dizer que Luna estava interessada em perseguir o que quer que seja isso entre nós? Definitivamente, há algo aqui, eu sei disso com certeza. O jeito que ela olhou para mim quando fizemos amor era diferente. O jeito que ela me beijou, transformou-me em uma bola de necessidade e depois rolou para longe, oferecendo apenas aconchegos... tudo o que ela fez parecia diferente para mim, de alguma forma.

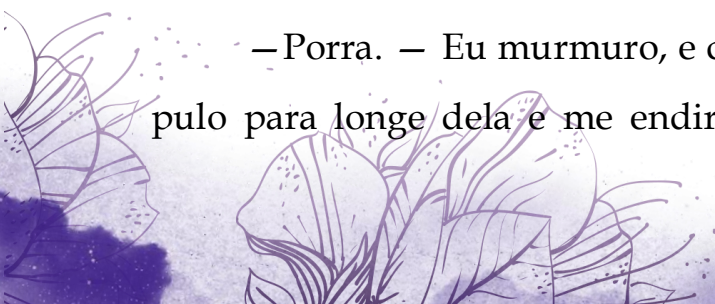
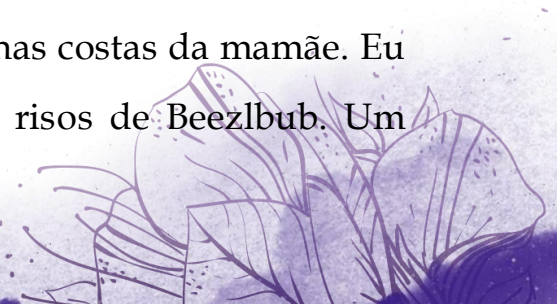
Estalido!

Meus pés congelam no lugar, meus dedos segurando a bolsa de feitiços enquanto examinamos a área ao nosso redor. Ninguém fala, apenas aguardando o que está por vir. Uma coruja pula na árvore acima de nós e solta uma risada nervosa.

—Deusa. — Mamãe suspira, avançando à nossa frente. — Estamos perto. Da próxima vez pode ser algo.

Quando me abaixo sob galhos áridos e bato na serapilheira coberta de neve, meu estômago começa a torcer e revirar mais uma vez. Cada sombra que passamos faz meu coração bater, apenas esperando por um ataque.

—Porra. — Eu murmuro, e colido firmemente nas costas da mamãe. Eu pulo para longe dela e me endireito, ignorando os risos de Beezlbub. Um





rosnado silencioso na floresta ao nosso lado me faz pular em uma posição defensiva, com uma bolsa pronta até Laney colocar a mão no meu braço.

— É apenas Juniper, acalme-se. Estamos aqui. — Ela assente na direção em que mamãe está olhando e eu olho para ela na pequena clareira. Uma grande e abandonada casa aparece no cenário arborizado. Todo filme de terror que eu já assisti me ensinou a fugir de casas como esta, não em direção a elas. Mas aqui estamos nós.

— Ele está lá. — Mamãe sussurra baixinho.

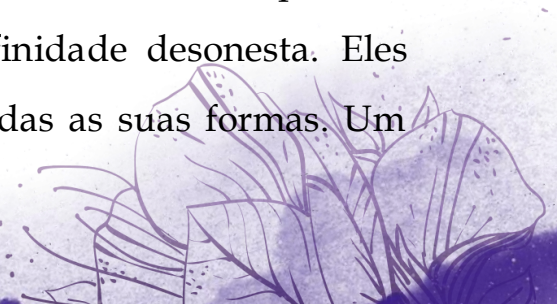
Pego a mão dela e aperto, examinando a casa mais uma vez antes de sair para a clareira. Laney respira fundo e me segue com a mãe nos calcanhares. Quando chegamos ao pé da escada, engulo em seco.

— Bem, definitivamente parece um covil do mal. — A maioria das janelas está fechada com tábuas. Faltam partes do parapeito da varanda, algumas até penduradas na lateral. Pedacos de madeira e algumas garrafas de cerveja vazias estão espalhadas pelo chão na parte inferior da escada. A porta tem uma rachadura, mas nenhuma luz filtra no escuro conosco.

— Sim. Vamos para a casa assustadora. — Laney murmura, dando um passo de cada vez. Ela parece confiante, mas a minúscula bola de fogo na mão me diz que está nervosa. Eu não a culpo. Meus dedos se apegam à bolsa de feitiços, pronta para jogá-la ao primeiro sinal de problema.

Mamãe está tão perto de mim que eu posso senti-la lá. Não está ajudando a estética assustadora em geral. Quando Laney dá o primeiro passo estridente na varanda em ruínas, a porta da frente se abre. Lascas de madeira voam quando uma massa negra de sombra enxama a varanda.

— Merda, tem um atirador! — Laney rosna, abaixando-se antes que eu a perca completamente de vista. Fundição é uma afinidade desonesta. Eles podem manifestar sombra sob seu comando, em todas as suas formas. Um





rosnado baixo pica meus ouvidos na escuridão absoluta. Dois brilhantes olhos vermelhos encontram os meus e eu engulo, meus dedos cavando a pequena bolsa de feitiços enquanto me preparo para me manter firme.

É apenas uma manifestação, digo a mim mesma. Na verdade, não é um monstro. É um truque. Mas o pânico no meu peito não se importa com a lógica. A massa disforme se aproxima e eu jogo a bolsa de feitiços. Ela cai na ilusão, afundando rapidamente até finalmente encontrar algo sólido.

— *Stupefaciunt!* — Eu grito.

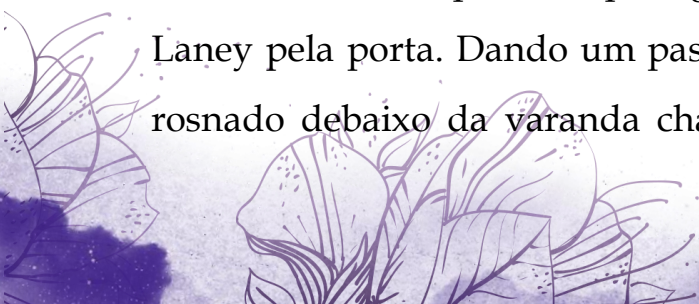
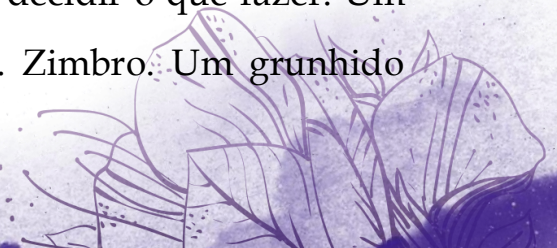
Lentamente, as sombras que nos envolvem se dissipam. Na varanda, um homem que não é muito mais velho que eu. Uma máscara está pendurada no lado da cabeça, cobrindo metade do rosto. Seus olhos, ou pelo menos o olho que eu posso ver claramente, estão fechados, a boca aberta como alguém em um sono muito profundo.

— Uau. — Ru suspiro, examinando os danos. Essas bolsas de feitiços realmente dão um soco.

— Saia de cima de mim! — Os gritos de Laney perfuram meus ouvidos e me viro bem a tempo de ver sua cabeça desaparecer sob um pedaço de tecido. Assim que ela está coberta, ela cai contra os dois homens que a seguram. O cheiro de fumaça e tecido queimado sai de suas roupas chamuscadas. Pequenos anéis de fogo queimam na varanda ao redor deles, mas quando Laney é arrastada para longe, o fogo queima apenas com fumaça.

— Deixe-a ir! — Eu estalo, puxando outra bolsa de feitiços do meu bolso.

— Alandra! — Mamãe grita. Minha cabeça se move em sua direção para encontrar uma bolsa sendo empurrada sobre sua cabeça também. Eu engulo, olhando entre as pessoas que agarram minha mãe e as pessoas arrastando Laney pela porta. Dando um passo para atrás, tento decidir o que fazer. Um rosnado debaixo da varanda chama minha atenção. Zimbro. Um grunhido





áspero vem a seguir, e meu coração dispara quando percebo que Juniper está em sua própria luta com alguns familiares.

Minhas costas batem em algo duro, mas suave e me viro lentamente para encarar quem acabei de encontrar. Meus olhos encontram o rosto mascarado do homem alto e de ombros largos apenas um segundo antes que ele agarre meu pulso e tire a bolsa de feitiços do meu alcance.

— Você está me machucando! — Eu grito quando os ossos da minha mão e do meu pulso se juntam, ameaçando quebrar sob a pressão. Não sei por que pensei que ele se importaria.

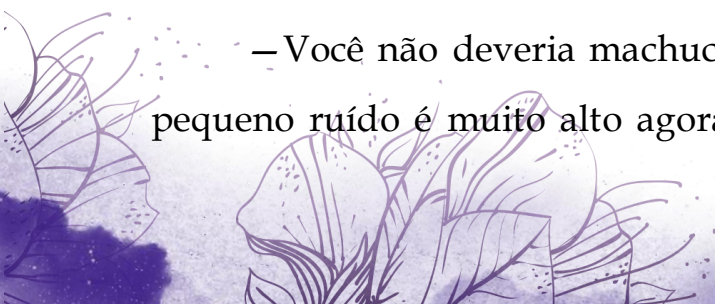
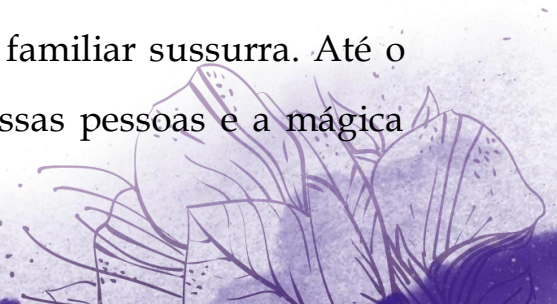
A escuridão me envolve. Um cheiro ruim agride minhas narinas antes que meus olhos comecem a ceder. Meus joelhos dobram e uma mão firme agarra meu braço. Beezelbub chia irremediavelmente em meu ouvido enquanto o mundo desaparece.

Uma dor forte me tira da inconsciência. Parece que tem alguém tocando bateria na minha cabeça. Ou jogando futebol com ela. Eu gemo, instintivamente, puxando minha mão para esfregar minhas têmporas, mas ela pega alguma coisa. Empurrando minha mão mais uma vez, soltei um rosnado suave de frustração ao perceber que minhas mãos estão presas nas minhas costas.

Que porra é essa?

Memórias do que aconteceu na varanda inundam minha mente, pedaço por pedaço irregular, como um ataque de vidro quebrado. Tudo dói, mesmo lembrando.

— Você não deveria machucá-las! — Uma voz familiar sussurra. Até o pequeno ruído é muito alto agora. O que há com essas pessoas e a mágica





indutora de enxaqueca? Havia tantas opções melhores por aí. Como não ser malvado. — Você deveria assustá-las! Agora, o que diabos eu devo fazer?

Para seu crédito, pelo menos papai parecia preocupado com a nossa segurança.

— Não vai importar em breve, Michaels. Você será um Deus quando terminar. Você pode juntar a sua pequena família então. — Essa voz soou como se tivesse cascalho em sua garganta. Imagens de um homem velho, curvado sobre a bengala, passam por trás das minhas pálpebras.

— Sim, Sterlen. — Mamãe rosna de algum lugar próximo. — Diga-me como você planeja reunir sua família novamente. Conte-nos como, precisamente, você acha que pode consertar essa bagunça enorme que fez.

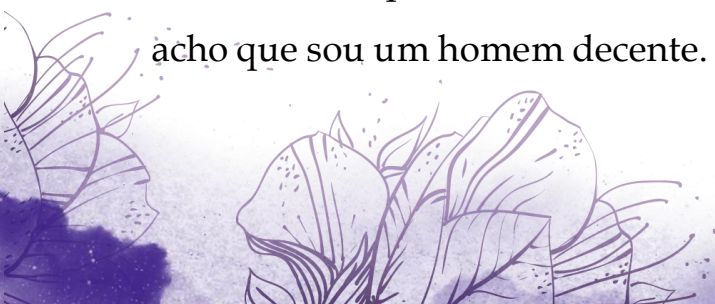
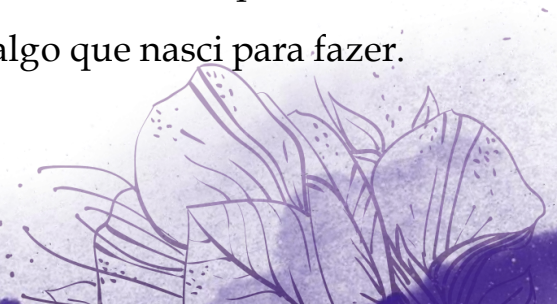
— Calma, Audrey. — Papai sussurra. Passos caindo em um piso duro ecoam em qualquer sala em que estamos.

— Oh, você também vai me amordaçar? É nisso que você chegou, Sterlen? Você costumava ser um homem tão bom. — Ela funga. É óbvio que ela está chorando. Pobre mãe.

Um chilrear suave chama minha atenção quando um peso leve pousa na minha testa. Beezelbub. Suas pernas minúsculas fazem cócegas quando ele empurra o material escuro que cobre meus olhos.

— Bom trabalho, B. — Eu sussurro quando a primeira lasca de luz espreita através da venda solta. Um fogo arde no meio da sala. O brilho das chamas me insulta por trás do pedaço de tecido escuro. Beezelbub a empurra, trabalhando devagar enquanto meus pais continuam discutindo.

— Fui criado para esta oportunidade! — Meu pai se encaixa. — Eu tentei o meu melhor para ser um bom marido, um bom pai. Às vezes fico aquém, mas acho que sou um homem decente. Não me odeie por algo que nasci para fazer.





— Você nasceu para matar uma mulher inocente? — Eu assobio quando a venda finalmente cai no meu rosto. Beezelbub desliza ao longo do meu pescoço, se escondendo no meu cabelo.

— Alandra. — Papai suspira, virando-se para mim. A capa ondula ao redor dele quando ele se vira e eu não posso deixar de bufar. Ele se parece com algo de um filme ruim que vemos na TV. Sua máscara está empurrada para cima da linha do cabelo, seu rosto frustrado visível quando ele se dirige a mim.

— Ela não é uma bruxa, nem sequer é humana.

— Ela é uma porra de uma Celestial!

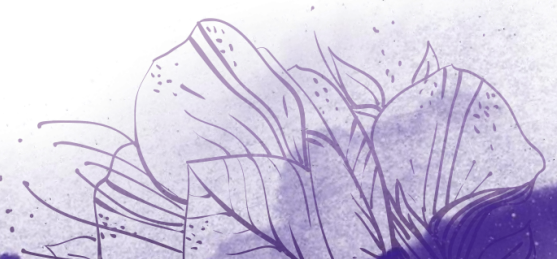
— Diminua seu tom de voz. Sua irmã está dormindo.

Meus olhos disparam para a esquerda e caem sobre Laney, a cabeça dela está caída para a frente com uma venda nos olhos. Luna senta do outro lado dela, seus cabelos brancos e pele pálida brilhando suavemente na sala mal iluminada. Se houvesse alguma dúvida sobre o que ela era, o brilho a removeria. Sua cabeça bate na minha direção, sua boca se abre, mas ela não diz nada.

— Dormindo, hein? Ela parece que está drogada para mim. Com medo de que sua filhinha acorde e queime o covil maligno do papai no chão?

— Isso é o suficiente! — Ele marcha em minha direção e eu me encolho. Nesse ponto, eu não ficaria surpresa se ele me atingisse. Como mamãe disse, ele é uma pessoa completamente diferente.

— Você a deixe em paz! — Ela rosna da cadeira. Apesar de toda a sua luta, a coisa só bate no chão de concreto, mal se movendo. Sua cabeça balança de um lado para o outro, tentando soltar a venda enquanto ela entra em pânico. É uma experiência bizarra ver minha mãe temer pelo meu bem-estar nas mãos de meu pai.





—Escute sua esposa, Sterlen. — Luna rosna. Sei que ela não pode vê-lo pela venda, mas juro que parece que ela está olhando diretamente para ele. Meu coração pula uma batida; ouvindo a voz dela, deixando-me saber que ela está realmente bem. Talvez consigamos fazer isso.

—E eu pensei que tinha dito para você me deixar cuidar da minha própria filha? — Ele retruca.

Ele nunca foi o melhor pai. Ele sempre foi muito duro comigo, sempre colocou Laney acima de mim - os dois fizeram isso - mas ele nunca foi abusivo fisicamente. Mentalmente? Sim. Emocionalmente? Absolutamente. O homem exala toxicidade. Mas ele nunca colocou uma mão em mim ou em qualquer outra pessoa que eu já vi.

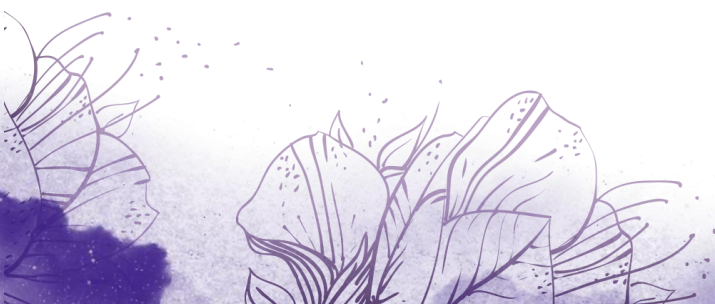
Papai se abaixa, interrompendo meus pensamentos, seus olhos a centímetros dos meus. —Sinto muito, não era para ser assim. — Ele sussurra, passando a mão no cabelo. —Eu nunca quis nada disso.

Meu coração está doendo por ele. Ele realmente parece chateado. — Ainda não é tarde para consertar, pai. Vamos. Deixe ela ir. Nós vamos resolver isso juntos.

Papai balança a cabeça, soltando um suspiro pesado, enquanto volta a sua altura total. —Um dia você entenderá. — Com isso, ele se afasta, deixando-nos sozinhas na sala com apenas uma fogueira e os sons suaves da respiração sonolenta de Laney para nos fazer companhia.

—Você está bem? — Mamãe pergunta quando os passos finalmente param de ecoar.

—Estou bem, mãe. — Asseguro a ela. Pelo menos fisicamente.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

ALANDRA



Algo macio pousa na minha testa e eu congelo por um momento. Instantaneamente, a magia tranquilizadora lava sobre mim e suspiro suavemente. — Beezelbub.

Ele ri graciosamente com o reconhecimento, tentando empurrar minha venda para baixo enquanto Alandra e sua mãe conversam baixinho.

— Eu não entendo por que ele faria isso. — Alandra chia.

— Sinto muito que seu pai tenha sido esse... — Audrey parece distante, como se todas as suas emoções a tivessem abandonado ao desespero que é esse inferno subterrâneo. E é definitivamente subterrâneo.

Antes que Beezelbub possa terminar de abaixar a venda, estou mais uma vez perdida no cheiro úmido e terreno deste lugar. A fumaça do fogo cobre parte do perfume, mas ainda está lá. Solo profundo e úmido. Estamos em um porão em algum lugar.

— Luna, você está bem? — Alandra pergunta, sua voz tímida.

Eu me viro em direção ao som e sorrio, assentindo enquanto a venda finalmente desliza para o meu pescoço. Seu cabelo está despenteado, esfarrapado pela venda ao redor do pescoço. Seus olhos azuis brilham com



emoções e eu gostaria de poder ir até ela, acariciar sua bochecha e dizer a ela que tudo ficará bem.

Por instinto, puxo minhas mãos e um rosnado rasga minha garganta enquanto a frustração se instala sobre mim. Minha magia ainda está trancada onde não consigo alcançá-la. — Eu não posso nos ajudar. — Digo a ela. — Eles me amarraram de alguma forma.

— Prenderam você? — Alandra pergunta, suas sobrancelhas arqueadas com preocupação. Beezelbub voa para longe de mim em direção a Audrey e começa a trabalhar em sua venda.

— Eles silenciaram seus poderes. Há feitiços para isso, embora eu esteja chocada que eles trabalhem em alguém como ela.

— A ordem deles saberia. De que outra forma eles poderiam conter Orion? — Suspiro, minha cabeça baixa.

— Vai ficar tudo bem. — Diz Alandra. — Vamos descobrir isso, prometo. Eu sinto muito. Isso é tudo culpa minha. — Minha cabeça se levanta a tempo de ver uma lágrima escorrer por sua bochecha e eu balanço minha cabeça.

— Não diga isso.

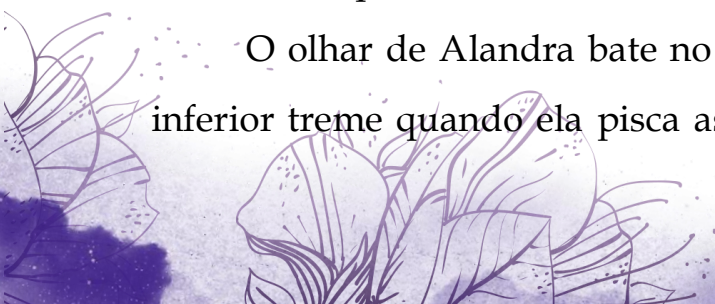
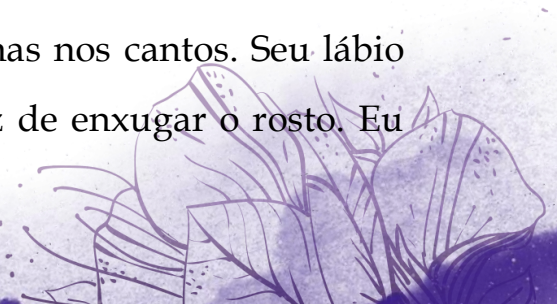
— É verdade. Se eu pudesse fazer um maldito feitiço certo, você nem estaria aqui. Você ainda estaria segura em sua casa.

— Mas-

— Sinto muito. — Ela sussurra, olhando por mim, para o fogo do outro lado da sala.

— Amor, se você soubesse quanta alegria tenho sentido. Mesmo que eles acabem comigo, minha existência foi mais completa desde que você me chamou do que tem sido desde a minha criação.

O olhar de Alandra bate no meu, novas lágrimas nos cantos. Seu lábio inferior treme quando ela pisca as lágrimas, incapaz de enxugar o rosto. Eu





odeio vê-la assim, amarrada a uma cadeira. Este momento não deve ser manchado pelas depravações dessas bruxas das trevas. Se eu pudesse lhe dar um momento perfeito, eu daria.

— Uau. — Audrey murmura enquanto sua venda desliza de seus olhos. Beezelbub rapidamente volta para Alandra e pousa em seu pescoço. Eu gostaria de poder fazer o mesmo, mas ele terá que abraçá-la o suficiente por nós dois.

— Sim? — Eu pergunto, focando em Audrey. Ela parece enojada com a situação, com o marido. Pelo menos há um certo senso de lealdade entre as mulheres, mesmo que as bruxas não sejam confiáveis.

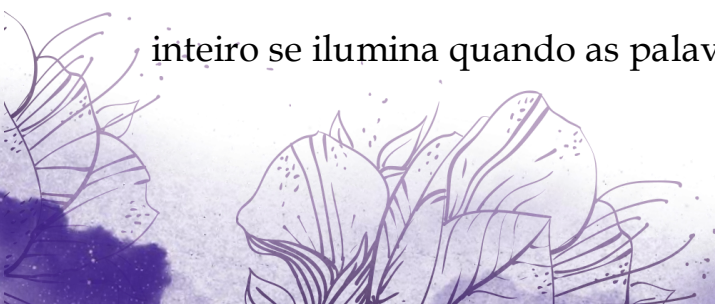
— Temos que tirá-la daqui. — Ela murmura, olhando pela sala pela primeira vez. — Tem que haver algo que possamos usar.

— Infelizmente, seu marido é inteligente. Não há nada por perto que possa nos ajudar e não consigo acessar minha mágica. Não quero dizer que estamos condenadas, porque Alandra não é justo. Também não é verdade. Eu estou condenada. Alandra, Laney e Audrey provavelmente estão em segurança. Duvido que Sterlen realmente as machucasse. Ele quer meu poder, só isso.

Isso é tudo.

— Eu te amo. — Alandra sussurra baixinho, tão baixo que eu poderia ter perdido isso, se não fosse pelo local silencioso em que estamos trancadas. — Eu sei que isso é estranho e horrível, é minha culpa e você não deve me qualquer coisa. Mas eu sim. Eu te amo. Eu sinto muito. Eu só quero que você saiba disso, caso...

— Eu também te amo, bruxinha. — Eu rio com um riso suave. Seu rosto inteiro se ilumina quando as palavras afundam.





— Isso é... adorável. Mas precisamos acordar Laney, de alguma forma. Se uma de nós pode nos tirar daqui, é ela. O fogo dela é uma força a ser reconhecida.

Eu levanto uma sobrancelha para Audrey, enquanto Alandra revira os olhos. Essa mulher honestamente acha que sua filha é mais poderosa que eu? Mas talvez ela esteja certa. Não doeria ter mais uma cabeça no jogo, pelo menos. Empurro meu ego para o lado e fecho os olhos. — Eu posso tentar alcançá-la em seus sonhos. — Ofereço.

— Isso seria maravilhoso. — Audrey fala lentamente.

— Espere, você pode entrar nos sonhos de outras pessoas? — Alandra engasga e eu sei que ela acabou de se lembrar.

Minha boca se torce em um sorriso enquanto o mundo se desvanece ao meu redor. A transição é lenta e rochosa em comparação com o fluxo suave com o qual estou acostumada.

Em vez de uma cortina de neblina, me deparo com estática. Não tenho certeza se é por causa do que eles fizeram com meus poderes ou o que fizeram com Laney, mas a paisagem dos sonhos está rasgada e esfarrapada nas bordas, dando lugar à realidade do outro lado.

— Laney? — Eu chamo no vazio, procurando por sua consciência. O som da estática coloca meus dentes no limite enquanto me movo através da substância estranha que reveste este plano.

A magia se apega à minha pele como seiva pegajosa enquanto tento avançar. A voz de Laney soa à distância, pedindo ajuda. Lutando com a gosma restritiva tentando me congelar no lugar, eu me movo em sua direção. Ela é apenas uma sombra à distância, mas eu posso vê-la.

— Laney! — Eu tento novamente, mais alto desta vez.





—Olá? — Ela responde. As palavras ecoam nas paredes que não existem pouco antes de uma folha sólida de estática nos separar.

Empurro a barreira, suor brotando na testa enquanto tento alcançar a mulher do outro lado, mas não adianta. Quando olho para os meus pés, vejo a mágica subindo pelas minhas pernas.

—Sinto muito. — Murmuro. — Não posso chegar até você. — Quero ajudar, mas se eu ficar mais tempo, a mágica pode me trancar aqui também, e isso não ajuda ninguém. Bato meu punho contra a barreira estática uma última vez antes de abrir os olhos.

Minha cabeça nada com a magia da sedação. Eu me pergunto por um momento se eles deram a ela a mesma coisa que eu e isso a está afetando de maneira diferente porque ela é mortal.

—Sinto muito. — Eu finalmente gaguejo. — Eu não consegui alcançá-la. A mágica está nublando sua mente.

Alandra e Audrey acenam com a cabeça lentamente, as duas olhando para o Laney cochilando. Meu coração dói por ela. Eu gostaria de poder tirá-la comigo, ela parecia tão angustiada.

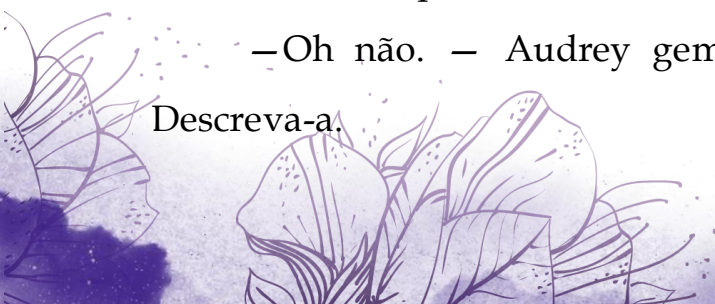
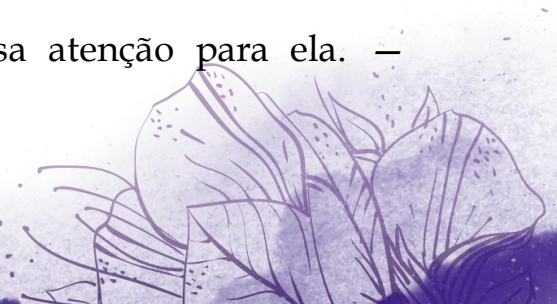
—Temos que sair daqui. — Choraminga Alandra, seus olhos nunca deixando sua irmã. Algo se mexe no meu peito, uma pressão quente que eu não estou acostumada.

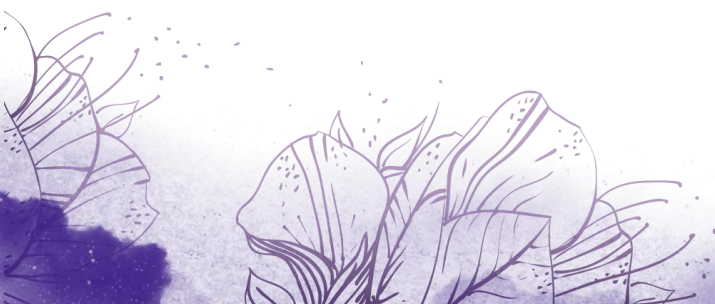
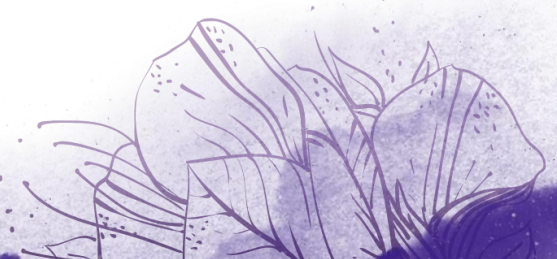
O que está acontecendo comigo?

Os olhos de Alandra se voltam para os meus, uma pergunta em seu rosto. Sua sobrelance se torce um pouco e eu inclino minha cabeça para o lado. — Você sente isso? — Ela pergunta.

—Sinto o que?

—Oh não. — Audrey geme, chamando nossa atenção para ela. —
Descreva-a.



- 
- Como um peso quente e pesado no meu peito, me puxando para Luna.
- Ao lado de Alandra, Beezelbub chia alegremente.
- Como um calor se espalhando por mim, levando a ela. — Acrescento, minha boca se abrindo assim que as palavras saem dos meus lábios. Estamos nos unindo.
- Você amarrou minha filha sem o consentimento dela? — Audrey retruca, estreitando os olhos em minha direção.
- Não intencionalmente, eu garanto a você. — Eu gemo.
- Estamos amarradas? — A voz de Alandra é baixa, quase esperançosa.
- Ao que parece. — A mãe dela responde impaciente. — Pelo amor de Deus, alguém descubra como acordar Laney para que possamos sair daqui.
- 
- 

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ALANDRA



Meus olhos se abrem e percebo que devo ter cochilado em algum momento. Isso ou eles nos drogaram novamente. Um rápido olhar ao redor da sala mal iluminada revela que o fogo arde baixo, como se fosse deixado sem vigilância por um tempo. A cabeça da mãe rola contra o ombro dela e suspiro enquanto olho para a esquerda. Mal consigo distinguir Laney, graças ao brilho suave de Luna. Ela ainda está inconsciente.

Luna me encara com olhos arregalados e assustados. Meu coração começa a bater forte enquanto tento descobrir o que a tem deixado com tanto medo.

— Não. — Alguém assobia à distância. Meus olhos se esforçam para ver além das brasas brilhantes do que costumava ser um fogo. Duas sombras encapuzadas ficam ao lado de uma porta - a saída, talvez? — Elas não devem ser tocadas.

Quando o reconhecimento bate em mim e eu percebo que é o papai falando, todos os meus sinais de alerta internos disparam. — Laney, acorde. — Eu assobio baixinho.

Laney não se mexe, mas mamãe levanta a cabeça, gemendo grogue.



—O que é isso? O que está...

—Seus familiares estão causando estragos desde que apareceram aqui, aquele maldito gato machucou dois de nosso povo, Michaels. — A nova voz é mais alta e muito mais irritada do que meu pai. Meus olhos apertam, tentando entender o que está acontecendo.

—Eu não vou deixar você machucar minha família. É aí que eu traço a linha. — Papai rosna. O espaço entre eles se fecha e os sons de uma briga ecoam pela sala.

—Oh Deusa. — Mamãe sussurra. —Sterlen! — O medo reveste sua voz quando ela começa a puxar as amarras da corda. Algo suave rasteja pelo meu pulso e meu coração para até ouvir sons suaves. Não tenho certeza do que B está fazendo lá atrás, mas só posso rezar para que seja útil.

—Pare! — Papai rosna. Algo bate na parede, mas eu não consigo entender o que, então o som de metal subindo no chão soa.

—Eu já tive o suficiente de você, Michaels. — Diz o homem. O homem parece calmo, calmo demais para alguém que está preso na parede por telecinesia. Luna balança a cabeça, lutando contra as cordas que a prendem, mas não há nada que ela possa fazer.

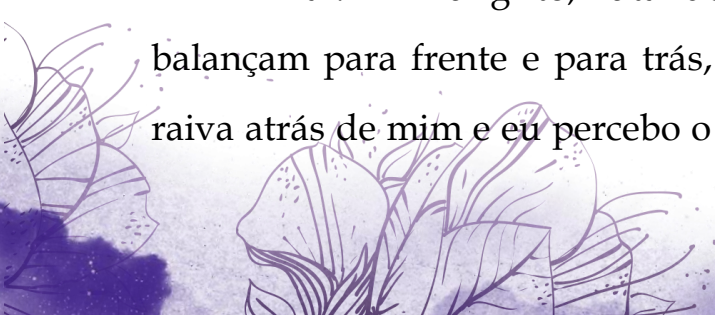
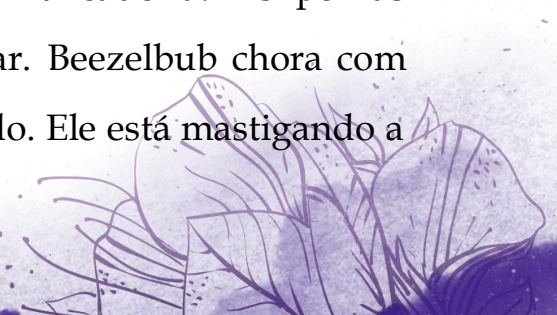
Não há nada que possamos fazer.

Papai solta um grunhido doente e o homem tropeça para longe da parede quando cai no chão. A luz baixa do fogo reflete algo saliente no estômago do papai.

Ele o esfaqueou.

Ele o esfaqueou.

—Pai! — Eu grito, lutando para sair da minha cadeira. As pernas balançam para frente e para trás, ameaçando inclinar. Beezelbub chora com raiva atrás de mim e eu percebo o que ele está fazendo. Ele está mastigando a





corda. Está indo devagar, mas ele está tentando. Fecho os olhos e faço algo que não faço há muito tempo.

Grande Deusa, Mãe de Todas, por favor, proteja-o. Por favor, proteja-nos. Sei que ele lhe deu as costas, sei que não sou o tipo de bruxa a quem você gosta ou até presta atenção, mas precisamos da sua ajuda. Luna está conosco. Por favor, por favor, ó Deusa não deixe que eles a machuquem. Por favor, proteja-nos.

Meus olhos se abrem novamente quando o homem se abaixa e puxa a faca do abdômen de papai. Ele limpa a lâmina na capa do meu pai e depois dá alguns passos em nossa direção. Quando ele se aproxima, eu posso ver as marcas de garras em seu rosto. Juniper deve ter gostado dele, se aquelas linhas vermelhas raivosas que rasgam sua bochecha são algo dela.

— Fique longe da minha família! — Mamãe estala, seu peito subindo e descendo com seu pânico.

O bruxo volta sua atenção para ela e estreita os olhos. — Espere sua vez, Audrey. Seu maldito corvo também está causando problemas.

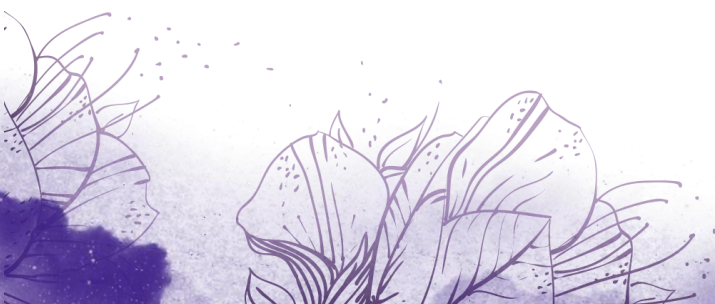
Engulo em seco, tentando pensar no que posso fazer para salvar minha família. Antes que eu possa abrir minha boca, Luna fala.

— Deixe-os, mortal. Sou eu que você quer. Eu vou de bom grado.

— Luna! — Eu suspiro ao mesmo tempo em que vários bruxos entram na sala. Eles param sobre o corpo no chão. Um se abaixa e vejo a mão do meu pai alcançando-o. Mal se move, mas significa que ele ainda está vivo, pelo menos. Obrigada, deusa.

— O que aconteceu aqui? — A mulher fala em um tom agudo.

— Nada.





— Você atacaria um dos seus? — Ela marcha pela sala e uma luz brilhante pisca. O homem grita, segurando seu braço enquanto ele faz uma careta para a mulher.

— Você me bateu! — Ele assobia.

— Você quase matou um de seus irmãos, não quero ouvir uma palavra sobre isso. Saia. É hora de levar a Celestial para o andar de cima.

Luna levanta o queixo com orgulho enquanto eles afrouxam as amarras e a puxam da cadeira. Mais uma vez, luto com as cordas, mesmo quando Beezelbub as mastiga.

— Luna! — Eu grito, meu peito pesado.

Ela olha por cima do ombro e sorri enquanto a arrastam pelas escadas. Ela sorri. Por que ela faria isso?

— Eu preciso verificar seu pai, Alandra. — Mamãe choraminga de seu assento quando a porta se fecha.

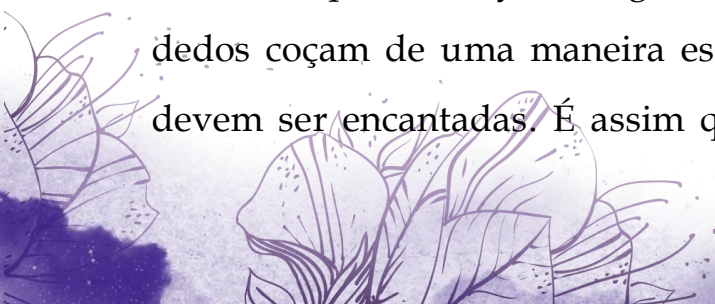
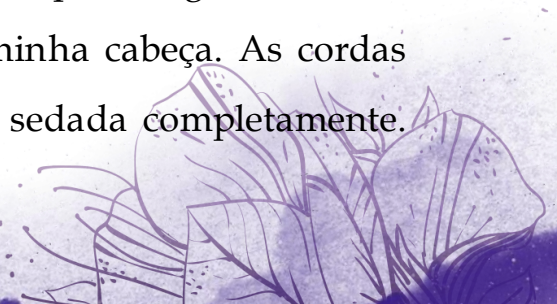
— B está tentando tirar essas cordas de mim, eu acho.

— Ele vai morrer. Alandra, eu tenho que pressionar a ferida. Há espíritos ao seu redor, por favor. — Ela implora, com os olhos cheios de lágrimas.

Flexiono os pulsos, tentando avaliar a condição das cordas. Elas parecem um pouco mais frouxas. Eu separo meus pulsos o mais forte e rápido possível e meus olhos se abrem quando elas se rasgam.

— B! — Eu grito. — Obrigada, obrigada, obrigada! — Corro para a minha mãe e começo a trabalhar nos nós que a seguram. São necessárias algumas tentativas, mas eventualmente elas estão fora. Ela esfrega os pulsos enquanto corre pelo quarto para o pai.

Vou para Laney em seguida, puxando as cordas que a seguram. Meus dedos coçam de uma maneira estranha e balanço minha cabeça. As cordas devem ser encantadas. É assim que eles a mantêm sedada completamente.





Afasto-me da cadeira, olhando para mamãe, onde ela paira sobre papai, pressionando seu estômago.

Um gemido alto vem dele e, por mais que eu sinta por ele, sou grata, porque isso significa que ele ainda está respirando.

— Não consigo tirar as cordas de Laney, elas estão encantadas.

— Use sua camisa. — Mamãe responde, como se essa fosse uma resposta óbvia.

Eu torço o nariz para cima, mas rapidamente tiro o casaco e a camisa, usando o material mais fino como uma luva enquanto puxo e puxo os nós, mantendo minha irmã inconsciente.

Beezelbub pousa meu ombro nu e mordo meu lábio, tentando fazer com que o último pedaço de corda se mova e, finalmente, ele cai livre. Eu me movo para a frente da cadeira, puxando minha camisa enquanto vou. Eu balanço o joelho de Laney e bato na parte externa da coxa dela. — Ei acorde. Laney!

Ela geme enquanto dorme - o primeiro som que eu ouvi dela desde que chegamos aqui - e eu rapidamente coloco meu casaco de volta e começo a bater em suas bochechas.

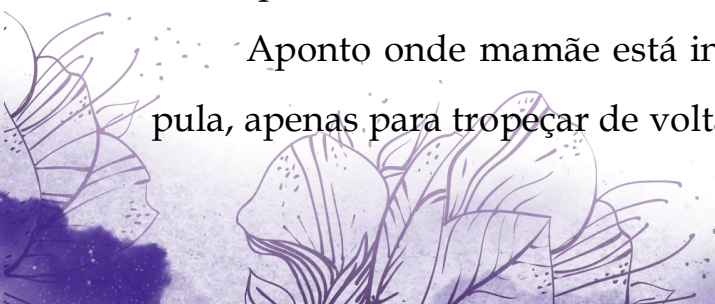
— Hora de acordar, mana. — Murmuro antes de bater em sua bochecha com força suficiente para deixar marcas vermelhas.

— Que porra é essa! — Ela grita enquanto acorda. Pequenos fogos irrompem ao seu redor e eu vou para trás, evitando por pouco.

— Sou eu! — Eu chio, enfiando as mãos nos bolsos do casaco. Os fogos se apagam quando o reconhecimento brilha em seu rosto.

— Oh Deusa. — Ela murmura, olhando ao redor da sala enquanto esfrega as têmporas. — Minha cabeça. Onde está a mãe? Cadê a Luna?

Aponto onde mamãe está inclinada sobre papai perto do fogo e Laney pula, apenas para tropeçar de volta em sua cadeira.





—Fácil. Você está fora há um tempo.

—Me ajude. — Ela sussurra e eu aceno. Deslizo meu braço sob seu ombro e em torno de suas costas e fazemos o nosso caminho através da sala para nossos pais.

—O que aconteceu com ele? — Ela pergunta, piscando para afastar as lágrimas confusas.

Papai balança a cabeça e estende a mão. —Sinto muito. — Ele murmura.

—Shh. — Laney suspira, limpando o rosto. —Vai ficar tudo bem. — Mamãe soltou ele. Ela nunca tira os olhos do pai enquanto coloca a mão sobre a ferida. Suas mãos brilham em um tom estranho de laranja e então os gritos começam.

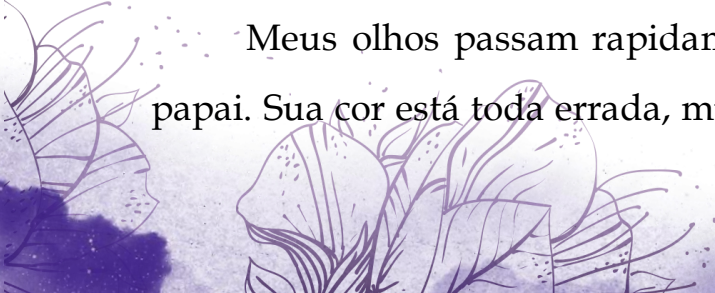
—Agh! — Papai grita, repetidamente, contra as mãos de Laney. Mamãe se move para segurar seus ombros e eu agarro suas pernas. Ela realmente deveria ter nos dito o que estava prestes a fazer, mas, para seu crédito, ela acabou de acordar. A bile sobe na minha garganta quando o cheiro de carne queimada atinge meu nariz.

—Deusa, o cheiro. — Eu falo.

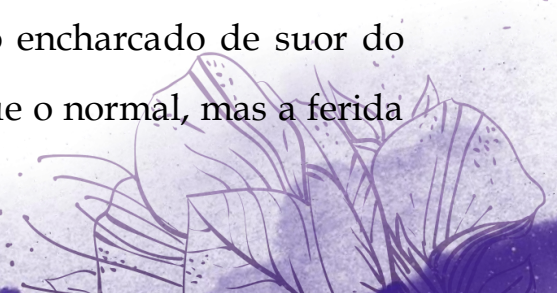
—Quase. Feito. — As sobrancelhas de Laney se apertam, suor escorrendo pela testa enquanto ela faz um último empurrão contra o estômago dele e depois se recosta.

Eu me movo rapidamente para impedi-la de cair no chão. Ela está fraca como o inferno, quase não resta forças depois de ser amarrada e depois de fazer... o que ela acabou de fazer. —Onde diabos você aprendeu a fazer isso?

—Eu não sei. — Ela admite com uma risada. —Espero que tenha funcionado.



Meus olhos passam rapidamente para o corpo encharcado de suor do papai. Sua cor está toda errada, muito mais pálida que o normal, mas a ferida





não está mais sangrando, pelo menos. Olho para mamãe, uma pergunta nos meus lábios que não quero fazer.

— Eu não sei. — Diz ela, como se estivesse lendo minha mente. E talvez ela tenha. Eu nunca entendi como seus poderes funcionam. Apesar do que os filmes humanos possam levar as pessoas a acreditar, os médiuns são extremamente raros.

— O que fazemos agora? — Meu coração bate contra o peito. — Se ninguém apareceu durante todos aqueles gritos... — Não consigo terminar a frase. A preocupação por Luna vira meu estômago e toda a bile que eu engoli enquanto Laney trabalhava no pai ameaça ressurgir.

— Você tem que ir com ela. — Mamãe sussurra. — Você está certa. A única razão pela qual não fomos inundadas com os amigos idiotas de seu pai é porque eles devem estar muito perto do ápice do ritual para se importar com o que está acontecendo aqui. Você nunca se perdoará se não tentar. — Mamãe sorri tristemente para mim.

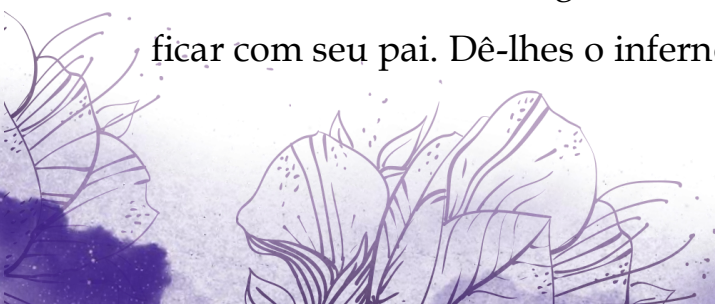
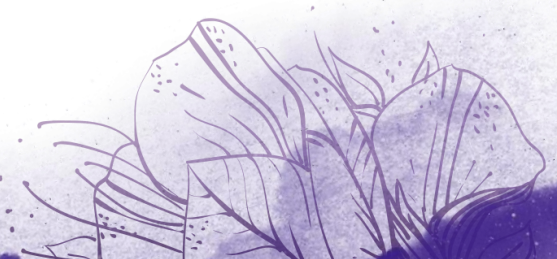
— O que diabos eu devo fazer !? — Minha voz é um grito tenso quando o pânico se instala no meu estômago. Não tenho poder ativo nem bolsas de feitiço. Não há nada que eu e minha mariposa possamos fazer contra um grupo de bruxas das trevas.

— Eu vou com você. — Diz Laney.

— Você mal consegue andar. — Balanço a cabeça, arrastando os dedos pelos cabelos enquanto tento pensar em uma solução.

— Eu não tenho que andar para incendiar a merda. Apenas me suba pelas escadas, Inseto.

Meus olhos se arregalam e mamãe assente, fechando os olhos. — Eu vou ficar com seu pai. Dê-lhes o inferno, meninas.





Minhas mãos tremem quando eu puxo Laney para seus pés. No canto, uma caixa d'água está meio vazia e eu a ajudo antes de correr para pegar uma garrafa. Ou três. Jogo uma para mamãe e entrego uma para Laney enquanto tomo alguns goles. Eles não estão cuidando de nós como deveriam. Sinto que deve haver algum tipo de regra, se você estiver mantendo prisioneiros, sobre como tratá-los. Os humanos têm algo assim, não têm?

Oh, certo. A Convenção de Genebra.

Reviro os olhos à medida que a percepção se estabelece, de que realmente somos menos civilizados do que nossos primos menos talentosos. É triste mesmo. Laney bebe a garrafa inteira de água antes que eu possa enroscar a tampa sozinha e meu queixo se abrir.

— Você está bem? — Eu pergunto novamente, cética em relação à sua capacidade de subir as escadas.

— Eu vou estar. Obrigada. — Ela joga a garrafa no fogo e dá um passo trêmulo em direção às escadas. Minha mão paira em suas costas, com medo de que ela possa cair, mas ela parece um pouco mais firme depois da água.

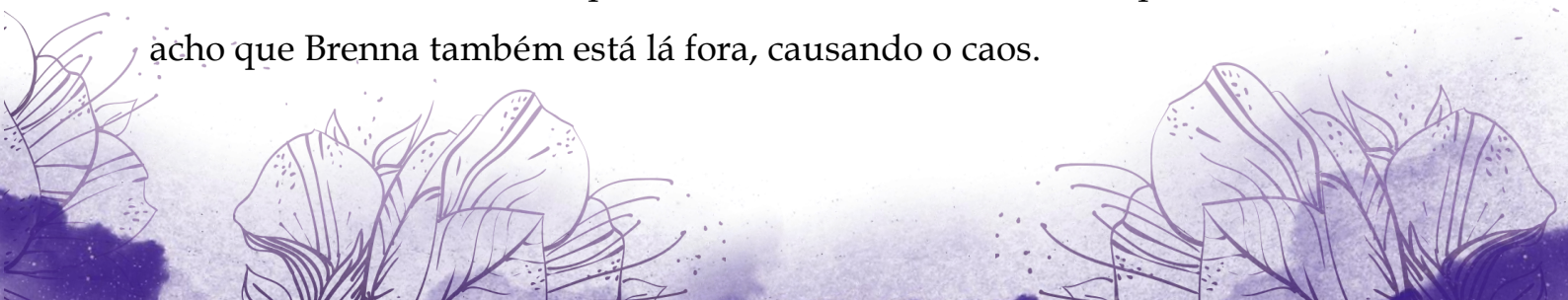
— Não caia em mim, mulher. — Eu assobio quando chegamos ao pé da escada.

— Sem promessas.

Minha boca fica seca quando damos um passo, depois outro, subindo a escada escura em direção à casa assustadora acima.

— Eu vou acendê-los. Você já viu Juney? — Laney sussurra. Beezelbub toca no meu ouvido e balanço a cabeça.

— O cara que machucou papai tinha marcas de garras no rosto. Eu não sei onde ela está. Ele disse que os familiares estavam criando problemas, então acho que Brenna também está lá fora, causando o caos.





Paramos em uma porta. Que tipo de porão tem duas portas? Laney e eu trocamos um olhar antes de girar a maçaneta lentamente. A porta se abre e ninguém pula para nós. Meu coração bate forte no meu peito, esperando uma armadilha, mas Laney passa por mim e sai primeiro no chão de madeira, uma pequena bola de fogo na palma da mão.

—Cuidado. — Eu assobio, quando ela começa a balançar.

—Eu vou ficar bem.

Estamos no que parece uma sala de estar. Móveis velhos cobertos por lençóis empoeirados deixam a sala com um arranjo casual. Ouvindo atentamente, forço meus ouvidos tentando ouvir qualquer coisa, mas não há nada. Ninguém está nesta maldita casa além de nós.

Beezelbub voa para a porta aberta e eu olho para Laney. Ela encolhe os ombros e nós o seguimos para a varanda. No quintal, um círculo de bruxos rodeia Luna. Existem muitos deles, eles a rodeiam duas vezes. Cantos silenciosos flutuam para meus ouvidos. Não tenho ideia do que eles estão dizendo. É magia antiga em um idioma que nunca ouvi falar. Existe um idioma mais antigo que o latim?

—Quando eles se dispersarem, pegue-a. — Sussurra Laney, apoiando seus quadris contra a varanda frágil. Ela levanta as duas mãos no ar e me joga uma piscadela antes que o fogo entre em ambas as mãos.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

ALANDRA



A maior parte do canto para, substituída por gritos quando chamas explodem nos dois lados do círculo. As chamas ardem cada vez mais alto quando Laney olha para o grupo de bruxos. Meu coração martela no peito, me pedindo para fazer alguma coisa, qualquer coisa.

Mas eu não tenho esse tipo de mágica.

Quando as bruxas do ringue mais externo se viram e correm em direção à varanda, Laney divide sua atenção e põe fogo em algumas capas. Eles param de se mover em nossa direção e ela sorri, apoiando-se pesadamente no parapeito.

— Eles não estão fugindo. — Murmuro em frustração.

— Dê tempo. — As chamas queimam mais alto, empurrando em direção às bruxas que estão mais próximas de Luna. Um grita quando as chamas começam a lamber sua pele. Vários bruxos abandonam o círculo e começam a se retirar para a floresta.

— Não abandone sua ordem! — Grita uma voz masculina profunda. Arrepios sopram na parte de trás do meu pescoço enquanto eu aponto para quem a voz pertence.



Esse tem que ser o líder deles. O que estava em pé na frente de Luna, com as mãos em ambos os lados do rosto, a cabeça jogada para trás como se estivesse olhando para a lua.

— Luna! — Eu grito quando sua cabeça cai para trás e a luz branca - luar - flui livremente de seus olhos e boca. Desço correndo as escadas, passando pelos poucos bruxos restantes no anel externo, tento me apoiar através do anel interno. Eu tenho que chegar até ela.

Chamas irrompem ao meu redor e se movem comigo enquanto passo por bruxa após bruxa. Puta merda, minha irmã é uma durona. Quando empurro contra um corpo, a capa deles queima. Olho para mim mesma, me perguntando como Laney pode fazer isso sem me machucar, mas não tenho tempo para questioná-la quando uma bruxa grande se vira e começa a jogar raios de eletricidade em mim. Levanto minhas mãos para bloquear o golpe, mas no momento em que a eletricidade afunda em minhas veias, sinto meu coração se contrair. O choque corre para o centro de mim, me derrubando nas costas.

Eu pisco, um gemido gaguejado derramando dos meus lábios quando o homem maior se inclina sobre mim. Quando seu rosto se aproxima do meu, respiro fundo, tentando me manter consciente.

— Você Michaels não sabe quando parar, sabe? — Ele zomba, abrindo a palma da mão como se quisesse invocar mais magia.

Antes que ele possa dar o golpe final, chamas sobem e descem pelos braços e seu rosto se contorce de dor. — Ah! — Ele grita, batendo na sua pele, mas é tarde demais. O fogo se espalha ao longo de sua capa, envolvendo-o em um fogo tão quente que é quase azul.





—Deixe ela em paz! — Laney grita da varanda, enviando outra onda de fogo em direção ao círculo. Vários bruxos pegam fogo. Eu me levanto, tentando recuperar o juízo e observar o caos ao meu redor.

Os bruxos em chamas fogem de sua posição no círculo e, assim que abandonam seu posto, as chamas que os atacam desaparecem. Laney não está tentando matá-los, ela está apenas tentando impedir isso.

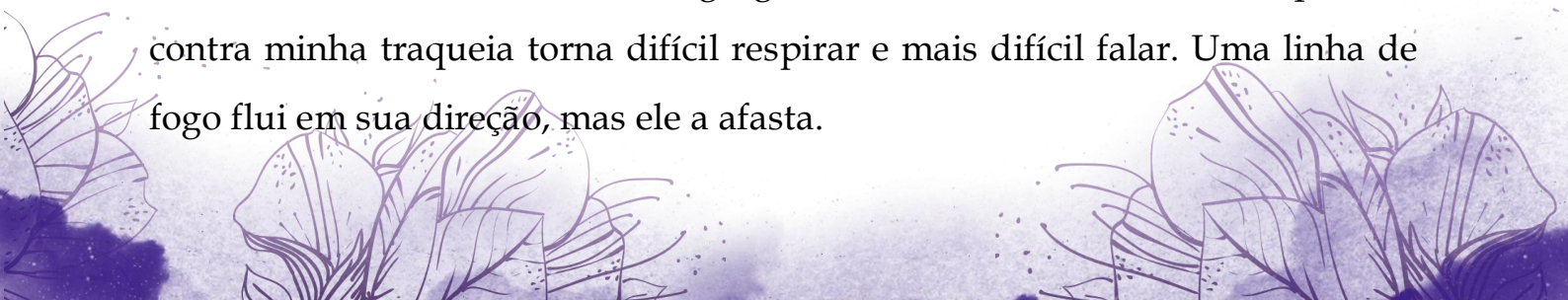
Eu empurro os restos mortais do homem diante de mim. Não sinto culpa por sua morte. Ele teria me matado. Eu já estava no chão, atordoada além da crença. Outro golpe poderia ter parado meu coração. Na verdade, estou surpresa que os primeiros não. Quando passo por seu corpo, meus olhos caem em Luna. Três bruxos permanecem ao redor do círculo interno, suas capas envoltas em chamas, mas estão enraizados no lugar.

Por um momento, me pergunto se eles são dedicados a sua causa ou se o líder os impede de sair de alguma forma. Dos gritos que atravessavam a noite, eu apostaria dinheiro no último.

Timidamente, entro no ringue e passo atrás do líder. Grande Deusa, me ajude. Incapaz de pensar com clareza, eu decido ir para a velha escolha e apenas apressar o filho da puta. Lancei-o com os braços em volta da cintura e tento derrubá-lo no chão. Surpreendentemente, ele cai comigo ao lado de Luna.

Durante a luta, ele consegue ficar em cima de mim, seus joelhos cravando nas minhas coxas. Sua mão envolve minha garganta quando vejo seu rosto claramente pela primeira vez. A pele enrugada pendura frouxamente de suas bochechas e olhos verdes perfuram os meus. —Sua tola, a transferência já começou.

—T-transferência?— Eu engasgo, arranhando a mão dele. A pressão contra minha traqueia torna difícil respirar e mais difícil falar. Uma linha de fogo flui em sua direção, mas ele a afasta.





O grito frustrado de Laney soa atrás de mim.

Explosão após explosão de fogo chove ao nosso redor. O calor brilha contra a minha pele, mas o fogo nunca me toca. O bruxo me segurando no chão rosna enquanto ele desvia cada ataque, claramente perdendo a paciência. A força das explosões fica mais forte, assim como manchas escuras se amontoam ao redor das bordas da minha visão. Vou desmaiar em breve.

—Saia de perto dela! — Laney rosna. Um rosnado agudo rasga a noite ao mesmo tempo que o homem grita de dor.

Eu me afasto dele, minha mão indo para minha garganta protetoramente enquanto vejo Juniper afundar os dentes em sua perna novamente. A quebra momentânea na concentração significa que ele sente falta da próxima corrente de fogo. Sua capa explode em chamas, mas ele consegue se livrar dela antes de ser tragado.

A luz branca começa a se acumular em seus olhos verdes, enchendo-o com o poder de Luna e balanço a cabeça. Não. A alguns metros de distância, Luna está sentada de joelhos, os braços abertos, o rosto inclinado para o céu enquanto a energia flui para fora dela.

—Eu tentei te contar. — Ele zomba. Um som repugnante de osso esmagado soa através da clareira e eu me viro, tentando encontrar minha irmã.

Laney cai no chão coberto de neve, os dedos cavando a terra fria enquanto as lágrimas escorrem pelo rosto. Outro estalo a faz gritar.

—Pare com isso! — Eu grito, levantando-me. Os bruxos que permanecem são carbonizados, mas enraizados no lugar, incapazes de se mover. —Você sacrificou seu próprio clã por esse poder? — Eu pergunto, apontando para os cadáveres grotescamente exibidos.

Ele estala um dedo e seus restos se dobram em pó.





— Em vez disso, pare com isso. — Uma voz masculina chama da varanda.

Eu me viro para ver papai, fortemente apoiado por mamãe, caminhando em nossa direção. Ele sacode o pulso e eu observo o homem diante de mim se contrair involuntariamente.

— Não vai dar certo. — Responde Prather, estendendo a mão na minha direção. — Eu tenho muito do poder da Celestial, agora, Michaels.

— Deixe minha filha em paz. Vamos embora. — Ele geme quando a mãe corre do seu lado para o lugar onde Laney estava deitado na neve, soluçando.

— Eu não posso fazer isso agora. — Em uma fração de segundo, Prather leva os olhos para o meu pai, eu corro para Luna. Não sei se tudo o que fizer será importante, mas preciso.

Se esse é o nosso final, quero gastá-lo com ela.

Meus dedos roçam contra seus ombros enquanto meus braços vão ao redor de seu pescoço. Ela não responde. Sua cabeça está presa em uma posição embaraçosa quando sua luz sai dela e entra na noite. De alguma forma, Prather está sugando cada pedacinho dela para si mesmo.

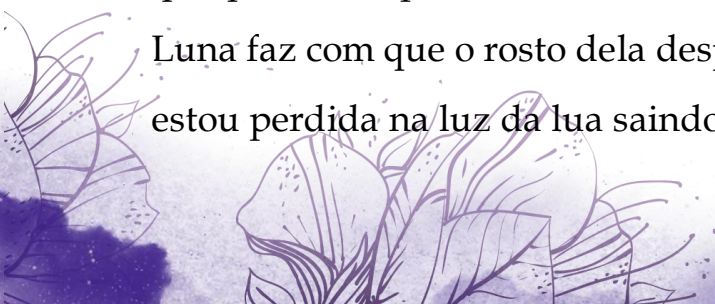
— Sinto muito. — Eu sussurro com uma língua grossa, minhas lágrimas caindo contra seu pescoço. — Eu tentei, amor.

— Por favor, não! — Alguém grita. Não consigo distinguir a quem a voz pertence. Meus olhos se abrem ao mesmo tempo que algo encontra minha espinha.

Não dói.

Não há dor.

Há apenas uma dormência fria varrendo todo o meu corpo. À medida que perco a capacidade de me sustentar, meu peso em volta do pescoço de Luna faz com que o rosto dela despenque em mim. Nossos olhos colidem e eu estou perdida na luz da lua saindo dela.





Afogada ao som de mil orações e rituais sussurrados. Até o canto que está terminando sua vida soa nos meus ouvidos.



Eu pisco tentando abrir os olhos e o pânico toma conta do meu corpo. Rapidamente, eu me levanto, apenas percebo que não há chão embaixo de mim. Eu me viro em um círculo, examinando onde estou e meu estômago cai em um poço sem fundo enquanto olho para um milhão de estrelas brilhantes.

— Fique quieta, mortal. — Uma voz suave chama da escuridão.

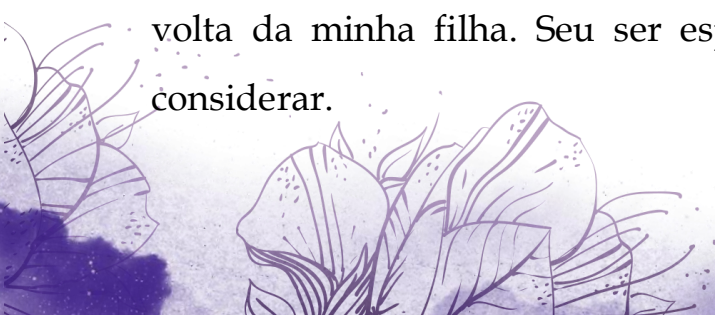
Aperto os olhos contra a luz quando ela aparece. Seu cabelo é como ouro derretido, escorrendo pela pele bronzeada. Ela não usa roupas para cobrir os seios pesados ou o estômago inchado. Seus olhos refletem o espaço negro e as estrelas que nos cercam.

— Estou morta? — Pergunto antes de pensar melhor. Eu sei quem ela é, mas não consigo pensar no absurdo.

— Ainda não, ao que parece. — A Grande Deusa acena a mão em direção a um espaço vazio perto de nós e uma visão de Luna de joelhos, seu poder caindo em mim... ganha vida.

— Isto é real? Estou lá ou aqui? Luna está viva? — Meu estômago aperta com o pensamento de sua morte. Isso me assusta mais do que ser confrontada com o meu.

— Devagar, criança. — A Deusa ri. — Você está nos dois lugares atualmente. Seu ser físico está no que você chama de Terra, com os braços em volta da minha filha. Seu ser espiritual foi enviado aqui, para mim, para considerar.





—Para considerar? — Eu pergunto, esfregando minhas têmporas. Eu deveria ter prestado muita atenção na escola. É óbvio que algo grande está acontecendo, mas eu não entendo o que.

—Sim. — Ela murmura, dando um passo em minha direção. A Grande Deusa aperta as mãos na cintura antes de continuar. Chamas douradas e brancas brilham atrás dela, como se viessem de suas costas, e talvez elas estejam vindo. — Um homem mau absorveu parte do poder da minha filha. Ele pretende drená-la e usar o poder para seus próprios propósitos. Você não quer que isso aconteça.

Não era uma pergunta, então eu não falo. A Grande Deusa inclina a cabeça com um sorriso malicioso.

—Você absorveu o resto do poder de Luna, mas somente depois de receber seu golpe mortal.

Engulo em seco quando uma dor começa a latejar nas minhas costas, como se ela estivesse falando as palavras lembrando meu corpo que deveria estar doendo. — Então eu estou morta, então.

— Ainda não. Sua alma trouxe você aqui, para mim. Você sabe o porquê?

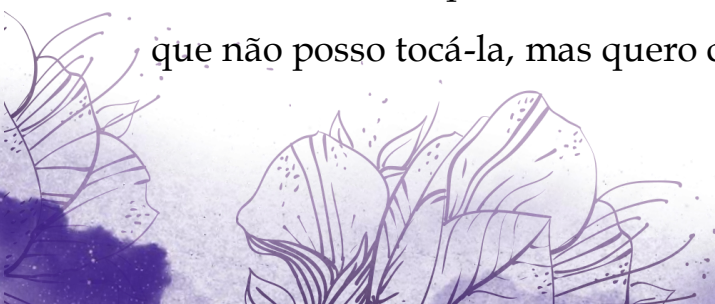
— Seus olhos negros brilham com a luz de mil estrelas e eu balanço minha cabeça.

— Eu não sei.

— Você se lembra da última coisa que me pediu, Alandra Michaels?

Minha testa vinca. Eu vasculho no meu cérebro tentando lembrar se perguntei à Deusa qualquer coisa. Eu não costumo orar.

— Eu pedi para você salvar Luna e meu pai. — Cubro minha boca, olhando de volta para a visão de mim e Luna. Eu sei que não é físico. Eu sei que não posso tocá-la, mas quero correr para ela e dizer adeus.





— Sim. E então isso aconteceu. — A Grande Deusa acena com a mão e uma cena se desenrola contra as estrelas ao nosso redor, como se fossem uma tela de projeção. Eu me vejo correndo em direção a Luna, passo meus braços em volta do pescoço dela, e Prather lança a mão para mim. Minhas costas arqueiam em um ângulo não natural e eu caio para trás, meus braços ainda presos ao redor do pescoço de Luna. Sua cabeça cai para frente e a energia derrama de seu corpo no meu antes que meu corpo fique mole.

— Minha família está bem? — Pergunto calmamente.

— Por enquanto. No entanto, sua irmã pode nunca mais ser a mesma depois da dor que este padre a sujeitou.

Meu coração torce no meu peito com essas palavras. Laney já luta com o vício. Eu me preocupo que ela não consiga sair desse buraco depois da quantidade de trauma a que ela foi submetida.

— Você é uma bruxa muito boa, Alandra Michaels.

Eu bufo, depois cubro minha boca, meus olhos arregalados de horror.

— Eu sinto muitíssimo.

A Grande Deusa balança a cabeça e ri, o peito arfando a cada risada. — É, como você diz, tudo bem, criança. Você é uma bruxa muito boa no sentido de ter um coração muito bom. Você conhece seu poder?

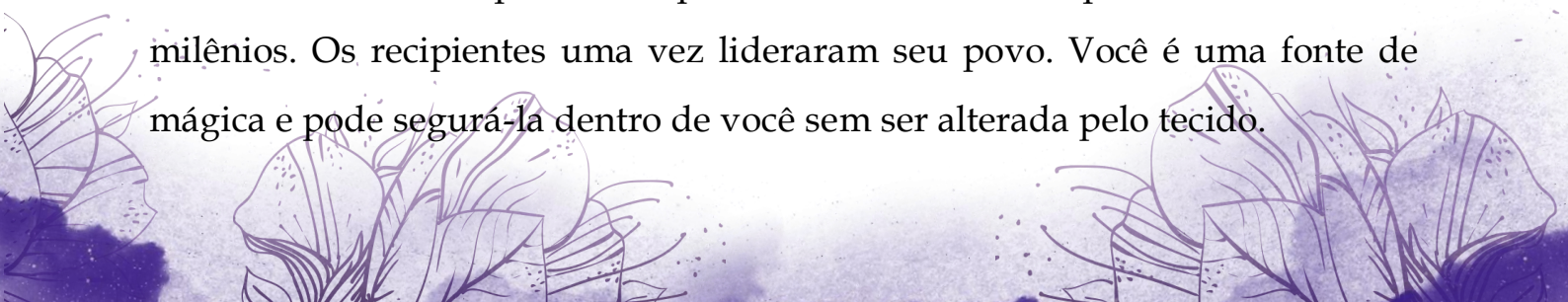
Eu pisco e balanço minha cabeça. — Eu não tenho nenhum.

— Você está errada.

Meu coração bate contra o peito quando a Grande Deusa se aproxima e pressiona um dedo na minha testa. — Você é um recipiente.

Minha testa enruga sob a atenção dela. — Eu não sei o que isso significa.

— Eu sei. Seu pessoal esqueceu o valor dos recipientes nos últimos milênios. Os recipientes uma vez lideraram seu povo. Você é uma fonte de magia e pode segurá-la dentro de você sem ser alterada pelo tecido.





As palavras soam estranhas para mim, como se não traduzissem bem. Respiro fundo e aceno com a cabeça, aceitando esse petisco pelo que quer que possa significar. — Isso significa que eu posso salvar Luna?

— E é por isso, minha filha, que você é uma boa bruxa. — A Grande Deusa assente e me mostra outra imagem, uma de Prather arrancando minhas mãos de Luna e nos jogando no chão. Meus próprios olhos mortos refletem pura luz da lua de volta para ele enquanto ele se enfurece na noite.

— Se você retornar à Terra e conseguir absorver o restante do poder da minha filha dessa criatura vil, poderá devolvê-lo a ela. Se você escolher.

— Se eu voltar para a Terra? — Eu pergunto, confusa.

— Há outra opção. Talvez você prefira. — A Grande Deusa abaixa a cabeça e de repente estou em um sonho familiar, cercada por grama roxa alta e flores de prata. — Você tem o poder de Luna o suficiente para substituí-la, se assim o desejar. Você levará alguns séculos para cultivar o poder no nível necessário para governar esse reino, mas é factível.

Meus dedos flutuam ao longo do topo da grama para uma flor fechada. Quando toco, ela se desdobra, brilhando em branco no centro. Ela floresce.

— É aqui que Luna vive.

— Sim.

O poder que corre dentro de mim finalmente se registra quando as flores começam a se abrir. Eu posso senti-las como se fossem parte de mim. Balanço a cabeça e me afasto, as flores fechando quando me desconecto delas mentalmente. — Como eu vou para casa?

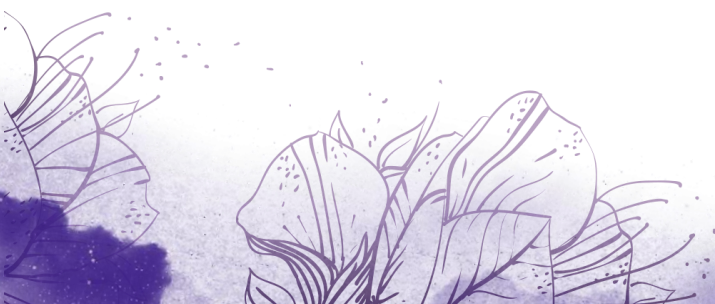
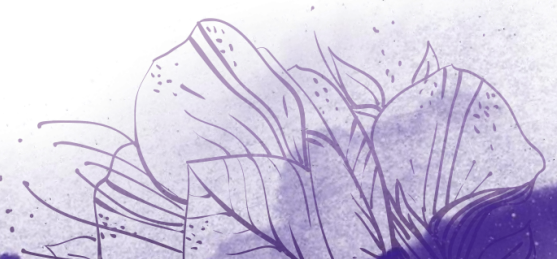
— Você só precisa perguntar. Sua forma mortal será alterada pela sua visita a este reino. Não tenho certeza do que isso significa para você no futuro, mas não há como visitar este mundo e não ser tocada por ele.





Respiro fundo e aceno com a cabeça e me curvo com cuidado para mostrar meu respeito. — Obrigada, grande Deusa. Por favor, me leve para casa.

A última coisa que vejo na escuridão é seu sorriso brilhante.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

ALANDRA



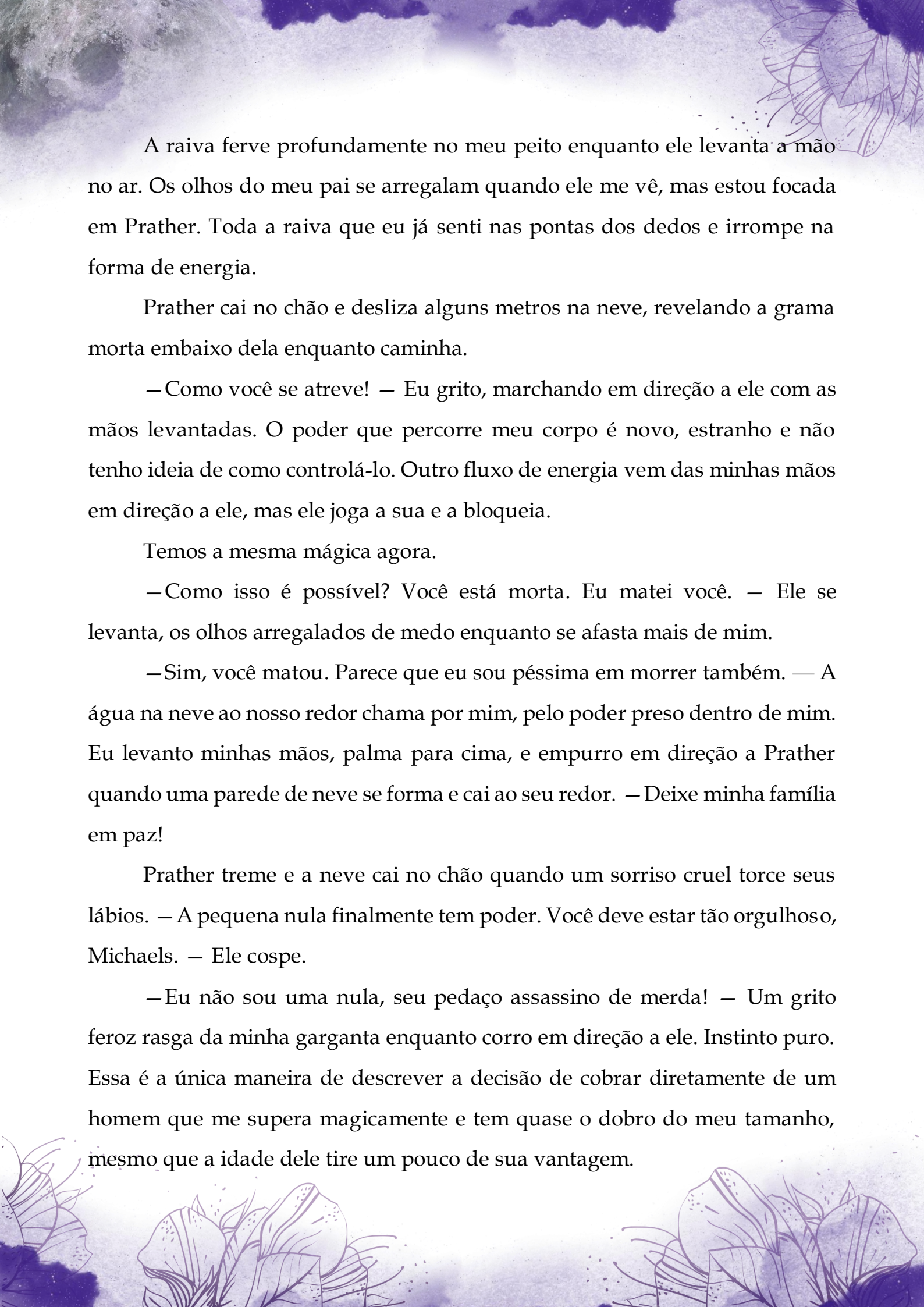
Meus olhos se abrem e o ar surge nos meus pulmões. Parece fogo consumindo-me de dentro para fora. Engasgando com o precioso oxigênio, pisco minhas lágrimas quando o céu noturno aparece.

Oh não, eu não voltei?

— Você a matou! — Uma voz familiar ruge. Soluços silenciosos flutuam para mim de algum lugar próximo.

— Você poderia ter sido um Deus, Michaels. — Prather assobia. Eu levanto lentamente e olho para o corpo sem vida de Luna. Seu brilho se foi completamente. Não há um único brilho para acender a neve ao seu redor.

Enquanto meu estômago aperta e as lágrimas ameaçam encher meus olhos, uma voz calma sussurra no fundo da minha mente. *Você pode salvá-la, criança. Lembre-se do que deve ser feito.* Eu pisco a umidade e aceno, me preparando contra o que está por vir. Eu me viro e encaro as costas de Prather. Sua pele brilha - não tão brilhante quanto a minha Luna - na escuridão. Além dele, Laney está sentada no colo da minha mãe, segurando a perna e o braço em ângulos desajeitados.



A raiva ferve profundamente no meu peito enquanto ele levanta a mão no ar. Os olhos do meu pai se arregalam quando ele me vê, mas estou focada em Prather. Toda a raiva que eu já senti nas pontas dos dedos e irrompe na forma de energia.

Prather cai no chão e desliza alguns metros na neve, revelando a grama morta embaixo dela enquanto caminha.

— Como você se atreve! — Eu grito, marchando em direção a ele com as mãos levantadas. O poder que percorre meu corpo é novo, estranho e não tenho ideia de como controlá-lo. Outro fluxo de energia vem das minhas mãos em direção a ele, mas ele joga a sua e a bloqueia.

Temos a mesma mágica agora.

— Como isso é possível? Você está morta. Eu matei você. — Ele se levanta, os olhos arregalados de medo enquanto se afasta mais de mim.

— Sim, você matou. Parece que eu sou péssima em morrer também. — A água na neve ao nosso redor chama por mim, pelo poder preso dentro de mim. Eu levanto minhas mãos, palma para cima, e empurro em direção a Prather quando uma parede de neve se forma e cai ao seu redor. — Deixe minha família em paz!

Prather treme e a neve cai no chão quando um sorriso cruel torce seus lábios. — A pequena nula finalmente tem poder. Você deve estar tão orgulhoso, Michaels. — Ele cospe.

— Eu não sou uma nula, seu pedaço assassino de merda! — Um grito feroz rasga da minha garganta enquanto corro em direção a ele. Instinto puro. Essa é a única maneira de descrever a decisão de cobrar diretamente de um homem que me supera magicamente e tem quase o dobro do meu tamanho, mesmo que a idade dele tire um pouco de sua vantagem.



Ele mantém sua postura, esperando que eu o lanceie como antes, mas aprendi essa lição. Confiando no poder que corre em minhas veias, dou um passo em nada além de ar e depois outro até estar perto o suficiente para fazer o que quero. Meu corpo cai no ar, meu pé batendo em sua mandíbula enquanto nós dois caímos no chão.

Em vez disso, ruge de dor e raiva enquanto lutamos pela vantagem. Suas mãos vêm ao redor da minha garganta e uma sensação de déjà vu desliza sobre mim. Meus dedos cavam a neve ao nosso redor e eu chamo por ela, pedindo que me ajude.

Cordas delgadas de neve se formam e se arrastam pelo corpo como cordas vivas. Elas rastejam ao redor de seu pescoço, mãos, peito - em todos os lugares que possam dar alguma vantagem tática - e depois se solidificam em gelo.

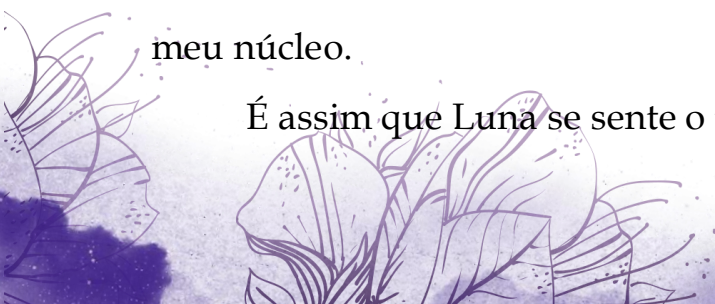
— Deus seja. — Ele murmura, lutando contra suas correntes geladas, mas elas não se mexem. Meu coração bate contra o peito enquanto tento me lembrar do que a Grande Deusa disse sobre absorver o poder dele.

É seu, chame para você. Rápido, antes que ele descubra o mesmo.

Minhas mãos acariciam suas bochechas enquanto olho em seus olhos, tentando recriar a maneira como acabei com o poder de Luna. — Você é meu, venha até mim. — Eu sussurro.

— Não! — Prather luta contra seus laços, o gelo rangendo e gemendo sob seu peso. Eles não durarão muito mais tempo. Minhas unhas cavam em sua pele enquanto eu me concentro em puxar todo o meu poder de volta para mim. O luar branco escoa de seus olhos e derrama em mim. Tremores de excitação correm pelo meu corpo enquanto todo o poder se instala profundamente no meu núcleo.

É assim que Luna se sente o tempo todo?





É incompreensível. Sinto que poderia conquistar o universo, se quisesse. Mas, felizmente, não sou Prather e não é isso que quero. Quando o último pedaço de luar desliza dentro de mim, eu me concentro em puxar qualquer energia residual dentro dele.

Ele não merece usar a magia como uma arma contra seu próprio povo.

Prather tosse, seus olhos se arregalam com lágrimas frescas enquanto uma fumaça macia e roxa sai de seus lábios. Ela abre caminho entre a minha e eu endureci por um momento enquanto a sensação incomum flui através do meu ser.

Quando termina, eu me afasto dele e fico de pé, olhando para minhas mãos brilhantes. — Agora você é um nulo. Nunca mais chegue perto da minha família. Se o fizer, perderá mais do que mágica.

Seu lábio treme quando ele olha para suas próprias mãos. — Não...

Eu me viro para encarar minha família e meu pai dá um passo atrás.

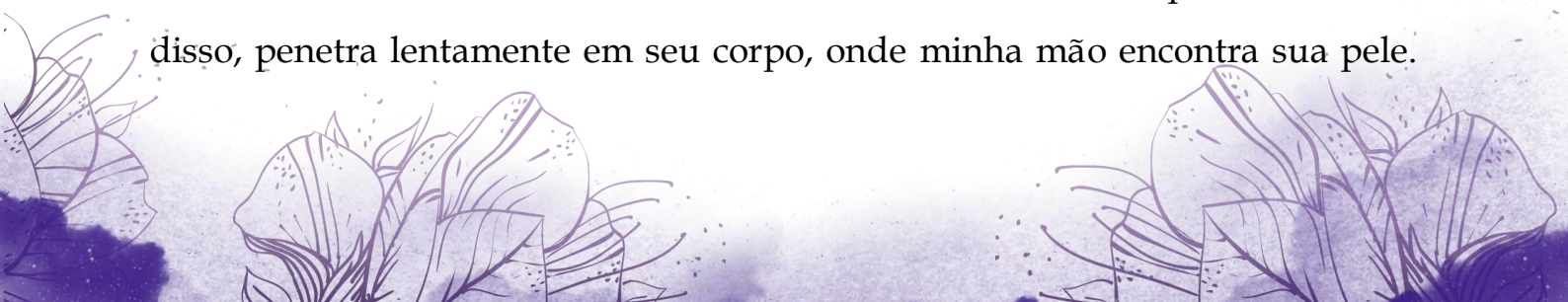
— O que você está fazendo, Alandra?

— Nada por muito tempo. — Viro-me para Laney para ver se ela está bem.

— Não se preocupe comigo. — Ela choraminga antes que eu possa abrir minha boca. — Luna.

Eu aceno e corro para onde Luna está na neve, com os olhos fixos no céu escuro da noite. Quando me ajoelho sobre ela, deslizo minhas mãos sob sua cabeça e sussurro.

— Por favor volte para mim. Pegue o que é seu. A mágica. Eu. Apenas volte. — Murmuro baixinho para que apenas ela e a Grande Deusa possam ouvir. A luz não sai dos meus olhos dolorosamente como eu esperava. Em vez disso, penetra lentamente em seu corpo, onde minha mão encontra sua pele.





Deslizo uma mão contra sua bochecha e lágrimas frescas caem pelas minhas bochechas quando o brilho começa a se espalhar sob sua pele.

— É isso aí. — Eu sussurro. — Volte.

Obrigada...

O sussurro no fundo da minha mente é tão fraco que não tenho certeza se ouvi isso. Ou talvez a mágica que sai do meu corpo tenha algo a ver com o motivo de ela parecer tão quieta, mas sua voz se desvanece quando Luna toma seu primeiro suspiro em meus braços.

— Oh Deusa, obrigada. — Eu sussurro contra seus cabelos enquanto a trago contra meu peito.

Luna murmura algo sonolenta contra o meu peito, mas eu a aperto mais forte, agradecida por ela estar viva.

— Landra está quente. — Ela murmura, quaisquer que sejam as palavras que ela pretende dizer saindo uma bagunça ilegível. Oh Deusa, algo deu errado quando ela voltou? Eu me afasto dela e olho para seus olhos pálidos em questão.

— Você está me sufocando. — Ela tosse com um sorriso fraco.

— Ah. Merda. Merda! Sinto muito! — Eu chio, recuando uma polegada.

— Obrigada. — Ela murmura, sentando-se sozinha. Luna joga os braços em volta do meu pescoço e me aperta, me segurando forte contra ela. Quando ela se afasta do abraço, meu coração mergulha, mas não por muito tempo. Sua boca cai na minha em um beijo de fome. Seus lábios puxam os meus enquanto sua língua desliza na minha boca para me reivindicar.

Eu quase caio na neve enquanto o peso dela luta com o meu. Inclinando minha cabeça para o lado para aprofundar o beijo, mas uma cócega suave no meu pescoço me traz de volta à realidade.





— Ahhh! — Eu grito contra sua boca, me afastando para ver o que está rastejando em mim.

Beezelbub chia com raiva do seu lugar no meu peito e eu ri quando suas antenas e pés se esfregam como algum tipo de ameaça. — Sinto muito! — Respondo. Não faço ideia do que ele está dizendo, mas ele parece chateado.

— Você o assustou.

— Eu me assustei. — Eu rio. — Inferno, você me assustou.

O som suave de alguém pigarreando chama minha atenção para minha família ferida e congelante. Faço uma careta e depois olho para Luna.

— Você os curaria se eu pedisse?

— Qualquer coisa por você.

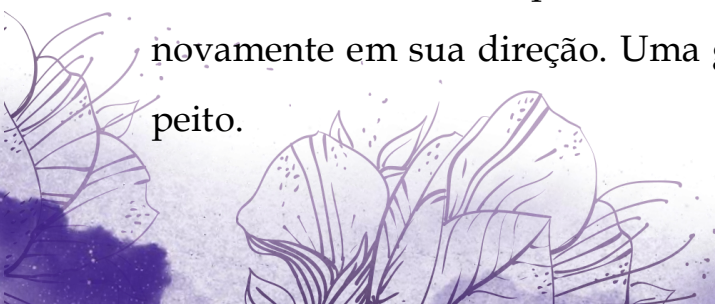
Olho para o céu enquanto nos levantamos, observando a posição da lua. — Você não está mais presa aqui. — Eu sussurro, uma sensação de pavor apertando minha garganta.

— Não. — Luna caminha lentamente em direção a minha família e respiro fundo, me preparando para o que está por vir.

Eu sabia o que aconteceria quando começássemos isso. Eu sabia que isso não podia ir a lugar algum. Eu só preciso me lembrar disso. É o trauma. Estou exagerando por causa do trauma. Não porque eu sou uma bagunça emocional. Quando chegamos perto deles, aceno minha mão para Laney, onde ela está na neve. Felizmente, sua magia de fogo dificulta o frio. Quando minha onda chega ao fim, uma pequena linha desliza através da neve em sua direção e ela levanta a sobrancelha.

— O que é que foi isso?

— Uh. — Olho para a minha mão e dou de ombros, depois ligo novamente em sua direção. Uma grande quantidade de neve bate contra seu peito.





— Er...

— Você tem a telecinesia de Prather. — O pai oferece.

Eu me volto para ele, meus olhos arregalados. Não sei o que quero lhe dizer. Ele é... meu pai. Mas ele também tentou matar minha namorada. E ele me alienou a maior parte da minha vida por não ser boa o suficiente.

— Alandra. — Mamãe sussurra e eu me viro para ela, decidindo deixar o confronto com meu pai por mais um tempo. Pelo canto do olho, vejo seus ombros caírem. Sua mão cobre a ferida no estômago, causando uma nova onda de culpa no meu peito.

— Você está bem? — Eu pergunto, enquanto meus olhos se voltam para Laney. O som de ossos se juntando quando Luna a cura me faz estremecer. Os silenciosos assobios e gritos de dor quando seus ossos se juntam novamente é de cortar o coração.

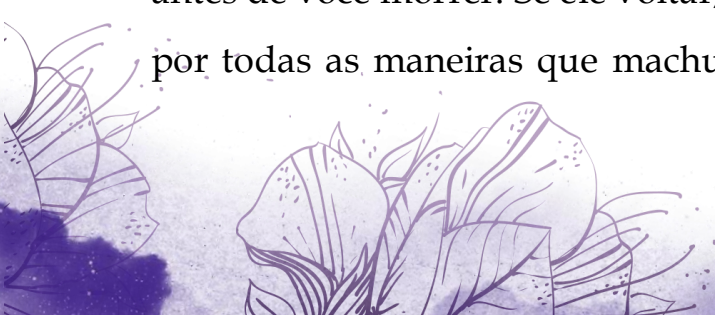
— Está tudo bem. Querida, olhe para mim. — Minha mãe implora em voz baixa. Meus olhos se levantam para encontrar os dela e suspiro sob o peso da noite. — Está bem. Você pegou a garota, bebê. — Ela sussurra.

— Tudo não vai magicamente ficar bem. — Suspiro, acenando com a cabeça em direção ao pai amarrando Prather com sua própria magia.

— Eu sei. Ele também sabe. Quando os caçadores chegarem, seu pai irá de bom grado. Ele precisa pagar pelas coisas que fez. — Mamãe funga, um sorriso triste puxando seus lábios.

— Sêrio? — Eu pergunto, virando-me para vê-lo cair na neve ao lado de seu ex-líder.

— Realmente. Ele prometeu quando acordou lá dentro, diante de você... antes de você morrer. Se ele voltar, testemunharei contra ele. Ele precisa pagar por todas as maneiras que machucou nossa comunidade e nossa família. —





Mamãe se vira para Luna e balança a cabeça. — E você, querida. Sinto muito pelas coisas pelas quais você foi submetida.

As mãos de Luna param no estômago de Laney - provavelmente curando uma costela quebrada - e ela assente solenemente. — Obrigada.

Tudo ainda não está bem, mas não vou repetir. O fato de ele estar disposto a assumir a responsabilidade por suas ações fala muito.

—Luna. — Mamãe sussurra, seus olhos ficando macios por um momento. —Quando os caçadores chegarem aqui... é melhor se você não estiver aqui. Não sabemos quantos outros covens escuros existem. — Mamãe engole em seco.

Uma pedra se forma na boca do meu estômago enquanto Luna se levanta e ajuda Laney a se levantar. Pânico atira no meu peito enquanto espero pelas palavras que vão me quebrar.

—Tudo bem, Audrey, eu vou.

Eu engulo novamente, lutando contra as lágrimas cheias no canto dos meus olhos. Era isso que sempre ia acontecer. Pelo canto do olho, Laney cobre a boca, mas não suporto olhar nos olhos dela. Não suporto o 'eu te disse'.

—Venha, amor. — Luna ordena, e minha cabeça se levanta em questão.

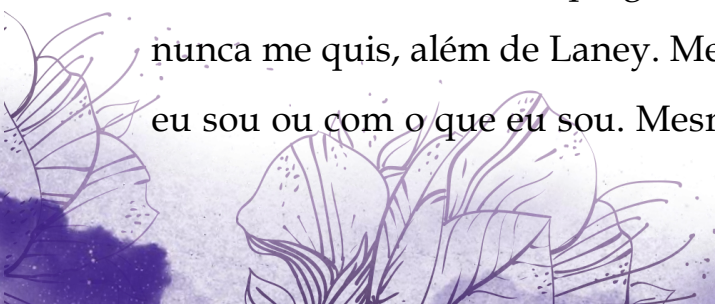
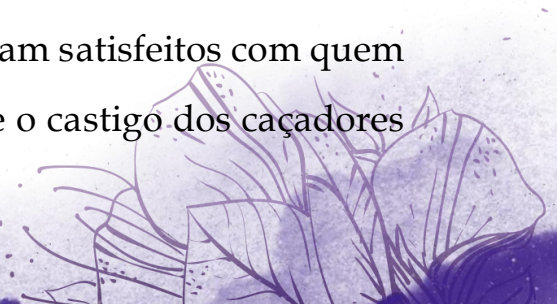
—O quê? — Mãe, Laney, e eu perguntamos ao mesmo tempo.

—Venha comigo. Se você quiser. — Os olhos de Luna nunca saem dos meus, seu peito subindo e descendo a cada respiração.

—Alandra, você não pode, você-

—Sim. — Murmuro baixinho, procurando algo nos olhos dela. Eu não sei.

Isso nunca foi uma pergunta. Este mundo nunca foi meu. Minha família nunca me quis, além de Laney. Meus pais nunca ficaram satisfeitos com quem eu sou ou com o que eu sou. Mesmo que papai aceite o castigo dos caçadores





e seja uma pessoa melhor... isso não desfaz os anos de tortura emocional que sofri nas mãos deles.

Perdoe-os, mas viva sua vida completamente.

Minhas sobrancelhas se contraem e Luna sorri para mim calorosamente.

— Você a ouviu?

— Sim.

— Você terá que me dizer o que você e a Grande Mãe discutiram, amor.

— Luna pega minha mão e a aperta antes de se afastar, provavelmente para me dar um momento para me despedir.

— Alandra. — Mamãe sussurra baixinho. — Você não pode ir com ela. Você é uma mortal, o que você faria no reino celestial? O que você se tornaria?

— Eu não sei. Eu ainda estou indo. — Eu sorrio para ela e jogo meus braços em volta do pescoço em um abraço feroz, absorvendo seu perfume. — Ainda posso voltar para casa. As bruxas não podem atravessar o reino celestial sem serem convidadas, o que não significa que os celestiais não possam atravessar, se quiserem. Eu prometo que voltarei.

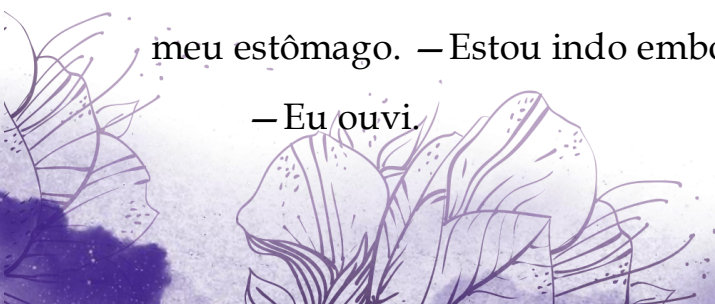
— Inseto. — Laney choraminga, fungando enquanto as lágrimas correm livremente pelo rosto. — Esta noite? Você tem que ir hoje à noite?

— Eu quero. Não é seguro para ela aqui. E não quero me separar dela, Laney. — Suspiro. — Você pode me perdoar?

Seus olhos caem, mas ela assente, enxugando as lágrimas antes de me abraçar. Seu fogo interior me aquece até meus ossos antes de eu dar um passo para trás. Papai está sentado ao lado de um Prather amordaçado - sério, onde ele encontrou algo para amordaçá-lo? - com um sorriso triste no rosto.

Dou um passo hesitante em direção a ele, tentando combater a raiva no meu estômago. — Estou indo embora. — Murmuro.

— Eu ouvi.





— Tudo bem então. — Suspiro, voltando-me para Luna.

— Espere. — Ele grita e eu paro, olhando por cima do ombro. — Eu sempre quis o melhor para você, Alandra. Eu espero que você saiba disso.

— Não. — Eu rosno, balançando a cabeça. Beezelbub voa na direção de papai, com um risinho zangado no rosto, como se ele também quisesse pensar um pouco. — Você queria o melhor para você e sua imagem. Você acha que eu não ouvi o que seu amigo disse? ‘A pequena nula finalmente tem poder’. Eu sei o que você pensa de mim, pai. Eu sempre soube. — Minha mão treme quando sobe e aponta na direção de Luna. — Vou fazer uma vida para mim mesma que não envolve seu julgamento. Eu disse à mãe que vou visitar, e irei. Se você me verá ou não depende inteiramente de quanto mudou até então.

Os olhos do meu pai se arregalam quando eu me viro e passo em direção à beleza de cabelos brancos que me espera. Quando minha mão desliza na dela, Beezelbub vem e se apega com cuidado ao tecido do meu casaco.

— Não se preocupe, rapaz. — Luna murmura. — A jornada não vai doer nada.

— Eu te amo! — Mamãe grita com uma voz preocupada.

— Eu também, Inseto!

Aperto a mão de Luna e grito por cima do ombro: — Amo vocês.

Luna pressiona contra o ar e um brilho ondula para fora até que uma grande figura oval fique na nossa frente. Todas as cores - mais algumas novas, eu acho - rodopiam por dentro e engulo com força, passando a mão livre pelas costas do Beezelbub.

— Confie em mim. — Luna sussurra, passando pela porta de seu reino.

Como se houvesse alguma dúvida.

Eu respiro fundo e a sigo para o desconhecido.



EPÍLOGO



Eu tento rolar, tentando me desembaraçar da bagunça de membros em que me encontro. Luna está envolvida em torno de mim como um macaco-aranha, agarrando-se com tanta força que mal consigo me mover.

— Luna. — Eu sussurro, dando um tapinha em seu braço.

— Mmm.

— Luna. — Eu tento novamente com um sorriso.

Dessa vez, os braços dela se soltam e eu viro, minha cabeça deslizando contra a fronha de seda macia quando me deparo com minha companheira.

— Bom dia, bruxinha. — Ela murmura com uma voz grogue.

Eu rio, cutucando seu rosto da maneira irritante que ela odeia enquanto as músicas do Elysium chegam aos meus ouvidos pela janela aberta. Bem, não é exatamente uma janela. Nossa casa não tem portas ou janelas. Sem barreiras de qualquer tipo. Até as paredes são feitas de alguma pedra estranha e clara. Não há chuva ou tempestades neste reino. Apenas brisas pacíficas flutuam pelo nosso quarto ocasionalmente, trazendo as orações e feitiços de outras bruxas com ele.

— Você percebe que o tempo funciona de forma diferente aqui, Bruxinha.

— Ela geme, puxando um travesseiro sobre a cabeça. — Não precisamos nos apressar.



— Eu sei, mas quero ver Laney. Eu sinto falta dela. — Eu mordo meu lábio inferior e bato meus cílios. Luna espreita por baixo do travesseiro com um pequeno sorriso e se inclina rapidamente, roçando os lábios nos meus.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela suspira. — Vamos sair mais cedo. Não sei por que você me culpa. Você a viu na semana passada.

— Estou acostumada a vê-la todos os dias.

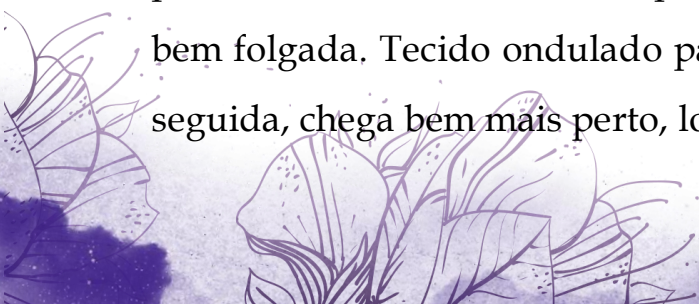
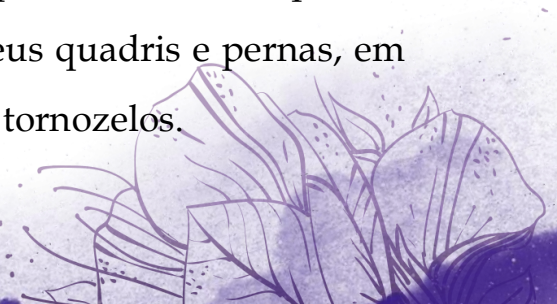
Espero que um dia o reino mortal esteja seguro o suficiente para Luna e eu ficarmos mais tempo, mas por enquanto, visitamos quando podemos. Eu me preocupo com Laney morando sozinha. Ela largou Marcus durante o drama de Luna e, até onde eu sei, não está namorando ninguém desde então.

— Pare de se preocupar. — Luna sussurra, me puxando para um abraço apertado. — Vai ficar tudo bem, seja o que for.

— Um dia desses eu vou me acostumar com isso. — Suspiro alegremente em seu pescoço enquanto absorto o abraço. Suas habilidades empáticas ainda me pegam desprevenida às vezes. Mesmo que Luna tenha compartilhado seu poder comigo, um pouco de cada vez, eu tenho um entendimento tão pequeno de como ele realmente funciona.

— Mm. — Luna cantarola sem compromisso. Com um estalar de dedos, seu vestido puro favorito - e, reconhecidamente, o meu favorito para vê-la - é substituído por algo um pouco mais apropriado para o banquete Beltane da minha família. O vestido branco com detalhes em renda prateada e botões prateados abraça todas as curvas de seu corpo.

Ela se levanta e me olha antes de estalar os dedos novamente. Olho para o decote. O pano prateado se apegando aos meus seios. Quando balanço minhas pernas sobre a beira da cama, percebo rapidamente que o resto da roupa está bem folgada. Tecido ondulado paira em torno de meus quadris e pernas, em seguida, chega bem mais perto, logo acima dos meus tornozelos.





— Uma saia longa? — Eu pergunto com um sorriso.

— Uma o quê? — As sobrancelhas de Luna se apertam enquanto ela examina a roupa. — Você não gosta?

— É maravilhoso, amor. — Eu rio. — Muito lindo.

Luna atravessa o quarto e envolve os braços em volta do meu pescoço, olhando para mim com seus olhos prateados.

— A beleza pertence a você, Bruxinha.

— Eu gosto do som disso. — Eu ri enquanto inclino minha cabeça para trás para mais um beijo. Luna se obriga, inclinando-se para pressionar seus lábios nos meus. Chupo seu lábio inferior entre os dentes, provocando-a com a ponta da minha língua antes de me afastar.

— Alandra. — Ela sussurra em aviso.

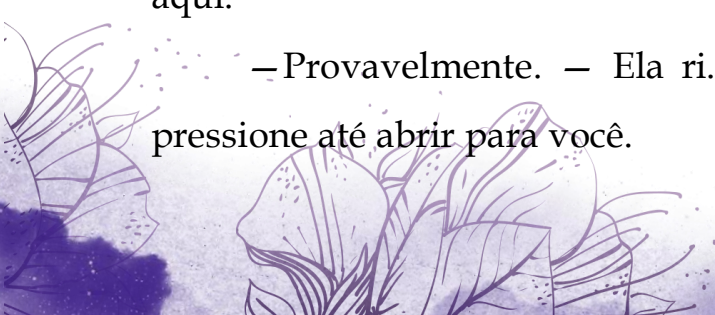
— Você acha que eu posso abrir portais agora? — Eu pergunto, ignorando o som de sua frustração palpável.

— Você pode tentar. — Ela suspira, me girando pelos meus ombros até minhas costas estarem pressionadas em seu peito. — Pressione suas mãos contra o ar. —, Ela instrui, esfregando as mãos nos meus braços até que ela esteja segurando meus pulsos frouxamente.

Faço o que ela diz, empurrando o ar até sentir algo sólido sob as pontas dos dedos.

— Ah! Esse é o éter? — Um chiado silencioso faz cócegas em meus ouvidos quando Beezelbub pousa no meu ombro. Este reino tinha sido gentil com ele. A luz refletia maravilhosamente de suas marcas, revelando profundidade em seus padrões que eu nunca soube que existiam antes de vir aqui.

— Provavelmente. — Ela ri. — Agora imagine onde você quer estar e pressione até abrir para você.





— Como uma porta. — Eu penso, empurrando contra o éter até que ele começa a se separar. Quando as primeiras faíscas de cor voam do pequeno portal, soltei o aperto animada.

— Precisamente como uma porta. — Luna beija minha bochecha suavemente enquanto nós duas assistimos o portal crescer em tamanho. Quando é grande o suficiente para atravessar, ela passa os dedos pelos meus e lança um olhar preocupado para o portal. — Você fez questão de pensar na sua antiga casa? Sim?

— Claro. — Eu rio. — Se isso funcionar como você disse, deve nos levar para o meu antigo quarto.

— Mmm. — Luna cantarola, batendo o queixo com a mão livre. — Tudo bem, bruxinha. Vamos.

Atravessamos o portal e mais uma vez fico fascinada pelas cores agitadas quando somos levadas para o nosso destino enquanto as pernas peludas de Beezelbub lutam para se segurar melhor no meu ombro. A luz muda à nossa volta até sermos depositadas no canto de um quarto familiar. Beezelbub voa instantaneamente do meu ombro e em torno do meu antigo quarto enquanto um sorriso estica meu rosto.

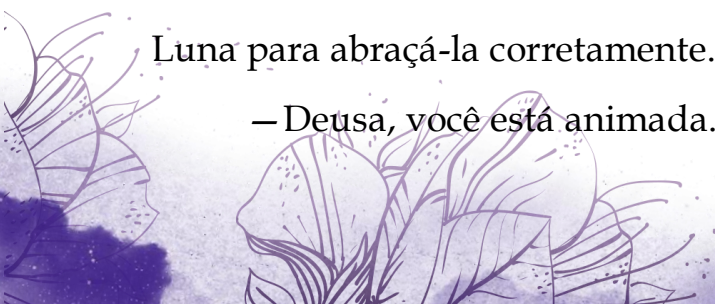
— Você conseguiu. — Luna ronrona.

— Inseto? — Uma voz familiar chama de algum lugar do outro lado da porta aberta. Minha sobrancelha arqueia quando eu puxo Luna em direção ao corredor.

— Estou aqui!

— Inseto! — Laney grita quando ela desliza para uma parada no corredor. Seus braços me envolvem em um abraço feroz e eu solto meus dedos dos de Luna para abraçá-la corretamente.

— Deusa, você está animada.





— Bem, oi Luna! Eu tenho novidades. — Laney desliza o braço pelo meu e me arrasta pelo corredor com Luna rindo atrás de nós.

— Olá Laney. — Ela ri.

— Que notícias? — Pergunto desconfiada. — Como está a mãe?

— Mamãe está ótima. — Responde Laney rapidamente quando chegamos à sala de estar. — E os caçadores vão libertar papai em junho. Mamãe tem pesquisado bastante sobre recipientes. Ela teve todos os seus amigos fantasmas tentando descobrir como seus poderes funcionam. Papai diz que não tem o direito de comentar sobre sua magia porque...

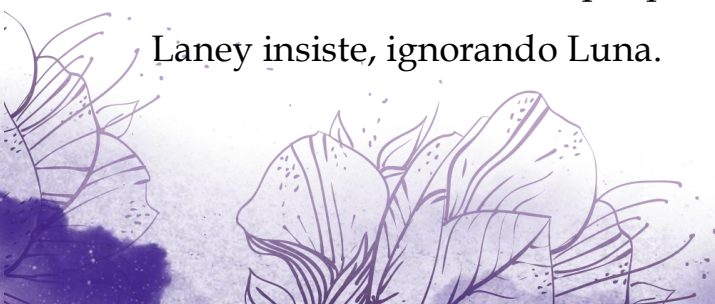
— Ele está certo. — Eu rosno. — Ele não tem. Por que eles estão deixando ele sair mais cedo? — Meus olhos se voltam para Luna, cujo rosto é completamente estoico. Ela decidiu meses atrás ficar fora do drama da família, se possível. Supostamente, ela não tinha nenhuma má vontade em relação a meu pai sobre a tentativa de sacrifício porque, e cito, ‘ele percebeu que estava errado’.

— Inseto, ele se parece horrível. — Sussurra Laney, colocando um longo fio de cabelo negro atrás da orelha. Ela está deixando crescer novamente. Ela era fofa com um corte de duende, mas os cabelos mais longos combinavam com ela.

— Eu sei. Ele deveria. — Não posso ajudar a raiva fervendo no meu estômago. Luna poderia pregar o perdão em tudo o que quisesse, mas ainda estou com raiva. Esse ressentimento ao longo da vida estava aumentando a um certo tempo e ‘desculpe’, não seria suficiente.

— Bruxinha. — Luna fala, sua voz tensa.

— Inseto, você tem que perdoá-los eventualmente. Eles amam você. — Laney insiste, ignorando Luna.





Eu estreito meus olhos em minha irmã e viro minha cabeça por cima do ombro para encontrar Luna olhando para a janela com uma expressão confusa.

— O que há de errado, amor?

— Eu acho que sua mãe está aqui.

Nesse momento, a porta se abre e mamãe entra, estendendo os braços. Eu vou até ela e a envolvo em um abraço.

— Ei, mãe. — Murmuro.

Os sons calmos de Luna e Laney conversando atrás de nós interrompem o momento silencioso. Mamãe me dá um aperto final antes de dar um passo atrás para que ela possa me olhar.

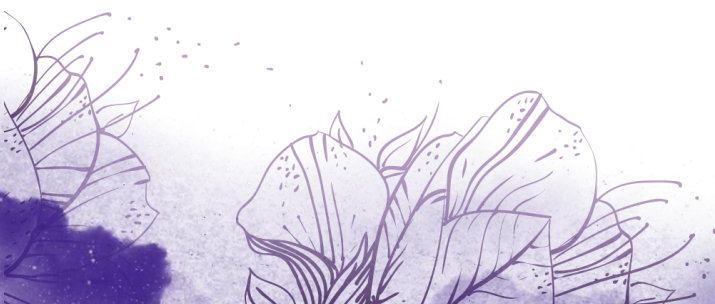
— Senhor, o poder combina com você. — Ela admite com um sorriso tímido.

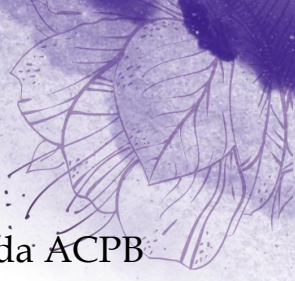
— Mãe. — Eu gemo, pressionando a palma da mão na minha testa.

— É verdade! Venha, sente-se, você precisa ver algo na TV. — Mamãe se afasta de mim e começa a mexer no controle remoto, mudando de canal várias vezes até encontrar o correto. Ela afunda no sofá e dá um tapinha nas almofadas ao lado dela. — Vamos lá, meninas, vocês três.

Luna ri, obviamente divertida com alguma coisa, mas é a primeira a se mover para se sentar. Laney e eu seguimos com olhares intrigados. Quando nossas bundas atingem a almofada, o homem na TV começa a falar, um olhar de choque em seu rosto.

— Hoje, estamos testemunhando a história. Quarenta e dois covens em toda a América do Norte foram invadidos pela ACPB na maior operação colaborada da organização já realizada.





A bruxa de olhos redondos na tela começa a explicar a história da ACPB - Associação de Caçadores Protegendo Bruxas - e eu me viro para mamãe.

— Isso é sobre o quê?

— Shh, apenas observe. — Ela responde, alcançando Laney para dar um tapinha na minha perna.

A mão de Luna descansa levemente na minha coxa direita enquanto meus olhos lentamente voltam para a televisão. Imagens piscam na tela de bruxas em roupas vermelhas e máscaras negras sendo escoltadas por caçadores.

— A Ordem perdeu todos os pontos de apoio que tinha neste continente. — O homem leva um segundo para respirar fundo. — Bruxas assim atormentam nossa espécie desde que existimos. Eles são a base da comunidade bruxa e essas prisões facilitarão um pouco a nossa noite de sono.

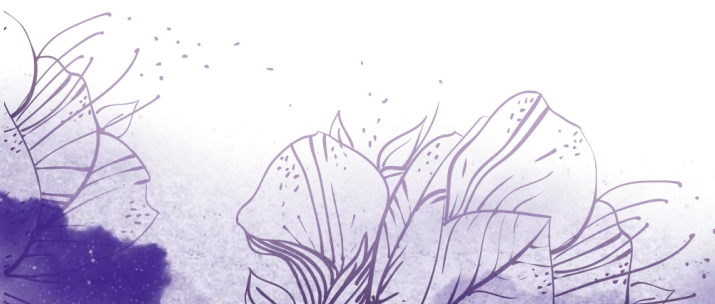
Uma mulher de cabelos loiros ao lado dele olha abertamente para os papéis em sua mão. — Eu não tinha ideia de que a Ordem ainda existia nesse nível. O que trouxe isso?

— Um informante, que não foi identificado por razões óbvias, foi preso durante uma tentativa recente de sacrificar um celeste.

— Eles trouxeram um Celestial para a Terra? Isso não acontece desde a Idade de Ouro!

— Parece que sim, Anna. Em troca de clemência, o informante forneceu à ACPB os nomes e locais de todas as operações da Ordem às quais eles estavam familiarizados.

— Para mais informações sobre essa história monumental, temos Paul Abernathy, da ACPB.





Eu me viro para encarar minha mãe e irmã, minha boca aberta. — Papai fez isso?

Mamãe assente, lágrimas crescendo nos cantos dos olhos. — Ele também não fez isso por clemência. Eles entenderam errado. Ele disse aos caçadores que lhes daria todas as informações necessárias para acabar com a Ordem. Eles ofereceram uma sentença reduzida depois.

— Uau. — Eu sussurro, meu coração batendo forte no peito. Talvez esses meses em confinamento o tivessem mudado. Talvez ele finalmente tenha percebido o quão fodido ele realmente era.

Ao meu lado, Luna olha fixamente para a tela da TV. O agente da ACPB continua falando sobre como a luta contra a Ordem ainda não havia terminado, como eles ainda têm operações em outros continentes, mas isso foi um golpe significativo para sua organização.

Um ativista humano falou a seguir sobre como limpar o ventre da comunidade bruxa sempre foi uma coisa boa para as relações Homem-Bruxo.

— Eles se importam. — Luna sussurra baixinho.

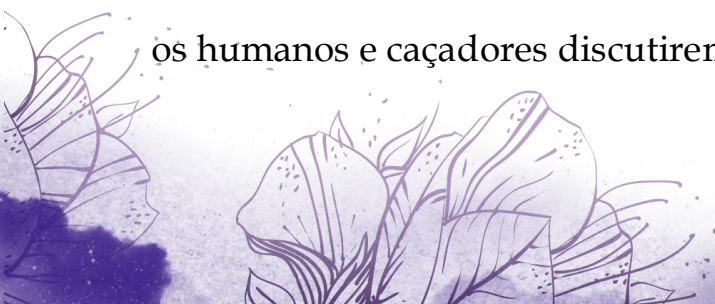
Mamãe e Laney param de falar e se viram na direção de Luna, observando-a olhar maravilhada para o noticiário.

— Claro que eles se importam, querida. — Murmuro, deslizando meus dedos entre os dela.

— Não. Quando eu estava amarrada... — Luna engasga com sua própria emoção e balança a cabeça. — Nem todos os bruxos são assim.

— Não, não somos. — Mamãe concorda baixinho.

— Seu pai vai trazer a próxima Era de Ouro. — Luna envolve um braço em volta dos meus ombros, me trazendo para o lado dela enquanto assistimos os humanos e caçadores discutirem a Ordem na televisão nacional.





— Que coisa estranha. — Ressalta Laney. — Eu nunca pensei em ver o dia em que alguém falasse publicamente sobre bruxos das trevas. É estranho, certo?

— É mesmo. — Eu concordo. — Mas acho que agora eles são menos ameaçadores.

— O que você acha que vai acontecer com eles? — Pergunto a mamãe. — Você acha que papai estará seguro? — Um súbito ataque de pânico contrai meu peito. Ele pode estar em perigo se descobrirem que ele é o informante.

— Pare de se preocupar, bruxinha. — Luna comanda. — Seu pai sabia o que estava fazendo quando fez isso. Os Caçadores irão protegê-lo.

— Elas vão. Ele fez isso por você, Alandra. Ele se sente péssimo por muitas coisas, mas se sente muito culpado pelo que quase deixou acontecer com Luna.

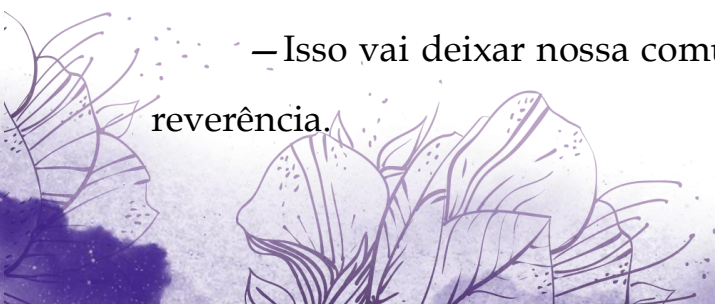
Concordo com a cabeça lentamente, piscando para longe a umidade acumulada no canto dos meus olhos. Não tenho certeza se poderei perdôá-lo, mas pelo menos posso trabalhar em nosso relacionamento. O que ele fez é enorme. Ele quebrou um pacto por mim, por nossa família, pelo que é certo. Isso é grande coisa.

— Você quer ir vê-lo? — Luna pergunta calmamente, jogando seus longos cabelos claros por cima do ombro.

— Ainda não. — Eu admito. — Acho que preciso de algum tempo para processar tudo isso. Depois do festival de Beltane, talvez?

Todo mundo concorda com a cabeça enquanto assistimos as notícias na TV. Os nomes rolam na parte inferior da tela, bruxos famosos envolvidos com a Ordem.

— Isso vai deixar nossa comunidade de joelhos. — Sussurra Laney com reverência.





— Nós vamos superar isso. Não precisamos de organizações como a Ordem nos representando. Os bruxos das trevas são como câncer. — A voz da mãe é firme, grave. — Eu não poderia estar mais orgulhosa de seu pai.

— De vez em quando. — Laney ri, obviamente tentando aliviar o clima. — Há alguém que eu quero que todos vocês se encontrem hoje à noite.

— O que? Quem? — Estreito os olhos para minha irmã. Ela sempre teve gosto de merda para homens.

— O nome dele é Apollo e ele é-

— Desculpa. O nome dele é o quê? — Luna pergunta, sua voz estridente.

— Apollo... — Laney inclina a cabeça para o lado, mordendo o lábio inferior. — Por quê?

Luna e eu trocamos um olhar preocupado enquanto nos levantamos do sofá. — Vamos conhecer o novo namorado de Laney. — Murmuro.

— Espere, como você conhece Apollo?

— Quem é Apollo? — Mamãe pergunta enquanto segue o exemplo. Dou de ombros com indiferença. Não é o meu lugar para dizer.

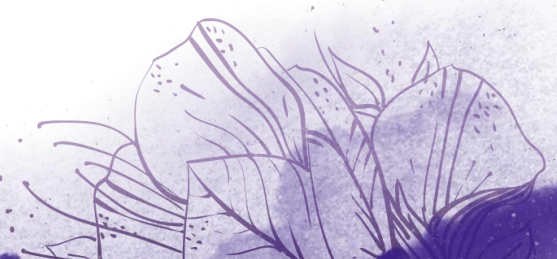
Durante minha estadia no reino de Luna, conheci a maioria dos Celestiais. Ela os chamou ao seu reino para me apresentar, caso eles aparecessem e encontrassem uma mortal à espreita. Ela chamou isso de medida de segurança.

Eu chamei isso de exibição.

Um Celestial se destacava acima dos outros, porém, um homem de pele escura com dreadlocks vermelhos, chamas surgindo de uma mecha de cabelo para a outra. Ele era bonito e problemático, e Luna não o suporta.

Ele é o sol.

E o nome dele é Apollo.





— Por que vocês duas estão com pressa? — Laney pergunta desconfiado enquanto eu puxo a maçaneta da porta.

— Estive apressando Luna a manhã toda para vir ao festival de Beltane. Vamos. Eles provavelmente já estão dançando!

— Eu tenho que dançar? — Luna pergunta, um olhar de horror passando por seu rosto.

— Sim. — Eu aceno com a cabeça rapidamente. A porta se abre e Beezelbub pousa no meu pescoço, estremecendo. Ele sempre fica do lado de Luna. Um estrondo baixo vindo do chão chama minha atenção e eu caio de joelhos, esfregando as mãos na cabeça de Juniper. — Awe, oi garota! Você está com saudades de mim?

Ela esfrega o focinho na minha palma, o menor rosnado passando por seus lábios. Eu sempre gostei de pensar nisso como ronronar. Quando me levanto e saio para a varanda, a escuridão da noite toma conta de mim.

O reino de Luna me estragou. A escuridão suave e crepuscular das luzes é perfeita por lá, trazendo à tona todos os brilhos de cores suaves.

Depois que todas nós nos amontoamos no carro da minha mãe, eu deslizo para o assento do meio e apoio a cabeça no ombro de Luna. — Você acha que é ele?

— Depois de ouvir a história de como nos conhecemos? Tenho certeza de que sim. — A perna de Luna treme quando mamãe sai da garagem.

Olho para o espelho retrovisor e encontro os olhos de Laney me encarando, com uma carranca. Um pequeno sorriso curva meus lábios e eu acaricio minha cabeça no ombro de Luna.

Por alguma razão, a ideia de minha irmã sem saber namorar um Celestial depois de toda a merda que ela me deu sobre convocar Luna, me diverte muito.





Apollo³ sempre foi meu filho mais problemático.

Senti arrepios na espinha quando a voz da Grande Deusa toca nos meus ouvidos. Não ouvi a voz dela desde a noite em que revivi Luna.

Talvez seja um efeito colateral de Luna compartilhar seu poder comigo. Descobrir o equilíbrio certo de magia emprestada tem sido um experimento interessante. Claro, eu insisti que não precisava de nada, mas Luna não quis ouvir.

— Você é minha companheira. — Ela murmurava, toda vez que eu opunha o pequeno fluxo de luz branca fluindo em meu corpo. — É o mínimo que posso fazer.

— Eu te amo. — Eu sussurro baixinho, então só ela vai me ouvir.

— Eu também te amo, bruxinha.

³ A história de Apollo e Laney poderá ser lançada no final de 2020 ou início de 2021 pela autora.

